

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DO  
ORADOR IDEAL – ESTUDO E TRADUÇÃO  
DO “ORATOR” DE CÍCERO**

Soraia Nascimento Gonçalves

Tese orientada pelo Professor Doutor Luís Cerqueira,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Estudos Clássicos.

2017



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DO ORADOR IDEAL  
– ESTUDO E TRADUÇÃO DO “ORATOR” DE CÍCERO

Soraia Nascimento Gonçalves

Tese orientada pelo Professor Doutor Luís Cerqueira,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Estudos Clássicos.

2017



## **Declaração de compromisso Anti-Plágio**

Declaro, por minha honra, que a dissertação aqui apresentada é original e que não foi antes submetida a outra instituição para efeitos de obtenção de grau ou quaisquer outros.

Declaro igualmente que todas as fontes de informação utilizadas estão devidamente identificadas.

Lisboa, 14 de Setembro de 2017

Soraia Nascimento Gonçalves



À Professora Lurdes Silva





## **Agradecimentos**

Agradeço ao Professor Luís Cerqueira a partilha de conhecimentos, o empenho e o rigor que imprimiu a cada fase de elaboração desta dissertação.

Agradeço igualmente a todo o corpo docente do Departamento de Estudos Clássicos, cujo entusiasmo e alegria inspiram todos aqueles com quem partilham os seus conhecimentos nestas matérias e aos colegas de licenciatura e mestrado, em particular à Ana Sofia Marques, que trilhou comigo boa parte do percurso que culmina neste trabalho.

Finalmente, agradeço àqueles que, no último ano, muito me ouviram falar deste projecto sem nunca esquecer uma palavra de apoio, apreço e confiança: Ana Mota, João Carvalho, Patrícia Dinis, Pedro Morgado, Sónia Bacalhau, Sónia Barata e Susana Silva.



## Observações Preliminares

A presente dissertação é composta por três partes: um texto introdutório de carácter geral, um comentário às questões debatidas por Cícero no *Orator* e uma tradução integral deste texto. A essa tradução serviu de base a edição que fez para a Teubner, Rolf Westman, que se apresenta em paralelo à proposta de tradução. As correcções a esta edição são esparsas, estão identificadas em lugar próprio e resultam de propostas de outros editores, aliás consideradas admissíveis na edição utilizada.

A citação bibliográfica segue, na medida do possível, o disposto nas Normas Portuguesas nº 405, do Instituto Português da Qualidade e dela constam todas as obras referidas ao longo da presente dissertação.

Nas citações de autores e obras da Antiguidade seguimos, para aquelas mais frequentes, as abreviaturas propostas pelo Oxford Classical Dictionary que estão identificadas, com vista a uma rápida e cómoda consulta, na secção que se segue, intitulada “Lista de Abreviaturas”. No que respeita a referências únicas ou esporádicas, optou-se por uma identificação directa e, no caso do *Orator*, apenas pela identificação do capítulo a que se reporta o comentário entre parênteses.



## Lista de abreviaturas

Aristóteles

*Rhetorica*

*Rh.*

Cícero

*De oratore*

*De or.*

*Brutus*

*Brut.*

*Orator*

*Orat.*



## Resumo

Acusado de usar um estilo de discurso demasiado ornamentado e verboso, Cícero redige, em 46 a.C., o *Orator*, tratado que constitui a síntese do seu pensamento sobre Retórica, disciplina à qual se vinha dedicando, não sem interrupções, ao longo da vida. Com este texto, pretende esclarecer a sua posição na polémica que divide aticistas e asianistas, à qual se ligavam ainda as questões sobre anomalia e analogia. Ao longo da exposição são recordadas as várias teorias que haviam ocupado os principais pensadores sobre a matéria, que são complementadas com uma interessante exposição sobre a importância e a utilização do ritmo na prosa. A constante identificação do autor com Demóstenes, o modelo de orador que considera ideal e a predilecção pela apresentação de exemplos retirados dos seus próprios discursos, não deixam dúvidas de que Cícero se vê a ele próprio como exemplo desse orador ideal.

Palavras-chave: Cícero, Retórica, orador, aticismo, anomalia.

## **Abstract**

Criticized for using a style of speech highly ornate and verbose, Cicero writes, in 46 B.C., the *Orator*, in which he summarizes his thoughts on Rhetoric, to which he has been devoted himself, not without interruption, throughout his lifetime. With this commentary, Cicero intends to enlighten his own position on the dispute between atticists and asianists, to which questions on anomaly and analogy were also connected. during his exposition, he refers to the main theories which have been developed by the chief thinkers on this subject and completes them with an interesting essay on the importance and the use of prose rhythm. The constant parallel with Demosthenes – according to Cicero the model of ideal orator -, as well as the preference for examples taken from his own speeches, reveal that Cicero considers himself as the ultimate example of that ideal orator.

Key-words: Cicero, Rhetoric, orator, Atticism, anomaly.



## **Parte I – Introdução Geral**



## 1. O Advento da Retórica na Grécia e em Roma

A Retórica nasceu na Magna Grécia, no século V a.C. Após a conquista da cidade, originalmente estabelecida como uma colônia de Corinto, os irmãos Gélon e Hierão<sup>1</sup> adotaram uma política de distribuição de terras pelos mercenários que os acompanhavam, que consistiu em deportações, transferências de populações e expropriações. Quando o seu sucessor, Trasíbulo<sup>2</sup>, irmão mais novo dos primeiros, foi destronado e a tirania substituída por uma forma de democracia, inúmeros processos foram instaurados nos tribunais para restituição das terras subtraídas aos seus proprietários<sup>3</sup>. A necessidade de bem falar que daí adveio inspirou a criação de uma arte que pudesse ser ensinada aos cidadãos. Terá sido, neste contexto, que, cerca de 465 a.C., foi escrito o primeiro tratado de Retórica, por Córax<sup>4</sup>, que juntamente com o seu aluno, Tísias<sup>5</sup>, se celebrizou na defesa das vítimas daqueles tiranos. A Tísias caberá a honra de ter levado esses ensinamentos para a Grécia continental.

---

<sup>1</sup> Gélon (ca. 540 - 478 a.C.) e Hierão (m. 466 a.C.) foram tiranos de Gela e Siracusa, respectivamente, entre 485 e 478 a.C. e 477 e 467 a.C.

<sup>2</sup> Trasíbulo (m. 461 a.C.) foi o tirano de Siracusa entre 466 e 465 a.C.

<sup>3</sup> Gustavo Pacheco nota, a este respeito, como desde a sua criação a Retórica esteve associada ao Direito e vê aqui o motivo pelo qual Aristóteles confere, nos seus escritos, tão grande importância ao género judicial de discurso (PACHECO, Gustavo - Retórica e nova retórica: a tradição grega e a teoria da argumentação de Chaim Perelman, p. 2).

<sup>4</sup> Os autores antigos concordam em que Córax (século V a.C.), discípulo do filósofo eclético Empédocles de Agrigento (490 - 430 a.C.), o criador da teoria cosmogónica dos quatro elementos, foi o primeiro a ensinar a arte de falar em público. Foi mestre de Tísias, a quem concordou em ensinar em troca de um pagamento em dinheiro que este havia de ganhar ao vencer a primeira causa que defendesse. Se não a vencesse, Tísias nada teria de lhe pagar, pois aí estaria a prova de que a instrução que recebera tinha sido inútil.

<sup>5</sup> Aluno de Córax e mestre de Lísias (459 - 380 a.C.) e Isócrates (436 - 338/336 a.C.), Tísias viveu no século V a.C. O pouco que dele sabemos resume-se a algumas referências esparsas nas obras de Platão, Aristóteles e Cícero.

Contudo, será em Atenas que o ensino da Retórica vai florescer, de tal modo que alguns autores qualificam esta cidade-Estado como o seu verdadeiro berço<sup>6</sup>. Com efeito, a crescente necessidade de participação dos Atenienses nas instituições formadas como consequência das reformas de Clístenes<sup>7</sup> e de Efialtes<sup>8</sup>, determinou a fixação de alguns dos mais importantes mestres de Retórica na cidade. Um dos mais influentes terá sido Górgias Leontino, o mais famoso representante da primeira geração de Sofistas, que, em 427 a.C., foi enviado a Atenas como embaixador em representação da sua cidade natal com o objectivo de obter a protecção dos Atenienses contra a agressão dos Siracusanos. Acabou por aí se fixar permanentemente, talvez devido à enorme popularidade do seu estilo de oratória e aos benefícios financeiros que obtinha com as suas apresentações e aulas.

Necessidades semelhantes estão na origem da importância que à Retórica foi concedida pelos Romanos. Ainda que o ensino desta arte fosse um exclusivo dos retores e filósofos gregos que viviam em Roma<sup>9</sup> ou cujas escolas em Atenas e na Ásia Menor

---

<sup>6</sup> CONLEY, Thomas - *Rhetoric in the European Tradition*, p. 4.

<sup>7</sup> Clístenes (565 - 492 a.C.) foi o responsável, em 508 a.C., pela reforma da constituição ateniense, que garantia a todos os cidadãos, independentemente do rendimento, o direito de voto na Eclésia e o direito de exercício dos mais diversos cargos públicos.

<sup>8</sup> Efialtes (m. 461 a.C.) foi o responsável, em 462 a.C., pela reforma do Areópago, que passava apenas a ter competência para o julgamento de casos de homicídio e de crimes religiosos.

<sup>9</sup> A primeira escola de eloquência de que há memória em Roma foi fundada em meados da década de 90 a.C., por um certo Lúcio Plúcio Galo, ligado a Mário (m. 82 a.C.). Conhecida como escola dos *rhetores Latini* e privilegiando um ensino exclusivamente em latim e desprovido de grandes aprofundamentos culturais, visaria alargar a educação retórica a oradores estranhos ao meio aristocrático. Acusados de exercer uma loquacidade oca e subversiva, a escola foi obrigada a encerrar em 92 a.C., por decreto dos censores. Continuou, portanto, e por muitos anos, a recorrer-se à forma tradicional de aprendizagem que consistia, numa primeira fase, na memorização e no exercício das primeiras letras ensinadas pedagogo grego que habitava a casa da família, depois na aquisição de conhecimentos sobretudo de carácter literário transmitidos nas escolas dos gramáticos, e, mais tarde, na observação de individualidades de reconhecida capacidade oratória no exercício de cargos públicos ou nos tribunais. Podiam igualmente ser frequentadas aulas de retores e filósofos gregos que se haviam instalado em Roma sob a protecção de famílias abastadas e poderosas e completar os estudos com uma viagem a Atenas e à Ásia Menor, onde se podiam ouvir as lições dos mais importantes retores do tempo.

eram frequentadas pelos jovens da aristocracia e que uma discreta facção da classe dirigente temesse a propagação descontrolada de uma técnica que ensinava artifícios para persuadir um auditório<sup>10</sup>, a verdade é que a Retórica rapidamente alcançou um lugar central na vida da cidade, a ponto de se poder afirmar que, na época de Cícero, uma educação baseada na teoria grega da Retórica era considerada normal<sup>11</sup>, ainda que essa formação teórica fosse temperada com a observação da prática discursiva dos oradores mais célebres de cada geração.

É nessa Roma transformada num importante centro cultural helénico, depois da conquista de Atenas, em 86 a.C.<sup>12</sup>, que Cícero se irá tornar naquele que com os seus discursos conquistou mais fama para Roma do que todos os triunfadores<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Preocupações desta natureza ditaram, por exemplo, a aprovação, em 161 a.C., pelo Senado da moção que autorizava o pretor Marco Pompónio a expulsar todos os filósofos e retores gregos da cidade (Suetónio, *Grammaticis et rhetoribus*, 25).

<sup>11</sup> Existe um verdadeiro fenómeno de helenização progressiva da sociedade romana, para o qual contribuem quer a chegada à *Urbs* de embaixadas enviadas pelas cidades gregas e lideradas pelos seus intelectuais mais proeminentes e que aí se apresentavam publicamente, como foi o caso daquela constituída pelo académico Carnéades, o peripatético Critolau e o estóico Catulo e enviada por Atenas a Roma em 156 ou 155 a.C.; quer na ocupação dos reféns trazidos das cidades recém-conquistadas na educação dos jovens romanos, como aconteceu com o historiador Políbio (c. 203 - 120 a.C.), famoso pelas suas *Histórias*, que, trazido para Roma como refém, em 167 a.C., a seguir à Terceira Guerra da Macedónia (171 - 168 a.C.), se tornou preceptor de Cipião Africano (m. 183 a.C.), o herói da Segunda Guerra Púnica (218 - 201 a.C.) e cônsul em 205 a.C. e 194 a.C.; quer no tratamento de bibliotecas inteiras como espólio de guerra, o que permitiu um acesso sem precedentes à cultura helénica. Assim sucedeu com a Biblioteca de Perseu, rei da Macedónia, levada para Roma por Emílio Paulo Macedónico (m. 160 a.C.), cônsul em 182 a.C. e 168 a.C. após a vitória na Batalha de Pidna, que em 168 a.C., pôs fim à Terceira Guerra da Macedónia.

<sup>12</sup> WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works*, p. 341.

<sup>13</sup> Assim afirmava César (Plínio, *Naturalis Historia*, 7, 117), uma opinião partilhada com alguns comentadores hodiernos, entre os quais Ludwig Bieler (*De los Gracos a la Muerte de Cícéron*, p. 20) e James May: "the three elements of the traditional rhetorical triad, *ingenium*, *ars*, *exercitatio* – essential ingredients for the attainment of eloquence in any age – have seldom, if ever, combined themselves as efficaciously as they did in the person of Marcus Tullius Cicero, the undisputed master of oratory in ancient Rome. Endowed with extraordinary natural ability, the beneficiary of an extremely broad and deep education in both rhetoric and philosophy, and a dedicated practitioner of his art, disciplined enough to burn the midnight oil in honing his skills to near *perfectio* (c.f., e.g., Brutus 312), Cicero stands as one of the most successful and abidingly influential orators and rhetorical writers of any age. [During] the sixty-odd years of Cicero's life and career (...) this "new man" (*novus homo*), none of whose ancestors had ever attained any significant office at Rome, remained in the political arena, rubbing shoulders and butting heads with the likes of men such as Crassus, Pompey, Julius Caesar, Mark Antony and Octavian. Perhaps most remarkable is the fact that in such environment he was able to survive, indeed often thrive, by relying on a reputation and position in the state that he had attained and maintained almost exclusively by the force of his oratory" (MAY, James - *Cicero: His Life and Career*, pp. 1 - 2).

A educação que Cícero (106 - 43 a.C.) recebeu não foi diferente daquela que recebiam os filhos de famílias aristocráticas ou abastadas. Trata-se de uma educação simultaneamente grega e romana e que, à partida, não lhe permitiria distinguir-se dos seus contemporâneos. Porém, a sua marcada inteligência e um ávido gosto pelo saber contribuíram para que Cícero tirasse partido de uma conjuntura política e social que poderia ter sido desfavorável ao desenvolvimento dos seus talentos<sup>14</sup>.

Um factor relevante terá sido as boas relações dos seus parentes com personalidades influentes. A sua formação académica decorreu quase exclusivamente em Roma, cidade para onde foi viver, ainda jovem, com o seu irmão mais novo, Quinto<sup>15</sup>. O seu tio, M. Fúrio Aculeio, amigo íntimo de Crasso e um jurista de grande reputação, interessou-se pessoalmente pela educação dos sobrinhos e abriu-lhes as portas de sua casa. Aí, Cícero recebeu lições de L. Élio Estilão Preconino que, não sendo um orador, escrevia, todavia, discursos para terceiros e possuía uma vasta cultura, grega e romana e conviveu intimamente com alguns dos homens que formavam a elite intelectual de Roma. Pôde conhecer António e Crasso – este sem dúvida directamente, aquele talvez apenas indirectamente – e terá sido a observação das diferenças entre estes dois grandes oradores, os maiores do momento, que alimentou a sua reflexão sobre a Retórica, sobretudo, no *De oratore*, como se verá adiante.

---

<sup>14</sup> Nesse sentido, escreve André Desmouliez: “guerre civile, cours de la justice interrompu ou limité en vertu de la loi Varia, exil ou mort de grands orateurs sont autant de circonstances qui pouvaient lui être défavorables en le privant des leçons vivantes de l'exemple. Mais son intelligence et son avidité de savoir lui ont permis, et mieux qu'à d'autres, de tirer avantage d'une telle situation. Ce qu'il perdait en entraînement pratique, il a su le gagner en connaissance théorique” (DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, p. 79).

<sup>15</sup> Líder político e militar, Quinto Cícero (102 - 43 a.C.) é mais conhecido por ter escrito o *Commentariolum Petitionis*, um pequeno manual de campanha eleitoral.

No entanto, a grande originalidade da formação de Cícero vem da sua cuidada formação como jurista<sup>16</sup>. Neste âmbito, recebeu não só as lições do tio Aculeio, que, como se disse, era um jurista de renome, mas também, e já depois de recebida a toga viril<sup>17</sup>, de Q. Múcio Cévola Águre<sup>18</sup>, um dos mais célebres jurisconsultos da época e, depois da morte deste, do seu sobrinho, Q. Múcio Cévola Pontífice<sup>19</sup>. Essa formação jurídica foi complementada com a leitura das antigas leis, orgulhando-se Cícero de ter aprendido de cor a Lei das XII Tábuas<sup>20</sup>, um costume já perdido por altura da composição do *De Legibus*<sup>21</sup>.

Da educação de Cícero fez ainda parte a leitura dos autores antigos, entre os quais Catão, o Censor e G. Graco, que lhe permitiu descobrir não só os sucessos e as insuficiências desses autores, mas também as potencialidades e as deficiências da língua latina<sup>22</sup>.

Não é igualmente despropositado notar, ainda que à primeira vista possa parecer curioso, a influência que tiveram em Cícero os ensinamentos do actor Q. Róscio Galo,

---

<sup>16</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 82 - 83.

<sup>17</sup> A toga viril era envergada por volta dos dezasseis anos e significava a passagem da infância para a adolescência.

<sup>18</sup> Quinto Múcio Cévola Águre (m. 88 a.C.), côsul em 177 a.C., com Lúcio Cecílio Metelo Diademado. É recordado, sobretudo, por ter sido uma grande autoridade em Direito Romano.

<sup>19</sup> Quinto Múcio Cévola Pontífice (140 - 82 a.C.), côsul em 95 a.C. com Lúcio Licínio Crasso, foi pontífice máximo entre 89 a.C. e a sua morte. Foi considerado um dos mais importantes juristas romanos da sua época, tendo estabelecido o estudo do Direito Romano como uma disciplina sistemática.

<sup>20</sup> Lei das Doze Tábuas era o nome por que era conhecida uma antiga legislação que estava na origem do Direito Romano. Formava o cerne da constituição da República e do *mos maiorum*. Cf. *De Legibus*, 2.59.

<sup>21</sup> Dos cinco livros que compunham originalmente este diálogo, subsistem os dois primeiros e parte do terceiro. Cícero trata aqui de problemas de Filosofia do Direito, associadas à relação entre Direito Civil e Direito Natural.

<sup>22</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 83 - 85.

em cujo jogo cénico se inspirou frequentemente para estabelecer uma nova terminologia com a qual definiu a acção oratória e as suas qualidades<sup>23</sup>. Na verdade, para pronunciar um discurso, Cícero acreditava que o orador devia possuir não só as qualidades de um jurisconsulto e de um poeta, mas também, em certa medida, as de um actor. Como a gesticulação era parte integrante da pronúncia de um discurso, era preciso saber que gestos utilizar e que gestos evitar<sup>24</sup>.

Cícero beneficiou ainda dos ensinamentos de alguns dos mestres gregos mais célebres do seu tempo. Um dos mais importantes terá sido, já depois de Cícero ter iniciado a sua carreira forense<sup>25</sup>, Mólón de Rodes<sup>26</sup>, que viera a Roma, em 88 a.C., numa embaixada. Ao desenvolvimento das suas competências retóricas Cícero juntava, assim, o aprofundamento dos seus conhecimentos filosóficos e retóricos, que havia adquirido muito novo, junto do epicurista Fedro<sup>27</sup>, do mestre da Nova Academia Fílon de Larissa<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 85 - 86.

<sup>24</sup> GRAF, Fritz - Gestures and conventions: the gestures of Roman actors and orators, A Cultural History of Gesture, p. 37.

<sup>25</sup> Cícero iniciou a sua carreira ainda durante a ditadura de Sula (138 - 88 a.C.). Após a sua intervenção em algumas causas de menor importância, defendeu com sucesso Róscio Amerino da acusação de parricídio, caso que marcou a sua ascensão como patrono nos tribunais.

<sup>26</sup> Retor grego, cuja actividade se centrou na década de 70 a.C., era natural de Alabanda, na Cária. Foi discípulo de Ménecles de Alabanda (séc. I a.C.) até se estabelecer em Rodes. Visitou duas vezes Roma, na qualidade de embaixador de Rodes e aí contou Cícero e Júlio César (100 - 44 a.C.) entre os seus alunos. A sua reputação valeu-lhe um convite para discursar no Senado, uma honra normalmente não concedida a embaixadores estrangeiros. Escreveu sobre Homero e esforçou-se para moderar o estilo asiático e cultivar uma tendência aticista.

<sup>27</sup> O epicurismo é o sistema filosófico que defende a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de felicidade, que é simultaneamente a saúde física e a serenidade do espírito e de libertação do medo e do sofrimento. Foi ensinado por Epicuro de Samos, filósofo ateniense do século IV a.C. Um dos filósofos mais influente desta escola foi, sem dúvida, o escolarca Fedro (138 - 70/69 a.C.), cujo tratado *Sobre os Deuses* foi uma grande influência para a redacção do primeiro livro do *De natura deorum*.

<sup>28</sup> A expressão Nova Academia designa uma reformulação dos preceitos ensinados pelos académicos e que se caracteriza pela introdução do cepticismo, tal como era entendido por Carnéades (214 - 130 a.C.), no seu sistema de ensino. Fílon de Larissa (154/3 - 84/3 a.C.) sucedeu a Clitómaco (187/6 - 110/09 a.C.), de quem foi discípulo, como líder da Academia. Nenhum dos seus escritos sobreviveu.



e do estóico Diódoto<sup>29</sup>, que viveu inclusivamente em sua casa<sup>30</sup>. Complementa esses conhecimentos com uma viagem de estudo pela Grécia e Ásia Menor, que inicia em 79 a.C. Em Atenas, onde permaneceu seis meses, recebeu lições de Antíoco de Ascalão<sup>31</sup>, o discípulo de Fílon de Larissa que se tornara seu rival e com quem conheceu melhor os diversos sistemas filosóficos, já que Antíoco defendia uma conciliação entre Platão, Aristóteles e o Estoicismo. Na Ásia, Cícero continuou os seus exercícios retóricos com alguns dos retores mais famosos da época, nomeadamente Menipo de Estratonice, de quem nos diz ser o homem mais eloquente de toda a Ásia<sup>32</sup>, Dionísio de Magnésia, Xénocles de Adramiteu e Ésquiles de Cnido, dos quais pouco sabemos excepto que pertenciam ao estilo asiático. Em Rodes, reencontra Mólon e conhece Posidónio de Apameia<sup>33</sup>, um discípulo de Panécio<sup>34</sup>.

---

<sup>29</sup> O estoicismo, escola de filosofia helenística, fundada em Atenas por Zenão de Cício (333 - 263 a.C.), no início do século III a.C., preconizava a paz de espírito, conquistada através de uma vida plena de virtude, de acordo com as leis da natureza. Diódoto foi um filósofo do século I a.C. que viveu grande parte da sua vida em Roma, na casa de Cícero, que o considerava um dos principais representantes do estoicismo.

<sup>30</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 86 - 87

<sup>31</sup> O filósofo eclético Antíoco de Ascalão (ca. 130 - 68 a.C.) considerava que o cepticismo da Academia de Atenas constituía uma traição às verdadeiras ideias platónicas da Academia Antiga, que podiam ser reconciliadas com o estoicismo e com as doutrinas dos Peripatéticos, o que o levou a romper com o seu mestre, Fílon de Larissa.

<sup>32</sup> *Brut.*, XCI, 315.

<sup>33</sup> Posidónio de Apameia (ca. 135 - ca. 51 a.C.) foi um político, astrónomo, geógrafo, historiador e filósofo estóico grego. Posidónio retomou as teorias dos estóicos e combinou-as com elementos platónicos e aristotélicos: dos primeiros recolheu a ideia de um cosmos vivo e dos segundos a existência de uma alma, com emoções que podem ser positivas. Foi o criador do estoicismo médio, do qual foi o seu maior expoente. As suas obras perderam-se.

<sup>34</sup> Panécio de Rodes (ca. 185 - ca. 110/09 a.C.) foi um filósofo estóico, discípulo de Diógenes da Babilónia (ca. 230 - ca. 150/140 a.C.) e de Antípatro de Tarso (m. 130/129 a.C.). Em Roma, foi o responsável pela introdução das doutrinas estóicas. Em 129 a.C., regressou a Atenas, onde foi o último escolarca da escola estóica. Com Panécio, o estoicismo tornou-se mais eclético. A sua obra mais famosa foi o tratado *De officiis*, a fonte principal de Cícero na sua própria obra homónima.

## 2. Cícero e o seu Contributo para a Teoria da Retórica

Cícero meditou profundamente sobre Retórica ao longo da sua vida e os seus escritos nesta matéria, que constituem uma das suas principais contribuições para a literatura e cultura romanas<sup>35</sup>, sobrevivem sob uma multiplicidade de formas. Convém notar que para Cícero, o exercício apropriado do discurso persuasivo não é apenas uma questão de sucesso individual, mas também e sobretudo uma questão crucial para a existência da República, uma vez que considera que o discurso é a base de um processo pelo qual o orador se afirma enquanto indivíduo e cidadão<sup>36</sup>. O orador é, assim, uma figura de profunda importância cultural e política<sup>37</sup>.

Dispersa em inúmeros dos seus escritos, a teoria retórica de Cícero não constitui apenas uma reinterpretação de um *curriculum* de estudos, mas destina-se a uma aplicação prática na vida cívica<sup>38</sup> e deve ser avaliada, não num contexto aristotélico ou académico, mas sobretudo pelos seus próprios méritos, enquanto síntese do conhecimento retórico coevo<sup>39</sup>.

Apresentamos uma sucinta descrição das obras retóricas de Cícero.

---

<sup>35</sup> DUNGAN, John - Cicero's Rhetorical Theory, p. 25.

<sup>36</sup> CONNOLLY, Joy - The state of speech: rhetoric and political thought in ancient Rome, p. 132.

<sup>37</sup> DUNGAN, John - Cicero's Rhetorical Theory, p. 26.

<sup>38</sup> ENOS, Richard Leo - Marcus Tullius Cicero, p. 101 - 102.

<sup>39</sup> CERUTTI, Steven - Cicero's accretive style: rhetorical strategies in the Exordia of the judicial speeches, p. 10.

Ainda durante a juventude, na viragem para a década de 80 a.C., Cícero empenhou-se na redacção do seu primeiro texto sobre Retórica. Trata-se do *De Inventione*, um tratado em dois livros, que trata pormenorizadamente da primeira parte do discurso, a *inuentio*, que consiste na selecção da matéria e dos temas que o orador deve considerar na sua argumentação sobre um determinado assunto.

Mario Citroni nota que este tratado foi concebido num contexto de intensa produção e vulgarização de manuais retóricos em latim<sup>40</sup>. Para o comprovar, basta recordar que, desta altura, data igualmente o *Rhetorica ad Herennium*, de autor desconhecido e com o qual o *De inventione* apresenta algumas semelhanças estruturais e temáticas<sup>41</sup>.

O interesse do *De inventione* cinge-se ao tom filosófico dos seus proémios, onde se realçam os perigos de uma eloquência desvinculada de princípios éticos. Contudo, no seu conjunto, a obra apresenta uma aridez e esquematismo, característicos das composições de carácter escolar.

---

<sup>40</sup> CITRONI, Mario - Literatura de Roma Antiga, p. 242.

<sup>41</sup> Na verdade, os dois textos constituem, muito provavelmente, o resultado de apontamentos das aulas de um mesmo mestre de Retórica, hoje desconhecido. Porém, a obra de reconhecida autoria ciceroniana revela uma maior amplitude de interesses e de concepção do que a sua contemporânea.

Após alguns anos de interregno, que se explicam pela intensidade da sua participação na vida pública<sup>42</sup>, Cícero volta a dedicar-se à Retórica. No estudo desta disciplina encontrou, como fará mais tarde, um refúgio para a profunda insatisfação pelo papel a que o obrigava a colaboração com os triúnviros<sup>43</sup>. Fruto desse trabalho é o *De oratore*, texto no qual pôs todo o seu pensamento sobre esta disciplina<sup>44</sup>. Publicado em 55 a.C., sob a forma de diálogo<sup>45</sup>, o que constitui uma novidade absoluta em Roma, é o primeiro dos três textos que Cícero qualificará, na lista de obras que consta do *De Diuinatione* (2.4), como o produto de uma reflexão única sobre a eloquência<sup>46</sup>. Sobre a relação entre as três obras, é preciso notar que elas representam estádios sucessivos na definição do orador ideal: a discussão centra-se, no *De oratore*, no confronto entre as posições das escolas retóricas e estoicas, no *Brutus*, na polémica entre asianismo e aticismo e no *Orator*, numa superação do modelo aticista<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> Cícero foi eleito questor em 76 a.C., edil em 69 a.C., pretor em 66 a.C. e cônsul em 63 a.C. Entre o exercício destes cargos públicos dedicou-se sempre a uma intensa actividade de patrocínio nos tribunais.

<sup>43</sup> O Primeiro Triunvirato foi uma aliança política informal estabelecida, em 60 a.C., entre Júlio César, Pompeio, o Grande (106 - 48 a.C.) e Marco Licínio Crasso (114 - 53 a.C.). Os objectivos desta aliança, que haveria de se prolongar até 53 a.C., eram distintos. César pretendia angariar aliados políticos, Pompeio obter terras de cultivo para os veteranos das suas legiões e Crasso conseguir o apoio que lhe faltava para a sua campanha na Pártia. Desta forma, durante o seu consulado em 59 a.C., César legislou a favor da atribuição de terras aos soldados de Pompeio e do favorecimento dos negócios de Crasso e, em troca, obteve o comando militar na Gália. Em 55 a.C., Pompeio e Crasso foram eleitos cônsules permitindo a César prolongar o seu comando na Gália por mais cinco anos e a Crasso assegurar os fundos e as legiões para a sua campanha. Em 54 a.C., a morte de Júlia, filha de César e esposa de Pompeio, enfraqueceu a relação entre os dois, que no seguimento da morte de Crasso, na Batalha de Carras, em 53 a.C., desfazem a aliança. A crescente rivalidade entre Pompeio e César estará na origem da Segunda Guerra Civil (49 - 45 a.C.).

<sup>44</sup> É ele quem o diz numa carta dirigida a Lepta (*Epistulae ad familiares*. 6.18).

<sup>45</sup> CITRONI, Mario - Literatura de Roma Antiga, p. 285.

<sup>46</sup> “Cícero suggests that he thought of these books as representing one complete and consistent teaching about rhetoric, in spite of the seemingly inconsistent surface presentation” (CASPAR, Timothy - *Oratory and Philosophy in Cicero’s Rhetorical Books*, p.1).

<sup>47</sup> “Si en el *De Oratore* había buscado la definición de su concepto de la elocuencia en contraste con las escuelas retóricas y estoicas, si en el *Brutus* lo había buscado especialmente en contraste con el asianismo y aticismo, lo mismo va a hacer ahora en el *Orator*, donde toma como referente negativo el estilo aticista para definir el estilo ideal, al que Demóstenes y él estaban tan próximos. El *Orator*, en definitiva, viene a ser la culminación del proceso que había quedado abierto en el *Brutus*, pues todavía quedaba pendiente el capítulo dedicado a su elocuencia. En el *Orator* retomará la crítica contra los aticistas, para demostrar la superioridad de su elocuencia, capaz de atender a cualquier función con su estilo adecuado, retomará la

A encenação global do *De oratore* revela uma acentuada influência platónica, reinterpretada ao sabor do gosto dos aristocratas romanos. Deste modo, nem os intervenientes se deitam na relva, visto que a arquitectura da *uilla* tusculana de Crasso – local onde decorre o diálogo e que constitui um espaço fechado e reservado longe das ruas e dos subúrbios da cidade – permitira a instalação de cómodos assentos debaixo do plátano, nem a homogeneidade social dos protagonistas permite a possibilidade de acentuadas divergências de opinião, o que contribui para o tom de cortesia que caracteriza a conversação<sup>48</sup>. São esses protagonistas Marco António e Lúcio Licínio Crasso, os mais célebres oradores da geração anterior à de Cícero. A sua escolha, afirma Cícero nos proémios aos livros I e II, teve como objectivo preservar a memória deles, já que tinham deixado escassos testemunhos da sua actividade e a sua lembrança se vinha perdendo. O livro I trata da questão da formação do orador e o livro II da descrição das diversas partes que compõem um discurso (*inuentio*, *dispositio* e *memoria*), incluindo uma digressão sobre a utilização do humor e dos ditos espirituosos da autoria de outro interlocutor, César Estrabão<sup>49</sup>. Neste segundo livro é notória a influência de Aristóteles pois aqui, ao invés das vivas trocas de opiniões características do diálogo platónico, encontramos longas exposições didácticas. No livro III, trata-se das partes do discurso ainda não descritas,

---

crítica contra el asianismo para señalar la superación de la redundancia iuvenilis; de este modo presentará su elocuencia como la culminación de la oratoria romana” (GONZALEZ, Antonio Alberte - Escritos Retóricos, pp. 382 - 383).

<sup>48</sup> CITRONI, Mario - Literatura de Roma Antiga, p. 285.

<sup>49</sup> César Estrabão Vopisco (ca. 130 - 87 a.C.) era o filho mais novo de Lúcio Júlio César. Tratava-se de um político influente que participara na supervisão da implementação da Lei frumentária, proposta por Lúcio Apuleio Saturnino (m. 100 a.C.). Eleito pontífice em 99 a.C., questor em 98 a.C. e edil em 90 a.C., foi assassinado nas ruas de Roma, no início da Primeira Guerra Civil (88 - 87 a.C.), que opôs Sula a Mário. Escreveu, pelo menos, três tragédias, todas de temática grega, das quais subsistem alguns fragmentos. De acordo com Cícero, seria um orador conhecido pelo seu humor.

designadamente a *elocutio* e a *actio* e sublinha-se um ideal de eloquência, alimentada pela cultura e pela filosofia.

Cícero reparte por António e por Crasso as suas próprias opiniões, porém é a Crasso que confia o papel de defender o seu ideal de orador, que coincide com aquele estadista que vai ser apresentado no *De re publica*<sup>50</sup>. Deve o orador possuir uma vastíssima cultura em matéria de Literatura, História, Filosofia, Jurisprudência e outros elementos das mais diversas artes. Pelo contrário, António expõe uma concepção da eloquência que privilegia aqueles aspectos moralmente neutros que a transformam num admirável instrumento de persuasão.

Poucos anos depois, provavelmente em 52 a.C., Cícero escreve um pequeno manual em forma de cartilha, as *Partitiones Oratoriae*, com o qual pretendia responder à necessidade de dotar a juventude romana de uma versão melhorada dos manuais escolares de Retórica<sup>51</sup>.

Divide-se esta obra em três partes, nas quais são tratadas sucessivamente a questão da competência do orador, a descrição dos deveres do orador e das partes do discurso e, por fim, a caracterização das questões. Na primeira parte, explica de que forma a competência do orador se manifesta nos pensamentos e palavras que são objecto das diversas partes do discurso. Posteriormente, Cícero aborda a questão dos deveres do orador no âmbito de cada parte do discurso. E, por fim, apresenta uma classificação das

---

<sup>50</sup> Diálogo em seis livros, escrito entre 54 e 51 a.C.

<sup>51</sup> CITRONI, Mario - Literatura de Roma Antiga, p. 287.

questões, distinguindo-as em causas, finitas e condicionadas por factores circunstanciais de tempo, lugar e pessoa e em teses, questões infinitas e livres de condicionamentos específicos.

Na composição deste texto observa-se uma clara influência platónica, quer na adopção da forma dialógica, quer na afirmação de pertença à Academia Média<sup>52</sup>. O diálogo entre pai e filho era frequente nas obras de literatura didáctica e permite uma exposição clara, sucinta e sistemática da teoria retórica.

O *Brutus*, escrito em 46 a.C., também adopta a forma de diálogo socrático.

Decorre este diálogo na casa de Cícero, em Roma, e os seus protagonistas são o próprio autor, Ático e Bruto<sup>53</sup>. Reservando para si a parte principal da exposição, Cícero esforça-se por justificar as suas próprias preferências estilísticas, ao mesmo tempo que traça uma história da eloquência grega e romana.

Cícero procura agora defender-se das críticas que ao seu estilo de falar vinha fazendo um grupo de oradores mais jovens, conhecidos por aticistas. Dedicou-o a Bruto, não apenas por ser um seu amigo chegado, mas porque era ele um dos maiores representantes deste movimento.

A linha de defesa adoptada por Cícero consiste em dois argumentos. Primeiro, advoga a redefinição do conceito de estilo aticista, para nele incluir uma diversidade de

---

<sup>52</sup> *Partitiones Oratoriae*, 139.

<sup>53</sup> Marco Júnio Bruto (85 - 42 a.C.), a quem são dedicados ainda o *Orator*, os *Paradoxa Stoicorum*, o *De Finibus*, as *Tusculanae* e o *De Natura Deorum*.

tons e de níveis estilísticos. Neste âmbito, declarará ainda que o grande modelo da prosa ática é Demóstenes, aquele orador que foi capaz de se distinguir em todos os estilos de discurso. Em segundo lugar, asseverará que o critério de avaliação da eloquência não deve ser o juízo dos entendidos, mas sim a sua capacidade de persuadir o público.

O texto é visivelmente marcado por um tom pessimista, não hesitando Cícero em assinalar que é no preciso momento que a oratória romana atinge o seu auge que começa o seu inevitável declínio, resultado da redução das oportunidades de participação política imposta pela ditadura de César<sup>54</sup>.

Sobre o *Orator*, datado também de 46 a.C., falaremos extensivamente na Parte II – Comentário.

O tom polémico assume contornos ainda mais dogmáticos e intransigentes no *De Optimo Genere Oratorum*, um texto contemporâneo dos anteriores e que pretendia servir de introdução a uma tradução latina, feita por Cícero, dos discursos de Demóstenes em favor de Ctesifonte e de Ésquines, contra Ctesifonte, pronunciados no julgamento de Ctesifonte, em 330 a.C.<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> CITRONI, Mario, *Literatura de Roma Antiga*, p. 288.

<sup>55</sup> Apesar do fracasso da acção que encabeçara contra Filipe II da Macedónia (382 - 336 a.C.), Demóstenes era muito respeitado entre os Atenienses, a ponto de, em 336 a.C., o orador Ctesifonte (séc. IV a.C.) ter proposto que a cidade o honrasse pelos serviços que prestara, outorgando-lhe a coroa dourada. Em 330 a.C., o político Ésquines transferiu este assunto para a esfera judicial ao processar Ctesifonte por ter feito falsas alegações num documento público, por ter entregado ilegalmente a coroa a um político que não tinha



Essas traduções não foram conservadas. Todavia, aquilo que importa é a defesa que o Arpinate faz da excelência destes dois oradores, em particular de Demóstenes, que entende ser o modelo da prosa ática.

Em 44 a.C., Cícero redige a última das suas obras sobre a Retórica.

Nos *Topica*, Cícero pretende oferecer uma versão em latim da doutrina aristotélica da *inuentio*, explanada na obra homónima de Aristóteles. Cícero trata aqui dos lugares-comuns (os *topoi*) a que o orador deve recorrer quando procura os argumentos que pretende desenvolver no seu discurso. Não obstante, tal como Cícero enfatiza, eles serão igualmente úteis ao filósofo, ao historiador, ao jurista e ao poeta<sup>56</sup>.

Escrita em apenas alguns dias e com vista a uma popularização do seu texto, esta obra é desprovida de quaisquer pretensões literárias.

---

apresentado um relatório sobre o trabalho realizado durante o exercício de um cargo público e por oferecer a coroa durante as Dionísias. Na sua *Defesa*, discurso também conhecido por *De Corona*. Demóstenes defendeu veementemente Ctesifonte, não tendo conseguido Ésquines, apesar do seu inegável talento oratório, com a sua acusação obter mais de um quinto dos votos.

<sup>56</sup> CONTE, Gian - Latin literature: a history, p. 188.



## **Parte II – Comentário**



## 1. Caracterização Geral do *Orator*

No *Orator*, escrito no Verão de 46 a.C., Cícero propõe-se delinear um retrato paradigmático do orador perfeito. Escrito sob a forma de uma carta, é possível que este tratado resulte da ordenação de trechos de missivas reais dirigidas por Cícero a Bruto, o que explica em larga medida a sua estrutura repetitiva e desorganizada<sup>57</sup>. Todavia, não é difícil reconhecer um plano geral desta obra, que, visando defender o estilo oratório de Cícero das críticas que lhe dirigiam os aticistas<sup>58</sup>, apresenta em confronto a existência de duas espécies de oradores: aqueles que utilizam um estilo simples por razões úteis e pedagógicas e aqueles que empregam a exuberância, a loquacidade e as cadências rítmicas para persuadir os seus ouvintes<sup>59</sup>. A forma adoptada, contrastante com a forma dialógica do *De oratore*, bem como a preferência por um vocabulário mais técnico e por uma expressão mais assertiva da posição defendida, são indícios que se dirige a um público mais especializado do que o daquele diálogo.

Em termos esquemáticos, o plano do tratado é muito simples. A uma breve dedicatória (1 - 2), segue-se uma discussão introdutória, que aborda a definição do orador ideal e a eleição do melhor estilo de discurso (3 - 36). De seguida, Cícero esforça-se por proceder a uma recolha da teoria retórica (37 - 139), que completa com uma discussão

---

<sup>57</sup> KENNEDY, George - The art of rhetoric in the Roman world: 300 B.C.-A.D. 300, p. 254.

<sup>58</sup> Efectivamente, segundo Antonio Gonzalez, “no es extraño que tras haber criticado en el diálogo anterior el estilo ático por defecto y el asiático por exceso cuestione ahora ante Bruto cuál es el ideal oratorio, cuál es el mejor estilo y cuál es, en definitiva, el orador ideal o el ideal de la elocuencia. Cicerón en la crítica contra los aticistas pretendía defender su prestigio como orador” (GONZALEZ, Antonio Alberte - Escritos Retóricos, p. 379).

<sup>59</sup> MURPHY, James – Sinopsis histórica de la retórica clásica, p. 183.

sobre composição (140 - 236), na qual inclui uma detalhada descrição sobre a teoria do ritmo oratório (168 - 236). A obra encerra-se com um pequeno epílogo (237 - 238).

Uma das características mais marcantes deste texto é a diferença de tratamento entre alguns assuntos. De facto, enquanto alguns temas são examinados com grande detalhe e rigor, outros são descritos sumariamente ou mesmo ignorados. É o caso, por exemplo, da análise das cinco partes do discurso: se o autor apenas alude brevemente à *memoria* e descreve em poucos parágrafos a *inuentio*, a *dispositio* e a *actio*, dedica, no entanto, cerca de três quartos da obra à *elocutio*<sup>60</sup>.

Se esta evidente assimetria se explica pela própria natureza da obra que se dedica à defesa da prática discursiva ciceroniana, podemos igualmente afirmar que a sua unidade é preservada por uma rede de ressonâncias temáticas. A primeira é a figura de António, considerado por James May a chave para a compreensão da obra, não só porque constitui o elo de ligação desta obra com o *De oratore*, mas também porque as seis referências a António e ao facto de ele nunca ter visto um homem verdadeiramente eloquente assinalam o estabelecimento de pontos importantes na definição do orador ideal<sup>61</sup>. A primeira surge nos capítulos 18 e 19, onde Cícero refere que, embora nunca tenha visto um homem verdadeiramente eloquente, António concebia na sua mente um ideal de eloquência que lhe permitia recusar atribuir esse título a si próprio ou a Crasso. Uma nova menção a António, no capítulo 33, permite, após um extenso elogio de Bruto, enunciar a teoria dos três estilos de discurso. No capítulo 69, António é novamente referido como prelúdio da discussão dos três deveres do orador. O resumo da descrição do orador ideal é também precedida de uma alusão a António (100). Pouco depois, a figura de António serve para

---

<sup>60</sup> MAY, James - Cicero as Rhetorician, p. 259.

<sup>61</sup> MAY, James - Cicero as Rhetorician, pp. 261 - 262.

reforçar que, ao contrário do que acontecera com Demóstenes, Cícero não poderia ter desenvolvido completamente as suas habilidades oratórias porque não teve como contemporâneos grandes oradores cujos discursos lhe serviriam de *exempla* (105), ainda que muito se tivesse esforçado para oferecer aos seus ouvintes discursos de gêneros e estilos variados (106).

Outra dessas ressonâncias é o recurso à teoria das ideias de Platão. No capítulo 10, Cícero reconhece Platão como o mais importante mestre de estilo retórico e insiste que a Academia de Platão é a fonte da sua própria eloquência. Mais tarde, no capítulo 51, recorda Platão para, considerando-o maior que Tucídides, reconhecer o naturalismo dos seus diálogos conseguido através da prática da elisão<sup>62</sup>.

Uma terceira será a insistência na afirmação de que ao elaborar este tratado Cícero apenas responde aos pedidos de esclarecimento de Bruto sobre alguns dos argumentos defendidos no *De oratore* e no *Brutus*. Esses pedidos estão documentados numa carta dirigida a Ático (*Epistulae ad Atticum*, 14.20.3) e são prova da amizade que unia os dois homens, apesar das diferentes preferências estilísticas. Atestam estas duas realidades as menções incluídas na dedicatória (1 - 2), no capítulo 33 e no epílogo (237 - 238).

Para responder à questão geral do tipo de eloquência que prefere, Cícero recorda a teoria platónica das ideias (8 - 10) para depois se esforçar por seleccionar um exemplo de perfeição na história da eloquência grega e romana. Este conceito de oratória perfeita pode ser concebido na mente, mas nunca foi nem será completamente realizado na prática, sendo que mesmo a eloquência dos melhores oradores apenas é capaz de transmitir uma cópia delida desse ideal. Contrariamente ao que acontece no *De oratore*, portanto, Cícero

---

<sup>62</sup> FANTHAM, Elaine - The Roman world of Cicero's *De Oratore*, p. 70.

não parte agora da análise da experiência oratória romana e dos seus exemplos, mas pretende conceber um modelo abstracto, afastado das tensões forenses e políticas, das tradições e das peculiaridades da República romana<sup>63</sup>.

Dispensa depois um largo espaço à tradição retórica dos três estilos ou *genera dicendi* (baixo, médio e elevado). Cícero recupera esta tríade e, para a renovar, propõe que os três estilos coincidam, respectivamente, com as três funções diferentes (*officia*) que o orador há-de assumir. Assim, à função *docere* (informar o público) ajusta-se o estilo baixo, à função *delectare* (manter viva a atenção do público e fazer com que a exposição do orador lhe proporcione prazer) convém o estilo médio, à função *mouere* (inflamar as paixões do auditório) presta-se o estilo mais elevado. Quem se notabiliza em apenas um dos *genera dicendi* não pode gabar-se de ter alcançado a verdadeira grandeza.

Na verdade, e recuperando o conceito filosófico de adequação (*decorum*) que estará na base da teoria do bom comportamento, enunciada no *De officiis*, Cícero constrói uma reinterpretação da teoria da Retórica que lhe permite ligar as teorias dos três géneros de discurso, dos três estilos de discurso e das três funções do orador de uma forma até então nunca vista<sup>64</sup>. É o recurso a este conceito que lhe permite estabelecer a base da estética filosófica que já havia explanado no *Brutus*: a necessidade de saber como variar e alternar os diversos estilos de discurso. O orador ideal é aquele que consegue adaptar perfeitamente o estilo ao argumento particular utilizado em cada ocasião. Apesar de insistir na variedade, Cícero concede um certo privilégio ao estilo elevado, devido ao seu impacto no público. De resto, não cessa de referir que uma das maiores limitações da

---

<sup>63</sup> GUÉRIN, Charles – Philosophical Decorum and the Literarization of Rhetoric in Cicero's Orator, p 120.

<sup>64</sup> GUÉRIN, Charles – Philosophical Decorum and the Literarization of Rhetoric in Cicero's Orator, p. 121.



eloquência dos aticistas é precisamente a incapacidade de excitar de maneira eficaz as paixões de um auditório.

O modelo de orador perfeito é Demóstenes, que cultivou com igual destreza os três estilos. E a explícita comparação com Demóstenes (100 - 102) pode ser encarada como uma estratégia de auto-defesa: os aticistas que buscam nos Gregos os seus modelos não devem olhar apenas para Lísias como modelo da oratória ática, mas também para Demóstenes, o que os fará reapreciar as obras de Cícero, apresentado como o equivalente romano deste orador grego<sup>65</sup>. Nesse sentido, Cícero deixa claramente em aberto a questão de também ele poder ser considerado um outro exemplo de orador perfeito<sup>66</sup>, ao mesmo tempo que pretende conciliar duas posições divergentes<sup>67</sup>. Na verdade, Cícero apresenta-se como o único entre os Romanos que se pode chamar de orador. Reclama para si o mérito de ter identificado o caminho que era preciso seguir e de ter proferido e publicado, apesar da sua agitada vida política, mais e mais variados discursos que aqueles que os Gregos a quem o *otium* permitia que se dedicassem às actividades intelectuais (108).

---

<sup>65</sup> “Cicero’s rhetorical works of the mid-40’s - *Brutus*, *Orator*, *De Optimo Genere Oratorum* - are a response to Atticist attacks on his oratorical reputation, and one of his primary strategies of self-defense involves the implicit comparison of his oratory to that of Demosthenes. The reasoning behind that strategy is simple: if the Atticists are looking for Greeks on whom to model their speeches, they should look not just to Lysias, but also to Demosthenes, another example of classical Attic oratory. This, in turn, will lead them to further appreciate the oratory of Cicero, presented in these works as Demosthenes’ Roman equivalent” (BISHOP, Caroline - Roman Plato or Roman Demosthenes? The Bifurcation of Cicero in Ancient Scholarship, pp. 285 - 286).

<sup>66</sup> “Cicero clearly allows for the possibility of himself being considered as another, perhaps less illustrious, example approximating the “type” of the ideal orator. He explains (105 ff.) that the greater loftiness of Demosthenes is due part to the fact of his having had great models to inspire him, and great competitors whom he could confront and with whom he could compete. When Cicero appeared on the scene of Roman oratory, he found, on the other hand, the ears of his fellow citizens “fully hungry for this kind of eloquence, varied and blended equally of all styles. Such a step in this direction had perhaps been taken, in the previous generation, by Antonius and Crassus; but subsequently, neither Cotta nor Sulpicius, nor Hortensius succeeded in producing an oratory truly varied and capable of traversing the diverse registers of style” (NARDUCCI, Emanuele - Orator and the Definition of the Ideal Orator, p. 433).

<sup>67</sup> MICHEL, Alain - Cicéron et le classicisme, p. 20.

Curiosamente, nas décadas que se seguiram à sua morte, Cícero não foi recordado pela sua eloquência, mas sim como figura histórica, visto que a sua resistência e morte às mãos de Marco António eram percebidas como um símbolo de desagregação da República e que, simultaneamente, o seu estilo oratório era considerado ultrapassado<sup>68</sup>. A Antiguidade Tardia parece, tal como acontecerá na Idade Média, ter dado maior destaque às suas obras de juventude, nomeadamente ao *De inuentione*<sup>69</sup>.

Não obstante, neste contexto caberá ao *Orator* a tarefa de inspirar Santo Agostinho na descrição do seu orador ideal, no livro IV, do tratado *De doctrina christiana*, considerado “simultaneamente o último grande tratado de retórica da Antiguidade e a primeira retórica eclesiástica”<sup>70</sup>. Parte, contudo, Santo Agostinho de uma realidade diferente, segundo a qual o orador perfeito existiu realmente. Trata-se do orador cristão, que expõe as Escrituras na sua qualidade de defensor da fé e a quem cumpre explicitar o erro, abraçar o bom e ensinar o mal. O seu modelo é S. Paulo que, sem seguir os preceitos retóricos, falou com sabedoria sobre os assuntos celestes. Santo Agostinho mantém, todavia, a teoria ciceroniana de que o orador deve ensinar, deleitar e mover e que deve utilizar os três géneros de discurso, misturando-os, como o fazem São Cipriano e Santo Ambrósio. Deve ainda o orador ocupar-se de matérias elevadas e não de matérias simples que devem ser tratadas por exemplo pela retórica judicial e conferir mais

---

<sup>68</sup> “In the decades that followed cicero`s death - and indeed, the decade or so preceding it - it was by no means assured that he would be remembered as the paragon of Roman prose style he later became. In fact, Cicero`s eloquence was acknowledged in a vague way, during the early decades of the empire more focus was placed on his significance as a historical figure, as his resistance to and eventual defeat at the hands of Antony became a symbol for the disintegration of the Republic. Ironically, at the same time, his oratorical style fell out of favor and his speeches were not widely read” (BISHOP, Caroline - Roman Plato or Roman Demosthenes? The Bifurcation of Cicero in Ancient Scholarship, p. 284).

<sup>69</sup> TAYLOR-BRIGGS, Ruth - Reading between the lines: the textual history and manuscript transmission of Cicero`s rhetorical works, p. 77.

<sup>70</sup> PEREIRA, Belmiro Fernandes, “1.1.2. Cícero”, pp. 110 - 111.

importância à verdade da doutrina do que à beleza das palavras. Inicia, deste modo, um movimento que se pode apelidar de aticismo cristão<sup>71</sup>.

Durante a Idade Média, o *De oratore*, o *Brutus* e o *Orator* eram conhecidos apenas parcialmente. As obras sobre Retórica mais famosas e estudadas eram o *De inuentione* e o *Ad Herennium*, cuja autoria era incorrectamente atribuída a Cícero. A popularidade daquele tratado parece relacionar-se não só com o facto de se tratar de uma introdução simples à arte da *inuentione*, mas também por conter, na sua elaborada introdução, uma teoria acerca da origem da civilização (*De inventione*, 1.2.)<sup>72</sup>, bem como pelas considerações de Cícero acerca da natureza da razão e do discurso, a sua insistência nos deveres sociais e nas obrigações que unem as pessoas à luz do Direito Natural<sup>73</sup>.

A situação alterou-se quando, em 1421, foi descoberto, em Lodi, por Gerardo Landriani<sup>74</sup>, um manuscrito que continha não só o *ad Herennium* e o *De inuentione*, mas também o *De oratore*, o *Brutus* e o *Orator*.

Para a questão que nos ocupa, é importante notar que este manuscrito continha os capítulos 91 - 191 e 231 - 238 do *Orator*, o que permitiu aos estudiosos completar o texto mutilado que até então se conhecia. A sua data, meados do século IX, somente pode ser

---

<sup>71</sup> COREA, Andrés - Lenguaje, belleza y verdad en Cicerón y San Agustín: las encrucijadas de la persuasión, pp. 144 - 147.

<sup>72</sup> WARD, John - What the Middle Ages Missed of Cicero, and Why, p. 315.

<sup>73</sup> WARD, John - What the Middle Ages Missed of Cicero, and Why, p. 317.

<sup>74</sup> Gerardo Landriani Capitani (m. 1445) foi nomeado bispo de Lodi, diocese da província da Lombardia, em 15 de Março de 1419, da qual foi transferido para a diocese de Como, também na região da Lombardia, em 5 de Março de 1437. Em 7 de Junho de 1435 foi nomeado bispo de Tortona, na região da Ligúria. Foi nomeado cardeal presbítero, pelo Papa Eugénio IV (1383 - 1447), no consistório de 18 de Dezembro de 1439 e, em 8 de Janeiro de 1440, obtém o título cardinalício de Santa Maria in Trastevere.

inferida a partir das descrições que dele fizeram Flavio Biondo<sup>75</sup> e o autor de uma nota inserida no final do manuscrito Ott. Lat. 2057 (que o copia) datado do século XV e hoje pertença da Biblioteca Apostólica do Vaticano, que indicam que o manuscrito descoberto por Landriani era muito difícil de ler, uma prova da sua antiguidade<sup>76</sup>. Não há notícias deste manuscrito desde 1428<sup>77</sup> e hoje apenas se conhecem as cópias que dele foram feitas nos séculos XV, como a referida anteriormente.

Para os Humanistas é evidente a primazia de Cícero sobre todos os outros oradores clássicos. Cícero torna-se o modelo dominante não só em ambiente escolar como também na composição de cartas, discursos e diálogos, o que explica o aumento gradual de edições, comentários e traduções do *corpus* retórico ciceroniano<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> Flávio Biondo (ca. 1388 - 1463), humanista, arqueólogo, antiquário, filólogo e enciclopedista italiano. Cunhou a expressão “Idade Média” e foi um dos primeiros a ocupar-se do estudo da Antiguidade. Foi secretário dos Papas Eugénio IV, Nicolau V, Calisto III e Pio II. Os três compêndios que escreveu sobre as ruínas e a história de Roma (*De Roma Instaurata*, 1444 - 1446; *De Roma Triumphante*, 1459 e *Historiarum ab inclinatione Romanorum Imperii decades*, 1483), fruto dos seus trabalhos arqueológicos e pesquisas, constituíram, por muito tempo, a base das obras semelhantes que se lhe seguiram.

<sup>76</sup> “For the date of the Laudensis we are reliant on rather meagre information expressed in fairly subjective language by the Renaissance scholars who handled the manuscript. Flavio Biondo (Blondus) wrote that “nullus Mediolani esset repertus qui eius vestuti codicis litteram sciret legere” [no-one was found in Milan who was able to read the script of this old manuscript]. (Biondo, 1531, 346) On another occasion he describes it as “codex Ciceronis pervetustus ...cuius literas vestutiores paucissimi scirent legere” [a very old manuscript of Cicero... whose rather old script vefy few people knew how to read] (Biondo, 1539, 346). A subscription referring to the Laudensis at the end of Vat. Ottob. 2057 describes the manuscript in similar vein as “codicem non sat a plerisque legibilem ob antiquarum litterarum effigiem stilumque incognitum” [a manuscript not legible enough for most people on account of its imitation of ancient script and unfamiliar style]. All of these three descriptions indicate that the Laudensis was very difficult to read, not because of physical damage or deterioration but because of the unfamiliarity and inherent illegibility of the script. This information tends to confirm Biondo’s opinion regarding the antiquity of the manuscript, for although palaeography was a very imprecise science in the fifteenth century, with scholars applying the adjectives antiquissimus, antiquus, vetus, and pervetustus on a very impressive basis, there can hardly have been a script dating from the ninth century onwards with which they were not familiar” (TAYLOR-BRIGGS, Ruth - Reading between the lines: the textual history and manuscript transmission of cicero’s rhetorical works, p. 103).

<sup>77</sup> TAYLOR-BRIGGS, Ruth - Reading between the lines: the textual history and manuscript transmission of cicero’s rhetorical works, p. 103.

<sup>78</sup> PEREIRA, Belmiro Fernandes (2012), “2.2. Cícero”, p. 577.

## 2. O Orador Ideal

A questão em torno da qual se desenvolve o *Orator* é a da definição do conceito de orador ideal. Enunciada logo nos capítulos 3 a 36, esta questão, que está intimamente associada à questão da definição do melhor estilo de discurso, é a que preside à obra, aproximando-se o autor de uma resposta definitiva por etapas sucessivas, de acordo com uma técnica que faz lembrar a do método socrático.

Os argumentos apresentados por Cícero fundamentam-se, em primeiro lugar, na teoria das ideias de Platão<sup>79</sup>. Assim, após uma breve advertência relativa à dificuldade de reproduzir o ideal de beleza experimentado nas mais diversas artes plásticas (4 - 5), a que acrescenta a afirmação da admiração que nutre por Demóstenes, o orador que mais se distinguiu entre os Gregos (6), Cícero recorda, nos capítulos 7 - 13, os princípios básicos dessa teoria<sup>80</sup>.

Em termos genéricos, Platão defende que, enquanto o mundo material e mutável, conhecido por nós através de sensações, é uma imitação da realidade, as formas ou ideias – abstractas, não materiais (mas substanciais), eternas e imutáveis – constituem um mundo real. São quatro as propriedades das ideias, nomeadamente: i) a espiritualidade, que significa que são de ordem inteligível, portanto, invisíveis aos olhos humanos e

---

<sup>79</sup> Wisse nota que “the very first part of the work (1 - 32) is perhaps even more Greek than Roman, with references to Greek poets and philosophers (5) and Plato’s theory of forms (10), his claim that his own eloquence was based on philosophical knowledge acquired in the Academy (12 - 17), and the concentration on Greek orators in the discussion of suitable oratorical styles (24b - 32). All this probably reflects Cicero’s focus on his immediate opponents at the time of writing (46 B.C.), the Atticists, whose criticisms of his oratory were the driving force behind these two works. They were intellectuals like Cicero, and since they belonged to a younger generation, he may also have felt that their receptive attitude to Greek culture was beginning to make his cautious approach superfluous” (WISSE, Jacob - “The Intellectual Background of Cicero’s Rhetorical Works, p. 338).

<sup>80</sup> Note-se que Cícero professa a sua adesão à Academia (12).

apreendidas apenas pela inteligência; ii) a realidade, uma vez que são realidades substanciais e individuais, sendo simultaneamente objecto da estudo científico e fonte das realidades da terra; iii) a imutabilidade, visto que são eternas; iv) e a pureza, pois cada uma no seu género é perfeita. Defende para a apreensão das ideias o método dialéctico, que conduz o homem em etapas sucessivas até à intuição do mundo ideal.

Aplicando estes ensinamentos ao conceito em análise, Cícero dirá que o orador ideal é aquele que se distingue em todos os tipos de discurso, simples, intermédio e elevado e não apenas em algum ou alguns deles (20) e aquele que consegue adequar o seu discurso ao arbítrio e à aprovação dos ouvintes (24), pelo que é um especialista no uso de três características essenciais de um discurso: o ornamento, o ritmo e o som<sup>81</sup>. Esse modelo de orador ideal encontra-o em Demóstenes (6).

Para Cícero, a eloquência é a soma de *res* e *uerba*, pensamento e palavra, reflexo da associação entre verdade e beleza, o que explica o desprezo manifestado pelos retores contemporâneos e pelos oradores de formação medíocre que se encontram limitados ao normativismo dos tratados retóricos<sup>82</sup>. A este respeito esclarece Antonio Gonzalez que

---

<sup>81</sup> “This figure derives his effects from two sources. First, he is a master of propriety. He commands all three styles of oratory, the plain, the middle, and the ornate, and he brings each to bear in the proper circumstances, when, Cicero says, “there is nothing so difficult as to know what is fitting, in life as in oratory” (*Or.* 70). Cicero’s emphasis on diversity is significant. Throughout the treatise, he draws on the history of oratory and personal experience to stress the necessity for the orator to respond adeptly and flexibly to the unpredictable demands of audiences and contexts (*Or.* 102-6, 108-11, 129-33). The range of Cicero’s historical allusions suggests that there is more at stake here than learning how to win over a jury. On the contrary, the orator’s flexible responsiveness captures the essence of republican politics. If the republic is a shared enterprise aiming at the common good (*Rep.* 1.39), the common good is not a fixed concept but one that is always contested and changing, responding to external and internal pressures: the “project” of the republic, its very reason for existence as a political association, is by nature dynamic. (...) Mastering ornate grandeur and stripped-down purity allows the orator to prove his speech’s authentic connection to his audience sensibility: his variegated style legitimizes diversity of opinion and feeling even as it seeks to transform diversity into unity. Second, he is expert in three crucial areas: ornament, rhythm, and sound. Here too the key issue is propriety: Cicero stresses that the arrangement of words in the sentence must be carefully carried out so that the words fit together as “aptly as possible”, and so that they fall in the proper rhythm” (CONNOLLY, Joy - The state of speech: rhetoric and political thought in ancient Rome, p. 223).

<sup>82</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retóricos de Ciceron, p. 25.

Cícero reserva o termo *eloquens*, usado no capítulo 61, para designar a figura ideal capaz de se expressar com absoluto domínio dos recursos literários, científicos e filosóficos sobre qualquer assunto. Dele se distingue o *disertus*, aquele que, sem grandes conhecimentos científicos ou filosóficos e sem grandes faculdades elocutivas, pode desempenhar dignamente as suas funções enquanto orador, situação na qual se incluem muitos oradores romanos anteriores a ele próprio; o *operarius*, aquele cuja formação retórica se restringia aos ensinamentos da técnica retórica de algum manual ou retor, carecendo pois do conhecimento filosófico e o *infans*, mencionado nos capítulos 56 e 76, ou seja, aquele que era desprovido de qualquer faculdade de imprimir ornamentação ao seu discurso, ainda que não fossem questionáveis os seus conhecimentos técnicos. E quando pretende ridicularizar os discursos pronunciados por alunos ou professores de Retórica, usa os termos *clamator*, *causidicus* e *rabula*<sup>83</sup>.

Enquanto “artífice do discurso” (39), a função do orador é falar, de modo a obter a aprovação dos ouvintes, de tal forma que um discurso não consiste apenas na justaposição de belas palavras, mas sim na conjugação de palavras e pensamentos<sup>84</sup>. Deste modo, para cumprir os três objectivos do discurso (ensinar, deleitar e convencer), necessita o orador de condições físicas e intelectuais, de conhecimentos linguísticos e enciclopédicos e de uma experiência adquirida mediante o exercício. Essa cultura

---

<sup>83</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, pp. 26 - 27.

<sup>84</sup> “He aquí su gran aportación , pues, como él mismo reconoce, hablar con bellas palabras sin ideas que las sustenten es una locura, pero por otro lado los pensamientos qui non consiguen expresarse correctamente demuestran puerilidad por parte de quien los expone; e, mais adiante Cicéron reconhece que la uis oratoria no consiste simplemente en amontoar palabras bien distribuidas. La facultad, la fuerza del orador debe residir tanto en las palabras ( uerba) como en las cosas(res), o, lo que es lo mismo, el hablante debe ser capaz de conjugar pensamiento y expresión en su máximo grado, o de lo contrario no logrará su objetivo” (PARDO, Antonio - “Retórica y filosofía en tres modelos clásicos: Gorgias, Aristóteles, Cicéron, p. 294).

enciclopédica incluía conhecimentos em cinco disciplinas distintas<sup>85</sup> : Literatura, Retórica, História, Direito e Filosofia<sup>86</sup>.

Um dos pontos de convergência entre Platão e Cícero é a reivindicação da Filosofia como base da formação do orador, pelo que Retórica e Filosofia se encontram indissociavelmente ligadas<sup>87</sup>, desde logo porque partilham o mesmo objectivo de busca da verdade através da razão<sup>88</sup>. De facto, nos capítulos 12, 14, 16 e 113 - 119, Cícero revela a sua vinculação a académicos e peripatéticos, que se tinham dedicado com particular atenção aos aspectos literários e formais da sua produção discursiva<sup>89</sup>. Simultaneamente manifesta uma clara divergência em relação aos ensinamentos da escola estóica, que via a eloquência apenas como busca da verdade<sup>90</sup>.

Na verdade, a eloquência não pode prescindir do conhecimento da Dialéctica, pois este é um método para a elaboração de um discurso e o orador deve conhecer todos os métodos que possam nele ser utilizados (113 a 117)<sup>91</sup>.

---

<sup>85</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 403 - 404.

<sup>86</sup> GWYNN, Aubrey - Roman education from Cicero to Quintilian, p. 118.

<sup>87</sup> MICHEL, Alain - La théorie de la rhétorique chez Cicéron : éloquence et philosophie, p. 110.

<sup>88</sup> CERUTTI, Steven - Cicero's accretive style: rhetorical strategies in the Exordia of the judicial speeches, p. 89.

<sup>89</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 15 - 19.

<sup>90</sup> "The specific nature of Cicero's debt to Stoicism in his rhetorical writings, and particularly what Cicero understands as Zeno's contribution to epistemology, is difficult to assess. There are unquestionably provocative connections. Cicero cites Zeno's use of the hand as a metaphor in both his epistemological and rhetorical contexts: Zeno compares the open palm to an impression, assent to an impression to a hand curled in a fist, katalepsis (an impression that is true and such that it cannot be false) to a clenched fist, and knowledge to that fist gripped tightly by the other hand. Cicero also says that Zeno compared dialectic to a clenched fist, rhetoric to the open palm (CONNOLLY, Joy - *The state of speech: rhetoric and political thought in ancient Rome*, p. 139).

<sup>91</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 39 - 40.



Porém, os conhecimentos filosóficos do orador não se devem restringir à Dialéctica (118), é imprescindível que conheça igualmente a Ética (118) e a Física (119)<sup>92</sup>. Cícero entende o estudo da natureza como um instrumento de uma projecção humana e social, permitindo o seu conhecimento obter os fundamentos dos princípios que dirigem a vida humana. Assim, o orador deve interessar-se pelo estudo da Física porque ela é a base do ordenamento social (16)<sup>93</sup>. De igual forma, enquanto *uir bonus*, ao orador exige-se uma condição de rectidão moral, na medida em que a eloquência é uma síntese entre conhecimento filosófico e domínio literário<sup>94</sup>. Cícero concebe, portanto, uma unidade entre Retórica e Filosofia que denuncia o absurdo de um pensamento sem uma forma de expressão cuidada, clara, compreensível e ordenada e um discurso vazio de ideias: tanto o bom orador como o filósofo deverão ser capazes de expressar um conteúdo, fruto da reflexão e de um conhecimento profundos sobre a matéria de que se trata, mediante o emprego da forma mais cuidada possível<sup>95</sup>. O orador-filósofo é identificado com o político que dirige a República, uma ideia que já pode ser encontrada em Platão (12), pelo que Cícero reclama para ambos a mesma formação filosófica<sup>96</sup>.

O orador ideal deve ainda conhecer os assuntos humanos, com particular destaque para o Direito Civil e para a História (120), uma relação melhor retratada no *De legibus*

---

<sup>92</sup> De acordo com Steven Cerutti, os argumentos de origem dialéctica e ética eram especialmente importantes para Cícero na composição de discursos judiciais (CERUTTI, Steven - Cicero's accretive style: rhetorical strategies in the Exordia of the judicial speeches, p. 90).

<sup>93</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 45 - 46.

<sup>94</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 53.

<sup>95</sup> PARDO, Antonio - Retórica y filosofia en tres modelos clásicos: Gorgias, Aristóteles, Cicéron, p. 294 - 295.

<sup>96</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica: la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 66 - 67.

e no *De oratore*. A importância do conhecimento do passado, facilitado segundo Cícero pelo esforço de compilação de Ático, no *Liber annalis*, é essencial, por um lado, para compreender a relação entre passado e presente e, por outro lado, porque os *exempla* históricos, ao revelaram que o orador é um homem erudito e de confiança, conferem autoridade ao argumento e prazer quando introduzidos num discurso<sup>97</sup>. A principal vantagem do exemplo histórico é, por conseguinte, a sua *auctoritas* (120)<sup>98</sup>.

O orador deve ser igualmente instruído na Retórica para que das palavras que exprimem os seus pensamentos não resultem quaisquer ambiguidades (121). Deve conhecer os tipos de causas e os tópicos que permitem o seu tratamento (122), avaliando quer as ocasiões quer as pessoas envolvidas (123). Assim, poderá ajustar o seu discurso ao que é conveniente (124), tonando-o mais persuasivo (125). Cícero reflecte novamente sobre a importância da aquisição de conhecimentos nesta disciplina mais adiante. Denunciando a diferença da importância que se confere ao ensino do Direito Civil e da Retórica, Cícero introduz uma referência à sua própria experiência enquanto aprendiz questionando o motivo pelo qual uns se envergonham de ensinar e outros de aprender Retórica (142). Considerando que a maioria dos oradores romanos é maior em talento do que em conhecimento, pelo que não poderão ser bons mestres de Retórica (143), afirma que, todavia, existe dignidade no ensino se ele servir para melhorar aqueles que ouvem um discurso (144) e que o homem eloquente não deve escusar-se a ensinar aos outros aquilo que foi para si útil aprender (145), admitindo que sempre se dedicou ao estudo da eloquência (145).

---

<sup>97</sup> FOX, Matthew - Cicero's philosophy of history, pp. 159 - 160.

<sup>98</sup> RAMBAUD, Michel - Cicéron et l'Histoire Romaine, p. 40.

### 3. Os Três Géneros de Discurso, os Deveres do Orador e os Três Estilos de Discurso

Depois de reformular, no capítulo 36, a questão da definição do conceito de orador ideal, Cícero recupera, nos capítulos 37 e seguintes, a distinção aristotélica entre os três géneros de discurso, sistema que serviu de referência universal para a classificação dos géneros oratórios durante a Antiguidade<sup>99</sup>, associando-a quer à teoria dos três estilos (75 - 99), já enunciada sumariamente nos capítulos 20 e 21, quer à teoria dos três deveres do orador (69 - 75).

Entendendo a Retórica não como a arte da persuasão, mas como a arte que permite determinar quais são os meios de persuasão mais adequados a cada caso<sup>100</sup>, Aristóteles começa, logo no início da *Rhetorica*<sup>101</sup>, por definir cada um dos três géneros de discurso – deliberativo, judicial e epidíctico – com recurso a uma série de critérios (o ouvinte a quem se dirige, o conteúdo, o tempo a que se reporta e o seu fim).

Assim, o discurso deliberativo é o discurso pronunciado perante uma assembleia popular, através do qual o orador procura aconselhá-la acerca da conveniência de uma decisão futura. É a forma por excelência do discurso político, que se reveste de *exempla* e cujo objectivo é demonstrar se essa acção é conveniente ou, pelo contrário, prejudicial.

O discurso judicial é aquele que é proferido diante de um tribunal. Por meio deste discurso, convida-se os juízes a emitir um juízo de aceitação (defesa) ou repúdio

---

<sup>99</sup> Para a elaboração deste sistema de classificação, Aristóteles terá recolhido elementos constantes nos escritos de Tucídides, Platão, Isócrates e na Retórica a Alexandre, tratado de autor desconhecido. Cf. PERNOT, Laurent - Aristóteles e os seus Precursores. Para uma Arqueologia do Discurso Deliberativo.

<sup>100</sup> *Rh.*, I, 2.

<sup>101</sup> *Rh.*, I, 3 - 15.

(acusação) de uma acção passada, mostrando, por meio do entimema, um silogismo simplificado, que ela é justa ou injusta. É o género de discurso em que melhor se expressa o carácter dialéctico, uma vez que perante o tribunal se apresentam duas partes desavindas. São próprias do discurso judicial as provas não-técnicas, nomeadamente as leis, os testemunhos, os contratos, as confissões e os juramentos.

O discurso epidíctico é aquele que é pronunciado perante uma reunião solene em louvor ou vitupério de uma comunidade (pátria ou cidade), uma pessoa (real, histórica ou mitológica), uma actividade (profissão, estudo) ou de qualquer outra coisa que se pretenda celebrar. Este género de discurso é construído sobre a figura da *amplificatio*, que se vê amplamente reforçada pelo uso do ornato. Winterbottom chama a atenção para o tratamento paradoxal que o género epidíctico recebe no *Orator*: se, por um lado, é descrito em poucos capítulos (37 - 42), por outro, afirma-se a sua importância para a formação do orador ideal<sup>102</sup>. De facto, a simples menção dos nomes dos oradores que se notabilizaram neste género parece servir para Cícero como justificação da sua posição segundo a qual desses *exempla* se deve servir o orador ideal para conseguir um vocabulário mais rico, uma maior variedade e harmonia das frases e uma maior liberdade no que concerne ao ritmo (37 - 38). De todos os autores citados, aquele que Cícero parecer preferir é Isócrates (42), cujo Panegírico é mencionado nos capítulos 37 e 38 e a propósito de quem são recuperadas as palavras que sobre ele escreveu o próprio Platão (41).

As provas técnicas podem ser usadas livremente em cada género do discurso. Distingue Aristóteles três espécies de provas desta natureza: *ethos*, *pathos* e *logos*. No primeiro caso, as provas residem no carácter moral do orador, obtendo-se a persuasão quando o discurso é proferido de maneira a deixar no auditório a impressão de que o

---

<sup>102</sup> WINTERBOTTOM, Michael - Cicero and the Middle Style, p. 125.

carácter do orador o torna digno de fê (*Rh.*, II, 1). No segundo caso, as provas encontram-se no modo como reage o auditório, pelo que a persuasão se obtém quando discurso desperta as suas emoções (*Rh.*, III, 7). No terceiro caso, as provas que residem no próprio discurso, que mostra a verdade ou, pelo menos, aquilo que parece ser verdade, ou através do exemplo ou através do entimema (*Rh.*, I, 2).

A única aparição desta teoria no *corpus* retórico ciceroniano ocorre precisamente no capítulo 128 do *Orator*, após um breve excursus sobre as noções de tese e amplificação. A distinção subscrita por Cícero parece, à primeira vista, derivar directamente daquela feita por Aristóteles e aproxima-se dos conceitos de *natura* e *consuetudo uitae*. Sem se referir expressamente ao *logos*, Cícero interpreta o *ethos* como os meios de prova relacionados com a natureza, os comportamentos e as relações da vida, expostos de maneira delicada e agradável e preparada para cativar a benevolência dos ouvintes e o *pathos* como os meios de prova que agitam os espíritos, demonstrados pelo uso de expedientes retóricos violentos, inflamados e impetuosos, sendo relevante a contribuição das emoções do próprio orador para a sua formação. Distingue-se, portanto, o *pathos* ciceroniano do aristotélico, na medida em que consiste aquele apenas num meio para despertar as emoções do auditório sem que o orador, cujas próprias emoções contribuem para a geração desse *pathos*, caia no ridículo, enquanto este reside essencialmente na verosimilhança do discurso e da pessoa do orador. Por outro lado, Cícero, o *ethos* tem a função de *benevolentiam conciliare*<sup>103</sup>.

Afastando o género epidíctico da sua análise, Cícero defende que o orador eloquente é aquele que, nas causas judiciais e civis, fale de modo que prove (*docere*),

---

<sup>103</sup> GUÉRIN, Charles, “Orator 128: Cicéron et la Catégorie rhétorique de l’ethikon, pp. 143 - 147.

deleite (*delectare*) e influencie (*flectere*)<sup>104</sup>. Associa assim à problemática dos três géneros de discurso à das três funções do orador (69). A grande inovação no *Orator* consiste na correspondência perfeita entre as três funções do orador e a divisão, que aparece já na *Rethorica ad Herennium*, entre os três estilos de discurso (*genera dicendi*): *docere* corresponde ao estilo simples; *delectare*, ao médio; e *flectere*, ao elevado (69)<sup>105</sup>.

O estilo simples é tratado nos capítulos 76 a 90. Trata-se de um estilo de discurso aparentemente fácil de imitar (76), que evita os ritmos e o hiato (77), bem como o ornato (78), embora lhe seja permitido usar, desde que comedidamente, a metáfora (81 - 82) e o humor (87 - 90). A este propósito são referidas, no capítulo 79, as quatro qualidades do discurso, tal como definidas por Teofrasto: a correcção, a clareza, o ornato e a adequação<sup>106</sup>. Esta proposta de Teofrasto parte da divisão tripartida de Aristóteles que entendia o estilo como um somatório de clareza, ornato e adequação (*Rh.*, III, 2 - 12), à qual acrescenta a correcção da expressão linguística. Cícero considera que este estilo é verdadeiramente ático e defende que nele o orador que mais se notabilizou foi Demóstenes (90).

Discute Cícero, nos capítulos 91 a 96, o estilo intermédio, que define como sendo mais rico que o estilo simples e mais simples que o elevado (91). Apresenta como seu

---

<sup>104</sup> Se frequentes vezes são estas três funções identificadas com os três meios aristotélicos de persuasão (*logos*, *ethos* e *pathos*), discutidos no *De oratore*, não se pode, todavia, asseverar que as duas classificações sejam idênticas, porquanto a primeira diz respeito a uma análise do estilo ou a uma avaliação da prestação de cada orador individual, enquanto a segunda se preocupa com o conteúdo do discurso (WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works*, p. 358).

<sup>105</sup> Por isso, o *Orator* marca uma etapa decisiva tanto na evolução da teoria dos estilos como na das três funções do orador (GUÉRIN, Charles - "Orator 128: Cicéron et la Catégorie rhétorique de l'ethikon, p. 143)

<sup>106</sup> "This is the approach used by Cicero in *De oratore* (cf. 3.37, 53, 91, 144), and it also occurs in the discussion in *Orator* (at 79). Again, there were numerous variants, but Cicero uses Theophrastus' original foursome: correct use of Latin (in Theophrastus' version, of course, Greek), clarity, distinction (*ornatus*, —often translated as 'embellishment'), and appropriateness" (WISSE, Jacob - "The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works, p. 358).

representante máximo Demétrio de Faleros, destacando o recurso deste ao ornato para embelezar os seus discursos, nomeadamente as metáforas e os tropos (92) e também as metonímias (94). Considera que são apropriados a este estilo de discurso, criado pelos Sofistas (96) todos os ornamentos de pensamentos e palavras (95).

Os capítulos 97 a 99 ocupam-se da descrição do estilo elevado que, caracterizado pela capacidade de manipular as emoções humanas, se tornou responsável pela importância que foi conferida à Retórica no seio das sociedades (97). O orador de estilo elevado, que Cícero prefere em detrimento dos outros, salienta-se por ser o que mais riscos corre com o seu discurso, pelo que deverá exercitar-se também nos outros dois (99).

No capítulo 100, Cícero afirma que o orador ideal é aquele que é capaz de falar com simplicidade sobre assuntos simples, com moderação sobre os assuntos de média importância e com autoridade sobre os assuntos importantes. Nesta adaptação do estilo de discurso ao tema tratado consiste o *decorum*, de que já se falara nos capítulos 69 a 74, a propósito dos discursos deliberativo e judicial. O orador deve elaborar o seu discurso do modo que se revelar mais adequado à causa que trata (70), a si mesmo e àqueles que o ouvem (71). O orador ideal não é, pois, aquele que se destaca em um dos estilos, mas sim o que consegue servir-se de todos de acordo com as circunstâncias, opinião retomada a partir do capítulo 101. Aludindo brevemente à teoria das ideias de Platão, Cícero sintetiza o seu argumento<sup>107</sup> para, seguidamente, apresentar exemplos retirados da sua própria produção oratória (102 - 103) e recordar a figura de Demóstenes (104), cuja grandeza é justificada com a convivência com outros grandes oradores (105). Apenas a

---

<sup>107</sup> “A doutrina da mistura dos três estilos não é uma inovação de Cícero e assenta sobre a preocupação de evitar a “satiety” que nasce da monotonia” (JESUS, Carlos - O Ritmo na Prosa, p. 42).

variedade de estilos de discurso pode reflectir a complexidade da personalidade humana, pelo que o orador deve usar todos os estilos de discurso, ao mesmo tempo que obedece às regras da conveniência<sup>108</sup>. Daí que nunca tenha sido ouvido em Roma nenhum orador verdadeiramente eloquente: todos os oradores romanos da geração anterior à de Cícero se distinguiram em apenas um dos estilos (106), sendo que apenas ele, percebida esta insuficiência, se esforçara por colmatá-la (107 - 108), a exemplo do que fizeram, antes dele, os poetas e os actores nos seus respectivos géneros (108).

---

<sup>108</sup> CONNOLLY, Joy - The state of speech: rhetoric and political thought in ancient Rome, p. 200 - 201.



#### 4. As Partes do Discurso

O sistema adoptado por Cícero, no *Orator*, foi traçado a partir das noções avançadas por Aristóteles e organizava-se em torno das sucessivas fases que o orador atravessava para compor e pronunciar um discurso <sup>109</sup>. Eram essas fases as seguintes: a invenção (*inuentio*), o arranjo (*dispositio*), o estilo (*elocutio*), a memória (*memoria*) e a pronúncia (*actio, pronuntiatio*).

A *inuentio* consiste na identificação das possibilidades de desenvolvimento das ideias contidas no assunto de que trata o discurso. Esta questão é introduzida no capítulo 44, na qual se afirma que descobrir e avaliar o que se há-de dizer é mais próprio da inteligência do que da eloquência. Ao orador ideal compete conhecer, portanto, os tópicos dos argumentos e dos raciocínios (44) e os estados das causas (45).

O conhecimento dos tópicos e dos raciocínios que aqui se descreve está intimamente dependente da formulação que Aristóteles concebera. Depende em primeiro lugar da distinção entre tese e hipótese. A tese ou *quaestio infinita* é uma questão abstracta, geral teórica. Se é verdade que as questões infinitas são assunto da Filosofia,

---

<sup>109</sup> Um outro sistema, mais antigo, mas que nunca desapareceu completamente, havia sido criado pelos Sofistas ainda no século V a.C. e baseava-se na noção de que um discurso mais não era do que uma sequência de partes distintas, para as quais podiam ser enunciadas regras que garantiam o seu objectivo final. A questão central não era, por conseguinte, a da construção do discurso, mas sim o cumprimento do seu propósito. Apesar das variações terminológicas, um discurso seria composto de pelo menos quatro partes: o prólogo (*principium, exordium*), cujo objectivo era tornar o auditório benévolo, atento e receptivo (*beneuolum, attentum, docilem facere*), à mensagem que se pretendia veicular; a narração (*narratio*) breve, clara e plausível (*brevis, dilucida, ueri similis*), onde se apresentavam os factos; a argumentação (*argumentatio*), normalmente dividida entre prova dos próprios argumentos e refutação dos argumentos do oponente; e o epílogo (*conclusio, peroratio*), que deve não só sintetizar o caso apresentado, como também despertar as emoções dos ouvintes (WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works*, p. 355).

não é menos verdade que são tratadas através de mecanismos próprios da Retórica e que o ambicioso programa de ensino desta disciplina inclui também a Filosofia, o que significa que é necessário resolver questões infinitas como preparação das questões finitas<sup>110</sup>. Por outro lado, a hipótese ou *quaestio finita* é a questão concreta, individual e prática. O modelo da questão finita é a causa criminal ou civil<sup>111</sup>.

Para correcto desenvolvimento de uma ou outra, muito contribui a teoria dos tópicos, também desenvolvida por Aristóteles. Da análise das pistas que nos deixou na *Rhetorica* e nos *Topica*, podemos concluir que um tópico constitui uma estratégia de argumentação. Os tópicos comuns podiam ser utilizados para o tratamento de qualquer assunto, enquanto os tópicos próprios seriam específicos para o tratamento de determinados temas, nomeadamente os relacionados com a Ética ou a Física.

Esta questão é mencionada por Cícero logo no capítulo 46. Aí, afirma que Aristóteles exercitou os seus discípulos no desenvolvimentos dos tópicos, por forma a que fossem capazes de dirigir uma tese num ou noutro sentido (46). Ao orador ideal, a quem foram ensinados tópicos específicos de argumentação, compete seleccionar aqueles que sejam mais adequados ao seu discurso, pois a sua eficácia difere consoante o assunto de que se trate (47 - 48). A insistência na necessidade de adequação dos tópicos escolhidos ao tema do discurso é retomada nos capítulos 122 a 124, questão já enunciada no *De Oratore*, II, 164 e 173.

Ao longo desta discussão Cícero menciona ainda a teoria dos estados de causa de Hermágoras de Temnos, retor que, em finais do século II a.C., concebeu a primeira

---

<sup>110</sup> LAUSBERG, Heinrich - Manual de Retórica Literaria: Fundamentos de una Ciencia de la Literatura, p. 119.

<sup>111</sup> LAUSBERG, Heinrich - Manual de Retórica Literaria: Fundamentos de una Ciencia de la Literatura, pp. 120 - 121.

sistematização conhecida desta teoria de origem muito antiga<sup>112</sup> e que rapidamente se desenvolveu, dominando a teoria da *inuentio*<sup>113</sup>.

Hermágoras propunha quatro estados de causa básicos (conjectura, definição, qualificação, objecção), além de outros quatro legais (letra e espírito, antinomia, ambiguidade, inferência) e igual número de questões mal constituídas (unilateral, igual, reversível, inconclusiva). Especialmente concebida para o discurso judicial, esta teoria dos *status causae*, que podia ser utilizada, com as necessárias adaptações, aos demais géneros de discurso, funcionava, em termos genéricos, numa sucessão de fases. Começava o orador por perceber se era evidente que o acto em questão tinha sido praticado e, em caso afirmativo, se tinha sido praticado pela pessoa suspeita de o praticar. Formava-se, portanto, uma conjectura. Caso se confirmasse que a pessoa suspeita havia praticado o acto, inquiria-se se ele era perfeito ou imperfeito em relação ao tipo de crime aplicável. Se fosse imperfeito, era necessário proceder à sua definição; se fosse perfeito, à sua qualificação. Para estabelecer esta qualificação era necessário inquirir se o acto era justificável quanto à justiça, à legalidade e à conveniência. Em caso afirmativo, era necessário compreender se essas justiça, legalidade e conveniência se justificavam por meio de argumentos ou razões ou com base na sua legalidade.

No primeiro caso, tratar-se-ia de uma qualificação em termos de estados de causa racionais, relacionada com questões de justiça. Chegada a causa a este ponto ou o réu não admitia que o acto fosse interdito e malicioso e interpunha uma justificação, alegando que

---

<sup>112</sup> DUARTE, Rui - Comentários ao tratado sobre os Estados de causa de Hermógenes de Tarso por autor anónimo, p. 23.

<sup>113</sup> “The so-called status theory, which, developed by Hermagoras in the mid-2nd century B.C., quickly came to dominate the theory of invention (apart from the parts of a speech). It was an elaborate system for determining the central matter at issue in a speech—too elaborate, according to Cicero (see esp. *De or.* II, 132; III, 70) (...), even though it continued to play a central role in later rhetorical theory” (WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero’s Rhetorical Works*, p. 357).

do acto resultara compensatoriamente um beneficio maior que o justificaria ou admitia que o acto era interdito, mas procurava defender-se, atribuindo a responsabilidade moral pela prática do acto a um terceiro. Esta fase era geralmente conhecida por oposição. Podia agora surgir uma dupla possibilidade: ou o alegado responsável era a própria vítima, a quem o réu dirigia então uma contra-acusação ou era uma pessoa, coisa, circunstância ou estado exterior ao acto e, neste caso, ou o réu transferia a culpa para alguém ou algo a quem poderia legitimamente responsabilizar ou para alguém ou algo a quem a culpa não poderia legitimamente ser atribuída.

Se a qualificação, por outro lado, se prendesse com a legalidade, entrava-se no domínio dos estados de causa legais. Em primeiro, questionava-se se o crime em julgamento seria digno de punição, face ao texto e ao espírito da lei. Caso para o acto cometido não existisse legislação específica, inferia-se, por analogia com actos similares, uma intenção e os termos da punição a ser aplicada ao acto cometido. No caso de existência de normas conflitantes relativamente ao mesmo acto (antinomia), era necessário decidir a qual normas haveria de prevalecer. Um último caso identificava a ambiguidade de uma norma legal que dificultava a decisão sobre a legalidade do acto praticado<sup>114</sup>.

Neste sistema, adoptado por Cícero, que o sintetiza nos capítulos 45 e 126, os estados de causa racionais e legais justapõem-se e são hierarquicamente equivalentes. No capítulo 121 refere em particular a ambiguidade: o orador ideal, devidamente instruído nas causas, deve evitar por completo a ambiguidade dos factos e das palavras.

---

<sup>114</sup> DUARTE, Rui - Comentários ao tratado sobre os Estados de causa de Hermógenes de Tarso por autor anónimo, pp. 28 - 29.

A *dispositio* é expressamente referida nos capítulos 49 e 50. Consiste na parte do discurso em que se ordenam as ideias e os pensamentos que o orador encontrou graças à *inuenio*. Essa ordenação deverá ter em conta a *utilitas* da causa. Isso mesmo explicita Cícero: o orador ideal deve dispor diligentemente os tópicos seleccionados da forma que se revelar mais eficaz para a aceitação do seu discurso.

A descrição da teoria da *elocutio* ocupa a maior parte do texto do *Orator*. É a parte do discurso responsável pela translação das ideias descobertas na *inuentio* e ordenadas pela *dispositio* para a linguagem. Distinguida a linguagem do orador das dos filósofos (62 - 64), dos Sofistas (65), dos historiadores (66) e dos poetas (67 - 68), ainda que delas também façam parte o ornato e o ritmo, recordadas as funções do orador (69) e o dever de adequação que deve presidir aos seus esforços (70 - 74), Cícero trata do estilo do discurso. A propósito da descrição do estilo simples (75 - 90), afirma Cícero que o orador simples se deve servir comedidamente dos recursos estilísticos (80 - 89), dos quais faz parte o humor (87 - 89). A questão do ornato será recuperada, posteriormente, nos capítulos 137 - 139, onde Cícero faz uma afirmação semelhante relativamente ao orador ideal: ao orador ideal compete iluminar os pensamentos com uma figura de estilo (136). Considerando que os manuais de Retórica de então se preocupavam excessivamente com a definição e a distinção das figuras de estilo, motivo pelo qual Bruto as conhece perfeitamente (136), Cícero limita-se a enumerá-las sem mais explicações.

A descrição do estilo simples é retomada a propósito de uma nova precisão acerca da definição do conceito de orador ideal novamente associado a Demóstenes (133 - 135). O orador ideal é aquele que se serve dos ornamentos de palavras e pensamentos de forma a que nenhuma palavra, excepto as bem-escolhidas e impressionantes, saiam dos seus

lábios (134), tendo sempre em vista o cumprimento das virtudes do estilo. Começa por falar da disposição das palavras na frase, cuja estrutura não deve ser muito rígida (149), evitando o hiato (150) que seria muito desagradável aos ouvidos romanos. Os capítulos seguintes apresentam vários exemplos dos argumentos enunciados, com particular insistência na omissão do “s” final (153 e 161), na substituição da letra “x” (153), na preferência por formas sincopadas (154 e 157) e no genitivo arcaico (155 e 156), na apofonia (158 e 159) e na utilização da aspiração (160). Da longa enumeração de exemplos, Cícero conclui que o orador deve escolher as palavras que retiradas da linguagem comum soem bem (162 - 163), devendo, por isso, evitar os helenismos e buscar a harmonia da frase (164 - 165), que também se faz da justaposição de contrários (166 - 167).

A harmonia (*concinnitas*) da frase é igualmente garantida pelo ritmo, cuja teoria recebe nesta obra o primeiro tratamento sistemático que conhecemos (186 - 236), embora já tivesse sido mencionada no *De oratore*<sup>115</sup>. Cícero parece ter dedicado bastante tempo ao estudo desta matéria, já que demonstra ter consultado sobre ela diversos autores entre os quais Trasímaco, Górgias, Teodectes e Éforo (172 - 175, 198 e 214). Esta preocupação revela a musicalidade do povo romano que, desde cedo, tanto na prosa como na poesia, procura efeitos fónicos, nomeadamente a aliteração, o homeoteleuto, a assonância, a *adnominatio*, a paronomásia, a repetição e a anáfora, que permitem não só sublinhar a ideia que se pretende transmitir como provocar o prazer no ouvinte e ainda fixar a fórmula ao cultivar a memória colectiva<sup>116</sup>. Segundo Cícero, a linguagem evoluíra no sentido de adquirir um certo naturalismo que supera a rigidez e a inflexibilidade arcaicas, pelo que

---

<sup>115</sup> Cícero limitava-se a repetir as afirmações de Isócrates tal como reportadas por Náucrates.

<sup>116</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 24 - 26.

o discurso se deve estruturar em períodos que espontaneamente procurem a harmonia (168 - 170)<sup>117</sup>. Os exemplos referidos nos capítulos seguintes ilustram este argumento. Cícero irá então tratar das questões da fonte, da causa, da natureza e do uso da prosa rítmica (174).

Revela assim que o ritmo foi primeiro usado por Trasímaco e, depois por Górgias, que dele se serviu abusivamente, e Isócrates (175 - 176). A causa é de tal maneira óbvia que Cícero estranha que os Antigos não a tenham percebido (177) e encontra-a na alternância da quantidade longa ou breve das sílabas que compõem as palavras (178).

Relativamente à natureza, conclui Cícero que existe ritmo na prosa (179 - 203), apesar de ser muito diferente do da poesia (187) e, portanto, de não beneficiar das suas regras para a composição de versos (183). O ritmo na prosa nasce espontaneamente (183) e configura uma necessidade do discurso (187). Se todos os ritmos podem ocorrer num discurso, desde logo porque muitos são aí introduzidos por descuido (188 - 190), resta saber quais são os mais adequados numa prosa bem construída (191). Cícero defende a utilização variegada e alternada das cláusulas métricas (192 - 198), de sorte a garantir a *uarietas*, que seria aprovada pelo próprio Platão<sup>118</sup> e evitar a monotonia. Adverte ainda que o ritmo não deve apenas ser usado no final da frase, mas sim que, presente ao longo do período, contribua para que este termine de uma forma natural (199 - 203).

O uso do ritmo, que irá contribuir para o cumprimento da função de *delectare*<sup>119</sup>, é cuidadosamente descrito nos capítulos 204 a 236. Afastando da sua análise o discurso

---

<sup>117</sup> NARDUCCI, Emanuele - Orator and the Definition of the Ideal Orator, p. 437.

<sup>118</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte - Ciceron ante la retorica : la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 81.

<sup>119</sup> GONZALEZ, Antonio Alberte (1987), Ciceron ante la retorica : la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron, p. 82.

epidíctico (207), género no qual lhe agradam os escritos de Isócrates e Teopompo, Cícero defende que nas causas civis e forenses, o ritmo não deve ser nem incessantemente procurado nem incessantemente repudiado (209). Apresentando vários exemplos de trechos de discursos de sua autoria ou da de outros oradores famosos, Cícero afirma que a *amplificatio*, própria da peroração, não deve ser mantida por muito tempo nas restantes partes do discurso (211) e que o ritmo deve ser uma constante em toda a frase e não apenas numa parte específica (212). Considerando que todos os ritmos são admissíveis na prosa (213 - 218), eles devem ser usados de forma a que não se perceba que a variedade daí resultante é propositada, mas sim uma consequência natural da linguagem (219). Daqui resulta uma harmonia que, por vezes, é proporcionada pelas próprias figuras de estilo (220) e, outras vezes, pela alternância entre *incisa* e *membra* (221 - 226). Embora muitos preceitos já tivessem sido estabelecidos sobre o ritmo, muitos oradores, ignorando os cuidados atrás enunciados (227 - 229), caem em três tipos de erros: a inserção de palavras supérfluas para completar um ritmo (230), a interrupção de uma frase para completar o ritmo (230) e a repetição dos mesmos ritmos que produz monotonia em vez de saciedade (231). A exposição segue com a enumeração de exemplos que mostram que a alteração das palavras numa frase pode afectar de forma decisiva a sua harmonia (232 - 236).



A *actio*, brevemente referida nos capítulos 54 a 60, é definida como uma eloquência do corpo, que consiste na voz e no gesto (55). A pronúncia de um discurso é, portanto, o momento em que ele é realizado através da voz e dos gestos que a acompanham. Cícero demonstra a importância da *actio* referindo que a eloquência não pode existir sem ela e que, por isso, o orador ideal deve adequá-la aos objetivos do seu discurso. Em relação à voz deve usar os seus três registros – baixo, intermédio e elevado – para transmitir aos seus ouvintes as emoções que lhes pretende despertar com o seu discurso (56 - 59). Também no gesto e na expressão do rosto o orador não se deverá revelar excessivo, mas sim adoptar uma postura e uma expressão adequadas ao assunto de que trata. Deve manter, portanto, uma postura direita, altiva e rígida (59). A expressão do rosto, moderada pelo olhar, deve fixar a medida da alegria e da tristeza dos assuntos tratados (60).

Da *memoria*, a parte do discurso que se destina à sua preservação, Cícero não trata por ser ela comum a muitas artes (54).

## 5. Aticismo e Asianismo

Por altura da composição do *Orator* já o gosto da juventude romana se voltara para uma corrente estilística que, nascida na Grécia, por volta do ano 200 a.C.<sup>120</sup>, criticava o excesso ensinado nas escolas de Retórica da Ásia Menor e preconizava um retorno ao estilo mais despojado que identificavam com os autores do período clássico.

Embora a primeira evidência da presença desta corrente em Roma possa ser encontrada em Dioniso de Halicarnasso, que aí se estabeleceu a partir do ano 30/29 a.C., o movimento aticista parece ter surgido por volta de 60 a.C., sob a influência de C. Licínio Calvo<sup>121</sup> e foi popularizado pelo apoio que recebeu junto dos poetas neotéricos. Considerando as relações de proximidade que a Roma de então estabelecera com os principais centros culturais da altura, são apontadas três vias possíveis pelas quais os neotéricos romanos podiam ter tido conhecimento desta orientação estilística. Essa adesão poderia ter acontecido no âmbito da reacção global do mundo grego contra o helenismo asiático e o seu estilo de oratória, através dos aticistas alexandrinos ou de uma mediação egípcia. Note-se que essas possibilidades não se excluem mutuamente, antes se

---

<sup>120</sup> “Norden, in his great *Kunstprosa* of 1898, held that Atticism rose shortly after 200 B.C. as a reaction against the then dominant bombastic style, and others have likewise favored a date in the 2nd century B.C. 67 Wilamowitz, in 1900, noted the absence of any evidence for such an early phase, and posited that Greeks working in Rome must have been at the basis of the movement around 60 B.C. On the basis of this hypothesis, attempts have even been made to pinpoint the Greek who influenced Calvus and his friends. For example, Dihle has argued that the grammarian Philoxenus was responsible for the Roman variant of Atticism (though not for the Greek variant), and recently O’Sullivan has made a case for the Atticist Caecilius of Caleacte—arguing that although Caecilius is known to have worked in Augustan times, the beginning of his activity could be dated to c. 60 B.C. To me, the evidence seems to point not to a Greek origin but to Calvus himself as the originator of Atticism as such, and in that case the movement must have been passed on to Greeks such as Dionysius and Caecilius through a Graeco-Roman intellectual network in Rome; but this stance is bound to remain controversial” (WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero’s Rhetorical Works*, p. 366).

<sup>121</sup> WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero’s Rhetorical Works*, p. 365.

complementam<sup>122</sup>. Porém, ainda a este respeito, não se pode esquecer que, nesta época, se assiste a uma renovação do interesse pelo classicismo, que se manifesta por um lado, por um regresso à retórica isocrática e peripatética e, por outro lado, pela reedição das obras de Aristóteles e Teofrasto<sup>123</sup>.

A discussão entre Cícero – que a esta polémica dedicou o *Brutus* e o *Orator* – e os seus oponentes não pertencia, portanto, somente às escolas de Retórica ou à teoria, mas acontecia entre os oradores que eram também os grandes intelectuais da época<sup>124</sup>. Os aticistas dividiam a história da Retórica em três períodos distintos: um primeiro, o dos oradores áticos, que idealizavam, um segundo, o período helenístico, que caracterizavam como degenerado e um terceiro, o presente, no qual se debatiam para restaurar os ideais do passado clássico<sup>125</sup>. Ao estilo degenerado, que rejeitavam, chamavam, não sem controvérsia, asiático, pois teria nascido na Ásia Menor. Esse asianismo seria um produto da cultura helenística, datável do século III a.C., que favorecia um discurso emocional e exagerado que compreendia uma *actio* muito rápida e rítmica, dependente de um vocabulário e estilo intensamente floridos e ornamentados<sup>126</sup>. A este estilo pertencia Hortênsio, o grande rival de Cícero no *Forum* e, segundo eles, o próprio Cícero.

Defendiam, pois, os aticistas um estilo oratório mais simples e elegante, modelado naquele que acreditavam ser o estilo dos oradores áticos dos séculos V e IV a.C.,

---

<sup>122</sup> BICKEL, Ernst - Historia de la Literatura Latina, pp. 219 - 220.

<sup>123</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût: essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, p. 70.

<sup>124</sup> WISSE, Jacob - The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works, p. 365.

<sup>125</sup> Note-se que esta recuperação dos ideais estéticos clássicos parece constituir um movimento mais geral que abrangia também as artes plásticas, uma vez que paralelamente, por volta de 150 a.C., alguns artistas, nomeadamente na escultura, começaram a defender a restauração de uma estética anterior a 300 a.C. (WISSE, Jacob - The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works, p. 367).

<sup>126</sup> GRANT, Michael - Cicero, pp. 52 - 53.

nomeadamente o estilo de Lísias (29), um orador ateniense de estilo especialmente austero<sup>127</sup>, de Tucídides (30 - 32) e de Xenofonte (32). Criticavam, pelo contrário, a arte formal de Isócrates e o período confuso de Demóstenes<sup>128</sup>. Essa busca da pureza original do aticismo justifica a sua rejeição do período e do ritmo oratório e opção por um minucioso trabalho de redacção<sup>129</sup>.

Obrigado a defender-se das críticas que lhe eram dirigidas por essa corrente de oradores mais jovens que o viam como excessivo e ultrapassado, Cícero redige o *Brutus* e, mais tarde, face às explicações adicionais que lhe pedia Bruto (2), o *Orator*. Logo no capítulo 23, Cícero associa o estilo ático a Demóstenes, o orador que prefere a todos os outros, afirmando que aqueles que desejam falar à maneira ática devem seguir o exemplo do orador ateniense “mais ático que a própria Atenas”, ainda que admita que muitos, entre os quais o próprio Ésquines, não o filiem nesse estilo (26). De acordo com Cícero, isto acontece porque esses críticos acreditam existir apenas um único estilo ático, o que resultaria inclusivamente na exclusão de Péricles do número de oradores áticos (29), quando, na verdade, existem muitos (28).

Nos capítulos 75 e 83, Cícero identifica o estilo ático com o estilo simples, pelo que se recordarmos aquilo que se dissera, no capítulo 20, acerca dos dois tipos de oradores simples, percebemos melhor o argumento da existência de vários tipos de aticismo. Distingue, posteriormente, após recordar que o recurso à mordacidade e ao humor era próprio do aticismo<sup>130</sup> (89), os estilos de Lísias e Hiperides, por um lado, Demades, por

---

<sup>127</sup> GRANT, Michael - Cicero, p. 53.

<sup>128</sup> BICKEL, Ernst - Historia de la Literatura Latina, pp. 218 - 219.

<sup>129</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût: essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, p. 69.

<sup>130</sup> HAURY, Auguste - L'ironie et l'humour chez Cicéron, p. 21.

outro, a todos sobrepondo, mais uma vez, Demóstenes (90). No que concerne à teoria do ritmo, Cícero aponta ainda erros tanto a asiáticos, que dele se servem excessiva e artificialmente (230 - 231), como a aticistas, que o negligenciam por completo (234 - 235)<sup>131</sup>.

Ainda que não se veja como um asianista, Cícero advoga um tipo de discurso que era recusado pelos aticistas. O orador ideal deve, segundo Cícero, deve persuadir os seus ouvintes sem esquecer o ornamento e a elegância do discurso<sup>132</sup>. Reside aqui a sua principal crítica ao aticismo, uma vez que este estilo é incapaz de inflamar as emoções dos seus ouvintes de uma maneira eficaz (132 - 133)<sup>133</sup>.

---

<sup>131</sup> CITRONI, Mario - *Literatura de Roma Antiga*, p. 290.

<sup>132</sup> JESUS, Carlos - *O Ritmo na Prosa*, p. 42.

<sup>133</sup> “It is interesting that Cicero, in representing the vigor of his own emotional eloquence, affirms that it issues from a real ardor that burns his own heart when he speaks before the public (...) This representation corresponds largely with the one that Antonius, another master of pathos and its very moving effects, had provided of himself in *De oratore* (2.189 ff.); and it is a representation intended to negate explicitly the possibility that the emotions of the orator might be effective through pure simulation. It is curious, nevertheless, that this is precisely the position Cicero assumes, on the contrary, in a problematic passage from the *Tusculans* (4.55)” (NARDUCCI, Emanuele - *Orator and the Definition of the Ideal Orator*, p. 435).

## 6. Anomalia e Analogia

De acordo com Salústio, o primeiro impulso para o estudo da filologia em Roma terá pertencido a Crates de Malos<sup>134</sup>, que aí fora enviado como embaixador do rei Átalo, por volta de 170 a.C., e onde permaneceu durante alguns meses, os quais ocupou ministrando aulas de interpretação de textos literários. Este célebre gramático, pertencente à Escola de Pérgamo estava no centro de uma polémica relacionada com a natureza da linguagem. Defendia esta Escola que a linguagem não era arbitrária nem convencional, mas que entre as palavras existiria uma relação natural. Nesse sentido, competia ao seu estudante reconstruir a forma e o seu significado original para alcançar um melhor conhecimento da realidade. Esse afastamento da linguagem em relação ao seu estado primitivo, impedia os adeptos da anomalia de aceitar a existência de uma regularidade gramatical e morfológica. Inversamente, defendiam que a língua devia evoluir de acordo com o uso e as necessidades e admitiam a diversidade de dialectos, de flexões e de significados. Aceitavam todas as irregularidades e quase uma anarquia no vocabulário, na morfologia, na sintaxe desde que fossem conformes à natureza<sup>135</sup>.

Pelo contrário, a Escola de Alexandria admitia que entre as coisas e as palavras utilizadas para as designar existia uma relação arbitrária, instituída por meio de uma convenção, pelo que a comunicação estava dependente do respeito por esse acordo: todos os falantes de uma língua empregavam as mesmas palavras para comunicar e as palavras obedecem a regras de flexão e de nexos gramaticais. Era essencial conhecer a lógica interna

---

<sup>134</sup> Crates de Malos (180 - 150 a. C.), cartógrafo, gramático e filósofo estóico. Foi ainda director da Biblioteca de Pérgamo.

<sup>135</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 71 - 72.

da língua, cuja componente racional adquiria um valor normativo. Os analogistas pretendiam introduzir na língua a ordem, a simetria, a harmonia e queriam que ela se guiasse pela lógica<sup>136</sup>.

Um dos filólogos mais importantes deste período inicial foi Lúcio Élio Estilão Preconino, um dos mestres de Cícero. A ele se deveu uma tentativa de conciliação entre as posições divergentes, que, contudo, não impediu que esta controvérsia granjeasse um importante lugar no debate sobre a Retórica, dividindo gramáticos e autores.

Os dois principais defensores da analogia em Roma terão sido César<sup>137</sup> que, no tratado *De analogia*, dedicado a Cícero, defendia a sua adesão a esta Escola, e Varrão<sup>138</sup>, que se esforçou em estabelecer um compromisso entre *ratio* e *consuetudo* como forma de regularizar o uso da linguagem. Preocupações estilísticas juntaram-se a estas questões gramaticais e foi esse desejo de purismo que fez formar, em torno de César, um círculo de autores, que incluía Catulo, Pórcio Lícino, Calvo, Messala, Bruto e Agripa que entendiam a *urbanitas* como a medida da boa linguagem<sup>139</sup>.

Por seu lado, se Cícero tomou posição a favor da anomalia<sup>140</sup>, no *Orator* adopta uma posição de compromisso<sup>141</sup>. Nos capítulos 152 a 162, Cícero apresenta vários

---

<sup>136</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 71 - 72.

<sup>137</sup> Gaio Júlio César (100 - 44 a.C), o célebre conquistador da Gália.

<sup>138</sup> Marco Terêncio Varrão (116 - 27 a.C.), filósofo e antiquário romano de expressão latina. Avultam entre as suas obras o *De re rustica* e o *De lingua Latina*.

<sup>139</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, p. 72.

<sup>140</sup> DESMOULIEZ, André - Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République, pp. 71 - 72.

<sup>141</sup> "It has become clear, however, that even if there was such a polemic between analogy and anomaly at all (which some scholars deny), its importance was very restricted. Caesar's *De analogia*, for instance, almost certainly derived its title from its broad subject matter, not from a strong 'analogistic' stance on

exemplos em que o uso da língua, nos discursos quotidianos e nos versos dos poetas, difere da norma linguística. É a medida do ouvido que, em latim, justifica as anomalias aí referidas.

Em primeiro lugar, a proibição do recurso ao hiato (152), admissível em grego (151). Do hiato já Cícero falara anteriormente para dizer que o orador do estilo simples deve evitar juntar palavras a palavras, ainda que o hiato resultante do encontro das vogais revele um agradável descuido por parte do orador, que deve preocupar-se mais com os seus argumentos do que com a beleza das suas palavras (77). Porém, agora, o assunto é retomado para se esclarecer que tal é a influência da medida do ouvido na língua latina que nenhum orador deve evitar a união das vogais (150), como fizeram Teopompo e Isócrates, mas não Tucídides e Platão (151). Em latim, segundo Cícero, essa impossibilidade de separação das vogais decorre da própria língua (152), devendo ser afastado o hiato que não pode ser adoçado pela elisão. Este é admissível pelos poetas mediante as necessidades da versificação (152)<sup>142</sup>.

De seguida, Cícero fala da tendência de anulação do “s” final que se localizasse depois de uma vogal breve, como são é o caso dos exemplos apresentados no capítulo 153, e antes de uma palavra iniciada por consoante, como são os casos enumerados no capítulo 161. Esta tendência, que se vinha impondo desde o latim pré-clássico<sup>143</sup>, parecia agora perfeitamente instalada na língua e encontrava-se devidamente atestada na poesia

---

Caesar's part; he took a moderate middle position, as Cicero later did in *Orator* (152 - 162) (WISSE, Jacob - *The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works*, p. 353).

<sup>142</sup> MAROUZEAU, J. - *Traité de Stylistique Latine*, p. 38.

<sup>143</sup> NIEDERMANN, Max - *Précis de Phonétique Historique du Latin*, pp. 94.



(161). Porém, dele fugiam os poetas novos (161) que não tardaram a repor o “s” final no latim literário<sup>144</sup>.

O capítulo 153 menciona ainda outros dois fenómenos. O primeiro é o da alteração, em alguns casos, da consoante inicial “d” para “b” e o segundo, o do desaparecimento da consoante dupla “x” de uma palavra como “aala” que Cícero considera uma contracção de “axila”.

Nos capítulos 154 e 157, apresentam-se vários exemplos de contracção de palavras: Cícero manifesta claramente a sua preferência por formas sincopadas, embora alegue que é admissível o uso quer das formas completas quer das formas abreviadas. Segue-se a crítica das formas arcaicas de genitivo afastadas pelos analogistas (155 - 156), que se mantinham como uma característica sobretudo das fórmulas religiosas<sup>145</sup>. Cícero afirma usar tanto as formas arcaicas como as aceites pela norma, conforme considera adequadas umas ou outras (156).

Os capítulos 158 e 159 tratam das preposições. Cícero aprova a transformação das preposições “af”, que contém uma letra que, no seu entender, é muitíssimo desagradável (163), “in”, “ex”, “re” e “sub” (159). Considerações adicionais são feitas acerca de fenómenos de apofonia ocorridos em palavras compostas com as preposições “in” e “cum” e do alongamento ou encurtamento consoante ou não as palavras se iniciem pelas consoantes “s” e “f”.

O capítulo 160 é reservado à discussão da aspiração: apesar de saber que os antigos usavam a aspiração apenas na vogal, Cícero usá-la-ia esporadicamente. A omissão do “h” na ortografia seria vista, na época clássica, como sinal de uma instrução

---

<sup>144</sup> NIEDERMANN, Max - Précis de Phonétique Historique du Latin, pp. 97.

<sup>145</sup> MAROUZEAU, J. - Traité de Stylistique Latine, p. 124.

literária pobre<sup>146</sup>, embora Cícero defenda que a inconsistência da sua utilização é permitida pelo juízo dos ouvidos.

Para concluir o seu raciocínio, Cícero declara que o orador deve escolher as palavras que soem bem a partir da linguagem quotidiana (163), motivo pelo qual deve evitar os helenismos (164).

---

<sup>146</sup> NIEDERMANN, Max - *Précis de Phonétique Historique du Latin*, pp. 99 - 100.

## 7. Dificuldades Terminológicas e Cunhagem de Novos Termos

A adopção de uma posição de compromisso na polémica que dividia anomalistas e analogistas não impediu que, no *Orator*, Cícero recorresse com maior frequência que em outros dos seus tratados sobre teoria da Retórica a um vocabulário acentuadamente técnico, sobretudo no que respeita à teoria do ritmo. Neste sentido, o *Orator* está mais próximo dos tratados filosóficos, nos quais é visível o contributo de Cícero para dotar a língua latina de um vocabulário capaz de reproduzir as ideias defendidas pelas diferentes escolas de pensamento do mundo helénico.

Ciente da insuficiência da língua latina para a expressão de conceitos abstractos<sup>147</sup> e do reduzido número de termos retóricos em latim, Cícero empenha-se quer na descoberta de vocábulos latinos quer na criação de novas palavras apropriadas para a tradução dos termos técnicos gregos<sup>148</sup>. O cuidado que demonstra nessa tarefa é o resultado da evolução da própria língua que, se inicialmente era uma língua de camponeses, evoluíra já para uma língua de juristas, profundamente caracterizada pelo rigor do vocabulário, o que implica que uma palavra precisa e minuciosa designe um determinado objecto ou fixe o significado mais estrito de uma noção. A consequência natural deste rigor é uma certa obsessão com a distinção de significados, que frequentemente resulta na acumulação de sinónimos e de enumerações<sup>149</sup>.

---

<sup>147</sup> Alguns autores consideram que essa revelação ocorre em meados do século II a.C., altura em que a língua começa a transformar-se por forma a garantir essa habilidade (DESMOULIEZ, André - *Cicéron et son goût: essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République*, p. 46).

<sup>148</sup> ALBRECHT, Michael von - *Cicero's style: a synopsis*, p. 47.

<sup>149</sup> A esse rigor de vocabulário corresponde uma rigidez de expressão, preferindo o génio romano os axiomas, os clichés e as formas proverbiais, o paralelismo, a acumulação e a aliteração (DESMOULIEZ, André, *Cicéron et son goût: essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République*, pp. 15 - 16).

Exemplo flagrante é o da noção *περίοδος*, introduzida no capítulo 204. Em momentos anteriores, Cícero havia utilizado diferentes palavras latinas, nomeadamente *ambitus* (38, 168, 199), *circuitus* (78, 167), *comprehensio* (149, 198, 199), *continuatio* (85, 203), para transmitir o mesmo conceito, expediente que assegurava a variedade semântica do texto. No entanto, a propósito da exposição da teoria do ritmo, parece existir a necessidade de ligar esses termos – aos quais acrescenta agora *circumscriptio* – ao equivalente grego, por forma a precisar o seu significado junto dos leitores.

O mesmo acontece com o neologismo *decorum*, a derradeira e bem-sucedida tentativa de tradução da noção estilística de *πρέπον*. O conceito ganha, contudo, um novo fôlego na formulação que lhe é conferida por Cícero. Nos capítulos 70 e 82, o *decorum* não é definido somente como uma noção retórica, mas também e, sobretudo, como um princípio basilar da vida e do discurso, pelo que o seu conhecimento diz respeito a poetas, filósofos e oradores<sup>150</sup>.

Cícero pôde, neste tratado, contribuir decisivamente para a uniformização do campo semântico aplicável à Retórica, ainda que subsistam, por vezes, algumas incongruências normalmente resolvidas pela associação do termo grego correspondente, como sucede no capítulo 128, a respeito da descrição dos três meios aristotélicos de persuasão (*ethos*, *pathos* e *logos*) e capítulo 204, para explicitação do conceito de período. A tabela terminológica que se segue pretende ilustrar essa contribuição.

---

<sup>150</sup> GUÉRIN, Charles – Philosophical Decorum and the Literarization of Rhetoric in Cicero's Orator, p 125.

<i>actio</i>		54, 86, 209	acção
<i>agere</i>	<i>in agendo, agendi; in agendis</i>	55, 56, 143	acção (na, da acção)
<i>ambitus</i>		38, 168, 199, 204, 208, 212, 213, 221, 222	período
<i>cadentia</i>		84	que caem (cadência)
<i>cadere</i>		38, 67, 84, 95, 149, 168, 177, 213, 215, 222, 223, 229	cair (soar),
<i>circuitus</i>		78, 187, 204	período
<i>circumscriptio</i>		204, 208	período
<i>clausula</i>		213, 215, 216	cláusula
<i>collocatio</i>		83, 134, 175, 201, 219, 232, 234	disposição, colocação das palavras
<i>commouere</i>		55, 177	comover, agitar, perturbar os espíritos
<i>comprehensio</i>		149, 198, 199, 204, 208, 212, 221, 223, 224, 225	período
<i>conciliare</i>		122, 128, 163	cativar os ouvintes, a benevolência, os ouvidos,
<i>concinntitas</i>		38, 81, 83, 84, 149, 164, 165, 167, 201, 202, 219, 220	harmonia
<i>coniectura</i>		126	conjectura
<i>controuersia</i>		34, 45, 120, 126	discurso judicial, litígio, controvérsia
<i>decet</i>		70, 71, 73, 74, 78, 79, 82, 94, 104, 123, 132, 199, 205, 206, 212, 228	o que convém, o que é adequado
<i>decorum</i>		70, 82	adequação
<i>delectare</i>		36, 53, 65, 69, 78, 94, 134, 147, 167, 169, 195, 234	deleitar, agradar
<i>docere</i>		20, 24, 40, 63, 82, 112, 114, 116, 123, 124, 142, 144, 145, 147, 165, 180, 183	ensinar
<i>doctor</i>		117	professor

<i>eloquentia</i>		<i>passim</i>	eloquência
<i>eloquens</i>		14, 18, 19, 61, 69, 72, 100, 101, 105, 106, 117, 123, 236	eloquente, orador eloquente
<i>flexere</i>		69, 125	comover, agitar os ânimos
<i>forma</i>			
	<i>forma</i>	9, 10, 19, 133, 231	forma ideal
	<i>forma</i>	36, 43, 134	tipo de discurso
	<i>forma</i>	90	retrato do orador
	<i>forma</i>	37, 74, 92, 101, 211	estilo do discurso
	<i>forma</i>	116	espécie
	<i>forma</i>	149, 181, 206, 220	morfologia
<i>genus</i>			
	<i>genus (genera, genere, generis)</i>	5, 8, 10, 16, 20, 22, 25, 28, 30, 36, 37, 40, 45, 46, 64, 66, 72, 75, 87, 91, 94, 99, 102, 103, 106, 109, 112, 121, 126, 129, 134, 139, 157, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 188, 205, 206, 207, 208, 209, 222, 226, 229, 230, 235	gênero, tipo, estilo
	<i>genus eloquentiae; genera dicendi;</i>	3; 20, 52, 53, 69, 82, 98, 104, 119, 223, 225,	estilo de discurso
	<i>genus orationis</i>	37, 41, 46, 52, 53, 54, 71, 77, 87, 95, 96, 106, 116, 117,	
	<i>atticum</i>	29	estilo ático
	<i>genus tenuis</i>	29	estilo simples
	<i>genere epidictico</i>	46	gênero epidíctico
	<i>genus causarum</i>	110, 122	gênero, tipo de causas
	<i>genera uerborum</i>	115, 164, 181	classes de palavras
	<i>genere numerorum</i>	188, 232	tipos de ritmo

<i>grandiloquus</i>		20	orador
<i>humilis</i>		76, 82, 91, 100, 192, 196	grandiloquente estilo, orador simples, humilde
<i>indecorum</i>		72, 82, 88	inconveniente, inadequado
<i>indisertus</i>		76	pouco eloquente
<i>infans</i>		56, 76, 131	incapazes de falar em público
<i>inuentio</i>		52	invenção
<i>Locus</i>			
	<i>locus</i>	4, 43, 54, 71, 88, 109, 122, 127, 133, 143, 155, 163, 179, 200, 20, 203, 206, 209, 210, 218, 225	lugar, ocasião
	<i>locus, loci</i>	44, 46, 47, 48, 51, 72, 73, 111, 118, 122, 136, 162, 174, 211	tópicos, assunto
	<i>loci communes</i>	47, 95, 126, 55, 111, 134, 140, 172, 173, 232, 236	lugares-comuns mover, perturbar, agitar os ânimos
<i>mouere</i>			
<i>numerosus</i>	<i>numerosus</i>	164, 166, 168, 174, 180, 181, 188, 195, 196, 198, 202, 204, 205, 210, 219, 220, 222, 226	Harmonioso, rítmico
	<i>numerosa</i>	149, 175, 199, 210, 215, 219-215	com harmonia, de forma harmoniosa
<i>numerus</i>		37, 40, 59, 64, 66, 67, 77, 162, 163, 165-168, 170, 172, 173, 174-234	ritmo
<i>oratio</i>		<i>passim</i>	discurso
	<i>oratio numerosa</i>	166, 168, 174, 180, 181, 195, 196, 198, 205, 219, 220, 226	prosa rítmica
	<i>oratio soluta</i>	64, 174, 183, 184, 190, 192, 215, 228, 234	prosa, prosa livre
<i>orator</i>		<i>passim</i>	orador

<i>ornamentum</i>		17, 21, 80-83, 86, 92, 136, 201, 232, 234	ornamento, ornato
<i>ornatus</i>	<i>ornatus</i>	78, 80, 81, 97, 125, 134	ornamento, ornato
	<i>ornatus</i>	13, 20, 36, 68, 79, 97	ornamentado
	<i>ornate</i>	22, 29, 39, 46, 62, 66, 142, 210, 228	de forma ornamentada
<i>perfectus</i>		9, 20, 55, 61, 168, 169, 178, 207	ideal, o orador ideal
<i>placare</i>		34, 63, 65	apaziguar, aplacar
<i>sententia</i>		<i>passim</i>	frase
<i>sermo</i>		12, 23, 32, 33, 64, 67, 79, 81, 109, 124, 138, 146, 151, 153, 158, 179, 184, 186, 192, 195, 196	linguagem quotidiana
<i>sonum</i>		38, 55, 57, 59, 163, 173	som, tom
<i>species</i>		2, 9, 10, 16, 18, 33, 43, 61, 101, 114, 117, 136, 198, 206, 234	espécie, tipo
<i>summissus</i>		56, 76, 82, 90, 91, 99	orador, estilo simples
<i>temperatus</i>		21, 33, 53, 95, 98, 102, 191, 196	orador, estilo moderado, intermédio
<i>uox</i>		27, 55-60, 62, 68, 85, 149-152, 162, 173, 177, 181, 182	voz, som



### **Parte III - Tradução**

## ORATOR AD M. BRVTVM

I. (1) Utrum difficilius aut maius esset, negare tibi saepius idem roganti an efficere id quod rogares, diu multumque, Brute, dubitavi. nam et negare ei, quem unice diligerem cuique me carissimum esse sentirem, praesertim et iusta petenti et praeclara cupienti, durum admodum mihi videbatur, et suscipere tantam rem, quantam non modo facultate consequi difficile esset sed etiam cogitatione complecti, vix arbitrabar esse eius qui vereretur reprehensionem doctorum atque prudentium.

(2) quid enim est maius quam, cum tanta sit inter oratores bonos dissimilitudo, iudicare quae sit optima species et quasi figura dicendi? quod quoniam me saepius rogas, aggrediar non tam perficiundi spe quam experiundi voluntate; malo enim, cum studio tuo sim obsecutus, desiderari a te prudentiam meam quam, si id non fecerim, benevolentiam.

(3) quaeris igitur, idque iam saepius, quod eloquentiae genus probem maxime et quale mihi videatur illud, quo nihil addi possit, quod ego summum et perfectissimum iudicem. in quo vereor, ne, si id quod vis effecero eumque oratorem quem quaeris expressero, tardem studia multorum, qui desperatione debilitati experiri id nolent quod se assequi posse diffidant.

O Orador,

dedicado a M. Bruto

I. (1) Durante muito tempo, Bruto<sup>1</sup>, hesitei sobre se seria mais difícil recusar ou melhor fazer aquilo que me pedias. Na verdade, recusar um pedido a ti – que eu estimo excepcionalmente e reconheço seres-me caríssimo, sobretudo sendo justo o pedido e admirável o desejo – pareceu-me bastante desagradável. Por outro lado, era-me difícil acreditar, por temer a crítica dos sábios e dos sensatos, ser eu aquele que seria capaz de empreender tarefa tão ponderosa que não só é difícil de levar a cabo com a minha capacidade, mas também de abarcar pela minha reflexão. (2) Com efeito, que há de maior do que declarar, visto que é tanta a tamanha diferença entre os bons oradores, quais os melhores tipo e forma do discurso? Porém, como mo pedes com insistência, empreendo esta tarefa, não tanto na esperança de a levar a bom termo, quanto na vontade de a experimentar. Prefiro, sem dúvida, instado pela tua amizade, que sintas a minha falta de prudência do que, se isto não fizer, da minha boa-vontade.

(3) Perguntas, então, e isto já muitas vezes, que estilo de discurso eu considero o melhor e qual me parece ser aquele ao qual nada se possa acrescentar, aquele que eu julgue ser o mais elevado e perfeito. Nisto, receio que, se executar aquilo que desejas e descrever esse tipo de orador como pedes, desencoraje o esforço de muitos que,

---

<sup>1</sup> Marco Júnio Bruto (85 - 42 a.C.), amigo de Cícero e ilustre defensor do aticismo, celebrou-se pela sua participação no assassinato de Júlio César, em 44 a.C.

enfraquecidos pela impossibilidade de o fazer, não queiram sequer tentar esse ideal, que pensam ser incapazes de conseguir alcançar.

(4) sed par est omnis omnia experiri, qui res magnas et magnopere expetendas concupiverunt. quodsi quem aut natura [sua aut] illa praestantis ingeni vis forte deficiet aut <si> minus instructus erit magnarum artium disciplinis, teneat tamen eum cursum quem poterit: prima enim sequentem honestum est in secundis tertiisque consistere. an in poetis non Homero soli locus est, ut de Graecis loquar, aut Archilocho aut Sophocli aut Pindaro, sed horum vel secundis vel etiam infra secundos.

(5) nec vero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia ceterorum studia restinxit.

(4) Mas é conveniente que todos aqueles que vivamente ambicionem as grandes tarefas dignas de grandes esforços experimentem todos os caminhos. Mesmo se acaso a algum falte a força necessária a um estilo superior ou se for menos instruído nas disciplinas das artes liberais, que alcance o que lhe for possível. Na verdade, quando se persegue o primeiro lugar, não é desprestigiante ficar no segundo ou no terceiro: na poesia, e para só falar dos Gregos, não há apenas lugar para Homero<sup>2</sup>, Arquíloco<sup>3</sup>, Sófocles<sup>4</sup> e Píndaro<sup>5</sup>, mas também para aqueles que os secundam e secundam estes últimos;

(5) e, na filosofia, nem a grandeza de Platão<sup>6</sup> fez Aristóteles<sup>7</sup> desistir de escrever, nem esse mesmo Aristóteles, apesar dos seus conhecimentos admiráveis e abundantes, reprimiu o estudo dos restantes.

---

<sup>2</sup> Homero, poeta épico, autor da *Iliada* e da *Odisseia*.

<sup>3</sup> Arquíloco de Paros (século VII a.C.), um dos primeiros e mais notáveis representantes da poesia lírica grega.

<sup>4</sup> Sófocles (497/496 - 406/405 a.C.) foi um dos mais importantes tragediógrafos atenienses, ao lado de Ésquilo e Eurípides. Sete das suas obras sobrevivem de forma completa: *Ajax*, *Antígona*, *As Traquínias*, *Édipo Rei*, *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*.

<sup>5</sup> Píndaro (522 - 443 a.C.), poeta grego, autor dos *Epinícios* ou *Odes Triunfais*.

<sup>6</sup> Platão (429 - 346 a.C.), filósofo e matemático ateniense, fundador da Academia.

<sup>7</sup> Aristóteles (384 - 322 a.C.), filósofo grego, foi aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande (356 - 323 a.C.). Os seus escritos abrangem diversos temas, nomeadamente a física, a metafísica, as leis da poesia e da tragédia, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Ao lado de Platão e de Sócrates, é considerado um dos fundadores da filosofia ocidental, tendo estabelecido, em 335 a.C., em Atenas, o seu Liceu.

II. Nec solum ab optimis studiis excellentes viri deterriti non sunt, sed ne opifices quidem se <ab> artibus suis removerunt, qui aut Ialysi, quem Rhodi vidimus, non potuerunt aut Coae Veneris pulchritudinem imitari; nec simulacro Iovis Olympii aut doryphori statua deterriti reliqui minus experti sunt, quid efficere aut quo progredi possent. quorum tanta multitudo fuit, tanta in suo cuiusque genere laus, ut, cum summa miraremur, inferiora tamen probaremus.

(6) in oratoribus vero, Graecis quidem, admirabile est quantum inter omnis unus excellat; ac tamen, cum esset Demosthenes, multi oratores magni et clari fuerunt et antea fuerant nec postea defecerunt. quare non est cur eorum, qui se studio eloquentiae dediderunt, spes infringatur aut languescat industria : nam neque illud ipsum quod est optimum desperandum est et in *praestantibus* rebus magna sunt ea quae sunt optimis proxima.

II. Não só os excelentes homens não são desviados dos estudos liberais, como também os artistas não se afastam da sua arte por não conseguirem reproduzir a beleza de Íaliso<sup>8</sup>, que vimos em Rodes<sup>9</sup>, ou a da Vénus de Cós<sup>10</sup>. Nem pela estátua de Júpiter Olímpio<sup>11</sup> ou pela estátua de Doríforo<sup>12</sup> são afastados os restantes escultores menos capazes de fazer algo e de evoluir. Destes, tão grande foi o número e tão grande foi o mérito de cada um no seu género que, embora admiremos as obras-primas, apreciamos também as de inferior qualidade.

(6) Ora, no que respeita aos oradores, é admirável quanto um se distinguiu entre todos os Gregos e, todavia, durante a vida de Demóstenes<sup>13</sup> e também antes e depois dele, existiram muitos oradores grandes e ilustres. Que razão há para aqueles que se dedicaram ao estudo da eloquência enfraquecerem a esperança e abandonarem o trabalho? Na verdade, não deve ser desprezado aquilo que é o ideal, mas, nas coisas excelentes, são boas aquelas que estão mais próximas do ideal.

---

<sup>8</sup> Trata-se da obra-prima de Protógenes, célebre pintor da escola jónica. A obra de que fala Cícero representava o herói epónimo da cidade de Íaliso, situada na ilha de Rodes, e foi posteriormente colocada no Templo da Paz, em Roma (Plínio, *Naturalis Historia*, 35).

<sup>9</sup> Alusão às duas visitas que Cícero fez, em 78 a.C. e 50 a.C., à ilha de Rodes.

<sup>10</sup> Obra-prima de outro representante da escola jónica, Apeles (352 - 308 a.C.). A obra aqui referida representava a deusa surgindo do mar e foi transportada, por ordem de Augusto, do Templo de Vénus, em Cós, para Roma.

<sup>11</sup> Obra-prima de Fídias (ca. 490 - 431 a.C.), completada por volta de 430 a.C. e considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo. Foi colocada no Templo de Zeus, em Olímpia, e estima-se que tivesse aproximadamente doze metros de altura. Representava o deus, que trazia na cabeça uma coroa de louro, sentado num trono decorado com incrustações de ouro, marfim, ébano e pedras preciosas, baixos-relevos e imagens pintadas; na mão direita, uma imagem de *Nike*, coroada e com um ramo nas mãos; na mão esquerda um ceptro feito de vários metais, em cuja extremidade havia uma águia. Sobre o seu manto de ouro foram pintadas várias figuras de animais e flores, especialmente lírios.

<sup>12</sup> Obra-prima da escultura do século V a.C., da autoria de Policeto (ca. 452 - ca. 412 a.C.), ilustre mestre da escola argiva. Nesta estátua usou Policeto o sistema de proporções para representação do corpo humano que havia defendido no seu tratado *Cânone*.

<sup>13</sup> Demóstenes (384 - 322 a.C.), orador e político ateniense, que se notabilizou no género deliberativo. Especialmente famosos são os discursos, conhecidos por *Filípicas*, que escreveu contra Filipe II da Macedónia.

(7) atque ego in summo oratore fingendo talem informabo qualis fortasse nemo fuit. non enim quaero quis fuerit, sed quid sit illud quo nihil esse possit praestantius, quod in perpetuitate dicendi non saepe atque haud scio an <n>unquam, in aliqua autem parte eluceat aliquando, idem apud alios densius apud alios fortasse rarius.

(8) sed ego sic statuo, nihil esse in ullo genere tam pulchrum, quo non pulchrius id sit unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimatur; quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur. Itaque et Phidiae simulacris, quibus nihil in illo genere perfectius videmus, et iis picturis quas nominavi, cogitare tamen possumus pulchriora.

(9) nec vero ille artifex, cum faceret Iovis formam aut Minervae, contemplabatur aliquem e quo similitudinem duceret, sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam, quam intuens in eaque defixus ad illius similitudinem artem et manum dirigebat.



(7) E eu descreverei como deve ser modelado o orador perfeito, algo que talvez ainda ninguém tenha sido. Na verdade, não pergunto quem tenha sido esse orador, mas sim em que consiste aquele estilo que, em nada podendo ser excedido, raramente ou mesmo nunca aparece em toda a duração de um discurso, mas que, algumas vezes, em algum lugar, brilha mais intensamente entre uns e com menos fulgor entre outros.

(8) Nada tão belo existe em nenhum gênero que seja mais belo do que aquilo que se exprime por palavras: tal como uma máscara é uma cópia do rosto<sup>14</sup>, este ideal não pode ser percebido pelo olhar, pelo ouvido ou por algum outro sentido, mas somente apreendido pelo pensamento e pela razão. Assim também podemos imaginar coisas mais belas do que as estátuas de Fídias, em relação às quais nada de mais belo observamos no seu gênero e, de igual modo, em relação às pinturas que mencionei<sup>15</sup>.

(9) Nem este escultor<sup>16</sup>, ao delinear a estátua de Júpiter<sup>17</sup> ou de Minerva<sup>18</sup>, observou uma pessoa a partir da qual traçou a semelhança, mas tinha no seu espírito um certo tipo ideal de beleza que contemplava e no qual fixava o olhar e conduzia o seu talento e a sua mão em direção a esse ideal para produzir a semelhança da divindade.

---

<sup>14</sup> Pouco depois de falecer uma pessoa, fazia-se uma máscara que a representaria colocando cera sobre o seu rosto. Essa máscara, preservada pela família, era exibida em cerimônias solenes e servia de modelo a futuras representações do falecido.

<sup>15</sup> O Iáliso de Protógenes e a Vénus de Cós de Apeles.

<sup>16</sup> Fídias.

<sup>17</sup> A estátua de Júpiter Olímpio.

<sup>18</sup> Referência a outra estátua de Fídias, a estátua de Atena *Partenos*, a principal do templo de Atena, na Acrópole. Segundo Pausânias (*A Descrição da Grécia*, 1.24.5 - 7), a deusa estava representada de pé, segurando, numa mão, a imagem da deusa *Nike* e, na outra, uma lança, ao lado da qual, junto ao chão, estava um escudo e uma serpente, que representaria Ericciónio, o primeiro rei mítico de Atenas. Tinha um elmo ricamente decorado, coroado por uma esfinge ladeada de grifos em relevo. A túnica chegava-lhe aos pés e sobre o peito repousava a égide com a face da Medusa, em marfim. No pedestal, um relevo narrava a história do nascimento de Pandora, cercada de deusas. Estima-se que tivesse cerca de doze metros de altura.

III. Ut igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad cogitatam speciem imitando referuntur ea quae sub oculos ipsa non cadunt, sic perfectae eloquentiae speciem animo videmus, effigiem auribus quaerimus.

(10) has rerum formas appellat ἰδέας ille non intellegendi solum sed etiam dicendi gravissimus auctor et magister Plato, easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intelligentia contineri, cetera nasci occidere, fluere labi nec diutius esse uno et eodem statu. quicquid est igitur, de quo ratione et via disputetur, id est ad ultimam sui generis formam speciemque redigendum.

(11) ac video hanc primam ingressionem meam non ex oratori<i>s</i> disputationibus ductam, sed e media philosophia repetitam, et ea[m] quidem cum antiqua[m] tum subobscura[m] aut reprehensionis aliquid aut certe admirationis habituram. nam aut mirabuntur quid haec pertineant ad ea quae quaerimus—quibus satisfaciet res ipsa cognita, ut non sine causa alte repetita videatur—aut reprehendent quod inusitatas vias indagemus, tritas relinquamus.

III. Tal como na escultura e na pintura há um ideal perfeito e excelente<sup>19</sup>, um ideal pensado que se refere a coisas que não estão sob os nossos olhos, assim concebemos, no nosso espírito, a forma da eloquência perfeita, mas, com os nossos ouvidos, apenas encontramos a sua cópia.

(10) A estas formas das coisas, Platão aquele importantíssimo autor e mestre, não só do pensamento mas também do discurso, chama *idéas*, que negou serem geradas e mostrou existirem para sempre na razão e no pensamento, enquanto as outras coisas nascem, morrem, mudam, falham e não permanecem num único e mesmo estado durante muito tempo<sup>20</sup>. Portanto, tudo o que se examine através de um plano metódico, deve ser reduzido à sua derradeira forma e ao tipo do seu género.

(11) Dou-me conta que esta minha primeira ingressão não é guiada por discussões oratórias, mas tomada a partir do seio de uma filosofia não só antiga como obscura, o que provocará algumas censuras e, também, certamente, alguma admiração. Na verdade, ou estranham que estas considerações digam respeito a estas coisas que investigamos – e a estas (dúvidas) responderão os meus argumentos uma vez conhecidos, de forma que não pareça tomado remotamente sem motivo – ou censuram que percorramos caminhos inusitados e abandonemos os já bem conhecidos.

---

<sup>19</sup> Referência à teoria das ideias de Platão.

<sup>20</sup> De acordo com Platão, enquanto o mundo material é mutável, conhecido através das sensações, é uma imitação da realidade, as formas ou ideias – abstractas, não materiais (mas substanciais), eternas e imutáveis – constituem o mundo real. Este mundo real pode ser apreendido através do método dialéctico.

(12) ego autem et me saepe nova videri dicere intellego, cum pervetera dicam sed inaudita plerisque, et fateor me oratorem, si modo sim aut etiam quicumque sum, non ex rhetorum officinis, sed ex Academiae spatiis extitisse; illa enim sunt curricula multiplicium variorumque sermonum, in quibus Platonis primum sunt impressa vestigia. sed et huius et aliorum philosophorum disputationibus et exagitatus maxume orator est et adiutus – omnis enim ubertas et quasi silva dicendi ducta ab illis est – nec satis tamen instructa ad forenses causas, quas, ut illi ipsi dicere solebant, agrestioribus Musis reliquerunt.

(13) sic eloquentia haec forensis, sprete a philosophis et repudiata, multis illa quidem adiumentis magnisque caruit, sed tamen ornata verbis atque sententiis iactationem habuit in populo nec paucorum iudicium reprehensionemque pertimuit: ita et doctis eloquentia popularis et disertis elegans doctrina defuit.

IV. (14) Positum sit igitur in primis, quod post magis intellegatur, sine philosophia non posse effici quem quaerimus eloquentem, non ut in ea tamen omnia sint sed ut sic adiuvet ut palaestra histrionem (parva enim magnis saepe rectissime conferuntur). nam nec latius atque copiosius de magnis variisque rebus sine philosophia potest quisquam dicere,

(12) Eu, contudo, apercebo-me que muitas vezes não só pareço dizer coisas novas quando, na verdade, digo coisas muito antigas mas desconhecidas para a maior parte dos ouvintes, mas também confesso ser orador – se o sou e na medida em que o seja – não a partir das escolas de Retórica, mas dos grandes espaços da Academia<sup>21</sup>.

Foi neste campo de debates múltiplos e variados que Platão primeiro imprimiu os seus passos. Mas através das discussões deste e de outros filósofos – na verdade, toda a abundância, como que uma floresta, de discursos deriva deles -, o orador é largamente ajudado ou prejudicado, mas, todavia, insuficientemente instruído para as causas forenses que, como eles próprios costumam dizer, abandonaram a Musas mais agrestes.

(13) Assim, esta eloquência forense, desdenhada e repudiada pelos filósofos, carece de muitos e importantes auxílios, mas, em todo o caso, ornamentada pelas palavras e pelos pensamentos conheceu fama junto do povo e não receou o juízo e a crítica de uns poucos. Desta forma, aos filósofos falta a eloquência popular e o orador não possui o refinamento dos sábios.

IV. (14) Presumimos, portanto, em primeiro lugar, aquilo que mais tarde será melhor explicado<sup>22</sup>: sem filosofia não se pode preparar o eloquente que procuramos, pois, ainda que nela não estejam todas as coisas, contudo ela ajuda o orador como o exercício físico ajuda o actor (pois frequentemente as coisas pequenas se comparam com precisão às coisas grandes). Com efeito, sem a filosofia, ninguém pode falar copiosa e abundantemente sobre importantes e variados assuntos.

---

<sup>21</sup> A Academia estava situada nos jardins consagrados ao herói ateniense Academo.

<sup>22</sup> Cf. 113 - 119.

(15) siquidem etiam in Phaedro Platonis hoc Periclem praestitisse ceteris <iu>dicat oratoribus Socrates, quod is Anaxagorae physici fuerit auditor. a quo censet eum, cum alia praeclara quaedam et magnifica didicisse t<um> uberem et fecundum f<actum> esse gnarumque, quod est eloquentiae maximum, quibus orationis modis quaeque animorum partes pellerentur. Quod idem de Demosthene existimari potest, cuius ex epistulis intellegi licet quam frequens fuerit Platonis auditor.

(16) nec vero sine philosophorum disciplina genus et speciem cuiusque rei cernere neque eam definiendo explicare nec tribuere in partes possumus nec iudicare quae vera quae falsa sint neque cernere consequentia, repugnantia videre, ambigua distinguere. quid dicam de natura rerum, cuius cognitio magnam orationi suppeditat copiam? <et credat quispiam> de vita de officiis de virtute de moribus sine multa earum ipsarum rerum disciplina aut dici aut intellegi posse?

(15) É, por isso, que no Fedro<sup>23</sup> de Platão, Sócrates<sup>24</sup> afirma que Péricles<sup>25</sup> excedeu os restantes oradores devido ao facto de ter sido discípulo de Anaxágoras<sup>26</sup>, o filósofo naturalista. Pensa Sócrates que, deste Anaxágoras, Péricles aprendeu, naquele tempo, coisas admiráveis e magníficas e se tornou rico, fecundo e conhecedor daquilo que é o mais importante da arte oratória: que partes do espírito são afectadas por cada tipo de discurso. O mesmo se pode dizer sobre Demóstenes, cujas Epístolas<sup>27</sup> permitem avaliar quão assíduo ouvinte de Platão foi.

(16) Sem dúvida, sem os conhecimentos da filosofia não podemos distinguir o género e a espécie de uma coisa, explicá-la por meio de uma definição, decompô-la nas suas partes, separar as verdadeiras das falsas, perceber as consequências, distinguir as contraditórias ou analisar as ambiguidades. Que direi do estudo da filosofia natural, cujo conhecimento proporciona imenso material ao orador? E acreditarias que alguém pudesse falar ou pensar sobre a vida, os deveres, a virtude, os costumes sem um conhecimento cuidado desses mesmos assuntos?

---

<sup>23</sup> Composto por volta de 370 a.C. este diálogo gira em torno uso adequado da retórica, através da metáfora do amor. Cícero usa aqui uma adaptação do passo 269 e.

<sup>24</sup> O filósofo ateniense Sócrates (ca. 469 - 399 a.C.) é creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental. Figura enigmática, é hoje conhecido principalmente através dos relatos dos seus alunos, Platão e Xenofonte, e das peças teatrais do seu contemporâneo Aristófanes.

<sup>25</sup> Péricles (ca. 495/492 - 429 a.C.), estadista, orador e estrategista, foi um dos principais líderes democráticos de Atenas e talvez a maior personalidade política do século V a.C.

<sup>26</sup> Anaxágoras de Clazómenas (ca. 500 a.C. - 428 a.C.) foi um filósofo grego do período pré-socrático. Nascido em Clazómenas, na Jónia, fundou a primeira escola filosófica de Atenas.

<sup>27</sup> Há seis cartas atribuídas a Demóstenes, mas a sua autoria tem sido muito contestada.

V. (17) Ad has tot tantasque res adhibenda sunt ornamenta innumerabilia. Quae sola tum quidem tradebantur ab iis qui dicendi numerabantur magistri; quo fit ut veram illam et absolutam eloquentiam nemo consequatur, quod alia intellegendi alia dicendi disciplina est et ab aliis rerum ab aliis verborum doctrina quaeritur.

(18) itaque M. Antonius, cui vel primas eloquentiae patrum nostrorum tribuebat aetas, vir natura peracutus et prudens, in eo libro quem unum reliquit disertos ait se vidisse multos, eloquentem omnino neminem. Insidebat videlicet in eius mente species eloquentiae, quam cernebat animo, re ipsa non videbat. vir autem acerrimo ingenio—sic enim fuit—multa et in se et in aliis desiderans neminem plane qui recte appellari eloquens posset videbat.

(19) quodsi ille nec se nec L. Crassum eloquentem putavit, habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae; cui quoniam nihil deerat, eos quibus aliquid aut plura deerant in eam formam non poterat includere. Investigemus hunc igitur, Brute, si possumus, quem nunquam vidit Antonius aut qui omnino nullus unquam fuit; quem si imitari atque exprimere non possumus, quod idem ille vix deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.



V. (17) A todos esses assuntos devem ser aplicados inumeráveis ornamentos estilísticos. Outrora, estes conhecimentos eram apenas transmitidos por aqueles que se contavam entre os mestres de retórica, pelo que é possível que ninguém atinja a verdadeira e absoluta eloquência porque um é o ensino do raciocínio e outro o do discurso e, por isso, de uns se procura o ensino das ideias e dos outros o das palavras.

(18) Assim, Marco António<sup>28</sup>, a quem a geração dos nossos pais concedeu o primeiro lugar da eloquência, homem por natureza arguto e sábio, disse, no único livro que nos deixou<sup>29</sup>, ter visto muitos homens habilidosos com as palavras, mas nenhum verdadeiramente eloquente. Sem dúvida, estava gravado na sua mente um ideal de eloquência, que ele apreendia pelo seu intelecto, mas que nunca havia observado na realidade. Homem de marcado génio – assim foi certamente – desejando muitas outras qualidades em si e nos outros, não via ninguém a quem pudesse clara e justamente chamar eloquente. (19) Pois se não se considerou nem a si mesmo nem a Licínio Crasso<sup>30</sup> eloquente, certamente concebia no seu espírito a forma ideal de eloquência – à qual nada faltava –; neste ideal, não podia incluir aqueles a quem uma ou mais características faltavam. Descrevamos, então, Bruto, se conseguirmos, este orador que António nunca viu ou que talvez nunca tenha existido. Se não pudermos representá-lo ou descrevê-lo – coisa que ele dizia

---

<sup>28</sup> Marco António (143 - 86 a.C.), político da *gens* Antónia, foi eleito cônsul em 99 a.C. e censor em 97 a.C. Foi um dos mais importantes oradores de sua época. A reputação de António deriva, uma vez que não sobreviveram discursos da sua autoria, da opinião de Cícero, que fez dele uma das personagens da sua obra *De Oratore*. Desta descrição, é possível deduzir que António tinha uma eloquência natural, caracterizada pela força e pela energia, e não artificial e marcada pelo refinamento e pela perfeição.

<sup>29</sup> De acordo com Cícero, António tinha publicado um livro sobre Retórica, o *De ratione dicendi* (cf. *De or.*, I, 21).

<sup>30</sup> Lúcio Licínio Crasso (140 - 91 a.C.), eleito cônsul em 95 a.C., foi um dos mais importantes oradores de sua época. Foi cuidadosamente educado por seu pai, tendo como professor o célebre historiador e jurista Lúcio Célio Antípatro.

(20) tria sunt omnino genera dicendi; quibus in singulis quidam floruerunt, peraeque autem, id quod volumus, perpauci in omnibus. nam et grandiloqui, ut ita dicam, fuerunt cum ampla et sententiarum gravitate et maiestate verborum, vehementes varii copiosi graves, ad permovendos et convertendos animos instructi et parati—quod ipsum alii aspera tristi horrida oratione neque perfecta atque conclusa, alii levi et instructa et terminata— et contra tenues acuti, omnia docentes et dilucidiora, non ampliora facientes, VI. subtili quadam et pressa oratione limata, in eodemque genere alii callidi sed impoliti et [in]consulto rudium similes et imperitorum, alii in eadem ieiunitate concinniores, idem faceti, florentes etiam et leviter ornati.

(21) est autem quidam interiectus inter <hos> medius et quasi temperatus nec acumine posteriorum nec fulmine utens superiorum, ut cinnus amborum, in neutro excellens, utriusque particeps vel utriusque, si verum quaerimus, potius expers; isque uno tenore, ut aiunt, in dicendo fluit, nihil afferens praeter facilitatem et aequa<bi>litatem, aut addit aliquos ut in corona toros omnemque orationem ornamentis modicis verborum sententiarumque distinguit.

ser impossível mesmo para um deus – pelo menos poderemos dizer como deve ser esse orador ideal.

(20) Três são os estilos de discurso e em cada um deles se distinguiram vários oradores, mas muito poucos se distinguiram igualmente - como desejaríamos - em todos<sup>31</sup>.

Pois os oradores grandiloquentes – assim direi – foram, com a grandeza e a importância dos pensamentos e das palavras, veementes, versáteis, facundos, grandes, instruídos e preparados para despertar e agitar os espíritos – isto mesmo conseguiram alguns através de um estilo rude, severo, desarmonioso, imperfeito e incompleto, enquanto outros através de um estilo polido, trabalhado e rítmico.

VI. Há, pelo contrário, oradores simples, hábeis, ensinando com clareza todas as coisas, esclarecendo-as sem as ampliar, com um certo estilo subtil, conciso e despido de ornamentos. Neste mesmo género, uns são hábeis mas deselegantes e deliberadamente se assemelham a incultos e ignorantes, outros, nessa mesma simplicidade, são harmoniosos, elegantes, floridos e levemente ornamentados.

(21) Por outro lado, encontra-se entre um e outro um estilo intermédio e, por assim dizer, equilibrado que não se serve nem da sobriedade deste último nem da exuberância do anterior, porém, vizinho de ambos, não se salientando nem no sentido de um bem do outro ou não participando ou, se dissermos a verdade livre de um e do outro. Ele flui, como se diz, de um modo uniforme no discurso, nada lhe trazendo, excepto a eficácia e a

---

<sup>31</sup> Cada género tinha o seu representante. Dizia-se, por exemplo, ser Tucídides o modelo do estilo elevado, Isócrates o do estilo intermédio e Lísias o do estilo simples.

(22) horum singulorum generum quicumque unum singuli[s] consecuti sunt, magnum in oratoribus nomen habuerunt, sed quaerendum est satisne id quod volumus effecerint. VII. Videmus enim fuisse quosdam, qui idem ornate et graviter, idem versute et subtiliter dicerent. Atque utinam in Latinis talis oratoris simulacrum reperire possemus: esset egregium non quaerere externa, domesticis esse contentos.

(23) sed ego idem, qui in illo sermone nostro qui est expositus in Bruto multum tribuerim Latinis, vel ut hortarer alios vel quod amarem meos, recordor longe omnibus unum <me> anteferre Demosthenem, quem v<el>im accommodare ad eam quam sentiam eloquentiam, non ad eam quam in aliquo ipse cognoverim. hoc nec gravior extitit quisquam nec callidior nec temperatior. Itaque nobis monendi sunt ii, quorum sermo imperitus increbruit, qui aut dici se desiderant Atticos aut ipsi Attice volunt dicere, ut mirentur hunc maxime, quo <ne> Athenas quidem ipsas magis credo fuisse Atticas. quid enim sit Atticum discant eloquentiamque ipsius viribus, non imbecillitate sua metiantur.

regularidade ou então acrescenta e enriquece todo o discurso com figuras discretas, como que ramos numa coroa<sup>32</sup>, de palavras e pensamentos.

(22) Todos aqueles que se distinguiram num único destes estilos, alcançaram um grande nome na arte oratória, mas é de questionar se alcançaram aquilo que procuramos.

VII. Vemos, com efeito, que existiram alguns que falavam de forma ornamentada e com autoridade, com astúcia e subtileza, oxalá pudéssemos encontrar o exemplo de tal orador entre os Latinos! Seria bom não ter de procurar os nossos modelos entre os estrangeiros, mas podermos contentar-nos com os autores pátrios.

(23) Eu mesmo que, naquele meu texto apresentado no *Brutus*<sup>33</sup>, embora muito enalteça os oradores latinos, quer para encorajar outros, quer por amar os meus compatriotas, recordo ter preferido um a todos os outros, Demóstenes, que eu queria identificar com este ideal de eloquência que concebo e não a essa que observo nos outros<sup>34</sup>. Ninguém se elevou acima dele em dignidade<sup>35</sup>, sabedoria e moderação. Por esta razão, aconselhamos aqueles que ou desejam ser chamados Áticos ou que insistem que falam segundo o estilo ático e cuja linguagem rude se difunde infinitamente que o admirem sobre todos os outros, ele que, na verdade creio, ter sido mais ático do que a própria Atenas. Que aprendam aquilo que é ser ático e avaliem a eloquência pela força dele e não pelas fraquezas deles próprios.

---

<sup>32</sup> Os *tori* seriam ramalhetes compostos por grinaldas de folhas.

<sup>33</sup> Diálogo, escrito em 46 a.C., onde Cícero traça a história da eloquência grega e romana, ao mesmo tempo que justifica as suas preferências estilísticas face às críticas dos aticistas.

<sup>34</sup> Cf. *Brut.*, IX, 35.

<sup>35</sup> Oriundo da actividade forense, o conceito de *grauitas* designa o comportamento moral que devia adoptar o homem público.

(24) nunc enim tantum quisque laudat quantum se posse sperat imitari. sed tamen eos studio optimo, iudicio minus firmo praeditos docere quae sit propria laus Atticorum non alienum puto.

VIII. Semper oratorum eloquentiae moderatrix fuit auditorum prudentia. omnes enim qui probari volunt voluntatem eorum qui audiunt intuentur ad eamque et ad eorum arbitrium et nutum totos se fingunt et accommodant.

(25) itaque Caria et Phrygia et Mysia, quod minime politae minimeque elegantes sunt, asciverunt aptum suis auribus opimum quoddam et tanquam adipale dictionis genus ; quod eorum vicini non ita lato interiecto mari Rhodii nunquam probaverunt, Graeci[a] autem multo minus, Athenienses vero funditus repudiaverunt, quorum semper fuit prudens sincerumque iudicium, nihil ut possent nisi incorruptum audire et elegans. eorum religioni cum serviret orator, nullum verbum insolens, nullum odiosum ponere audebat.

(24) Agora, cada um louva apenas aquilo que espera poder imitar. Mas não parece estar fora da minha alçada ensinar as qualidades do aticismo àqueles que, embora dotados de bom estudo, têm um discernimento menos firme.

VIII. A sensatez dos ouvintes sempre foi a moderadora do discurso dos oradores. Assim, todos aqueles que querem ganhar a aprovação daqueles que ouvem, ponderam o seu bom-senso, adaptam-se e acomodam-se ao arbítrio e à aprovação dos ouvintes.

(25) Deste modo, a Cária<sup>36</sup>, a Frígia<sup>37</sup> e a Mísia<sup>38</sup>, que não são nem polidas nem elegantes, recebem nos seus ouvidos um tipo de discurso bem-ordenado, empolado e como que copioso, coisa que os seus vizinhos, os Ródios, separados deles por um braço de mar não muito largo<sup>39</sup>, nunca aceitaram – e a Grécia muito menos. Na verdade, os Atenienses, cujo espírito crítico sempre foi prudente e recto, repudiaram radicalmente tal coisa, de forma a não poderem ouvir nada excepto o discurso puro e elegante. O orador, observando com escrúpulo a sua tradição, não ousava usar nenhuma palavra excessiva ou desagradável.

---

<sup>36</sup> Cária era o nome de uma região no oeste da antiga Ásia Menor, que se estendia ao longo da costa da Jónia, de Mícale, para sul, até a Lícia e, para este, até a Frígia. Durante a ocupação romana fazia parte da província da Ásia.

<sup>37</sup> A Frígia era uma região no centro-oeste da antiga Ásia Menor (Anatólia), na moderna Turquia, centrada no rio Sakarya. Em 133 a.C., foi anexada por Roma que, por questões administrativas, a dividiu, anexando a parte norte à Galácia e a ocidental, à Ásia.

<sup>38</sup> Mísia era o nome de uma região no noroeste da antiga Ásia Menor, actualmente no território da Turquia, na costa sul do mar de Mármara. Fazia fronteira com a Bitínia a leste, a Frígia a sudeste, a Lícia a sul, a Eólia a sudoeste, a Tróade a oeste e o mar de Mármara a norte. Com a morte do rei Átalo III, em 133 a.C., foi legada, por herança, a Roma, que a anexou à província da Ásia. Posteriormente, foi transformada numa província proconsular chamada Helesponto.

<sup>39</sup> A ilha de Rodas estava separada da costa da Cária por um canal de apenas 43 km de largura.

(26) itaque hic, quem praestitisse diximus ceteris, in illa pro Ctesiphonte oratione longe optima summissius a primo, deinde, dum de legibus disputat, pressius, post sensim incendens iudices ut vidit ardentes, in reliquis exultavit audacius. ac tamen in hoc ipso diligenter examinante verborum omnium pondera reprehendit Aeschines quaedam et exagitat illudensque dira odiosa intolerabilia esse dicit; quin etiam quaerit ab ipso, cum quidem eum beluam appellat, utrum illa verba an portenta sint, ut Aeschini ne Demosthenes quidem videatur Attice dicere.

(27) facile est enim verbum aliquod ardens, ut ita dicam, notare idque restinctis iam animorum incendiis irridere. itaque se purgans iocatur Demosthenes: negat in *eo* positas esse fortunas Graeciae, [in] hocine an <illo verbo usus sit>, huc an illuc manum porrexerit. quonam igitur modo audiretur Mysus aut Phryx Athenis, cum etiam Demosthenes exagitetur ut putidus? cum vero inclinata ululantiq[ue] voce more Asiatico canere coepisset, quis eum ferret aut potius quis non iuberet auferri?



(26) Assim, este que dissemos ter excedido todos os outros, no seu excelente discurso em favor de Ctesifonte<sup>40</sup>, primeiro calmo, depois, enquanto debatia as leis, mais sóbrio, inflamando-se gradualmente, quando via os juízes entusiasmados e mais audacioso quando exultava na parte final. E, todavia, Ésquines<sup>41</sup>, na sua refutação, examinou o peso de todas as palavras e criticou, com violência, algumas coisas e, ridicularizando-as, censurou-as e disse serem terríveis, odiosas e intoleráveis. E até lhe pergunta, quando lhe chama fera, se as suas palavras são palavras ou monstruosidades<sup>42</sup>. Deste modo, para Ésquines nem sequer Demóstenes parece discursar à maneira dos Áticos.

(27) Sem dúvida, é fácil, extinto o incêndio dos ânimos, censurar uma palavra inflamada – se assim posso dizer – e zombar dela. Assim, gracejava Demóstenes, justificando-se, ao negar estar nele depositada a sorte da Grécia se ele usou de uma palavra ou outra ou se estendeu a mão para aqui e para acolá<sup>43</sup>. De que maneira se ouviria um Mísio ou um Frígio em Atenas quando até Demóstenes era criticado por ser afectado? Na verdade, ao ter começado a entoar o discurso com violentas modelações na voz, segundo o costume asiático, quem o suportaria ou antes quem não o convidaria a sair?

---

<sup>40</sup> O *Discurso em favor de Ctesifonte*, também conhecido por *De Corona*, foi pronunciado, em 330 a.C., por Demóstenes.

<sup>41</sup> Ésquines (ca. 390 - 314 a.C.), orador e político ateniense, foi encarregado, em 346 a.C., de negociar a paz com os macedônios. No ano seguinte, contudo, foi acusado por Demóstenes de se deixar corromper por Filipe, mas conseguiu a sua absolvição pronunciando os discursos *Contra Timarco* e *Sobre a Embaixada*. Em 330 a.C., acusou Ctesifonte numa batalha judicial contra Demóstenes que perdeu por larga maioria de votos. Retirou-se para Rodes, onde foi professor de Retórica (Plutarco, *Vidas Paralelas*, *Vida de Demóstenes*, 24.2 - 3).

<sup>42</sup> Alusão ao § 166 do discurso de Ésquines *contra Ctesifonte*.

<sup>43</sup> Demóstenes, *Discurso em favor de Ctesifonte*, § 232.

IX. (28) Ad Atticorum igitur auris teretes et religiosas qui se accommodant, ii sunt existimandi Attice dicere. quorum genera plura sunt; hi unum modo quale sit suspicantur. putant enim qui horride inculteque dicat, modo id eleganter enucleateque faciat, eum solum Attice dicere. errant, quod solum; quod Attice, non falluntur.

(29) istorum enim iudicio, si solum illud est Atticum, ne Pericles quidem dixit Attice, cui primae sine controversia deferebantur. qui si tenui genere uteretur, nunquam ab Aristophane poeta ‘fulgere, tonare, permiscere Graeciam’ dictus esset. dicat igitur Attice venustissimus ille scriptor ac politissimus Lysias (quis enim id possit negare?) dum intellegamus hoc esse Atticum in Lysia, non quod tenuis sit atque inornatus, sed quod [non] nihil habeat insolens aut ineptum. ornate vero et graviter et copiose dicere aut Atticorum sit aut ne sit Aeschines neve Demosthenes Atticus.

IX. (28) Aqueles que se adaptam aos ouvidos delicados e escrupulosos dos Áticos são aqueles que se devem considerar falar à maneira dos Áticos. Existem muitos géneros de aticistas, mas estes dos nossos tempos são admirados apenas por um único. Pensam, de facto, que apenas discursa à maneira ática aquele que fala de forma rude e não polida, desde que o faça com elegância e sobriedade. Erram ao pensar que é o único estilo ático, mas não quanto ao facto de ser ático.

(29) Na verdade, no juízo destes, se aquele é o único estilo ático, nem sequer Péricles, a quem é concedido o primeiro lugar sem controvérsia, discursou à maneira ática: ele que, se utilizasse o estilo simples, Aristófanes<sup>44</sup> nunca teria dito que abrilhantava, maravilhava e envolvia toda a Grécia<sup>45</sup>. Admitamos que Lísias<sup>46</sup>, aquele autor espirituosíssimo e elegantíssimo, falou à maneira ática – quem poderá negá-lo? -, desde que em Lísias vejamos existir um estilo ático, não um estilo simples e desprovido de ornato, mas um que não tenha nada de inconstante ou defeituoso. Na verdade, ou falar ornada, grandiosa e copiosamente é próprio dos Áticos ou então não são Áticos Ésquines e Demóstenes.

---

<sup>44</sup> Aristófanes (ca. 447 - ca. 385 a.C.) é considerado o maior representante da comédia antiga. São conhecidas onze das suas peças, nas quais defende o passado de Atenas, os valores democráticos tradicionais, as virtudes cívicas e a solidariedade social. Critica a pomposidade e a corrupção e o seu alvo são as personagens influentes e os temas importantes da época.

<sup>45</sup> Aristófanes, *Acarnenses*, 530 - 531.

<sup>46</sup> Lísias (459 - 380 a.C.), orador ateniense, célebre pelos seus discursos contra o político Eratóstenes, que considerava culpado pela morte do irmão, Polemarco. Foi considerado um dos maiores oradores gregos, ao lado de Demóstenes e Ésquines.

(30) ecce autem aliqui se Thucydideos esse profitentur: novum quoddam imperitorum et inauditum genus. nam qui Lysiam sequuntur, causidicum quendam sequuntur, non illum quidem amplum atque grandem, subtilem et elegantem tamen et qui in forensibus causis possit praeclare consistere. Thucydides autem res gestas et bella narrat et proelia, graviter sane et probe, sed nihil ab eo transferri potest ad forensem usum et publicum. ipsae illae contiones multas ita habent obscuras abditasque sententias vix ut intellegantur; quod est in oratione civili vitium vel maximum.

(31) quae est autem in hominibus tanta perversitas, ut inventis frugibus glande vescantur? an victus hominum Atheniensium beneficio excoli potuit, oratio non potuit? quis porro unquam Graecorum rhetorum a Thucydide quicquam duxit? at laudatus est ab omnibus. fateor, sed ita ut rerum explicator prudens severus gravis, non ut in iudiciis versaret causas, sed ut in historiis bella narraret.

(32) itaque nunquam est numeratus orator nec vero, si historiam non scripsisset, nomen eius extaret, cum praesertim fuisset honoratus et nobilis. huius tamen nemo neque verborum neque sententiarum gravitatem imitatur, sed cum mutila quaedam et hiantia locuti sunt, quae vel sine magistro facere potuerunt, germanos se putant esse Thucydidas. nactus sum etiam qui Xenophontis similem esse se cuperet, cuius sermo est ille quidem melle dulcior, sed a forensi strepitu remotissimus.

(30) Eis que, por outro lado, se declaram alguns tucididianos – um género novo e inaudito de ignorantes! De facto, aqueles que seguem Lísias, seguem um defensor de causas, não um notável e sublime, mas um subtil e elegante, que pôde alcançar renome nas causas forenses. Tucídides<sup>47</sup>, por outro lado, narrou as façanhas, as guerras e as batalhas viva, sábia e excelentemente, mas nada dele pode ser transposto para a prática forense e para a vida pública. Aqueles mesmos discursos contêm muitas frases de tal forma obscuras e confusas que dificilmente são inteligíveis, o que é o erro máximo no discurso público.

(31) Há tanta perversidade nos homens que, apesar de descobertos os cereais, se alimentem de bolotas? Se a alimentação pôde ser aperfeiçoada para benefício dos homens atenienses<sup>48</sup>, o discurso não pode? Qual dos retores gregos alguma vez retirou exemplos de Tucídides? Não obstante, reconheço, ele é louvado por todos como um comentador prudente, severo e grandioso dos acontecimentos, não por se ocupar de causas judiciais, mas por narrar as guerras em textos históricos.

(32) Deste modo, nunca foi verdadeiramente considerado orador e, se não tivesse escrito História, o seu nome não seria conhecido, embora ele fosse honrado e nobre. Todavia, ninguém imita a sua dignidade no pensamento e nas palavras, mas quando proferem algumas frases incompletas e desconexas, as quais se poderiam fazer até sem mestre, acreditam ser irmãos de Tucídides.

---

<sup>47</sup> Tucídides (ca. 460 - ca. 400 a.C.), historiador ateniense, escreveu a História da Guerra do Peloponeso, em oito volumes, nos quais narra a guerra que opôs Esparta e Atenas entre 431 e 404 a.C. e na qual participou como estratega. Da sua narrativa ressalta uma vincada preocupação com a imparcialidade, pelo que relata os factos com concisão, procurando explicitar as suas causas.

<sup>48</sup> De acordo com o mito, durante a busca incansável por Core, raptada por Hades, Deméter ensinou aos homens os segredos da arte de semear e colher o trigo, do fabrico do pão e da cultura do cereal.

(33) referamus nos igitur ad eum quem volumus incohandum et eadem eloquentia informandum quam in nullo cognovit Antonius. X. Magnum opus omnino et arduum, Brute, conamur, sed nihil difficile amanti puto. amo autem et semper amavi ingenium studia mores tuos. incendor porro quotidie magis non desiderio solum, quo quidem conficior, congressus nostros, consuetudinem victus, doctissimos sermones requirens tuos, sed etiam ammirabili fama virtutum incredibilium, quae specie dispares prudentia coniunguntur.

Encontrei também quem queira ser igual a Xenofonte<sup>49</sup>, cujo estilo, na verdade, é mais doce que o mel, mas muito afastado do tumulto do foro.

X. (33) Retomemos, então, a nossa tarefa de delinear aquele orador ideal e moldá-lo naquela eloquência que António não encontrou em ninguém<sup>50</sup>. Empreendo uma tarefa vasta e verdadeiramente árdua, Bruto, mas penso nada ser difícil para quem estimo. Admiro e sempre estimei os teus talentos, os teus interesses e o teu carácter. A cada dia que passa sou, expectante dos teus doutíssimos discursos, cada vez mais inflamado, não só pela expectativa, a qual me inflama, dos nossos encontros, mas também pela maravilhosa reputação de incriveis virtudes que, aparentemente incompatíveis, são harmonizadas pela tua prudência.

---

<sup>49</sup> Xenofonte (ca. 430 - 355 a.C.), historiador ateniense. Juntou-se, após a queda dos Trinta Tiranos, governo que sucedeu, em Atenas, à derrota sofrida na Guerra do Peloponeso, à expedição de Ciro, em 401 a.C. A dissertação histórica que Xenofonte faz, na obra *Anábase*, sobre o carácter de Ciro é um dos mais antigos exemplos de análise do carácter de um líder político.

<sup>50</sup> Cf. 19.

(34) quid enim tam distans quam a severitate comitas? quis tamen unquam te aut sanctor est habitus aut dulcor? quid tam difficile quam in plurimorum controversiis diiudicandis ab omnibus diligere? consequeris tamen, ut eos ipsos quos contra statuas aequos placatosque dimittas. itaque efficis ut, cum gratiae causa nihil facias, omnia tamen sint grata quae facis. ergo <in> omnibus terris una Gallia communi non ardet incendio; in qua frueris ipse te, cum in Italiae luce[m] cognosceris versarisque in optimorum civium vel flore vel robore. Iam quantum illud est, quod in maximis occupationibus nunquam intermittis studia doctrinae, semper aut ipse scribis aliquid aut me vocas ad scribendum.

(35) itaque hoc sum aggressus statim Catone absoluto, quem ipsum nunquam attigissem tempora timens inimica virtuti, nisi tibi hortanti et illius memoriam mihi caram excitanti non parere nefas esse duxissem. Sed testificor me a te rogatum et recusantem haec scribere esse ausum. volo enim mihi tecum commune esse crimen, ut, si sustinere tantam quaestionem non potuero, iniusti oneris impositi tua culpa sit, mea recepti; in quo tamen iudici nostri errorem laus tibi dati muneris compensabit.



(34) Que é tão diverso como a amabilidade e o rigor? Quem algum dia foi considerado mais venerável ou agradável que tu? Que haverá de mais difícil que ter agradado a todos numa multiplicidade de discursos judiciais? És capaz, todavia, de dispensar aqueles contra quem pleiteaste, tranquilos e calmos. De tal forma fazes que, ainda que nada faças para ser agradável, tudo aquilo que fazes seja grato. Portanto, em toda a terra, apenas a Gália não arde num incêndio comum<sup>51</sup>, Gália na qual tu próprio fruiste o teu mérito<sup>52</sup>, ganhando fama na luz da Itália<sup>53</sup> e associando-te aos melhores cidadãos na flor da juventude e na força da idade. Mais importante que tudo, mesmo nos teus dias mais atribulados, nunca abandonaste o estudo da doutrina, mas sempre escreveste tu próprio algo ou me incitaste a escrever.

(35) Empreendo esta tarefa logo de pois de terminar o *Catão*<sup>54</sup>, obra que eu próprio, receoso destes tempos inimigos da virtude, não empreenderia não fosse por ti que me exortaste e se, comovido, pela memória dele tão cara para mim, fosse ilícito obedecer não o fazendo. Eu testemunho que ousei escrever estas palavras, incitado por ti, apesar de eu não o querer fazer, pois, quero partilhar contigo este crime, de forma que, se eu não puder defender-me em tamanha causa, seja tua a culpa por me teres imposto tamanha tarefa e minha por tê-la recebido. De qualquer forma, o louvor de ter dedicado esta obra a ti compensará o meu erro de julgamento.

---

<sup>51</sup> Alusão à Guerra Civil (49 – 45 a.C.) entre César e Pompeio.

<sup>52</sup> Em 47 a.C., Bruto serviu como propretor na Gália Cisalpina.

<sup>53</sup> A Gália Cisalpina recebera a cidadania romana em 49 a.C. Não se tratava, portanto, de uma província obscura e remota, mas de uma parte integrante da Península Itálica.

<sup>54</sup> Breve diálogo composto em 44 a.C. e dedicado a Ático. Também conhecido por *De senectute*, neste tratado Cícero projecta-se na figura de Catão, o Censor, para negar que a velhice comporte necessariamente uma redução do vigor físico e intelectual ou do prestígio social.

XI. (36) Sed in omni re difficillimum est formam, qui χαρακτήρ Graece dicitur, exponere optimi, quod aliud aliis videtur optimum. Ennio delector, ait quispiam, quod non discedit a communi more verborum. Pacuvio, inquit alius: omnes apud hunc ornati elaboratique sunt versus, multa apud alterum negligentius. fac alium Accio; varia enim sunt iudicia, ut in Graecis, nec facilis explicatio quae forma maxime excellat. in picturis alios horrida inculta, abdita et opaca, contra alios nitida laeta collustrata delecta<n>t: quid est quo praescriptum aliquod aut formulam exprimas, cum in suo quodque genere praestet et genera plura sint? hac ego religione non sum ab hoc conatu repulsus existimavique in omnibus rebus esse aliquid optimum, etiam si lateret, idque ab eo posse qui eius rei gnarus esset iudicari.

XI. (36) Mas em tudo o mais difícil é determinar a forma mais perfeita, que em grego se diz *χαρακτήρ*<sup>55</sup>, pois uma coisa é melhor para uns e outra para outros. Um diz “gosto de Ênio<sup>56</sup> porque não se afasta do uso comum das palavras”. Outro diz “gosto de Pacúvio<sup>57</sup>, pois todos os versos da sua obra são ornamentados e elaborados e muitas coisas são tratadas de forma inferior na obra do outro<sup>58</sup>”. Diz outro que gosta de Ácio<sup>59</sup>. Várias são certamente as opiniões e, tal como acontece com os Gregos, não é fácil a distinção da forma mais excelente. Na pintura, encantam a uns as coisas horrídamas, rudes, sombrias e obscuras e a outros, as coisas luminosas, alegres e brilhantes. Qual é o critério para enunciar uma regra ou fórmula, quando cada um se distingue no seu próprio género e os géneros são numerosos? Eu não sou afastado o meu propósito por este escrúpulo e penso existir em todas as coisas algo de perfeito, ainda que esteja escondido, e que essa perfeição pode ser avaliada por aquele que é conhecedor desse assunto.

---

<sup>55</sup> Marca distintiva, característica.

<sup>56</sup> Quinto Ênio (239 - 169 a.C.), dramaturgo e poeta épico romano, famoso pelos seus *Annales*, onde recolhe, em 18 livros de hexâmetros, a história de Roma desde as origens até a sua época.

<sup>57</sup> Marco Pacúvio (220 - 130 a.C.) foi o fundador da tragédia latina, apesar de se ter inicialmente destacado como pintor. Apenas se conhecem uma dúzia das suas obras sobre temas gregos, assim como outra escrita para celebrar a vitória de Lúcio Emílio Paulo Macedónico, na Batalha de Pidna de 168 a.C., durante a Terceira Guerra Macedónica.

<sup>58</sup> Na obra de Ênio.

<sup>59</sup> Lúcio Ácio (170 - 86 a.C.) foi um autor dramático latino, de que se conservam, com alguns fragmentos, 45 títulos pertencentes ao ciclo troiano (Aquiles, Deíabo), ao ciclo dos Pelópidas (Atreu, Clitemnestra), ao ciclo dos Labdácidas (Amigária, Epígonos) e a outros ciclos (Alceste, Medeia, Meleagro, Prometeu). Também escreveu duas tragédias de argumento romano: Décio e Bruto.

(37) sed quoniam plura sunt orationum genera eaque diversa neque in unam formam cadunt omnia, laudationum scriptionem et historiarum et talium suasionum qualem Isocrates fecit Panegyricum multique alii qui sunt nominati sophistae, reliquarumque rerum formam quae absunt a forensi contentione, eiusque totius generis quod Graece ἐπιδεικτικόν nominatur, quod quasi ad inspiciendum delectationis causa comparatum est, non complectar hoc tempore; non quo negligenda sit, est enim illa quasi nutrix eius oratoris quem informare volumus et de quo molimur aliquid exquisitius dicere.

(37) Mas porque são muitos e diversos os tipos de discurso e uma forma não cabe a todos, eu não vou abraçar, nesta altura, a escrita dos elogios e das histórias e daquelas suasórias<sup>60</sup>, como o Panegírico<sup>61</sup> que Isócrates<sup>62</sup> fez e como também fizeram muitos outros que são chamados Sofistas<sup>63</sup> e a de outros discursos que se afastam das causas forenses e que constituem aquele estilo que, em grego, se chama *ἐπιδεικτικόν*<sup>64</sup>, que é preparado para ser recebido apenas pelo prazer que provoca<sup>65</sup>. Não porque devam ser negligenciadas estas coisas. Com efeito, este estilo é como que o alimento do orador que queremos delinear e em relação ao qual nos esforçamos por dizer algo de relevante.

---

<sup>60</sup> Exercícios retóricos próprios dos estilos deliberativo e exortativo.

<sup>61</sup> Célebre discurso pronunciado, em 380 a.C., com o objectivo de exortar os Gregos a unir-se em torno de Atenas contra os Persas. Na parte epidíctica deste discurso é tecida o louvor de Atenas.

<sup>62</sup> Isócrates (436 - 338/336 a.C.) foi um orador e retor ateniense. Considerado o pai da Oratória, foi o primeiro a escrever os seus discursos, que serviam de modelo aos seus discípulos.

<sup>63</sup> Por Sofistas ficaram conhecidos um grupo de retores, dos quais os primeiros foram Protágoras de Abdera (ca. 490 - ca. 415 a.C.) e Górgias Leontino (ca. 485 - ca. 380 a.C.). Os Sofistas celebrizaram-se por viajarem de cidade em cidade, onde faziam demonstrações públicas das suas capacidades retóricas, a fim de atraírem estudantes.

<sup>64</sup> Epidíctico.

<sup>65</sup> Aristóteles defende que a audiência se comporta como um espectador e não como um juiz (*Rh.*, I, 3, 2).

XII. Ab hac et verborum copia alitur et eorum constructio et numerus liberiore quadam fruitur licentia.

(38) datur etiam venia concinnitati sententiarum et arguti certique et circumscripti verborum ambitus conceduntur ⊥de industria quae non ea insidiis⊥ sed aperte ac palam elaboratur, ut verba verbis quasi demensa et paria respondeant, ut crebro conferant<ur> pugnantia comparent<ur>que contraria et [a]ut pariter extrema terminentur eundemque referant in cadendo sonum; quae in veritate causarum et rarius multo facimus et certe occultius. in Panathenaico autem Isocrates ea studio se consecratum fatetur; non enim ad iudiciorum certamen, sed voluptatem aurium scripserat.

XII. Dele se alimenta a riqueza do vocabulário e gozam de uma liberdade maior não só a junção das palavras, mas também o ritmo.

(38) Até se admite a harmonia das frases e se permitem períodos consonantes, precisos e circunscritos propositadamente, o que é elaborado não dissimuladamente, mas de forma aberta e pública, de tal maneira que umas palavras respondam a outras como medidas e paralelas que as que se opõem se reúnam em antíteses, as contrárias se aproximem, que os finais terminem da mesma maneira e que na cadência produzam o mesmo som, coisas que, na prática forense, fazemos não só mais raramente como também de forma mais dissimulada. Ora, Isócrates, no discurso Pan-Atenaico<sup>66</sup>, confessa que procurou estas coisas com empenho: na verdade, escrevera não para uma disputa nos tribunais, mas para o prazer dos ouvintes.

---

<sup>66</sup> Neste discurso, terminado em 339 a.C., Isócrates elogia os feitos e a cidade de Atenas, com o objectivo de unir os seus concidadãos contra as ambições de Filipe II da Macedónia. Cícero tem aqui presente o passo 1.2.

(39) haec tractasse Thrasy Machum Calchedonium primum et Leontinum ferunt Gorgiam, Theodorum inde Byzantium multosque alios quos λογοδαιδάλους appellat in Phaedro Socrates. quorum satis arguta multa, sed ut modo primumque nascentia minuta et versiculorum similia quaedam nimiumque depicta. quo magis sunt Herodotus Thucydidesque mirabiles: quorum aetas cum in eorum tempora quos nominavi incidisset, longissime tamen ipsi a talibus deliciis vel potius ineptiis afuerunt. alter enim sine ullis salebris quasi sedatus amnis fluit, alter incitator fertur et de bellicis rebus canit etiam quodam modo bellicum. primisque ab his, ut ait Theophrastus, historia commota est ut auderet uberius quam superiores et ornatius dicere.



(39) Dizem que estes assuntos são discutidos, em primeiro lugar, por Trasímaco Calcedónio<sup>67</sup> e Górgias Leontino<sup>68</sup> e, depois, por Teodoro de Bizâncio<sup>69</sup> e muitos outros que, Sócrates, no Fedro, apelida *λογοδαιδάλους*<sup>70</sup>, dos quais temos muitas coisas engenhosas, mas que, logo ao nascerem, são fragmentárias, semelhantes a versos e excessivamente ornamentadas. Assim, Heródoto<sup>71</sup> e Tucídides são mais admiráveis porque contemporâneos daqueles que mencionámos, contudo, se afastaram muito de tais truques ou antes de tais tolices. Um<sup>72</sup>, na verdade, sem quaisquer ornamentos complicados, flui como um rio tranquilo, o outro<sup>73</sup>, mais agitado, não só descreveu os assuntos militares como cantou de maneira quase bélica a arte da guerra. A partir destes fundadores, como disse Teofrasto<sup>74</sup>, a História alterou-se a ponto de se exprimir num estilo mais copioso e ornamentado do que o dos seus predecessores.

---

<sup>67</sup> Trasímaco (ca. 459 - 400 a.C.) reivindicava para si o título de sofista e é uma das personagens de Platão, no *Symposium*. De acordo com a Suda, ocupou-se tanto da Retórica como da Filosofia.

<sup>68</sup> Górgias (ca. 485 - ca. 380 a.C.) foi um retor e filósofo grego, natural de Leontinos, na Sicília. Foi responsável por uma série de inovações retóricas envolvendo a estrutura e a ornamentação do discurso, além de ter introduzido a ideia do pensamento e da expressão paradoxal - o que fez com que fosse apelidado de 'o pai da sofística'. Dos seus textos subsistem quatro, preservados na obra *Technai*, um manual de instrução retórica que consistia em modelos destinados a serem memorizados pelos estudantes: o *Encómio de Helena*, a *Defesa de Palamedes*, o *Tratado Sobre a Não-Existência* e o *Epitáfio*.

<sup>69</sup> Contemporâneo de Isócrates e posterior a Trasímaco e Górgias, era considerado habilíssimo nos expedientes formais.

<sup>70</sup> Artífices da palavra. Trata-se do passo 266 E.

<sup>71</sup> Heródoto de Halicarnasso (ca. 485 - 420 a.C.), geógrafo e historiador grego, foi o autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V a.C., conhecida simplesmente como *Histórias*, provavelmente escritas entre 450 e 430 a.C. e, posteriormente, divididas em 9 livros, intitulados segundo os nomes das musas, pelos eruditos alexandrinos. Apesar de frequentemente terem sido acusadas de influenciáveis e imprecisas, as *Histórias* são a obra em que primeiro se coloca o passado como um problema filosófico ou um projecto de pesquisa que podia revelar conhecimento do comportamento humano, o que valeu a Heródoto o título de “pai da História”.

<sup>72</sup> Heródoto.

<sup>73</sup> Tucídides.

<sup>74</sup> Teofrasto de Ereso (372 - 287 a.C.) foi o sucessor de Aristóteles no Liceu. Dedicou-se a todos os campos do conhecimento coevo, mas os seus escritos mais importantes serão os tratados botânicos *História das Plantas* e *Sobre as Causas das Plantas*.

XIII. (40) Horum aetati successit Isocrates, qui praeter ceteros eiusdem generis laudatur semper a nobis, nonnunquam, Brute, leniter et erudite repugnante te; sed c[r]edas mihi fortasse, si quid in eo laudem cognoveris. nam cum concisus ei Thrasy-machus minutis numeris videretur et Gorgias, qui tamen primi traduntur arte quadam verba vinxisse, Theodorus autem prae-fractionis nec satis, ut ita dicam, rotundus, primus instituit dilatare verbis et mollioribus numeris explere sententias. in quo cum doceret eos, qui partim in dicendo partim in scribendo principes extiterunt, domus eius officina habita eloquentiae est.

(41) itaque ut ego, cum a nostro Catone laudabar, vel reprehendi me a ceteris facile patiebar, sic Isocrates videtur testimonio Platonis aliorum iudicia debere contemnere. est enim, ut scis, quasi in extrema pagina Phaedri his ipsis verbis loquens Socrates: ‘adulescens etiam nunc, o Phaedre, Isocrates est, sed quid de illo augurer libet dicere. quid tandem? inquit ille.

maiore mihi ingenio videtur esse quam ut cum orationibus Lysiae comparetur, praeterea ad virtutem maior indoles, ut minime mirum futurum sit, si, cum aetate processerit, aut in hoc orationum genere, cui nunc studet, tantum quantum pueris reliquis praestet omnibus qui unquam orationes attigerunt aut si contentus his non fuerit, divino aliquo animi motu maiora concupiscat; inest enim natura philosophia in huius viri mente quaedam’.

haec de adolescente Socrates auguratur : at ea de seniore scribit Plato et scribit aequalis, et quidem exagitator omnium rhetorum hunc miratur unum.

XIII. (40) À geração destes sucedeu Isócrates que, mais do que outros do mesmo género, é sempre louvado por nós, apesar de tu, Bruto, com brandura e erudição, não concordares. Mas talvez acredites em mim se reconheceres nele algum mérito. Pois, na medida em que se diz que Trasímaco e Górgias, os primeiros que segundo a tradição, juntaram as palavras com alguma arte, terminaram as frases com ritmos mais móveis. Por outro lado, Teodoro, mais desconexo e, por assim dizer, não suficientemente harmonioso, foi o primeiro que estabeleceu a ampliação da frase com palavras e a terminar as frases com ritmos mais suaves. Nisto como ensinasse aqueles que se salientaram como os nossos melhores em parte a falar, em parte a escrever, a sua casa foi considerada uma oficina de eloquência. (41) E, assim como eu, quando era louvado pelo nosso Catão<sup>75</sup>, até suportava facilmente ser criticado por todos os outros, também parece que Isócrates, pelo testemunho de Platão, devia desprezar os juízos de outros. Diz, sem dúvida, como sabes, quase na última página do Fedro<sup>76</sup>, o eloquente Sócrates com estas mesmas palavras: “Isócrates é, ó Fedro, ainda jovem, mas apraz-me dizer algo sobre ele”. Então, o quê?” – perguntou ele. “A mim parece-me ser de maior talento do que para ser comparado com os discursos de Lísias e, além disso, ter uma natureza mais propícia para a virtude de forma que terá um futuro promissor se, com o avançar da idade ou neste género de oratória, a que agora se dedica, tanto quanto é superior a todos os outros jovens que alguma vez estudaram oratória ou se não se contentar com isso, desejar algo superior com algum movimento divino do espírito, existe por natureza na mente deste homem uma certa

---

<sup>75</sup> Catão de Útica (95 - 46 a.C.), senador romano célebre pela sua inflexibilidade e integridade moral. Tio materno e tutor de Bruto, foi um feroz opositor de Júlio César e suicidou-se após a vitória deste, na Batalha de Tapso, em 46 a.C.

<sup>76</sup> Platão, *Phaedrus*, 279 a.

(42) me autem qui Isocratem non diligunt una cum Socrate et cum Platone errare patiantur. dulce igitur orationis genus et solutum et affluens, sententiis argutum, verbis sonans est in illo epidictico genere quod diximus proprium sophistarum, pompae quam pugnae aptius, gymnasiis et palaestrae dicatum, spretum et pulsum foro. sed quod educata huius nutrimentis eloquentia est – ipsa se postea colorat et roborat – non alienum fuit de oratoris quasi incunabulis dicere. verum haec ludorum atque pompae; nos autem iam in aciem dimicationemque veniamus.

XIV. (43) Quoniam tria videnda sunt oratori, quid dicat et quo quidque loco et quo modo, dicendum omnino est quid sit optimum in singulis, sed aliquanto secus atque in tradenda arte dici solet. nulla praecepta ponemus – neque enim id suscepimus – sed excellentis eloquentiae speciem et formam adumbrabimus; nec quibus rebus ea paretur exponemus, sed qualis nobis esse videatur.

filosofia”. Sócrates predisse estas coisas sobre o jovem, mas Platão escreveu-as sobre o homem adulto<sup>77</sup>, ele que, sendo o crítico de todos os retores, apenas a este admira.

(42) Por outro lado, que aqueles que não estimam Isócrates permitam que eu me aventure na companhia de Sócrates e Platão. Pois é doce o seu estilo de discurso, livre e copioso, subtil nos pensamentos, sonante nas palavras, naquele género epidíctico que dissemos<sup>78</sup> ser próprio dos Sofistas, mais apropriado a solenidades públicas do que a contendas, reservado a ginásios e a palestras, desprezado e banido do foro. Mas porque a eloquência é, na origem, nutrida pelos seus alimentos – ela própria, depois disso, ganha novas cores e se robustece – não foi inoportuno referir, como que sobre o berço do orador, estas coisas dos jogos e solenidades<sup>79</sup>. Nós, por outro lado, já chegaremos à espada e à batalha.

XIV. (43) Visto que devem ser contempladas pelo orador três coisas – o que há de dizer, em que ordem e de que maneira<sup>80</sup> – deve dizer-se de uma vez por todas o que é melhor em cada uma, mas de forma um pouco diferente do que é habitual no ensino da retórica. Não estabeleceremos nenhuns preceitos – não era esse o nosso propósito, mas esboçaremos a espécie e o tipo ideal da melhor eloquência e não exporemos com que coisas ela se consegue, mas como nos parece ser

---

<sup>77</sup> O diálogo imaginado no Fedro teria tido lugar por volta de 413 a.C., pelo que Isócrates teria cerca de 23 anos, enquanto, por altura da composição do Fedro, Isócrates teria cerca de 50 anos.

<sup>78</sup> Cf. 37.

<sup>79</sup> Durante a sua actividade como logógrafo, Isócrates compreendeu a utilidade prática da Retórica. Defendia, portanto, um sistema educativo que se compunha simultaneamente do estudo das ideias abstractas e do exercício das técnicas retóricas com vista a obter a adesão dos ouvintes à posição do orador (Isócrates, 15, 187).

<sup>80</sup> Por outras palavras, a *inuentio* (44 - 49), a *dispositio* (50), a *actio* (55 - 60) e a *elocutio* (61 - 236).

(44) ac duo breviter prima: sunt enim non tam insignia ad maximam laudem quam necessaria et tamen cum multis paene communia. Nam et invenire et iudicare quid dicas magna illa quidem sunt et tanquam animi instar in corpore, sed propria magis prudentiae quam eloquentiae; qua tamen in causa est vacua prudentia? noverit igitur hic quidem orator quem summum esse volumus argumentorum et rationum locos.

(45) nam [quoniam] quicquid est quod in controversia aut in contentione versetur, in eo aut sitne aut quid sit aut quale sit quaeritur: sitne, signis; quid sit, definitionibus; quale sit, recti pravique partibus; quibus ut uti possit orator, non ille vulgaris sed hic excellens, a propriis personis et temporibus semper, si potest, avocet controversiam. latius enim de genere quam de parte disceptare licet, ut quod in universo sit probatum id in parte sit probari necesse.

(46) haec igitur quaestio a propriis personis et temporibus ad universi generis rationem traducta appellatur *θέσις*. in hac Aristoteles adolescentis non ad philosophorum morem tenuiter disserendi sed ad copiam rhetorum, in utranque partem ut ornatius et uberius dici posset, exercuit; idemque locos (sic enim appellat) quasi argumentorum notas tradidit, unde omnis in utranque partem traheretur oratio.

(44) E, com brevidade, trataremos as duas primeiras<sup>81</sup>. Na verdade, não são tão importantes para a máxima glória quão necessárias e, todavia, comuns a muitas outras coisas. De facto, descobrir e avaliar o que há-de dizer é o mais importante, como o espírito está no corpo, mas mais próprio da inteligência do que da eloquência. Em que causa a sabedoria é inútil? Portanto, este orador que queremos que seja o melhor, há-de conhecer os tópicos dos argumentos e do raciocínio.

(45) Na verdade, porque tudo o que se encontre na controvérsia ou no litígio, precisa de definir se é, o que é ou de que tipo é: se é, pelos indícios; o que é, pelas definições; de que tipo é, pelos princípios do bem e do mal<sup>82</sup>. Para que o orador possa servir-se destes lugares, não o orador comum mas o excelente, se puder, sempre a partir de pessoas e circunstâncias concretas avocar a controvérsia. Pode-se debater mais amplamente sobre o género do que sobre a parte, de forma que seja provado no todo aquilo que é preciso provar em concreto. (46) Esta questão, abstraída de circunstâncias de pessoas e circunstâncias concretas e trazida para o plano geral, foi chamada *θέσις*<sup>83</sup> em todos os tipos de discurso. Nela, Aristóteles exercitou os jovens não segundo o costume sóbrio dos filósofos, mas segundo a facúndia dos retores para poder falar num e noutro sentido de forma mais ornamentada e copiosa. Ele mesmo ensinou os tópicos<sup>84</sup> (assim os chamou), como que marcas dos argumentos, a partir dos quais todo o discurso é extraído num ou noutro sentido.

---

<sup>81</sup> *A inuentio e a dispositio.*

<sup>82</sup> Pequeno resumo da teoria de Hermágoras de Temnos, retor grego do século II a.C.

<sup>83</sup> Tese designa a questão infinita e livre de condicionamentos específicos. Distingue-se, portanto, da causa, questão finita e condicionada por factores circunstanciais de tempo, lugar e pessoa.

<sup>84</sup> Segundo Aristóteles, os tópicos ou estratégias de argumentação distinguem-se em comuns, aqueles que podiam ser utilizados para o tratamento de qualquer assunto e próprios, os específicos para o tratamento de determinados temas, nomeadamente os relacionados com a Ética ou a Física.

XV. (47) Faciet igitur hic noster – non enim declamatorem aliquem de ludo aut rabulam de foro, sed doctissimum et perfectissimum quaerimus – ut, quoniam loci certi traduntur, percurrat omnis, utatur aptis, generatim dicat; ex quo emanent etiam qui communes appellantur loci. Nec vero utetur imprudenter hac copia, sed omnia expendet et seliget. non enim semper nec in omnibus causis ex isdem locis eadem argumentorum momenta sunt.

(48) iudicium igitur adhibebit nec inveniet solum quid dicat sed etiam expendet. nihil enim est feracius ingeniis, iis praesertim quae disciplinis exculta sunt. sed ut segetes fecundae et uberes non solum fruges verum herbas etiam effundunt inimicissimas frugibus, sic interdum ex illis locis aut levia quaedam aut causis aliena aut non utilia gignuntur.

(49) quorum ab oratoris iudicio delectus magnus adhibebitur ; quonam <alio> modo ille in bonis haerebit et habitabit suis <a>ut molliet dura aut occultabit quae dilui non poterunt atque omnino opprimet, si licebit, aut abducet animos aut aliud afferet, quod oppositum probabilius sit quam illud quod obstabit?



XV. (47) Que o faça este nosso orador perfeito – não um que declame no teatro ou o mau advogado no tribunal, mas o doutíssimo e perfeitíssimo que buscamos – visto que lhe foram ensinados os tópicos específicos, os percorra a todos, seleccione os mais apropriados, fale por categorias. Daqui emanam também os que se chamam os lugares-comuns, na verdade, ele não usará imprudentemente destes recursos, mas ponderará a todos, escolhendo-os. Nem sempre, nem em todas as causas, a eficácia resulta dos mesmos tópicos.

(48) Empregará, assim, o seu juízo, não apenas imaginará mas também ponderará aquilo que há-de dizer. Nada há certamente mais fértil que o engenho especialmente aquele que é cultivado pelo estudo. Mas, tal como as searas, fecundas e férteis, não só produzem cereais, mas também as ervas inimigas dos frutos, assim também algumas vezes, a partir destes tópicos são gerados ou argumentos irrelevantes ou estranhos às causas ou não úteis às causas.

(49) Destes, o eleito será escolhido pelo discernimento do orador. De que modo aquele orador perfeito se firmará e deterá nos seus bons argumentos ou enfraquecerá os do adversário ou ocultará aquelas coisas que não podem ser diluídas ou eliminará completamente aqueles que lhe for possível ou desviará os espíritos ou trará outro argumento que, sendo oposto, seja mais provável do que aquele que tem de contrariar?

(50) Iam vero ea quae invenerit qua diligentia collocabit! quoniam id secundum erat de tribus. vestibula nimirum honesta aditusque ad causam faciet illustres; cumque animos prima aggressionem occupaverit, infirmabit excludetque contraria; de firmissimis alia prima ponet alia postrema inculcabitque leviora.

XVI. (51) Atque in primis duabus dicendi partibus qualis esset summatim breviterque descripsimus. sed, ut ante dictum est, in his partibus, etsi graves atque magnae sunt, minus et artis est et laboris, cum autem et quid et quo loco dicat invenerit, illud est longe maximum, videre quonam modo. scitum est enim, quod Carneades noster dicere solebat, Clitomachum ea<dem> dicere, Charmadam autem eodem etiam modo dicere. quodsi in philosophia tantum interest quem ad modum dicas, ubi res spectatur, non verba penduntur, quid tandem in causis existimandum est, quibus totis moderatur oratio?

(50) Com que diligência disporá aquelas coisas que encontrou! Porque isto era a segunda de três coisas<sup>85</sup>, o início distinto torna, sem dúvida, o acesso à causa ilustre e tendo-se apoderado dos espíritos com um primeiro ataque, enfraquecerá e excluirá os argumentos contrários de entre os mais firmes, colocará uns no início e outros no fim e porá no meio os mais débeis.

XVI. Até agora descrevemos, sumária e brevemente, de que natureza deve ser o nosso orador perfeito nas duas primeiras partes do discurso.

(51) Mas, como foi dito anteriormente<sup>86</sup>, nestas divisões, ainda que sejam graves e importantes, há menos de arte e de labor. Uma vez que tenha encontrado o que dizer e em que lugar, é muitíssimo importante ver de que modo o faça. É sabido que o nosso Carnéades<sup>87</sup> costumava dizer que Clitómaco<sup>88</sup> dizia as mesmas coisas, mas que Cármadas<sup>89</sup> as dizia também do mesmo modo. Pois se, na filosofia, há tanta diferença no modo como em que o assunto é examinado e não são avaliadas as palavras, o que se deve pensar acerca das causas, nas quais o estilo impõe limites?

---

<sup>85</sup> Cf. 43.

<sup>86</sup> Cf. 44.

<sup>87</sup> Carnéades de Cirene (214 - 130 a.C.) foi o fundador da Nova Academia, onde introduziu as bases do ceticismo. Em 155 a.C., foi enviado a Roma em missão diplomática, acompanhado pelo peripatético Critolau e pelo estóico Diógenes. As conferências destes três filósofos geraram grande admiração na cidade e, sobretudo, em Catão. A defesa por Carnéades da ideia que os deuses não existiam e que a justiça e injustiça são uma questão de pura conveniência fez com que Catão exigisse ao Senado que os três filósofos fossem expulsos de Roma, o que veio a acontecer.

<sup>88</sup> Clitómaco (187/6 - 110/09 a.C.) foi um filósofo de origem cartaginesa que se instalou em Atenas, em 163/2 a.C. Sucedeu a Carnéades na direcção da Nova Academia. Das suas obras, apenas alguns títulos foram preservados.

<sup>89</sup> Cármadas (164/3 - ca. 95 a.C.) foi aluno de Clitómaco na Nova Academia. Ensinou em Atenas. Cícero diz-nos que Cármadas era notável pelas suas eloquência e memória (*De Oratore*, I, 45 - 47 e 62 - 84 e II, 360).

(52) quod quidem ego, Brute, ex tuis litteris sentiebam, non te id <sci>scitari, qualem ego in inveniando et in collocando summum esse oratorem vellem, sed id mihi quaerere videbare, quod genus ipsius orationis optimum iudicarem: rem difficilem, dii immortales, atque omnium difficillimam. nam cum est oratio mollis et tenera et ita flexibilis ut sequatur quocunque torqueas, tum et naturae variae et voluntates multum inter se distantia effecerunt genera dicendi.

(53) flumen aliis verborum volubilitasque cordi est, qui ponunt in orationis celeritate eloquentiam; distincta alios et interpuncta intervalla, morae respirationesque delectant: quid potest esse tam diversum? tamen est in utroque aliquid excellens. elaborant alii <in> lenitate et aequabilitate et puro quodam et quasi candido genere dicendi; ecce aliqui duritatem et severitatem quandam verbis et orationis quasi maestitiam sequuntur; quodque paulo ante divisimus, ut alii graves alii tenues alii temperati vellent videri, quot orationum genera esse diximus totidem oratorum reperiuntur.

XVII. (54) Et quoniam coepi iam cumulatus hoc munus augere quam a te postulatum est – tibi enim tantum de orationis genere quaerenti respondi etiam breviter de inveniando et collocando – ne nunc quidem solum de orationis modo dicam sed etiam de actionis. ita praetermissa pars nulla erit, quandoquidem de memoria nihil est hoc loco dicendum, quae communis est multarum artium.

(52) Na verdade, eu percebo isto das tuas cartas, Bruto: tu não perguntavas que orador eu quero que seja perfeito na invenção e na disposição, mas sim parecia-me que querias saber que estilo de discurso eu considero o melhor, questão difícilíssima, deuses imortais, e a mais difícil entre todas. Na verdade, tal como o discurso é dútil, mole e tão flexível que segue para onde o desviares, assim também as naturezas diversas e os seus objectivos criaram tipos de discurso muito diferentes entre si.

(53) A uns, a torrente e a rapidez das palavras é grata e esses colocam a eloquência na celeridade do discurso, a outros deleitam os intervalos distintos e separados, as pausas e as respirações. Que pode ser tão diverso? Todavia, há em ambos os estilos algo de excelente. Uns dedicam-se a um tipo de discurso suave, simples, de certa maneira puro e quase cândido; eis que outros procuram rudeza e uma certa severidade como que uma aspereza da linguagem e do discurso. Distinguimo-los há pouco<sup>90</sup>: uns procuram parecer graves, outros suaves, outros moderados. Em relação a isto dissemos serem tantos os tipos de discurso quantos os de oradores.

XVII. (54) E já que comecei a ampliar esta tarefa de forma mais extensa do que foi pedido por ti – a ti que apenas inquirias acerca do estilo de discurso, respondi também, com poucas palavras, sobre a invenção e a disposição, agora não falarei apenas do estilo de discurso mas também da acção. Assim parte nenhuma será esquecida<sup>91</sup>, visto que neste lugar nada deve ser dito sobre a memória, que é comum a muitas artes.

---

<sup>90</sup> Cf. 20 - 21.

<sup>91</sup> Um tratado sobre retórica compunha-se normalmente de cinco partes: *inuentio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio* e *memoria*.

(55) quo modo autem dicatur, id est in duobus, in agendo et in eloquendo. est enim actio quasi corporis quaedam eloquentia, cum constet e voce atque motu. vocis mutationes totidem sunt quot animorum, qui maxime voce commoventur. itaque ille perfectus, quem iam dudum nostra indicat oratio, utcunque se affectum videri et animum audientis moveri volet, ita certum vocis admovebit sonum. de quo plura dicerem, si hoc praeciendi tempus esset aut si tu hoc quaereres ; dicerem etiam de gestu, cum quo iunctus est vultus. quibus omnibus dici vix potest quantum intersit quem ad modum utatur orator.

(56) nam et infantes actionis dignitate eloquentiae saepe fructum tulerunt et diserti deformitate agendi multi infantes putati sunt, ut iam non sine causa Demosthenes tribuerit et primas et secundas et tertias actioni. si enim eloquentia nulla sine hac, haec autem sine eloquentia tanta est, certe plurimum in dicendo potest. volet igitur ille, qui eloquentiae principatum petet, et contenta voce atrociter dicere et summissa leniter et inclinata videri gravis et inflexa miserabilis.

(55) Ora, a maneira de falar é algo que está nas duas actividades: no agir e no falar. Sem dúvida, a acção é, por assim dizer, uma certa eloquência do corpo, que consiste na voz e no gesto.

São tantas as variações da voz quantas as dos espíritos que, por sua vez, se perturbam muitíssimo pela voz. Deste modo, o orador perfeito - que o nosso discurso definirá em breve -, que queira de qualquer maneira aparentar emoção e mover o espírito do ouvinte, empregará o tom de voz apropriado. Sobre isto diria muitas coisas, se este fosse o tempo de ensinar ou se tu o quisesses; também falaria do gesto, ao qual se junta a expressão facial. A custo se pode dizer quanta diferença faz a maneira como o orador usa tudo isto.

(56) Na verdade, até os incapazes de falar obtêm, muitas vezes, o fruto da eloquência pela dignidade da acção e muitos oradores hábeis foram considerados inábeis devido à fealdade da sua acção, de modo que Demóstenes atribuiu, não sem razão, o primeiro, o segundo e o terceiro lugar à acção<sup>92</sup>. Se nenhuma eloquência existe sem acção e ela sem a eloquência é tão importante, então ela tem grande eficácia no discurso. Portanto, aquele orador perfeito, que procura o primeiro lugar na eloquência, dirá intensamente com um tom veemente, gentilmente com uma voz baixa e mostrar-se-á digno, com uma voz profunda, e triste, com uma voz comovida.

---

<sup>92</sup> *Brut.*, XXXVIII, 142.

(57) mira est enim quaedam natura vocis, cuius quidem e tribus omnino sonis, inflexo acuto gravi, tanta sit et tam suavis varietas perfecta in cantibus.

XVIII. Est autem etiam in dicendo quidam cantus obscurior, non hic e Phrygia et Caria rhetorum epilogus, paene canticum, sed ille quem significat Demosthenes et Aeschines, cum alter alteri obicit vocis flexiones; <\*\*\*> dicit plura etiam Demosthenes illumque saepe <prae>dicat voce dulci et clara fuisse.

(58) in quo illud etiam notandum mihi videtur ad studium persequendae suavitatis in vocibus: ipsa enim natura, quasi modularetur hominum orationem, in omni verbo posuit acutam vocem nec una plus nec a postrema syllaba citra tertiam; quo magis naturam ducem ad aurium voluptatem sequatur industria.

(59) ac vocis bonitas quidem optanda est; non est enim in nobis, sed tractatio atque usus in nobis. ergo ille princeps variabit et mutabit: omnis sonorum tum intendens tum remittens persequetur gradus.

Idemque motu sic utetur, nihil ut supersit in gestu. status erectus et celsus; rarus incessus nec ita longus; excursio moderata eaque rara; nulla mollitia cervicum, nullae argutiae digitorum, non ad numerum articulus cadens; trunco magis toto se ipse moderans et virili laterum flexione, brachii proiectione in contentionibus, contractione in remissis.



(57) Na verdade, é admirável na voz uma certa qualidade que, a partir de apenas três registos – elevado, baixo e intermédio – produza tamanha e tão agradável variedade perfeita no canto.

XVIII. Há também na fala uma certa entoação mais obscura, não aquele epílogo dos retores da Frígia e da Cária, quase um cântico, mas aquele que mostram Demóstenes e Ésquines quando um censura ao outro as respectivas inflexões de voz<sup>93</sup>. Demóstenes disse ainda muitas coisas e diz muitas vezes que Ésquines tinha uma voz doce e clara.

(58) A este respeito, parece-me que isto deve ser assinalado para que se cultive com empenho a suavidade na voz. Na verdade, a própria natureza, como se modelasse a linguagem dos homens, pôs em todas as palavras um acento agudo nem antes nem depois de três sílabas antes do fim das palavras, pelo que, para prazer dos ouvidos, o esforço segue a natureza como guia.

(59) De facto, a beleza da voz deve ser procurada: isto não está em nós, mas o estudo e o uso estão. Por conseguinte, aquele orador perfeito variará e modelará a sua voz: ora, elevando, ora, baixando o tom, ele percorrerá toda a escala de sons. Ele também usará do gesto, para que nada seja excessivo. No gesto, manterá a postura direita e altiva, deslocando-se no espaço e não em extensão: a deambulação moderada e rara, pouca flexibilidade no pescoço, nenhuma vivacidade dos dedos, não marcando o ritmo da fala com a articulação – ele próprio controlando-se mais pela postura do tronco e pela viril flexão do flanco, estendendo os braços em momentos de conflito e contraindo-os nos mais calmos.

---

<sup>93</sup> Na *Discurso em favor de Ctesifonte*, 259 e 291, Demóstenes acusa Ésquines de gritar, vociferar e berrar, enquanto Ésquines Na *acusação de Ctesifonte*, 209 - 210, comenta o tom de voz de Demóstenes.

(60) Vultus vero, qui secundum vocem plurimum potest, quantam affert tum dignitatem tum venustatem! in quo cum effeceris ne quid ineptum aut vultuosum sit, tum oculorum est quaedam magna moderatio. nam ut imago est animi vultus, sic indices oculi; quorum et hilaritatis et vicissim tristitiae modum res ipsae de quibus agetur temperabunt.

XIX. (61) Sed iam illius perfecti oratoris et summae eloquentiae species exprimenda est. quem hoc uno excellere, id est oratione, cetera in eo latere indicat nomen ipsum. non enim inventor aut compositor aut actor qui haec complexus est omnia, sed et Graece ab eloquendo ῥήτωρ et Latine eloquens dictus est. ceterarum enim rerum, quae sunt in oratore, partem aliquam sibi quisque vindicat, dicendi autem, id est eloquendi, maxima vis soli huic conceditur.

(60) O rosto, que depois da voz muito pode, produz quanta dignidade e elegância! Nisto, quando conseguimos que nada haja de desajustado ou excessivo, tem então lugar uma grande moderação do olhar. Na verdade, tal como o rosto é a imagem do espírito, assim os olhos são os seus indícios: os assuntos sobre os quais falamos estabelecerão sucessivamente a medida da sua alegria e tristeza.

XIX. (61) Agora deve ser tratada a forma daquele orador perfeito e da suma eloquência. O próprio nome eloquente indica que ele se destaca apenas nisto que está no discurso e que as restantes estão escondidas nele<sup>94</sup>. Esta palavra tão complexa não significa inventor, compositor ou autor<sup>95</sup>, mas, em grego, é chamado *ρήτωρ* e, em latim, eloquente, a partir da palavra elocução. Com efeito, das outras coisas que compõem o orador, cada um reivindica para si uma parte, mas aquilo que é a máxima força de dizer e de falar é concedida a este único.

---

<sup>94</sup> A palavra para eloquência (*eloquentia*) deriva de *eloquor* (falar).

<sup>95</sup> A palavra que designa o orador (*orator*) não deriva das funções menores que lhe estão associadas: *inuentio* (invenção ou descoberta dos argumentos), *dispositio* (disposição ou arranjo) ou *actio* (acção).

(62) Quanquam enim et philosophi quidam ornate locuti sunt – si quidem et Theophrastus a divinitate loquendi nomen invenit et Aristoteles Isocratem ipsum laccessivit et Xenophontis voce Musas quasi locutas ferunt et longe omnium quicunque scripserunt aut locuti sunt extitit et gravitate <et suavitate> princeps Plato – tamen horum oratio neque nervos neque aculeos oratorios ac forensis habet.

(63) loquuntur cum doctis, quorum sedare animos malunt quam incitare, si de rebus placatis ac minime turbulentis docendi causa non capiendi loquuntur, ut in eo ipso quod delectationem aliquam dicendo aucupentur, plus nonnullis quam necesse sit facere videantur. ergo ab hoc genere non difficile est hanc eloquentiam de qua nunc agitur secernere.

(64) mollis est enim oratio philosophorum et umbratilis nec sententiis nec verbis instructa populari<bu>s nec vineta numeris, sed soluta liberius; nihil iratum habet, nihil invidum, nihil atrox, nihil mi<se>rabile, nihil astutum; casta verecunda, virgo incorrupta quodam modo. itaque sermo potius quam oratio dicitur; quanquam enim omnis locutio oratio est, tamen unius oratoris locutio hoc proprio dignata nomine est.

(62) Sem dúvida, com efeito, os filósofos também falaram com ornamento. Se Teofrasto recebe o seu nome pela sua linguagem divina<sup>96</sup>, se Aristóteles desafiou o próprio Isócrates<sup>97</sup>, se as Musas, dizem, falaram pela voz de Xenofonte e se daqueles que escreveram e falaram, Platão muito ultrapassa, como primeiro, todos em gravidade e suavidade<sup>98</sup>, contudo, o discurso deles não tem nem a energia nem os aguilhões oratórios ou forenses.

(63) Falam com pessoas doudas, cujos espíritos preferem acalmar do que incitar se falam para ensinar e não cativar sobre assuntos serenos e nada turbulentos, de tal maneira que nisso, mesmo que procurem ao falar algum deleite, parece que fazem algo mais do que é necessário. Portanto, não é difícil distinguir deste género a eloquência de que agora se fala.

(64) Na verdade, é agradável e sombrio o discurso dos filósofos: nem provido de frases ou palavras populares, nem preso a períodos rítmicos, mas mais solto e de forma mais livre. Nada têm de colérico, invejoso, violento, miserável, astucioso, mas é casto e reservado, como uma donzela sem mácula. Deste modo, chama-se conversação de preferência a discurso: apesar de toda a fala ser um discurso, contudo, apenas a linguagem do orador é digna deste nome específico.

---

<sup>96</sup> O seu nome, originalmente Tirtamo, foi mudado por Aristóteles e compõe-se de θεός (deus, divindade) e φράζω (falar) e significa, portanto, “aquele que fala como um deus”.

<sup>97</sup> *De or.*, III, 35, 141.

<sup>98</sup> Quintiliano, *Institutio Oratoria.*, X, 1, 81; *Brut.*, XXXI, 121.

(65) sophistarum, de quibus supra dixi, magis distinguenda similitudo videtur, qui omnes eosdem volunt flores quos adhibet orator in causis persequi. sed hoc differunt quod, cum sit iis propositum non perturbare animos sed placare potius, nec tam persuadere quam delectare, et apertius id faciunt quam nos et crebrius, concinnas magis sententias exquirunt quam probabiles, a re saepe discedunt, intexunt fabulas, verba apertius transferunt eaque ita disponunt ut pictores varietatem colorum, paria paribus referunt, adversa contrariis, saepissimeque similiter extrema definiunt.

XX. (66) Huic generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes. sed in his tracta quaedam et fluens expetitur, non haec contorta et acris oratio. Ab his non multo secus quam a poetis haec eloquentia quam quaerimus sevocanda est. nam etiam poetae quaestionem attulerunt, quidnam esset illud quo ipsi differrent ab oratoribus; numero maxime videbantur antea et versu, nunc apud oratores <et>iam ipsos numerus increbruit.

(65) Muito parece dever distinguir-se a semelhança com os Sofistas, sobre os quais falei acima<sup>99</sup>: eles que querem cultivar todos os ornamentos que o orador emprega nas suas causas. Todavia, nisto diferem porque, sendo o seu propósito não perturbar os ânimos mas antes aplacá-los, não tanto persuadir quanto deleitar, o fazem mais aberta e frequentemente do que nós: procuram frases mais harmoniosas do que plausíveis, frequentemente se afastam do assunto, inserem fábulas, usam as metáforas livremente e assim dispõem as palavras como os pintores a variedade das cores, relacionam coisas iguais com as suas semelhantes e as opostas com os seus contrários e, muitas vezes, terminam as suas cláusulas de modo semelhante.

XX. (66) Deste género é vizinha a História, na qual é descrita de modo ornamentado a pátria e, muitas vezes, descritos os conflitos bélicos; nele são, de igual modo, intercaladas as arengas e as exortações, mas neles se espera um estilo tranquilo e fluente e não a linguagem seca e violenta do orador. A eloquência, que buscamos, deve ser distinguida desta de modo não menos diferente que da dos poetas. Pois os próprios poetas colocaram a questão de saber que coisa é essa, na qual eles se afastam dos discursos oratórios. Antes pareciam distinguir-se sobretudo em relação ao ritmo e ao verso, mas agora entre os próprios oradores já se desenvolve o ritmo.

---

<sup>99</sup> Cf. 11 e 37.

(67) quicquid est enim quod sub aurium mensuram aliquam cadit, etiamsi abest a versu – nam id quidem orationis est vitium – numerus vocatur, qui Graece ῥυθμός dicitur. itaque video visum esse nonnullis Platonis et Democriti locutionem, etsi absit a versu, tamen quod incitat<i>us feratur et clarissimis verborum luminibus utatur, potius poema putandum quam comicorum poetarum; apud quos, nisi quod versiculi sunt, nihil est aliud quotidiani dissimile sermonis. nec tamen id est poetae maximum, etsi est eo laudabilior quod virtutes oratoris persequitur, cum versu sit astrictior.

(68) ego autem, etiamsi quorundam grandis et ornata vox est poetarum, tamen in ea cum licentiam statuo maiorem esse quam in nobis faciendorum iungendorumque verborum, tum etiam nonnullorum voluntati vocibus magis quam rebus inserviunt. nec vero, si quid est unum inter eos simile – id autem est iudicium electioque verborum – propterea ceterarum rerum dissimilitudo intellegi non potest. sed id nec dubium est et, si quid habet quaestionis, hoc tamen ipsum ad id quod propositum est non est necessarium. Seiunctus igitur orator a philosophorum eloquentia, a sophistarum, ab historicorum, a poetarum, explicandus est nobis qualis futurus sit.



(67) Na verdade, tudo aquilo que caia sob a capacidade dos ouvidos, mesmo que se afaste do verso – pois este é um defeito da prosa – chama-se ritmo, o que em grego se diz *ῥυθμός*. Por este motivo, vejo que alguns consideram que a linguagem de Platão e Demócrito<sup>100</sup>, ainda que seja em verso, contudo, se move mais vigorosamente e usa claros ornamentos estilísticos, deve ser considerada poesia de preferência àquela dos poetas cômicos, quando a não ser porque, entre eles, que escrevem em verso e nada é mais diferente da conversação quotidiana. Mas contudo, isto<sup>101</sup> não é o mais importante para o poeta, embora nele seja louvável que procure as qualidades do orador enquanto que mais submetido ao verso.

(68) Em minha opinião. por outro lado, embora seja grande e ornamentada a voz de alguns poetas, contudo, nela considero, por um lado, haver uma maior liberdade na formação e disposição das palavras do que em nós e que, por outro lado, com a aprovação de alguns críticos, observam mais as palavras do que as ideias. E, sem dúvida, se há alguma semelhança entre eles e nós – esse é o juízo e a eleição das palavras – não pode ser compreendida a dissemelhança por causa de outros assuntos, mas não é duvidoso que exista e que se coloque uma questão, contudo, para este que é o nosso objectivo, ele não é necessário.

Afastado, portanto, o orador da eloquência dos filósofos, dos Sofistas, dos historiadores e dos poetas, deve agora ser explicado por nós aquilo que ele deverá ser.

---

<sup>100</sup> Demócrito de Abdera (ca. 460 - ca. 370 a.C.) foi o maior expoente do atomismo, teoria segundo a qual tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. Desenvolveu também o conceito de um universo infinito, onde existem muitos outros mundos como o nosso. Embora amplamente ignorado em Atenas durante sua vida, a obra de Demócrito foi bastante conhecida por Aristóteles, que a comentou extensivamente.

<sup>101</sup> O verso.

XXI. (69) Erit igitur eloquens – hunc enim auctore Antonio quaerimus – is qui in foro causisque civilibus ita dicet, ut probet, ut delectet, ut flectat. probare necessitatis est, delectare suavitatis, flectere victoriae; nam id unum ex omnibus ad obtinendas causas potest plurimum. Sed quot officia oratoris tot sunt genera dicendi: subtile in probando, modicum in delectando, vehemens in flectendo; in quo uno vis omnis oratoris est.

(70) magni igitur iudici, summae etiam facultatis esse debebit moderator ille et quasi temperator huius tripartitae varietatis. nam et iudicabit quid cuique opus sit et poterit quocunque modo postulabit causa dicere.

Sed est eloquentiae sicut reliquarum rerum fundamentum sapientia. ut enim in vita sic in oratione nihil est difficilius quam quid deceat videre: πρέπον appellant hoc Graeci, nos dicamus sane decorum. de quo praeclare et multa praecipiuntur et res est cognitione dignissima. huius ignorance non modo in vita, sed saepissime et in poematis et in oratione peccatur.

(71) est autem quid deceat oratori videndum non in sentiis solum sed etiam in verbis. Non enim omnis fortuna, non omnis honos, non omnis auctoritas, non omnis aetas nec vero locus aut tempus aut auditor omnis eodem aut verborum genere tractandus est aut sententiarum, semperque in omni parte orationis ut vitae quid deceat est considerandum; quod et in re de qua agitur positum est et in personis et eorum qui dicunt et eorum qui audiunt.

XXI. (69) Será, portanto, eloquente – buscamos-lo por causa de António - aquele que fale no foro e nas causas civis, de tal maneira que prove, deleite e comova: provar é próprio da necessidade, deleitar da beleza e persuadir da vitória – pois isto mesmo é a única coisa de todas que é sobremaneira útil para ganhar causas. Ora, quantos são os deveres do orador, tanto são os estilos do discurso: simples para provar, médio para deleitar, elevado para persuadir e é, neste último, que está toda a força do orador.

(70) De grande discernimento deverá ser aquele moderador de maior talento e, por assim dizer, alguém que mistura esta variedade tripartida. Na verdade, decidirá o que seja necessário para cada caso e poderá falar de qualquer modo que a causa pedir. Pois o fundamento da eloquência, assim como de todas as coisas, é a sabedoria. Como na vida, assim no discurso, nada é mais difícil do que determinar aquilo que é adequado – a isto chamam os Gregos *πρέπον* e nós dizemos, com razão, adequação<sup>102</sup>.

Sobre isto muitas coisas são ensinadas de forma ilustre e são muito dignas de conhecimento. Por desconhecimento disto se erra não só na vida, mas frequentíssimas vezes também na poesia e na prosa.

(71) É algo que convém ao orador observar não só no pensamento como também na linguagem, pois as condições da vida, o estatuto, a posição, a idade, o lugar, a ocasião e o ouvinte não devem ser todos tratados com o mesmo estilo de discurso e pensamento. A regra universal da oratória, como da vida, diz que deve ser considerado aquilo que é adequado. Isto depende, por um lado, do assunto de que se trata e, por outro lado, do carácter quer daqueles que falam quer daqueles que ouvem.

---

<sup>102</sup> Cf. Cícero, *De officiis*, XXVII, 93 – 100.

(72) itaque hunc locum longe et late patentem philosophi solent in officiis tractare – non cum de recto ipso disputant, nam id quidem unum est –, grammatici in poetis, eloquentes in omni et genere et parte causarum. quam enim indecorum est, de stillicidiis cum apud unum iudicem dicas, amplissimis verbis et locis uti communibus, de maiestate populi Romani summis et subtiliter!

XXII. Hi[c] genere toto, at persona alii peccant aut sua aut iudicum aut etiam adversariorum nec re solum sed saepe verbo. etsi sine re nulla vis verbi est, tamen eadem res saepe aut probatur aut reicitur alio atque alio elata verbo.

(73) in omnibusque rebus videndum est quatenus. etsi enim suus cuique modus est, tamen magis offendit nimium quam parum. in quo Apelles pictores quoque eos peccare dicebat qui non sentirent quid esset satis.

Magnus est locus hic, Brute, quod te non fugit, et magnum volumen aliud desiderat; sed ad id quod agitur illud satis. Cum hoc decere – quod semper usurpamus in omnibus dictis et factis, minimis et maximis – cum hoc, inquam, decere dicimus, illud non decere, et id usquequaque quantum sit appareat, in alioque ponatur aliudque totum sit, utrum decere an oportere dicas –

(72) Deste modo, os filósofos costumam tratar este tópico, de uma forma muito óbvia, longa e abundante, entre os deveres – mas não quando falam sobre o que é correcto porque isso é único -, os gramáticos, na poesia e os eloquentes, em todo o estilo de discurso e em cada parte das causas. Quão inconveniente seria usar tópicos gerais e um estilo elevado para discutir, perante um único juiz, a água das chuvas<sup>103</sup> e um estilo rude e simples para discutir a majestade do povo Romano<sup>104</sup>!

XXII. Erram em todo este estilo, porém outros erram em relação ao carácter – ou ao seu próprio, ou ao dos juízes ou ao dos adversários – e não só em relação aos factos, mas também às palavras: ainda que nenhuma força se encontre numa palavra sem fundamento, contudo, a mesma coisa é aprovada ou rejeitada caso seja expressa de uma ou de outra forma.

(73) Em todos os casos se deve ver até onde se pode ir: apesar de para cada um a justa medida ser a sua, contudo, o excesso ofende mais do que a escassez. Nisto dizia Apeles também errarem os pintores que não sabem o que é suficiente. Este é um tópico importante, Bruto, que não te escapou e que requiere ele próprio um maior volume. Mas para aquilo de que se trata agora, isto será suficiente. Visto que isto é conveniente – isto que usamos sempre em todos os nossos ditos e feitos, pequenos e grandes – visto que, repito, dizemos que isto é conveniente e aquilo não é e se vê quão importante é isto em toda a parte e é uma outra questão caso digas ser “conveniente” ou “necessário”.

---

<sup>103</sup> Assuntos insignificantes.

<sup>104</sup> Os assuntos mais importantes.

(74) oportere enim perfectionem declarat officii, quo et semper utendum est et omnibus, decere quasi aptum esse consentaneumque tempori et personae, quod cum in factis saepissime tum in dictis valet, in vultu denique et gestu et incessu – contraque item dedecere; quod si poeta fugit ut maximum vitium, qui peccat etiam cum probam orationem affingit improbo stultove sapientis; si denique pictor ille vidit, cum immolanda Iphigenia tristis Calchas esset, maestior Vlixes, maereret Menelaus, obvolvendum caput Agamemnonis esse, quoniam summum illum luctum penicillo non posset imitari; si denique histrio quid deceat quaerit : quid faciendum oratori putemus ? sed cum hoc tantum sit, quid in causis earumque quasi membris faciat orator viderit: illud quidem perspicuum est, non modo partis orationis sed etiam causas totas alias alia forma dicendi esse tractandas.

(74) Ser necessário indica a perfeição do dever, do qual se devem sempre servir todos, mas ser conveniente é, por assim dizer, ser apto e consentâneo com uma ocasião ou pessoa, o que, muitas vezes, tem valor não só na acção, como nas palavras, na expressão do rosto e, finalmente, no gesto e no caminhar – o contrário, do mesmo modo, não é conveniente. Pois se o poeta foge daquilo que é conveniente, como se fosse o máximo vício, poeta que erra quando atribui o discurso de um homem bom a um vilão ou de um homem sábio a um estulto, se aquele pintor<sup>105</sup>, na imolação de Ifigénia<sup>106</sup>, representou Calcas triste, Ulisses mais triste e viu Menelau afligir-se, mas entendeu dever esconder o rosto de Agamémnon, visto que aquele supremo luto não pode ser representado pelo pincel, se, finalmente, o actor indaga aquilo que é adequado, que pensaremos nós que deve ser feito pelo orador? Visto que isto é tão importante, o orador saberá o que fazer no discurso e nas suas diferentes divisões. É certamente claro que não só a partir do discurso, mas também o discurso na sua totalidade, devem ser tratados com um ou outro estilo.

---

<sup>105</sup> Timantes de Citnos foi um pintor do século IV a.C. A sua obra mais célebre intitulava-se *O Sacrifício de Ifigénia*, na qual retrata as fortes emoções daqueles que assistem à cena, enquanto representa Agamémnon, o pai da vítima sacrificial, de rosto velado para mostrar que uma dor tão grande é impossível de ser representada.

<sup>106</sup> Segundo a mitologia, Ifigénia, a filha mais velha de Agamémnon e Clitemnestra, teve de ser sacrificada em Áulis, para que novamente os ventos soprassem e os Gregos pudessem partir para Tróia para recuperar a honra de Menelau, rei de Esparta, a quem a esposa, Helena, preterira em favor de Páris. Nessa expedição, participaram, entre outros, Ulisses, rei de Ítaca e o adivinho Calcas.

XXIII. (75) Sequitur ut cuiusque generis nota quaeratur et formula, magnum opus et arduum, ut saepe iam diximus; sed ingredientibus considerandum fuit quid ageremus, nunc quidem iam quocunque feremur danda nimirum vela sunt. Ac primum informandus est ille nobis, quem solum quidem vocant Atticum.

(76) summissus est et humilis, consuetudinem imitans, ab indisertis re plus quam opinione differens. itaque eum qui audiunt, quamvis ipsi infantes sint, tamen illo modo confidunt se posse dicere. nam orationis subtilitas imitabilis illa quidem videtur esse existimanti, sed nihil est experiendi minus. etsi enim non plurimi sanguinis est, habeat tamen sucum aliquem oportet, ut, etiam si illis maximis viribus careat, sit ut ita dicam integra valetudine.

(77) primum igitur eum tanquam e vinculis numerorum eximamus. sunt enim quidam, ut scis, oratori numeri (de quibus mox agemus) observandi ratione quadam, sed alio in genere orationis, in hoc omnino relinquendi. solutum quiddam sit nec vagum tamen, ut ingredi libere, non ut licenter videatur errare. verba etiam verbis quasi coagmentare neglegat. habet enim ille tanquam hiatus concursu vocalium molle quiddam et quod indicet non ingratam neglegentiam de re hominis magis quam de verbis laborantis.



XXIII. (75) Daqui resulta que se deve procurar o tipo e o padrão de cada estilo<sup>107</sup>, grande e árdua tarefa, como já muitas vezes dissemos<sup>108</sup>: ao iniciarmos o trabalho, pusemos a questão do que havíamos de fazer, agora é tempo de largar velas para onde quer que sejamos conduzidos. E, primeiro, deve ser modelado por nós aquele que é o único a que alguns chamam ático.

(76) Ele é simples e humilde, imitador da tradição, distinguindo-se dos pouco eloquentes mais pelo assunto do que pela opinião. De tal modo que aqueles que o ouvem, embora eles próprios sejam incapazes de falar em público, contudo, acreditam poder falar daquele modo, pois aquela simplicidade de estilo parece ser imitável à primeira vista e, todavia, nada é mais difícil ao experimentar-se. Ainda que não seja muito enérgico, contudo, é preciso que tenha algum vigor para que, mesmo que careça daquela máxima força, seja, como se diz, perfeito em relação ao estilo<sup>109</sup>.

(77) Portanto, livremo-lo primeiro das amarras do ritmo. Como sabes, são próprios dos oradores certos ritmos - dos quais em breve nos ocuparemos<sup>110</sup> - ritmos que devem ser observados com um certo método, mas num diferente estilo de discurso: neste estilo devem ser completamente evitados. Que seja algo livre e, no entanto, não irregular, para que pareça avançar livremente e não vaguear desregradamente. Que evite também juntar palavras a palavras, pois o famoso hiato resultante do encontro de vogais tem algo de agradável e mostra um não desagradável descuido daquele homem que cuida mais do pensamento do que das palavras.

---

<sup>107</sup> Os três estilos de discurso são o simples (75 - 90), o intermédio (91 - 95) e o elevado (96 - 99).

<sup>108</sup> Cf. 1, 2, 33 e 52.

<sup>109</sup> *Brut.*, XVI, 64.

<sup>110</sup> Cf. 168 e seguintes.

(78) sed erit videndum de reliquis, cum haec duo ei liberiora fuerint, circuitus conglutinatioque verborum. illa enim ipsa contracta et minuta non neglegenter tractanda sunt, sed quaedam etiam neglegentia est diligens. nam ut mulieres esse dicuntur nonnullae inornatae, quas id ipsum deceat, sic haec subtilis oratio etiam incompta delectat; fit enim quiddam in utroque, quo sit venustius, sed non ut appareat. tum removebitur omnis insignis ornatus quasi margaritarum; ne calamistri quidem adhibebuntur.

(79) fucati vero medicamenta candoris et ruboris omnia repellentur: elegantia modo et munditia remanebit. sermo purus erit et Latinus, dilucide planeque dicetur, quid deceat circumspicietur.

(78) Mas deverá olhar para as restantes coisas, visto que estas duas, o período e a ligação das palavras, são em si mais livres. Mesmo as frases pequenas e concisas não devem ser tratadas com negligência, mas alguma negligência é ainda assim necessária: como algumas mulheres se dizem mais belas sem adornos, a quem isso<sup>111</sup> mesmo convém, assim este estilo simples deleita mesmo sem ornamentos. Existe algo em ambos os casos que é mais elegante, mas que não se revela. Então todo o ornamento visível, como se fossem pérolas, se afastará e não serão usados ferros de frisar<sup>112</sup>.

(79) Na verdade, todos os cosméticos, o branco e o rubro artificiais, são rejeitados, somente permanecerão a elegância e a pureza. O discurso será correcto e latino, pronunciado claramente e com precisão. O objectivo é aquilo que é conveniente.<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> A falta de adornos.

<sup>112</sup> *Brut.*, LXXV, 262.

<sup>113</sup> As quatro qualidades do estilo, segundo Teofrasto, são a correcção (*puritas*), a clareza (*perspecuitas*), a adequação (*aptum*) e o ornato (*ornatus*).

XXIV. Unum aberit, quod quartum numerat Theophrastus in orationis laudibus: ornatum illud, suave et affluens. acutae crebraeque sententiae ponentur et nescio unde ex abdito erutae, idque in hoc oratore dominabitur. verecundus erit usus oratoriae quasi supellectilis.

(80) supellex est enim quodam modo nostra quae est in ornamentis alia rerum alia verborum. ornatus autem <verborum> duplex, unus simplicium alter collocatorum. simplex probatur – in propriis usitatisque verbis – quod aut optime sonat aut rem maxime explanat; in alienis aut translatum [aut factum] aliunde ut mutuo aut factum ab ipso ac novum aut priscum et <in>usitatum (sed etiam <in>usitata ac prisca sunt in propriis, nisi quod raro utimur).

XXIV. Faltará apenas uma qualidade que Teofrasto enumera em quarto lugar entre as qualidades do estilo: um ornato elegante e rico. Usar-se-ão hábeis e abundantes frases, extraídas não sei de que locais secretos – e isto prevalecerá neste orador. O uso dos recursos oratórios, como que utensílios domésticos, deverá ser comedido.

(80) A decoração da nossa casa é aquela que se encontra nos ornamentos estilísticos quer de pensamento quer de palavras. Ora, o ornamento das palavras é duplo: um de palavras isoladas, o outro de palavras em ligação. Nas palavras isoladas – no caso de palavras próprias e usuais – é bom ou aquilo que soa bem ou aquilo que explica claramente a coisa. Nos estrangeirismos e nos tropos, os empréstimos, a palavra inventada pelo próprio, o neologismo, o arcaísmo e a palavra inusitada (mas também nos termos próprios há formas inusitadas e arcaicas que só raramente usamos)<sup>114</sup>.

---

<sup>114</sup> *De or.*, III, 152.

(81) collocata autem verba habent ornatum, si aliquid concinnitatis efficiunt, quod verbis mutatis non maneat manente sententia; nam sententiarum ornamenta; quae permanent etiam si verba mutaveris, sunt illa quidem permulta, sed quae emineant pauciora. ergo ille tenuis orator, modo sit elegans, nec in faciendis verbis erit audax et in transferendis verecundus et parvus et in priscis in reliquisque ornamentis et verborum et sententiarum demissior; <ea> translatione fortasse crebrior, qua frequentissime sermo omnis utitur, non modo urbanorum, sed etiam rusticorum, si quidem est eorum gemmare vitis, lascivire agros, laetas esse segetes, luxuriosa frumenta.

(82) nihil horum parum audacter, sed aut simile est illi unde transferas, aut si res suum nullum habet nomen, docendi causa sumptum non ludendi videtur. hoc ornamento liberius paulo quam ceteris utetur hic summissus nec tam licenter tamen, quam si genere dicendi uteretur amplissimo.

(81) As palavras ligadas entre si têm ornato se produzem alguma harmonia que não permanece constante quando as palavras<sup>115</sup> são alteradas, permanecendo todavia constante o pensamento. Pois os ornamentos de pensamento que, mesmo que as palavras sejam alteradas, são certamente numerosos, todavia, pouco se distinguem. Portanto, aquele orador simples, ainda que seja elegante, não será audaz na formação de palavras, será comedido e sóbrio nas metáforas e mais modesto nos arcaísmos e nas restantes figuras de palavras e pensamento, mais abundante talvez na metáfora, da qual frequentemente todo o discurso se serve, não só o dos cidadãos, mas também o dos rústicos. Destes é próprio dizer por exemplo que as vinhas estão enfeitadas, os campos sequiosos, as colheitas felizes e o cereal luxuriante<sup>116</sup>.

(82) Nenhuma destas metáforas é audaciosa o suficiente, mas ou é semelhante àquele lugar de onde a trazem ou se uma coisa não tem nenhum nome o empréstimo parece ser motivo de esclarecimento e não de ornamentação. Este orador contido usa esta figura um pouco mais livremente do que os outros, mas não de forma tão livre como se se servisse do estilo elevado.

---

<sup>115</sup> A ordem das palavras.

<sup>116</sup> Cícero parece ignorar aqui o significado etimológico das palavras que compõem os seus exemplos. Na verdade, *gemma* (*gemmare*) significa originariamente rebento, *lascivus* (*lascivere*), que se aproxima do grego *λilαίomai*, desejar vivamente, *laetus* (*laeta*), fecundo, fértil, farto, e *luxus* (*luxuriosus*), excesso. São, pois, termos próprios da linguagem da agricultura e não palavras emprestadas por outras à linguagem do campo.

XXV. Itaque illud indecorum, quod quale sit ex decoro debet intellegi, hic quoque apparet, cum verbum aliquod altius transfertur idque in oratione humili ponitur quod idem in alia deceret.

(83) illam autem concinnitatem, quae verborum collocationem illuminat his luminibus, quae Graeci quasi aliquos gestus orationis σχήματα appellant, quod idem verbum ab iis etiam in sententiarum ornamenta transfertur, adhibet hic quidem subtilis, quem nisi quod solum ceteroqui recte quidam vocant Atticum, sed paulo parcus. nam sic – ut in epularum apparatu – <a> magnificentia recedens non se parum solum sed etiam elegantem videri volet, eliget quibus utatur.

(84) sunt enim pleraque apta[e] huius ipsius oratoris de quo loquor parsimoniae. Nam illa de quibus ante dixi huic acuto fugienda sunt: paria paribus relata et similiter conclusa eodemque pacto cadentia et immutatione litterae [quase] quaesitae venustates, ne elaborata concinnitas et quoddam aucupium delectationis manifesto deprehensum appareat.



XXV. Deste modo, o inconveniente<sup>117</sup>, cuja natureza deve ser conhecida a partir do conveniente, aparece também aqui, quando uma metáfora é algo exagerada, e é colocado, no estilo simples, o que seria próprio de outro.

(83) Este orador simples, que alguns chamam com razão, ático, excepto pelo facto de não ser o único ático usa aquela harmonia que ilumina um grupo de palavras com as suas luzes, figuras de discurso, como que “gestos” do discurso, que os Gregos chamam *σχήματα*, que por eles também é aplicado às figuras de pensamento<sup>118</sup>. Ele será, contudo, um pouco mais sóbrio. Pois se tal como na preparação dos alimentos, afastando-se da magnificência, quiser parecer não só sóbrio, mas também elegante, escolherá o que há-de usar.

(84) Existem, com efeito, muitos e adequados ornamentos à parcimónia daquele mesmo orador sobre o qual falamos. Pois aquelas figuras, sobre as quais antes falei<sup>119</sup>, devem ser engenhosamente evitadas por ele: os membros simétricos<sup>120</sup>, os que terminam de modo semelhante<sup>121</sup>, os que caem da mesma maneira<sup>122</sup> e a beleza rebuscada pela troca de uma letra<sup>123</sup>, para que a harmonia elaborada e uma preocupação com o deleite não pareça manifestamente ter sido procurada.

---

<sup>117</sup> Cf. 70 e seguintes.

<sup>118</sup> *Brut.*, XXXVI, 141.

<sup>119</sup> Cf. 38 e 65.

<sup>120</sup> Isocólon.

<sup>121</sup> Poliptoto.

<sup>122</sup> Homeoteleuto.

<sup>123</sup> Paranomásia.

(85) itemque si quae verborum iterationes contentionem aliquam et clamorem requirent, erunt ab hac summissione orationis alienae. ceteris promiscue poterit uti, continuationem verborum modo relaxet et dividat utaturque verbis quam usitatissimis, translationibus quam mollissimis. etiam illa sententiarum lumina assumet, quae non erunt vehementer illustria. non faciet rem publicam loquentem nec ab inferis mortuos excitabit nec acervatim multa frequentans una complexione devinciet. valentiorum haec laterum sunt nec ab hoc quem informamus aut expectanda aut postulanda; erit enim ut voce sic etiam oratione suppressior.

(86) sed pleraque ex illis convenient etiam huic tenuitati, quamquam isdem ornamentis utetur horridius; talem enim inducimus. accedit actio non tragica nec scenae, sed modica iactatione corporis, vultu tamen multa conficiens, non hoc quo dicuntur os ducere, sed illo quo significant ingenue quo sensu quidque pronuntient.

(85) Do mesmo modo, se as repetições das palavras<sup>124</sup> exigirem algum entusiasmo e aplauso, serão estranhas a este estilo simples de oratória. Poderá usar outras figuras de discurso com liberdade, desde que afrouxe e divida a estrutura dos períodos e use tanto as palavras mais comuns quanto as metáforas mais simples. Que ele assuma também as figuras de pensamento que não sejam excessivamente brilhantes; que não represente o Estado a falar<sup>125</sup>, nem acorde os mortos dos infernos, nem misture muitas coisas num só conjunto. Estas coisas requerem pulmões vigorosos, o que não deve ser esperado ou pedido a este orador que modelamos. Pois ele será simples na voz como no estilo.

(86) Mas muitas destas figuras de pensamento se adaptarão ao seu estilo simples, ainda que ele as use mais rudemente, tal como o descrevemos<sup>126</sup>. Acrescente-se uma acção<sup>127</sup> que não é própria da tragédia ou do palco, mas como um movimento moderado do corpo, completando, todavia, muitas coisas com a expressão do rosto, mas isso não será aquilo a que chamam fazer caretas e sim aquilo que querem dizer com sentimento sincero com o qual cada pensamento se pronuncia.

---

<sup>124</sup> Anáfora.

<sup>125</sup> Prosopopeia.

<sup>126</sup> Cf. 75.

<sup>127</sup> Cf. 59.

XXVI. (87) Huic generi orationis aspergentur etiam sales, qui in dicendo nimium quantum valent; quorum duo genera sunt, unum facetiarum alterum dicacitatis. utetur utroque, sed altero in narrando aliquid venuste, altero in iaciendo mittendoque ridículo; cuius genera plura sunt; sed nunc aliud agimus.

(88) illud admonemus tamen, ridiculo sic usurum oratorem, ut nec nimis frequenti nec scurrile sit, nec subobsceno ne mimicum, nec petulanti ne improbum, nec in calamitatem ne inhumanum, nec in facinus ne odii locum risus occupet, neque aut sua persona aut iudicium aut tempore alienum.

(89) haec enim ad illud indecorum referuntur. vitabit etiam quaesita nec e tempore ficta sed domo allata, quae plerunque sunt frigida. parcet et amicitiiis et dignitatibus, vitabit insanabiles contumelias, tantummodo adversarios figet nec eos tamen semper nec omnis nec omni modo. quibus exceptis sic utetur sale et facetiis, ut ego ex istis novis Atticis talem cognoverim neminem, cum id certe sit vel maxime Atticum.

XXVI. (87) Neste estilo oratório são espalhados os gracejos, que têm muita força no discurso. Deles existem dois tipos: o humor e a mordacidade<sup>128</sup>. O orador usará ambos: um na narração elegante e o outro no ataque e na ridicularização. Há muitas espécies de humor<sup>129</sup>, mas agora discutimos outro assunto.

(88) Apenas advertimos o orador que, se se for servir do humor, não seja excessivamente abusivo para que não se torne uma tolice, obsceno para que não se torne digno de um mimo, atrevido para que não se torne imprudente, exagerado para que não se torne desumano e acintoso para que o riso não tome o lugar da animosidade e que não seja estranho nem ao carácter, nem ao juiz, nem à ocasião.

(89) Estas coisas, com efeito, têm a ver com a falta de adequação. Evitará também as piadas rebuscadas, não as feitas no momento, mas as trazidas de casa, as quais são, a maior parte das vezes, insulsas. Não ofenderá amizades nem dignidades, evitará as polémicas enraivecidas e apenas espicaçará os adversários, contudo, nem sempre, nem todos, nem de qualquer modo.

Com estas excepções, servir-se-á da mordacidade e do humor de uma maneira que eu não vejo em nenhum destes novos Áticos, embora, isto seja, sem dúvida, muito próprio do (estilo) ático.

---

<sup>128</sup> *De or.*, II, 218.

<sup>129</sup> *De or.*, II, 253 - 289.

(90) hanc ego iudico formam summissi oratoris sed magni tamen et germani Attici, quoniam quicquid est salsum aut salubre in oratione id proprium Atticorum est. e quibus tamen non omnes faceti: Lysias satis et Hyperides, Demades praeter ceteros fertur, Demosthenes minus habetur; quo quidem mihi nihil videtur urbanius, sed non tam dicax fuit quam facetus; est autem illud acrioris ingenii, hoc maioris artis.

(91) Uberius est aliud aliquantoque robustius quam hoc humile de quo dictum est, summissius autem quam illud de quo iam dicetur amplissimum. hoc in genere nervorum vel minimum, suavitatis autem est vel plurimum. est enim plenius quam hoc enucleatum, quam autem illud ornatum copiosumque summissius.

(90) Eu julgo ser este o retrato do orador simples, (simples) mas grande e verdadeiramente ático, visto que tudo o que é mordaz ou são no discurso é próprio dos Áticos. Destes, contudo, nem todos são espirituosos: Lísias e Hiperides<sup>130</sup> são-no bastante, além disso, diz-se que Demades<sup>131</sup> ultrapassou todos os outros e Demóstenes é menos considerado. Na verdade, a mim parece-me que nenhum foi mais subtil que ele, que não foi tão mordaz quanto espirituoso: uma coisa é própria de um talento mais enérgico, a outra de uma maior arte.

(91) Existe um outro estilo mais abundante e um pouco mais robusto que este estilo simples, do qual se falou<sup>132</sup>, mas mais simples do que aquele mais elevado, de que se falará. Neste estilo existe pouco vigor, mas muita suavidade, pois é mais rico do que aquele estilo simples e mais simples do que o estilo ornamentado e opulento.

---

<sup>130</sup> Hiperides (ca. 389 - 322 a.C.), político e orador ateniense, é um dos dez oradores áticos. São famosos os seus discursos em memória dos caídos na guerra de Lâmia (323 a.C.) e na defesa da *hetera* Frine, acusada por Eutias de ter parodiado os mistérios da deusa Deméter.

<sup>131</sup> Demades (ca. 380 - 319 a.C.), orador e diplomata ateniense. A sua intervenção junto de Alexandre, o Grande, após a destruição de Tebas (338 a.C.), garantiu o perdão deste aos seus opositores atenienses, incluindo Demóstenes.

<sup>132</sup> Cf. 97 e seguintes.

XXVII. (92) huic omnia dicendi ornamenta conveniunt plurimumque est in hac orationis forma suavitatis. in qua multi floruerunt apud Graecos, sed Phalereus Demetrius meo iudicio praestitit ceteris; cuius oratio cum sedate placideque liquitur, tum illustrant eam quasi stellae quaedam tralata verba atque mutata. Tralata ea dico, ut saepe iam, quae per similitudinem ab alia re aut suavitatis aut inopiae causa traferuntur; mutata, in quibus pro verbo proprio subicitur aliud quod idem significet, sumptum ex re aliqua consequenti.

(93) quod quanquam traferundo fit, tamen alio modo transtulit cum dixit Ennius arce et urbe orbam, alio modo, [si pro patria arcem dixisset et] horridam Africam terribili tremere tumultu, cum dicit pro Afris immutate Africam. hanc ὑπαλλαγὴν rhetores, quia quasi summutantur verba pro verbis, μετωνυμίαν grammatici vocant, quod nomina traferuntur.



XXVII. (92) Todos estes ornamentos convêm a este estilo de discurso e nele há muita elegância. Neste estilo, notabilizaram-se muitos Gregos, mas, segundo o meu juízo<sup>133</sup>, Demétrio de Faleros<sup>134</sup> excedeu todos os outros. O seu estilo não só avança tranquila e suavemente, como também lhe dão brilho, como estrelas, metáforas e tropos. Por metáforas digo, como já muitas outras vezes<sup>135</sup>, aquelas que são transferidas por semelhança com outra coisa ou para trazerem suavidade ao discurso ou por falta de uma palavra apropriada. Por tropo digo aquelas nas quais uma é substituída por uma palavra apropriada que, tomada de alguma coisa própria, signifique o mesmo.

(93) É certamente uma metáfora, contudo, metáfora de um certo tipo, quando Énio diz “órfã de cidadela e cidade”<sup>136</sup> se em vez de pátria disse cidadela e, de outro tipo, quando disse “tremar a medonha África com um horrível tumulto”<sup>137</sup>, ao dizer em vez de Africanos a África – a isto chamam os retores *ὑπαλλαγήν*<sup>138</sup> e os gramáticos *μετωνυμίαν*<sup>139</sup> porque umas palavras são trocadas por outras e os nomes transferidos.

---

<sup>133</sup> *Brut.*, IX, 38.

<sup>134</sup> Demétrio de Faleros (ca. 350 - 280 a.C.), o responsável por organizar a primeira colecção de fábulas mencionada pelos antigos, chamada de *Colecção de Discursos Esópicos*, terá sido o fundador da Biblioteca de Alexandria, durante o reinado de Ptolomeu I Sóter (366 - 283 a.C.).

<sup>135</sup> Cf. 65, 80, 81 e 92.

<sup>136</sup> Énio, *Andromacha Aechmalotis*, fragmento 88 v.

<sup>137</sup> Énio, *Annales*, fragmento do livro IX, 310 v.

<sup>138</sup> Hipálage.

<sup>139</sup> Metonímia.

(94) Aristoteles autem tralationi et haec ipsa subiungit et abusionem, quam κατάχρησιν vocant, ut cum minutum dicimus animum pro parvo et abutimur verbis propinquis, si opus est, vel quod delectat vel quod decet. iam cum fluxerunt continuae plures tralationes, alia plane fit oratio. itaque genus hoc Graeci appellant ἀλληγορίαν: nomine recte, genere melius ille qui ista omnia tralationes vocat. haec frequentat Phalereus máximo, suntque dulcissima, et quanquam tralatio est apud eum multa, tamen immutationes nusquam crebriores.

(95) in idem genus orationis (loquor enim de illa modica ac temperata) verborum cadunt lumina omnia, multa etiam sententiarum; latae eruditaeque disputationes ab eodem explicabuntur et loci communes sine contentione dicentur. quid multa? e philosophorum scholis tales fere evadunt, et nisi coram erit comparatus ille fortior, per se hic quem dico probabitur.

(94) Aristóteles, todavia, liga-as com metáforas<sup>140</sup> e aí inclui a *abusio* que chamam *κατάχρησιν*<sup>141</sup>, pois quando dizemos um espírito “fragmentário” em vez de “pequeno”<sup>142</sup>, servimo-nos abusivamente de palavras próximas, se é necessário para deleitar ou porque convém.

Quando fluem muitas e contínuas metáforas faz-se um tipo de discurso completamente diferente e conseqüentemente os Gregos chamam-lhe *ἀλληγορίαν*<sup>143</sup> correctamente quanto ao nome, mas faz melhor aquele<sup>144</sup> que chama a todas metáforas. O de Faleros<sup>145</sup> usa-as muitas vezes e elas são muito agradáveis e ainda que nele as metáforas sejam muitas, contudo, em metonímias nenhum outro é mais rico.

(95) Neste mesmo estilo de discurso – falo sobre aquele discurso moderado e temperado – caem todas as figuras de palavras e muitas de pensamento. Por este orador são desenvolvidos os argumentos em extensão e erudição e os lugares-comuns<sup>146</sup> serão usados sem contenção. E que mais? Tais oradores saem geralmente das escolas dos filósofos e se aquele que descrevo não for posto frente a um mais forte será apreciado pela sua própria capacidade.

---

<sup>140</sup> A referência ao passo 21 da *Poetica* está incorrecta, uma vez que aí Aristóteles não inclui a hipálage na metáfora.

<sup>141</sup> Catacrese.

<sup>142</sup> Respectivamente, *minutus* e *parvus*.

<sup>143</sup> Alegoria.

<sup>144</sup> Aristóteles.

<sup>145</sup> Demétrio de Faleros.

<sup>146</sup> Cf. 47 e 72.

(96) est enim quoddam etiam insigne et florens orationis pictum et expolitum genus, in quo omnes verborum, omnes sententiarum illigantur lepores. hoc totum e sophistarum fontibus defluxit in forum, sed spretum a subtilibus, repulsum a gravibus in ea de qua loquor mediocritate consedit.

XXVIII. (97) Tertius est ille amplus copiosus, gravis ornatus, in quo profecto vis maxima est. hic est enim, cuius ornatum [dicendi] et copiam admiratae gentes eloquentiam in civitatibus plurimum valere passae sunt, sed hanc eloquentiam, quae cursu magno sonituque ferretur, quam suspicerent omnes, quam admirarentur, quam se assequi posse diffiderent. huius eloquentiae est tractare animos, huius omni modo permovere; haec modo perfringit, modo inrepat in sensus; inserit novas opiniones, evellit insitas.

(98) sed multum interest inter hoc dicendi genus et superiora. qui in illo subtili et acuto elaboravit ut callide arguteque diceret nec quicquam altius cogitaret, hoc uno perfecto magnus orator est, et si non maximus, minimeque in lubrico versabitur et si semel constiterit nunquam cadet. medius ille autem, quem modicum et temperatum voco, si modo suum illud satis instruxerit, non extimescet ancipitis dicendi incertosque casus. etiam si quando minus succedet, ut saepe fit, magnum tamen periculum non adibit, alte enim cadere non potest.

(96) É um notável, florescente, colorido e polido estilo de discurso, no qual todos os encantos da linguagem e do pensamento se interligam: tudo isto corre da fonte dos Sofistas para o Foro, mas afastado pelo estilo simples e repellido pelo estilo elevado, fixou-se neste estilo intermédio, do qual agora falo.

XXVIII. (97) O terceiro estilo é aquele magnífico, opulento, majestoso e ornado em que se encontra o máximo vigor<sup>147</sup>. É este o estilo de discurso cuja beleza e fluência fizeram que as admiradas gentes dessem à eloquência uma grande influência na sociedade, mas esta é a eloquência que avança com grande sonoridade e um grandioso cortejo e que todos contemplam e admiram e desesperam de poder alcançar<sup>148</sup>. Desta eloquência é próprio manipular os espíritos dos homens e movê-los de toda a maneira: ora irrompe, ora se insinua nos sentidos, implanta novas ideias e afasta as antigas.

(98) Mas uma grande diferença há entre este e os outros estilos de discurso. Aquele que trabalhou no estilo simples e preciso para falar de forma hábil e arguta e não concebeu algo mais elevado, alcançado isso, é um grande, senão o maior, orador, pisará terreno muito pouco escorregadio e, uma vez firme, não vacilará. Aquele orador de estilo intermédio – que eu chamo moderado e temperado – desde que prepare suficientemente o seu discurso não receará os acasos e os imprevistos da oratória: mesmo quando tenha menor sucesso, como acontece muitas vezes, não se aproxima, contudo, de um grande perigo, pois não pode cair de muito alto.

---

<sup>147</sup> *De or.*, III, 28.

<sup>148</sup> Ao contrário do orador de estilo simples (cf. 96).

(99) at vero hic noster quem principem ponimus, gravis acer ardens, si ad hoc unum est natus aut in hoc solo se exercuit aut huic generi studuit uni nec suam copiam cum illis duobus generibus temperavit, maxime est contemnendus. ille enim summissus, quod acute et veteratorie dicit, sapiens iam; medius suavis; hic autem copiosissimus, si nihil est aliud, vix satis sanus videri solet. qui enim nihil potest tranquille nihil leniter nihil partite definite distincte facete dicere, praesertim cum causae partim totae sint eo modo partim aliqua ex parte tractandae, si is non praeparatis auribus inflammare rem coepit, furere apud sanos et quasi inter sobrios bacchari vinulentus videtur.

(100) Tenemus igitur, Brute, quem quaerimus, sed animo; nam manu si predissem, ne ipse quidem sua tanta eloquentia mihi persuasisset ut se dimitterem.

(99) Pelo contrário, este nosso orador, que pomos em primeiro lugar, grandioso, impetuoso e apaixonado, se unicamente para este estilo nasceu e nele se exercitou e se apenas a este estilo se dedicou e não moderou a sua abundância com aqueles outros dois estilos, ele deverá ser completamente desprezado. Pois o orador simples, que fala clara e habilmente, é sensato, aquele que usa um estilo moderado é encantador, mas este que usa um estilo elevado, se nada tem de diferente, a custo costuma parecer estar no seu juízo perfeito. Pois um homem que nada pode dizer de modo tranquilo, suave, metódico, preciso, claro ou divertido – especialmente quando as causas devem ser tratadas, umas na sua totalidade e outras apenas em parte, desse modo – se começa a animar o discurso, não estando os ouvidos preparados, parece ser um louco entre os sãos ou um embriagado a delirar entre os sóbrios.

(100) Temos aqui, Bruto, o homem que buscamos<sup>149</sup>, mas apenas em espírito<sup>150</sup>. Na verdade, se o agarrasse com a mão, nem ele próprio, com a sua grande eloquência, me convenceria a deixá-lo partir.

---

<sup>149</sup> O orador ideal (cf. 14).

<sup>150</sup> Cf. 9.

XXIX. Sed inventus profecto est ille eloquens, quem nunquam vidit Antonius. quis est igitur is? complectar brevi, disseram pluribus. is est enim eloquens, qui et humilia subtiliter et alta graviter et mediocria temperate potest dicere. nemo is, inquires, unquam fuit.

(101) ne fuerit: ego enim quid desiderem, non quid viderim disputo redeoque ad illam Platonis de qua dixeram rei formam et speciem, quam etsi non cernimus tamen animo tenere possumus. non enim eloquentem quaero neque quicquam mortale et caducum, sed illud ipsum, cuius qui sit compos, sit eloquens; quod nihil est aliud nisi eloquentia ipsa, quam nullis nisi mentis oculis videre possumus.

Is erit igitur eloquens, ut idem illud iteremus, qui poterit parva summis, modica temperate, magna graviter dicere.



XXIX. Mas foi encontrado aquele eloquente que António nunca viu<sup>151</sup>. Quem é ele então? Resumirei com brevidade aquilo que disse com muitas palavras. Esse eloquente é aquele que é capaz de dizer as coisas humildes com simplicidade, as coisas elevadas com autoridade e as coisas intermédias com moderação.

Ninguém, dirás, algum dia foi assim, (101) nem será: eu falo daquilo que desejo, não daquilo que vi, mas analiso e retomo aquele argumento de Platão sobre a forma e a espécie das coisas, do qual falei<sup>152</sup> – ainda que não as compreendamos completamente, contudo, podemos concebê-las no espírito. Não procuro um homem eloquente ou algo mortal ou frágil, mas aquele mesmo ideal, cuja posse faz um homem eloquente. Pois isto não é senão a própria eloquência que não podemos ver com nenhuns olhos excepto os da mente.

Esse será, então, o orador eloquente – para repetirmos aquilo mesmo que dissemos<sup>153</sup>: aquele que puder dizer as coisas humildes num estilo simples, as coisas intermédias num estilo moderado e as coisas grandes num estilo elevado.

---

<sup>151</sup> Cf. 18.

<sup>152</sup> Cf. 10.

<sup>153</sup> Cf. 100.

(102) tota mihi causa pro Caecina de verbis interdicti fuit: res involutas definiendo explicavimus, ius civile laudavimus, verba ambigua distinximus. fuit ornandus in Manilia lege Pompeius: temperata oratione ornandi copiam persecuti sumus. ius omne retinendae maiestatis <in> Rabirii causa continebatur: ergo [in] ea omni genere amplificationis exarsimus.

(102) Toda a minha causa em favor de Cecina<sup>154</sup> se concentrou em palavras de interdição: explicámos as questões obscuras por meio de definições, elogiámos o Direito Civil, distinguimos as palavras ambíguas. Pompeio foi elogiado na lei Manília<sup>155</sup>: num estilo moderado, praticámos a abundância de recursos estilísticos. Na Defesa de Rabírio<sup>156</sup> estava contido todo o princípio da salvaguarda da soberania da República, por isso, nela imprimi todo o género de amplificações do discurso.

---

<sup>154</sup> Pronunciado em 69 a.C., trata-se de um discurso judicial em defesa de Aulo Cecina, *eques* de Volterra e aliado de Pompeio (106 - 48 a.C.). Como os volterrano haviam sido privados da cidadania romana por uma lei imposta por Lúcio Cornélio Sula (138 - 78 a.C.), Cecina era obrigado a recorrer a tribunal para fazer valer os direitos sucessórios sobre uma propriedade que herdara. Dada a sua complexidade técnica é um dos discursos menos conhecidos de Cícero.

<sup>155</sup> A Lei Manília, proposta pelo tribuno da plebe Gaio Manílio e apoiada, entre outros, por Cícero no seu discurso *De Imperio Cn. Pompeio*, foi aprovada em 66 a.C., para conceder a Pompeio o comando supremo das legiões romanas na Terceira Guerra Mitridática (73 - 63 a.C.). Travada contra o rei do Ponto, Mitridates VI (132 a.C. - 63 a.C.), a guerra vinha até então sendo conduzida por Lúcio Licínio Luculo (118 - 56 a.C.), que foi convocado nessa altura de volta a Roma.

<sup>156</sup> Em 63 a.C., o tribuno da plebe Tito Labieno (ca. 100 - a.C.), fortemente ligado a Pompeio, acusou, após o assassinato do tribuno Lúcio Apuleio Saturnino, em 100 a.C., o senador Gaio Rabírio por alta traição (*perduellio*), com o propósito de colocar em descrédito o *senatus consultum ultimum*, uma medida de emergência do Senado utilizada habitualmente contra os *populares* e as assembleias da plebe. Labieno utilizou uma antiga forma processual, que significava, na prática, que Rabírio seria julgado sem qualquer defesa. Rabírio apelou e Cícero encarregou-se do seu patrocínio. No entanto, antes que o Senado pudesse votar, Quinto Cecílio Metelo Céler (103 - 59 a.C.) valeu-se dos seus poderes de áugure para, sob pretexto de ter tido uma visão de maus presságio, adiar o julgamento. Rabírio foi, mais tarde, condenado ao exílio, uma vez que não tinha meios de pagar a exorbitante multa a que fora condenado. Do discurso de Cícero conhecem-se apenas alguns fragmentos.

(103) at haec interdum temperanda et varianda sunt. quod igitur in Accusationis septem libris non reperitur genus, quod in Habiti, quod in Cornelii, quod in plurimis nostris defensionibus? ⊥Quaeque⊥ exempla selegissem, nisi vel nota esse arbitrarer vel posse eligere qui quaererent. nulla est enim ullo in genere laus oratoris, cuius in nostris orationibus non sit aliqua si non perfectio at conatus tamen atque adumbratio.

(104) non assequimur, at quid sequi deceat videmus, nec enim nunc de nobis, sed de re dicimus. in quo tantum abest ut nostra miremur, et usque eo difficiles ac morosi sumus, ut nobis non satisfaciat ipse Demosthenes: qui quanquam unus eminet inter omnes in omni genere dicendi, tamen non semper implet auris meas; ita sunt avidae et capaces et saepe aliquid immensum infinitumque desiderant.

(103) Mas devem estes estilos de vez em quando ser misturados e variados. Que estilo não se encontra nos sete livros da Acusação<sup>157</sup>, na Defesa de Hábito<sup>158</sup>, na Defesa de Cornélio<sup>159</sup> e em muitas outras das nossas defesas? Poderia ter escolhido exemplos de cada um destes discursos se não pensasse serem conhecidos do público ou que aqueles que o quisessem não os pudessem procurar. Não existe mérito oratório em nenhum estilo, senão a perfeição pelo menos a sua tentativa e esboço, que não esteja nos nossos discursos.

(104) Não alcançámos o objectivo, mas vemos o que é e o que convém. Agora não falamos de nós, mas do princípio, em relação ao qual tanto falta que admiramos os nossos discursos e somos tão difíceis e exigentes que a nós não satisfaria o próprio Demóstenes que embora se distinga como o primeiro entre todos os oradores e em todos os géneros de discurso, todavia, nem sempre sacia os meus ouvidos: tão ávidos e insaciáveis são que frequentemente desejam algo vasto e sem limites.

---

<sup>157</sup> Discursos de acusação, proferidos em 70 a.C., contra Gaio Verres (ca. 120 - 43 a.C.), governador da Sicília entre 73 e 71 a.C. Nas *In Verrem*, Cícero acusa Verres de ser moralmente corrupto, de ter recebido subornos e de ter roubado quarenta milhões de sestércios em dinheiro e bens da província. Acusa-o também de ter ordenado a morte de cidadãos romanos sem julgamento.

<sup>158</sup> A *Pro Aulo Cluentio Habito* foi proferida em 66 a.C., perante o tribunal penal competente para os crimes de envenenamento. Hábito, *eques* de Larino, era acusado pelo meio-irmão, de, instigado pela sua mãe, Sássio, ter envenenado o padastro, Álbio Opianico. Defendido por Cícero, Hábito foi absolvido.

<sup>159</sup> Discurso pronunciado em 65 a.C., do qual sobreviveram apenas alguns fragmentos. A acusação de fraude eleitoral na eleição do ano anterior para tribuno da plebe foi formulada contra Cornélio por alguns membros ilustres da aristocracia romana, incluindo Quinto Cecílio Metelo Pio (130/127 a.C. - 64/63 a.C.), Quinto Hortênsio Hórtalo (114 a.C. - 50 a.C.), Lúcio Licínio Luculo (117 a.C. - 56 a.C.) e Quinto Lutácio Cátulo (123 a.C. - 61 a.C.). Não obstante, a defesa de Cícero foi bem-sucedida e Cornélio foi absolvido.

XXX. (105) sed tamen, quoniam et hunc tu oratorem cum eius studiosissimo Pammene, cum esses Athenis, totum diligentissime cognovisti nec eum dimittis e manibus et tamen nostra etiam lectitas, vides profecto illum multa perficere, nos multa conari, illum posse, nos velle quocumque modo causa postulet dicere. sed ille magnus; et successit ipse magnis et maximos oratores habuit aequales; nos agnum fecissemus, si quidem potuissemus quo contendimus pervenire in ea urbe in qua, ut ait Antonius, auditus eloquens nemo erat.

XXX. (105) Mas visto que tu, quando estiveste em Atenas, também estudaste na íntegra este autor<sup>160</sup> com esse Pâmenes<sup>161</sup>, que o conhece muitíssimo bem, e não o rejeitas, ainda assim lêes constantemente os nossos discursos, vês que alcança muitas coisas que nós apenas tentamos: ele consegue defender uma causa conforme o que ela exige, coisa a que nós apenas aspiramos. Ele é um grande orador, não só porque sucedeu a grandes oradores, mas porque teve grandes oradores como contemporâneos. Nós teríamos feito um grande orador, se tivéssemos podido atingir o objectivo para o qual nos esforçámos numa cidade<sup>162</sup>, na qual como António disse, nenhum eloquente fora ouvido<sup>163</sup>.

---

<sup>160</sup> Demóstenes.

<sup>161</sup> Bruto foi, em Atenas, discípulo deste Pâmenes, um dos mais conhecidos retores gregos do tempo de Cícero e famosíssimo pelos seus conhecimentos sobre Demóstenes.

<sup>162</sup> Roma.

<sup>163</sup> Cf. 18.

(106) atqui si Antonio Crassus eloquens visus non est aut sibi ipse, nunquam Cotta visus esset, nunquam Sulpicius, nunquam Hortensius : nihil enim ample Cotta, nihil leniter Sulpicius, non multa graviter Hortensius; superiores magis ad omne genus apti, Crassum dico et Antonium.

Ieiunas igitur huius multiplicis et aequabiliter in omnia genera fusae orationis auris civitatis accepimus easque nos primi, quicunque eramus et quantulumcunque dicebamus, ad huius generis audiendi incredibilia studia convertimus.



(106) Com efeito, se Crasso não é visto por António como eloquente, nem ele próprio a si mesmo, também nunca reconheceria como eloquentes Cota, Sulpício<sup>164</sup> ou Hortênsio<sup>165</sup>: em Cota não encontraria nada grandioso, em Sulpício nada suave e em Hortênsio suficiente dignidade<sup>166</sup>. Os mais velhos – digo Crasso e António – eram mais aptos para cada estilo de discurso. Nós recebemos os ouvidos da cidade famintos destes estilos de discurso variados e espalhados igualmente em todos os géneros e fomos os primeiros, por pouco estatuto que tivéssemos e por limitado que fosse o nosso discurso, que nos dedicámos aos esforços incríveis deste estilo de oratória.

---

<sup>164</sup> Gaio Aurélio Cota (m. 73 a.C.) e Públio Sulpício Rufo (m. 88 a.C.) eram, segundo Cícero eram os melhores oradores do seu tempo (*Brut.*, LV, 202), motivo pelo qual deles faz interlocutores no *De Oratore*.

<sup>165</sup> Quinto Hortênsio Hórtalo (ca. 135 - ca.55 a.C.) foi um célebre orador, jurista e o principal representante do chamado estilo asiático na oratória romana. Cícero, que lhe dedicou uma obra, hoje perdida, chamada *Hortênsio* e o elogiou no *Brutus*, LXXXVIII, 301, afirmou que ele tinha uma voz melodiosa e era capaz de modulá-la com grande habilidade.

<sup>166</sup> São os três representantes da geração de oradores entre António e Cícero: Cota no estilo simples, Sulpício, no estilo elevado e Hortênsio, no estilo intermédio.

(107) quantis illa clamoribus adolescentuli diximus, quae nequaquam satis defervisse post aliquanto sentire coepimus:

‘Quid enim tam commune quam spiritus vivis, terra mortuis, mare fluctuantibus, litus eiectis? Ita vivunt, dum possunt, ut ducere animam de caelo non queant; ita moriuntur ut eorum ossa terram non tangat; ita iactantur fluctibus ut nunquam alluantur; ita postremo eiciuntur, ut ne ad saxa quidem mortui conquiescant’ et quae sequuntur; sunt enim omnia sic ut adolescentis non tam re et maturitate quam spe et expectatione laudati. ab hac etiam indole iam illa matura: ‘uxor generi, noverca filii, filiae paelex’.

(108) nec vero hic erat unus ardor in nobis, ut hoc modo omnia diceremus. ipsa enim illa pro Roscio iuvenilis redundantia multa habet attenuata, quaedam etiam paulo hilariora. at pro Habito, pro Cornelio compluresque aliae (nemo enim orator tam multa ne in Graeco quidem otio scripsit quam multa sunt nostra) hanc ipsam habent quam probro varietatem.

(107) Na juventude dissemos estas palavras com grandes clamores, palavras que mais tarde começámos a sentir que de nenhuma maneira eram suficientemente fortes: “Que é tão comum quanto a respiração para os vivos, a terra para os mortos, o mar para os que flutuam, a costa para os náufragos? Vivem enquanto podem de tal maneira que não são capazes de respirar o ar livre do céu; morrem de tal maneira que a terra não toca os seus ossos; são sacudidos pelas ondas de tal maneira que nunca são por elas molhados; são arremessados de tal maneira para a costa que nem sequer mortos repousam sobre os rochedos” – e assim por diante<sup>167</sup>. São todas elas as palavras de um adolescente celebrado não tanto pelo seu talento ou maturidade, mas pela esperança e expectativa. Afastadas deste teor são aquelas palavras já amadurecidas: “esposa para o seu genro, madrasta para o seu filho, rival para a sua filha<sup>168</sup>”.

(108) Nem nessa altura havia em nós um ardor de forma a dizermos todas as coisas dessa maneira. Na verdade, aquela mesma Defesa de Róscio tem a redundância da juventude muito atenuada e algumas coisas um pouco mais alegres. Mas as Defesas de Hábito e de Cornélio e muitos outros discursos – pois nenhum outro orador, nem mesmo no ócio grego<sup>169</sup>, escreveu tantos quantos os nossos – têm a mesma variedade que aprovo.

---

<sup>167</sup> Palavras retiradas da *Pro Roscio Amerino*, proferida em 80 a.C., em defesa de Sexto Róscio Amerino, acusado de parricídio. A passagem recorda o castigo dos parricidas que, depois de espancados com bastões, eram cosidos dentro de um saco juntamente com um cão, um galo, uma víbora e um macaco e atirados ao mar.

<sup>168</sup> Citação da *Pro Cluentio Habito*, 199.

<sup>169</sup> Para Cícero, ócio não significa inactividade, mas sim abstenção de actividade política. É um período temporário dedicado à actividade intelectual.

XXXI. (109) An ego Homero Ennio reliquis poetis et maxime tragicis concederem ut ne omnibus locis eadem contentione uterentur crebroque mutarent, nonnunquam etiam ad cotidianum genus sermonis accederent, ipse nunquam ab illa acerrima contentione discederem? sed quid poetas divino ingenio profero? histriones eos vidimus quibus nihil posset in suo genere esse praestantius, qui non solum in dissimillimis personis satisfaciebant, cum tamen in suis versarentur, sed et comoedum in tragoediis et tragoedum in comoediis admodum placere vidimus: ego non elaborem?

(110) me cum dico, te, Brute, dico: nam in me quidem iam pridem effectum est quod futurum fuit; tu autem eodem modo omnis causas ages? aut aliquod causarum genus repudiabis? aut in isdem causis perpetuum et eundem spiritum sine ulla commutatione obtinebis? Demosthenes quidem, cuius nuper inter imagines tuas ac tuorum, quod eum credo amares, cum ad te in Tusculanum venissem, imaginem ex aere vidi, nil Lysiae subtilitate cedit, nihil argutiis et acumine Hyperidi, nihil levitate Aeschini et splendore verborum.

XXXI. (109) Porventura, admitiria eu a Homero, Énio e aos restantes poetas, sobretudo aos trágicos, que não se servissem em todos as locais desta eloquência e mudassem frequentemente de tom e a até que algumas vezes se aproximassem da linguagem do quotidiano e eu próprio não me afastaria nunca daquele estilo mais impetuoso? Mas porque menciono poetas com génio divino<sup>170</sup>? Vimos aqueles actores em relação aos quais nada pode, no seu género, ser mais excelente, que não só provocam satisfação em personagens diferentes enquanto se confinam às tragédias e às comédias, mas também vimos agradar um comediante na tragédia e um actor trágico na comédia<sup>171</sup>: não me esforçarei eu também?

(110) Quando digo eu quero dizer tu, Bruto, pois, no meu caso, foi feito já há muito tempo aquilo que deveria ser feito. Defenderás tu todas as causas do mesmo modo? Ou recusarás algum tipo de causas? Ou manterás nas mesmas causas o mesmo tom elevado sem nenhuma alteração? Na verdade, Demóstenes – cuja estátua de bronze vi, há pouco tempo, quando te visitei em Túsculo<sup>172</sup>, entre as tuas e as dos teus antepassados porque, creio, o estimas – nada cedeu a Lísias em simplicidade, nada a Hiperides em refinamento da linguagem e subtileza e nada a Ésquines em suavidade e esplendor das palavras.

---

<sup>170</sup> Aos poetas é reconhecida inspiração divina.

<sup>171</sup> Referência a dois actores que Cícero muito admirava, o cómico Róscio, que era também muito bem-sucedido na tragédia (*De or.*, III, 102) e o trágico Esopo, do qual não existe qualquer evidência, para além desta passagem, que se tenha dedicado à comédia. De notar que era comum que os actores se dedicassem apenas a um dos géneros dramáticos (Platão, *Respublica*, 395 a).

<sup>172</sup> Túsculo era uma antiga cidade localizada na região do Lácio, que foi absorvida por Roma, em 381 a.C.

(111) multae sunt eius totae orationes subtiles, ut contra Leptinen, multae totae graves ut quaedam Philippicae, multae variae, ut contra Aeschinen falsae legationis, ut contra eundem pro causa Ctesiphontis. iam illud medium quotiens vult arripit et a gravissimo discedens eo potissimum delabitur. clamores tamen tum movet et tum in dicendo plurimum efficit, cum gravitatis locis utitur.

(112) sed ab hoc parumper abeamus, quandoquidem de genere non de homine quaerimus; rei potius, id est eloquentiae, vim et naturam explicemus. illud tamen quod iam ante diximus meminerimus, nihil nos praecipiendi causa esse dicturos atque ita potius acturos, ut existimatores videamur loqui, non magistri. in quo tamen longius saepe progredimur, quod videmus non te haec solum esse lecturum, qui ea multo quam nos, qui quasi docere videmur, habeas notiora, sed hunc librum etiamsi minus nostra commendatione, tuo tamen nomine divulgari necesse est.

(111) Dele muitos são os discursos totalmente simples, como o discurso contra Léptines<sup>173</sup>, muitos são os totalmente elevados, como algumas das Filípicas<sup>174</sup>, muitos os variados, como o discurso contra Ésquines sobre a falsa embaixada<sup>175</sup> e discurso em favor de Ctesifonte. Adota aquele estilo intermédio quantas vezes quer e afastando-se daquele estilo mais elevado, cai preferencialmente neste, contudo, provoca clamores e obtém grande eficácia no discurso quando se serve dos tópicos do estilo elevado.

(112) Mas deixemo-lo por algum tempo, visto que nos ocupamos de um estilo e não de um homem. De preferência a isto, expliquemos qual é o poder e a natureza da eloquência. Contudo, recordemos aquilo que antes dissemos<sup>176</sup>: nada diremos com o objectivo de ensinar e agiremos de forma a parecermos críticos em vez de professores. Nisto, todavia, vamos muitas vezes mais longe, pois sabemos que estas coisas não serão lidas apenas por ti que as conheces melhor que nós, ainda que quase pareça que te estamos a ensinar, mas é necessário que este livro seja divulgado menos por nossa recomendação do que pelo teu renome.

---

<sup>173</sup> Trata-se do primeiro discurso pronunciado publicamente por Demóstenes, no qual denunciava a ilegalidade da proposta de Léptines (séc. IV a.C.) que previa que se suspendessem todas as imunidades, que consistiam na isenção das liturgias a determinados cidadãos, com excepção das que foram outorgadas aos descendentes dos tiranicidas, Harmódio (m. 514 a.C.) e Aristogíton (m. 514 a.C.), e declará-las ilegais.

<sup>174</sup> Conjunto de discursos escritos entre 351/350 e 340 a.C. e proferidos por Demóstenes contra Filipe II da Macedónia, exortando os Atenienses a combater aquele que considerava uma ameaça não apenas para Atenas, mas também para todas as cidades-Estado gregas.

<sup>175</sup> Discurso, proferido em Atenas, no ano de 343 a.C., por Demóstenes sobre a embaixada em que Ésquines foi enviado para Megalópolis, na Arcádia, para preparar uma Liga Pan-Helénica contra a Macedónia. Fracassado este projecto, Ésquines, percebendo que Atenas ficaria isolada, negociou uma política de concessões e, em 346 a.C., foi encarregado de negociar a paz com os macedónios. Ésquines respondeu então a esta acusação com um brilhante discurso, também intitulado *Sobre a Embaixada*, e foi absolvido.

<sup>176</sup> Cf. 43 e 55.

XXXII. (113) Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam tantum facultatem habere quae sit eius propria, fuse lateque dicendi, sed etiam vicinam eius ac finitimam dialecticorum scientiam assumere. quanquam aliud videtur oratio esse aliud disputatio, nec idem loqui esse quod dicere; ac tamen utrunque in disserendo est: disputandi ratio et loquendi dialecticorum sit, oratorum autem dicendi et ornandi. Zeno quidem ille, a quo disciplina Stoicorum est, manu demonstrare solebat quid inter has artis interesset. nam cum compresserat digitos pugnumque fecerat, dialecticam aiebat eius modi esse; cum autem diduxerat et manum dilataverat, palmae illius similem eloquentiam esse dicebat.

(114) atque etiam ante hunc Aristoteles principio Artis rhetoricae dicit illam artem quasi ex altera parte respondere dialecticae, ut hoc videlicet differant inter se, quod haec ratio dicendi latior sit, illa loquendi contractior. volo igitur huic summo omnem quae ad dicendum trahi possit loquendi rationem esse notam. quae quidem res, quod te his artibus eruditum minime fallit, duplicem habuit docendi viam. nam et ipse Aristoteles tradidit praecepta plurima disserendi et postea qui dialectici dicuntur spinosiora multa pepererunt.



XXXII. (113) Penso ser do homem eloquente, não tanto essa faculdade – que é própria dele – de falar fluente e profusamente, mas também adquirir a ciência, vizinha e semelhante, da Dialéctica. Parece, no entanto, que o discurso é uma coisa e o debate é outra coisa e, ainda que debater não seja o mesmo que discursar, ambos existem no raciocínio, o assunto do debate e da disputa é próprio dos dialécticos e o de dizer e ornamentar dos oradores. O famoso Zenão<sup>177</sup>, fundador da escola estóica<sup>178</sup>, costumava demonstrar com a mão qual a diferença entre estas duas artes: quando apertava os dedos e cerrava o punho dizia ser assim a dialéctica e quando, por outro lado, separava os dedos e abria a mão dizia que a eloquência era semelhante à palma da mão aberta.

(114) E, antes dele, Aristóteles, no princípio da Retórica<sup>179</sup>, disse que aquela arte<sup>180</sup> era a contrapartida da dialéctica, distinguindo-se entre si pelo facto de a Retórica ser mais ampla e a Dialéctica mais estrita. Quero que possam ser conhecidos por este orador perfeito todos os métodos de falar que podem ser utilizados no discurso. Esta questão, que nada te enganou, a ti que bem a conheces, teve uma dupla via de ensino nestas artes: o próprio Aristóteles ensinou muitos preceitos de argumentação e, em seguida, aqueles que se dizem dialécticos produziram alguns muito mais espinhosos.

---

<sup>177</sup> Zenão de Cício (333 - 263 a.C.) instalou-se em Atenas, por volta de 312 a.C., onde fundou a escola filosófica estóica (ca. 300 a.C.). Nenhum dos escritos de Zenão sobreviveu, excepto citações fragmentárias preservadas por escritores posteriores.

<sup>178</sup> Com base nas ideias dos cínicos, o estoicismo enfatizava a paz de espírito, conquistada através de uma vida plena de virtude, de acordo com as leis da natureza. O estoicismo floresceu como a filosofia predominante no mundo greco-romano até ao advento do Cristianismo.

<sup>179</sup> A *Rhetorica* é um texto do filósofo grego Aristóteles de Estagiros, composto por três livros (I: 1354a - 1377b, II: 1377b - 1403a, III: 1403a - 1420a), no qual o autor procura dar um tratamento eminentemente filosófico ao tema da Retórica.

<sup>180</sup> A Retórica.

(115) ego eum censeo, qui eloquentiae laude ducatur, non esse earum rerum omnino rudem, sed vel illa antiqua vel hac Chrysippi disciplina institutum. noverit primum vim naturam genera verborum et simplicium et copulatum; deinde quot modis quidque dicatur; qua ratione verum falsumne sit iudicetur; quid efficiatur e quoque, quid cuique consequens sit quidque contrarium; cumque ambigue multa dicantur, quo modo quidque eorum dividi explanarique oporteat. haec tenenda sunt oratori (saepe enim occurrunt), sed quia sua sponte squalidiora sunt, adhibendus erit in iis explicandis quidam orationis nitor.

XXXIII. (116) Et quoniam in omnibus, quae ratione docentur et via, primum constituendum est quid quidque sit – nisi enim inter eos qui disceptant convenit quid sit illud quod ambigitur, nec recte disseri umquam nec ad exitum perveniri potest –, explicanda est saepe verbis mens nostra de quaque re atque involuta rei notitia definiendo aperienda est, siquidem est definitio oratio, quae quid sit id de quo agitur ostendit quam brevissime. tum, ut scis, explicato genere cuiusque rei videndum est quae sint eius generis sive formae sive partes, ut in eas tribuatur omnis oratio.

(115) Aconselho esse que é atraído pela glória da eloquência a não ser totalmente ignorante destas coisas, mas preparado tanto naquela antiga dialéctica de Aristóteles como na mais recente de Crisipo<sup>181</sup>. Conhecerá, em primeiro lugar, a força, a natureza e as classes das palavras, não só das isoladas como das que estão nas frases, depois quantos modos há de dizer uma coisa, de que modo se distingue o verdadeiro do falso, o que se conclui de cada coisa, o que é consequente e o que é contrário, ainda que muitas coisas sejam ditas ambigualmente e de que forma é necessário dividir ou explicar algumas delas. Estes preceitos devem ser retidas pelo nosso orador – pois frequentemente ocorrem -, mas porque em si mesmas são pouco atractivas, deverá uma certa graça ser aplicada na sua explicação.

XXXIII. (116) E visto que em todos os assuntos que são ensinados racional e distematicamente deve, primeiro, ser determinado aquilo que cada coisa é – pois a não ser que entre aqueles que debatem se concorde que coisa é o assunto sobre o qual se discute, não se pode falar com nunca com rectidão nem alguma vez chegar a uma conclusão: deve ser explicado frequentemente por palavras a nossa opinião sobre cada assunto e mostrados, por meio da definição, os conceitos obscuros de cada tema, porque a definição é uma afirmação que mostra qual o assunto de que tratamos de forma mais concisa. Então, como sabes, depois de explicada a natureza desse assunto deve ser examinado quais são as espécies e as divisões desse género, para que a totalidade do discurso se distribua entre elas.

---

<sup>181</sup> Crisipo de Solos (ca. 280 - ca. 208 a.C.) foi um dos maiores expoentes do estoicismo. Assumiu a direcção da escola em 232 a.C. e rapidamente alcançou uma reputação comparável à do próprio Zenão. Foi o principal responsável pela sistematização e divulgação da doutrina estóica, mas dos seus escritos apenas sobreviveram alguns fragmentos.

(117) erit igitur haec facultas in eo quem volumus esse eloquentem, ut definire rem possit nec id faciat tam presse et anguste quam in illis eruditissimis disputationibus fieri solet, sed cum explanatius tum etiam uberius et ad commune iudicium popularemque intellegentiam accommodatius. idemque etiam, cum res postulabit, genus universum in species certas, ut nulla neque praetermittatur neque redundet, partietur ac dividet. quando autem id faciat aut quo modo, nihil ad hoc tempus, quoniam, ut supra dixi, iudicem esse me, non doctorem volo.

(118) Nec vero a dialecticis modo sit instructus, sed habeat omnis philosophiae notos ac tractatos locos. nihil enim de religione, nihil de morte, nihil de pietate, nihil de caritate patriae, nihil de bonis rebus aut malis, nihil de virtutibus aut vitiis, nihil de officiis, nihil de dolore, nihil de voluptate, nihil de perturbationibus animi et erroribus – quae saepe cadunt in causas, sed ieiunius aguntur – nihil, inquam, sine ea scientia, quam dixi, graviter ample copiose dici et explicari potest.

(117) Haverá naquele que queremos que seja o orador eloquente esta faculdade de ser capaz de definir o assunto e de não o fazer tão sucinta e concisamente quanto costuma ser feito nos debates dos filósofos: não só com maior clareza, mas também com maior desenvolvimento e de forma mais apropriada ao entendimento comum e à inteligência vulgar. Do mesmo modo, quando o assunto o pedir, ele repartirá e dividirá o género em espécies delimitadas para que nem nenhuma seja esquecida nem nenhuma seja supérflua. Porém, não é agora ocasião de saber quando ou de que modo ele fará isto porque, como antes disse<sup>182</sup>, quero ser um crítico e não um professor.

(118) Que não seja apenas instruído em Dialéctica, mas tenha conhecidos e exercitados todos os tópicos da Filosofia. Pois nada sobre a honra, a morte, a piedade, o amor da pátria, o bem e o mal, as virtudes e os vícios, os deveres, a dor, a volúpia, as paixões do espírito e o erro – questões que, muitas vezes, aparecem nas causas, mas são tratadas com grande pobreza – nada, dizia eu, sem aquela ciência que descrevi<sup>183</sup>, pode ser dito e explicado viva, ampla e abundantemente.

---

<sup>182</sup> Cf. 43, 55 e 112.

<sup>183</sup> A Filosofia.

XXXIV. (119) De materia loquor orationis etiam nunc, non de ipso genere dicendi; volo enim prius habeat orator rem de qua dicat dignam auribus eruditis, quam cogitet quibus verbis quidque dicat aut quo modo. quem etiam, quo grandior sit et quodam modo excelsior, ut de Pericle dixi supra, ne physicorum quidem esse ignarum volo. omnia profecto, cum se a caelestibus rebus referet ad humanas, excelsius magnificentiusque et dicet et sentiet.

(120) Cum illa divina cognoverit, nolo ignoret ne haec quidem humana. Ius civile teneat, quo egent causae forenses cotidie; quid est enim turpius quam legitimarum et civilium controversiarum patrocinia suscipere, cum sis legum et civilis iuris ignarus? cognoscat etiam rerum gestarum et memoriae veteris ordinem, maxime scilicet nostrae civitatis, sed etiam imperiosorum populorum et regum illustrium. quem laborem nobis Attici nostri levavit labor, qui conservatis notatisque temporibus, nihil cum illustre praetermitteret, annorum septingentorum memoriam uno libro colligavit. nescire autem quid ante quam natus sis acciderit, id est semper esse puerum. quid enim est aetas hominis nisi ea memoria rerum veterum cum superiorum aetate contextitur? commemoratio autem antiquitatis exemplorumque prolatio summa cum delectatione et auctoritatem orationi affert et fidem.

XXXIV. (119) Agora falo sobre a matéria e não sobre os estilos do discurso em si. Quero, em primeiro lugar, que o orador tenha um assunto que seja digno de ouvidos eruditos sobre o qual fale antes de ponderar as palavras ou o modo como as dirá. Quero um orador que, a fim de ser maior e de certo modo mais excelso, como acima disse de Péricles<sup>184</sup>, não seja sequer ignorante da Filosofia Natural. Quero um orador que ao passar dos assuntos celestes para os humanos fale e pense tudo com mais excelência e magnificência.

(120) E, uma vez que conhece aqueles assuntos divinos, não quero que ignore os humanos. Que saiba Direito Civil, do qual precisam quotidianamente as causas forenses. O que é mais vergonhoso do que pleitear as causas de controvérsias legais e civis quando se é ignorante das leis e do Direito Civil? Que conheça igualmente a sucessão das façanhas e da memória dos antigos, sobretudo, evidentemente, a da nossa cidade, mas também as das nações imperiais e dos reis ilustres. O nosso trabalho aligeira-se graças ao trabalho do nosso Ático<sup>185</sup>, ele que, conservando e registrando os tempos, sem nada de ilustre esquecer, juntou, num único livro, a memória de setecentos anos<sup>186</sup>. Desconhecer aquilo que aconteceu antes de se nascer é o mesmo que ser para sempre criança. Que é a vida dos homens se não se ligar, através da lembrança das coisas antigas, com a vida dos antepassados? A recordação da antiguidade e a citação de exemplos confere ao discurso autoridade e credibilidade, assim como um sumo prazer.

---

<sup>184</sup> Cf. 15.

<sup>185</sup> Tito Pomponio Ático (ca. 110 - 32 a.C.), *eques* patrono das Letras, é recordado como grande amigo e confidente de Cícero, tendo-lhe este dedicado o *De Amicitia*. A correspondência entre os dois está preservada nos dezasseis volumes das *Epistulae ad Atticum*. Por se tratar de um epicurista, enquanto Cícero estava mais próximo do estoicismo, é colocado como interlocutor em algumas obras como o *Brutus* e os *Academica Posteriora*. Foi biografado por Cornélio Nepos (ca. 100 - ca. 25 a.C.) na *Vita Attici*.

<sup>186</sup> Alusão ao *Liber annalis*, de Ático, dedicado a Cícero.

(121) Sic igitur instructus veniet ad causas, quarum habebit genera primum ipsa cognita. erit enim ei perspectum nihil ambigi posse, in quo non aut res controversiam faciat aut verba: res aut de vero aut de recto aut de nomine, verba aut de ambiguo aut de contrario. nam si quando aliud in sententia videtur esse aliud in verbis, genus est quoddam ambigui quod ex praeterito verbo fieri solet ; in quo, quod est ambiguum proprium, res duas significari videmus.

XXXV. (122) Cum tam pauca sint genera causarum, etiam argumentorum praecepta pauca sunt. traditi sunt e quibus ea ducantur duplices loci, uni e rebus ipsis, alteri assumpti.

Tractatio igitur rerum efficit admirabilem orationem; nam ipsae quidem res in perfacili cognitione versantur. quid enim iam sequitur, quod quidem artis sit, nisi ordiri orationem, in quo aut concilietur auditor aut erigatur aut paret se ad discendum; rem breviter exponere et probabiliter et aperte, ut quid agatur intellegi possit; sua confirmare, adversaria evertere, eaque efficere non perturbate, sed singulis argumentationibus ita concludendis, ut efficiatur quod sit consequens iis quae sumuntur ad quamque rem confirmandam; post omnia peroratione inflammantem restinguentemve concludere? has partes quem ad modum tractet singulas, difficile dictu est hoc loco; nec enim semper tractantur uno modo.



(121) Assim instruído venha para as causas, das quais conhecerá, em primeiro lugar, os diferentes tipos. Será evidente para ele que nada de ambíguo existe em que a controvérsia não surja dos factos ou das palavras: no caso dos factos sobre a veracidade, a justificação ou a definição<sup>187</sup> e, no caso das palavras, sobre a ambiguidade ou a contradição. Pois se alguma vez parecer que está uma coisa no pensamento e outra nas palavras, este é o género de ambiguidade que costuma ser criado a partir da omissão de uma palavra. Neste caso, vemos que há dois significados, o que é próprio da ambiguidade.

XXXV. (122) Visto que tão poucos são os tipos das causas, poucas são também as regras dos argumentos. São tratados por aqueles que ensinam dois tipos de tópicos: uns a partir dos quais estas coisas se extraem, os outros tomados deles<sup>188</sup>. O estudo das coisas produz um discurso admirável porque, na verdade, os próprios factos são de um conhecimento muito fácil. Aquilo que sobeja está sujeito às regras da arte, excepto para começar o discurso, no qual ou o ouvinte se cativa ou se anima ou se torna dócil: expor um facto em poucas palavras, com verosimilhança e claramente, de forma a que aquilo que é exposto possa ser compreendido, confirmar os seus argumentos, refutar os dos adversários e fazer estas coisas de forma não confusa mas com argumentos singulares de tal maneira conclusivos que se demonstre aquilo que é consequente daqueles que se estabeleceram para provar qualquer assunto; depois de todas estas coisas incluir uma peroração inflamada ou apagada? É difícil, neste lugar, dizer de que modo cada uma destas partes deve ser tratada, já que nem sempre devem ser tratadas do mesmo modo.

---

<sup>187</sup> Cf. 45.

<sup>188</sup> Cícero, *Topica*, II, 8; *De or.*, II, 164 e 173.

(123) quoniam autem non quem doceam quaero sed quem probem, probabo primum eum qui quid deceat viderit. haec enim sapientia maxime adhibenda eloquenti est, ut sit temporum personarumque moderator. nam nec semper nec apud omnis nec contra omnis nec pro omnibus nec cum omnibus eodem modo dicendum arbitror.

XXXVI. is erit ergo eloquens, qui ad id quodcunque decebit poterit accommodare orationem. quod cum statuerit, tum ut quidque erit dicendum ita dicet, nec satura ieiune nec grandia minute nec item contra, sed erit rebus ipsis par et aequalis oratio.

(124) principia verecunda, nondum elatis incensa verbis sed acuta sententiis vel ad offensionem adversarii vel ad commendationem sui; narrationes credibiles nec historico sed prope cotidiano sermone explicatae dilucide; dein si tenuis causae, tum etiam argumentandi tenue filum et in docendo et in refellendo, idque ita tenebitur, ut quanta ad rem tanta ad orationem fiat accessio.

(123) Visto que não procuro alguém a quem eu ensine mas a quem eu aprove, apreciarei, primeiro, aquele que for capaz de ver o que é adequado<sup>189</sup>. Esta aptidão deve ser vivamente acolhida pelo eloquente, de forma que se torne capaz de avaliar as ocasiões e as pessoas. Nem sempre, nem em todos, nem contra todos, nem a favor de todos, nem com todos penso que se deve falar do mesmo modo.

XXXVI. Por conseguinte, será eloquente aquele que for capaz de ajustar o discurso a tudo aquilo que é conveniente. Quando isto for estabelecido, dirá cada parte tal como deve ser dita, nem os assuntos ricos de forma desprovida nem os assuntos grandiosos com mesquinhez. E, inversamente.

(124) O seu estilo será consistente e adequado ao assunto: o princípio discreto, ainda não inflamado por linguagem elevada, mas distinto em ideias ou para descrédito dos adversários ou recomendação do seu cliente; narrações críveis, desenvolvidas claramente não no estilo da História<sup>190</sup>, mas quase no tom do discurso quotidiano. Pois, se as causas são simples, então o fio do argumento será ténue tanto na prova como na argumentação e, de tal forma isto será controlado, que conforme o assunto, assim s fará a aproximação ao discurso.

---

<sup>189</sup> Cf. 70 e seguintes e 117.

<sup>190</sup> Cf. 66.

(125) cum vero causa ea inciderit in qua vis eloquentiae possit exprimi, tum se latius fundet orator, tum reget et flectet animos et sic afficiet ut volet, id est ut causae natura et ratio temporis postulabit.

Sed erit duplex eius omnis ornatus ille admirabilis, propter quem ascendit in tantum honorem eloquentia. nam cum omnis pars orationis esse debet laudabilis, sic ut verbum nullum nisi aut grave aut elegans excidat, tum sunt maxime luminosae et quasi actuosae partes duae. quarum alteram in universi generis quaestione pono, quam, ut supra dixi, Graeci appellant θέσιν, alteram in augendis amplificandisque rebus, quae ab isdem αὔξησις est nominata.

(126) quae etsi aequabiliter toto corpore orationis fusa esse debet, tamen in communibus locis maxime excellet; qui communes appellati sunt eo quod videntur multarum idem esse causarum, sed proprii singularum esse debebunt. at vero illa pars orationis, quae est de genere universo, totas causas saepe continet. quicquid est enim illud in quo quasi certamen est controversiae, quod Graece κρινόμενον dicitur, id ita dici placet, ut traducatur ad perpetuam quaestionem atque uti de universo genere dicatur, nisi cum de vero ambigitur, quod quaeri coniectura solet.

(125) Mas quando tiver lugar uma causa em que se possa revelar o vigor da eloquência, então o orador derramar-se-á mais abundantemente, manipulará, excitará os ânimos e assim disporá como quiser, isto, em função da natureza das causas e daquilo que a ocasião exigir. Mas será duplo aquele admirável ornato, pelo qual a eloquência ascende a tão grande honra. Na verdade, devendo toda a parte do discurso ser louvável, de modo que nenhuma das palavras se saliente a não ser as graves e elegantes, então estas duas partes são especialmente luminosas e eficazes: coloco uma delas na discussão de um princípio geral que, como disse acima, os Gregos chamam *θέσιν*<sup>191</sup>, a outra no engrandecimento e amplificação de um assunto, as quais são chamadas por eles *αὐξήσις*<sup>192</sup>.

(126) Ainda que esta última deva ser igualmente espalhada por todo o corpo do discurso, contudo, sobressai muito nos lugares-comuns, que são chamados comuns precisamente porque parecem ser os mesmos em muitas causas, mas deverão ser apropriados para cada causa particular. Pelo contrário, aquela outra parte do discurso, a que é sobre uma questão geral, frequentemente contém o essencial das causas. O que quer que seja aquilo no qual reside o ponto central da controvérsia, o que em grego se diz *κρινόμενον*<sup>193</sup>, convém tratá-lo de maneira que se transforme numa questão permanente e que se sirva do género universal, a menos que se discuta a veracidade dos factos, caso em que convém inquirir por meio de conjectura<sup>194</sup>.

---

<sup>191</sup> Cf. 46.

<sup>192</sup> Em latim *amplificatio* (cf. 102).

<sup>193</sup> *Topica*, XXV, 95.

<sup>194</sup> O primeiro dos quatro estados de causa, teoria proposta por Hermágoras de Temnos.

(127) dicetur autem non Peripateticorum more – est enim illorum exercitatio elegans iam inde ab Aristotele constituta – sed aliquanto nervosius et ita de re communia dicentur, ut et pro reis multa leniter dicantur et in adversarios aspere. augendis vero rebus et contra abiciendis nihil est quod non perficere possit oratio; quod et inter media argumenta faciendum est, quotiescumque dabitur vel amplificandi vel minuendi locus, et paene infinite in perorando.

XXXVII. (128) Duo sunt quae bene tractata ab oratore admirabilem eloquentiam faciunt. quorum alterum est, quod Graeci ἡθικόν vocant, ad naturas et ad mores et ad omnem vitae consuetudinem accommodatum; alterum quod idem παθηθικόν nominant, quo perturbantur animi et concitantur, in quo uno regnat oratio. illud superius come, iucundum, ad benevolentiam conciliandam paratum; hoc vehemens incensum incitatum, quo causae eripiuntur; quod cum rapide fertur, sustineri nullo pacto potest.

(127) Este assunto é tratado não segundo o costume dos Peripatéticos – o seu exercício é elegante já desde os princípios estabelecidos por Aristóteles – mas de modo bastante mais vigoroso e de tal modo são ditas coisas comuns sobre o assunto que muitas são ditas suavemente a favor dos clientes e rudemente contra os oponentes. Engrandecendo os factos ou, inversamente, diminuindo-os, nada há que o discurso não possa fazer. Isto deve ser feito no meio dos argumentos todas as vezes que houver lugar à amplificação ou à diminuição e, de modo quase ilimitado, na peroração.

XXXVII. (128) Duas são as coisas que bem estudadas pelo orador fazem a sua eloquência admirável, das quais uma é aquilo que os Gregos chamam *ἠθικόν*<sup>195</sup>, relacionado com a natureza, os comportamentos e todas as relações da vida, a outra, que chamam *παθηθικόν*<sup>196</sup>, através da qual se agitam e inflamam os espíritos e no qual governa unicamente a oratória: aquela primeira é delicada e agradável, preparada para cativar a benevolência, esta última é violenta, inflamada e impetuosa e por ela são arrebatadas as causas, pois, quando avança rapidamente, não pode ser sustida de maneira nenhuma.

---

<sup>195</sup> Espécie de prova que reside no carácter moral do orador, obtendo-se a persuasão quando o discurso é proferido de maneira a deixar no auditório a impressão de que o carácter do orador o torna digno de fé.

<sup>196</sup> Espécie de prova que se encontra no modo como se dispõe o auditório, pelo que a persuasão se obtém quando discurso desperta emoções no auditório (*Rh.*, III, 7).

(129) quo genere nos mediocres aut multo etiam minus, sed magno semper usu impetu saepe adversarios de statu omni deiecit. nobis pro familiari reo summus orator non respondit Hortensius; a nobis homo audacissimus Catilina in senatu accusatus ommutuit; nobis privata in causa magna et gravi cum coepisset Curio pater respondere, subito assedit, cum sibi venenis ereptam memoriam diceret.

(130) quid ego de miserationibus loquar? quibus eo sum usus pluribus, quod, etiam si plures dicebamus, perorationem mihi tamen omnes relinquebant; in quo ut viderer excellere non ingenio sed dolore assequebar. quae qualiacunque in me sunt – me enim ipsum paenitet quanta sint – sed apparent in orationibus, etsi carent libri spiritu illo, propter quem maiora eadem illa cum aguntur quam cum leguntur videri solent.



(129) Neste estilo, nós somos medianos ou ainda menos que isso. Porém, sempre utilizando um estilo vigoroso, muitas vezes lançamos os adversários na confusão: Hortênsio, o grande orador, não argumentou, diante nós, a favor do amigo<sup>197</sup>; Catilina, homem audaciosíssimo, acusado por mim no Senado, emudeceu<sup>198</sup>; quando o pai Cúrio começou a responder-nos, numa causa privada de grande importância e gravidade, se sentou subitamente, dizendo que a sua memória lhe tinha sido arrebatada pelo veneno<sup>199</sup>.

(130) Que direi sobre os apelos à piedade? Muitos deles usei nos meus discursos porque, mesmo que muitos disséssemos, todavia, todos os outros oradores me deixam a peroração<sup>200</sup>. Nestes apelos à piedade, conseguia mostrar-me extraordinário não no talento, mas na dor. Quaisquer talentos que estejam em mim – na verdade, eu próprio estou insatisfeito com quantos sejam – manifestam-se nos meus discursos: embora os livros careçam daquele ardor pelo qual aquelas passagens costumam parecer mais impressionantes quando faladas do que quando lidas.

---

<sup>197</sup> Nova referência aos discursos *In Verrem*.

<sup>198</sup> Lúcio Sérgio Catilina (108 - 62 a.C.), senador romano, célebre por ter liderado, em 63 a.C., a conspiração, que ficou conhecida pelo seu nome.

<sup>199</sup> Gaio Escríbônio Cúrio (m. 53 a.C.) foi um famoso orador, conhecido pela pureza do seu latim. A seu respeito diz Cícero que sempre tivera uma má memória (*Brut.*, LX, 217).

<sup>200</sup> Quando, em 63 a.C., Cícero gravitou para o mesmo grupo político de Hortênsio, os dois começaram a aceitar os mesmos casos. Nessas ocasiões, Hortênsio reconheceu a superioridade do jovem orador e permitiu-lhe que falasse sempre em último lugar.

XXXVIII. (131) Nec vero miseratione solum mens iudicum permovenda est – qua nos ita dolenter uti solemus, ut puerum infantem in manibus perorantes tenuerimus, ut alia in causa excitato reo nobili, sublato etiam filio parvo, plangore et lamentatione complerimus forum – sed est faciendum etiam, ut irascatur iudex mitigetur, invidet faveat, contemnat admiretur, oderit diligat, cupiat fastidiat, speret metuat, laetetur doleat; qua in varietate duriorum Accusatio suppedabit exempla, mitiorum defensiones meae.

(132) nullo enim modo animus audientis aut incitari aut leniri potest, qui modus a me non temptatus sit. dicerem perfectum, si ita iudicarem, nec in veritate crimen arrogantiae pertimescerem; sed, ut supra dixi, nulla me ingenii sed magna vis animi inflammat, ut me ipse non teneam; nec umquam is qui audiret incenderetur, nisi ardens ad eum perveniret oratio. uterer exemplis domesticis, nisi ea legisses, uterer alienis vel Latinis, si ulla reperirem, vel Graecis, si deceret. sed Crassi perpauca sunt nec ea iudiciorum, nihil Antonii, nihil Cottae, nihil Sulpicii; dicebat melius quam scripsit, Hortensius.

XXXVIII. (131) Não deve a mente do juiz ser apenas agitada pelo apelo à piedade – do qual nos costumamos servir com tal efeito patético que até segurámos nas mãos suplicantes a mais pequenas das crianças e também, noutra causa, apresentando um réu nobre e levantando do chão o seu filho pequeno, enchemos o foro com gemidos e lamentações<sup>201</sup> - , também se deve fazer com que o juiz se indigne e se pacifique, inveje e favoreça, despreze e admire, odeie e estime, deseje e se aborreça, acredite e duvide, se alegre e lamente. Nesta variedade, a minha Acusação oferece exemplos dos processos mais duros e as minhas Defesas dos mais doces<sup>202</sup>.

(132) O ânimo do ouvinte não pode ser inflamado ou apaziguado de nenhum modo que não tenha sido tentado por mim, diria mesmo, de modo perfeito se assim acreditasse e, na verdade, não temesse o crime da arrogância. Mas, como antes disse<sup>203</sup>, nenhum talento mas um espírito vigoroso me anima para que eu próprio não me detenha. E nem algum dia aquele que ouve é inflamado, a não ser que lhe chegue um discurso vivo. Usarei exemplos dos meus discursos se não os tiveres lido; senão usarei de outros ou dos Latinos, se os encontrar ou os dos Gregos, se for conveniente. Mas poucos são os que restam de Crasso e não os dos tribunais, nada resta de António, Cota ou Sulpício e Hortênsio discursava melhor do que escrevia.

---

<sup>201</sup> Referência ao discurso *Pro Flacco*, proferido em defesa de Lúcio Valério Flaco, pretor em 63 a.C., contra as acusações que lhe faziam de má administração da província da Ásia.

<sup>202</sup> *De or.*, II, 44, 185; *Brut.*, L, 188.

<sup>203</sup> Cf. 130.

(133) verum haec vis, quam quaerimus, quanta sit suspicemur, quoniam exemplum non habemus, aut si exempla sequimur, a Demosthene sumamus, et quidem perpetuae dictionis ex eo loco unde in Ctesiphontis iudicio de suis factis, consiliis, meritis in rem publicam aggressus est dicere. ea profecto oratio in eam formam quae est insita in mentibus nostris includi sic potest, ut maior eloquentia ne requiratur quidem.

XXXIX. (134) Sed iam forma ipsa restat et χαρακτήρ ille qui dicitur; qui qualis esse debeat ex his quae supra dicta sunt intellegi potest. nam et singulorum verborum et collocatorum lumina attigimus. quibus sic abundabit, ut verborum ex ore nullum nisi aut elegans aut grave exeat, ex omni genere frequentissimae translationes erunt, quod eae propter similitudinem transferunt animos et referunt ac movent huc et illuc, qui motus cogitationis celeriter agitatus per se ipse delectat. et reliqua ex collocatione verborum quae sumuntur quasi lumina magnum afferunt ornatum orationi; sunt enim similia illis quae in amplo ornatu scaenae aut fori appellantur insignia, non quia sola ornent, sed quod excellent.

(133) Na verdade, este poder da oratória, que buscamos<sup>204</sup>, suspeitamos qual seja porque ou não temos dela exemplo ou, se procuramos exemplos, obtemos de Demóstenes a continuidade de um discurso a partir da passagem onde, na Defesa de Ctesifonte, começa a falar sobre os seus feitos, conselhos e méritos a favor da República<sup>205</sup>. Aquele discurso pode de tal forma incluir aquela forma que está ínsita na nossa mente que maior eloquência não precisa de ser procurada.

XXXIX. (134) Mas agora subsiste o tipo, aquele que se diz *χαρακτήρ*<sup>206</sup>, cuja natureza pode ser inferida daquilo que antes foi dito. De facto, ocupámo-nos dos ornamentos das palavras isoladas e das palavras combinadas<sup>207</sup>. De tal modo usará deles de forma abundante que nenhuma palavra a não ser uma bem escolhida e impressionante sairá dos seus lábios e serão frequentíssimas as metáforas de todos os géneros, visto que elas através da semelhança mudam, reconduzem e agitam os espíritos numa ou noutra direcção e este movimento agitado do pensamento por si mesmo rapidamente deleita. Os restantes ornamentos – que são obtidos a partir da combinação das palavras conferem uma grande distinção, como que um brilho, ao discurso – são semelhantes àqueles que no amplo embelezamento da cena ou do foro são chamados ornamentos não apenas porque adornam, mas porque se distinguem dos outros.

---

<sup>204</sup> Cf. 3.

<sup>205</sup> *Discurso em favor de Ctesifonte*, 294 e seguintes.

<sup>206</sup> Cf. 36.

<sup>207</sup> Cf. 80.

(135) eadem ratio est horum quae sunt orationis lumina et quodam modo insignia, cum aut duplicantur iteranturque verba aut leviter commutata ponuntur, aut ab eodem verbo ducitur saepius oratio aut in idem conicitur aut utrunque, aut adiungitur idem iteratum aut idem ad extremum refertur aut continenter unum verbum non in eadem sententia ponitur, aut cum similiter vel cadunt verba vel desinunt, aut cum sunt contrariis relata contraria, aut cum gradatim sursum versus reditur, aut cum demptis coniunctionibus dissolute plura dicuntur, aut cum aliquid praetereuntes cur id faciamus ostendimus, aut cum corrigimus nosmet ipsos quasi reprehendentes, aut si est aliqua exclamatio vel admirationis vel questionis, aut cum eiusdem nominis casus saepius commutantur.

(136) Sed sententiarum ornamenta maiora sunt; quibus quia frequentissime Demosthenes utitur, sunt qui putent idcirco eius eloquentiam maxime esse laudabilem. et vero nullus fere ab eo locus sine quadam conformatione sententiae dicitur. nec quicquam est aliud dicere nisi omnis aut certe plerasque aliqua specie illuminare sententias. quas cum tu optume, Brute, teneas, quid attinet nominibus uti aut exemplis? tantummodo notetur locus.

(135) O mesmo se passa com os ornamentos do estilo e, de certo modo, os seus pontos notáveis, quando são duplicadas, repetidas ou dispostas de forma levemente trocada ou as várias frases se iniciam com a mesma palavra ou terminam com a mesma palavra ou reúnem ambas as figuras ou a mesma palavra é repetida no início ou no fim de uma frase ou uma palavra é usada imediatamente num sentido diferente ou as palavras são usadas com desinências ou outras terminações semelhantes ou ideias contrárias são postas em justaposição ou a frase sobe e desce gradualmente ou, suprimidas as conjunções, muitas frases são ditas descuidadamente ou, por vezes, omitida alguma coisa, mostramos porque o fazemos ou quando nos corrigimos a nós mesmos como críticos, ou se alguma exclamação, admiração ou questão existe, utilizamos a mesma palavra em diferentes casos.

(136) Mas as figuras de pensamento são de maior importância. Delas Demóstenes frequentemente se serviu, razão pela qual muitos pensam ser a sua eloquência especialmente admirável. E, de facto, nenhum tópico é tratado por ele sem alguma configuração de pensamento: falar em público não é outra coisa que iluminar, senão todos, certamente a maior parte dos pensamentos por meio de uma figura de estilo. Como as conheces perfeitamente, Bruto, que razão há para citar nomes ou exemplos? Somente seja assinalado o assunto.

XL. (137) Sic igitur dicet ille quem expetimus, ut verset saepe multis modis eadem et una in re haereat in eademque commoretur sententia; saepe etiam ut extenuet aliquid, saepe ut irrideat; ut declinet a proposito deflectatque sententiam; ut proponat quid dicturus sit; ut, cum transegerit iam aliquid, definiat; ut se ipse revocet; ut quod dixit iteret; ut argumentum ratione concludat; ut interrogando urgeat; ut rursus quasi ad interrogata sibi ipse respondeat; ut contra ac dicat accipi et sentiri velit; ut addubitet ecquid potius aut quo modo dicat; ut dividat in partis; ut aliquid relinquat ac neglegat; ut ante praemuniat; ut in eo ipso, in quo reprehendatur, culpam in adversarium conferat;



XL. (137) Assim, aquele orador, que procuramos, falará de tal maneira que regressará às mesmas coisas em muitas ocasiões de muitas formas, insistirá num assunto e demorar-se-á no mesmo pensamento<sup>208</sup>, falará de alguma coisa umas vezes para a diminuir<sup>209</sup> e outras vezes para a ridicularizar<sup>210</sup>, ele afastar-se-á do seu propósito, modificará o pensamento<sup>211</sup>, estabelecerá aquilo que há-de ser dito<sup>212</sup>, resumirá ao concluir um tópico<sup>213</sup>, ele próprio se recordará<sup>214</sup>, repetirá aquilo que disse<sup>215</sup>, concluirá um argumento com lógica<sup>216</sup>, insistirá no seu argumento fazendo perguntas<sup>217</sup> e, por outro lado, ele próprio responderá às suas questões como se o interrogassem<sup>218</sup>, ele dirá ter aceite alguma coisa mas quererá compreender os argumentos contrários<sup>219</sup>, hesitará sobre se há-de dizer e de que modo o dirá<sup>220</sup>, dividirá o assunto em partes<sup>221</sup>, abandonará ou

---

<sup>208</sup> Epímone.

<sup>209</sup> *Diminutio*.

<sup>210</sup> Ironia.

<sup>211</sup> Digressão, excurso.

<sup>212</sup> Prótese.

<sup>213</sup> Definição.

<sup>214</sup> *Reditus ad propositum* (regresso ao assunto).

<sup>215</sup> Epanalepse, repetição, palilogia.

<sup>216</sup> Conclusão final (de um entitema).

<sup>217</sup> Pergunta retórica.

<sup>218</sup> Resposta.

<sup>219</sup> Ironia socrática.

<sup>220</sup> Aporia.

<sup>221</sup> *Divisio*.

(138) ut saepe cum iis qui audiunt, nonnunquam etiam cum adversario quasi deliberet; ut hominum sermones moresque describat; ut muta quaedam loquentia inducat; ut ab eo quod agitur avertat animos; ut saepe in hilaritatem risumve convertat; ut ante occupet quod videatur opponi; ut comparet similitudines; ut utatur exemplis; ut aliud alii tribuens dispertiat; ut interpellatorem coerceat; ut aliquid reticere se dicat; ut denuntiet quid caveant; ut liberius quid audeat; ut irascatur etiam, ut obiurget aliquando; ut deprecetur, ut supplicet, ut medeatur; ut a proposito declinet aliquantum; ut optet, ut excretur; ut fiat iis apud quos dicet familiaris.

desprezará algum tópico<sup>222</sup>, antecipará objecções<sup>223</sup>, transferirá para o seu adversário a culpa pelo facto pelo qual é criticado<sup>224</sup>.

(138) Consultará muitas vezes aqueles que o ouvem e algumas vezes o próprio adversário<sup>225</sup>, descreverá a linguagem e os costumes dos homens<sup>226</sup>, induzirá nos silenciosos alguma eloquência<sup>227</sup>, desviará os espíritos do assunto de que se ocupa<sup>228</sup>, frequentes vezes provocará a hilaridade e o riso<sup>229</sup>, refutará o que pareça opor<sup>230</sup>, comparará por meio de símiles<sup>231</sup> e usará exemplos<sup>232</sup>, dividirá a frase interpelando uns e outros<sup>233</sup>, subjugará aquele que o interpela<sup>234</sup>, dirá que omite algo<sup>235</sup>, denunciárá aquilo de que desconfiam<sup>236</sup>, ousará dizer algo mais livremente<sup>237</sup>,

---

<sup>222</sup> Preterição, paralipse.

<sup>223</sup> Preparação.

<sup>224</sup> *Traiectio in alium*.

<sup>225</sup> Comunicação.

<sup>226</sup> *Descriptio morum ac uitae imitatio*.

<sup>227</sup> Personificação.

<sup>228</sup> Aversão, metábase.

<sup>229</sup> *Ad hilaritatem impulsio*.

<sup>230</sup> Afim da *praemunitio* é mais propriamente a figura que os Gregos chamam *προκατάληψις*.

<sup>231</sup> Parábola, similitude.

<sup>232</sup> Exemplo, paradigma.

<sup>233</sup> Distribuição.

<sup>234</sup> Interpelação.

<sup>235</sup> Aposiopese.

<sup>236</sup> *Comminatio*.

<sup>237</sup> Licença.

(139) atque alias etiam dicendi quasi virtutes sequetur: brevitatem, si res petet; saepe etiam rem dicendo subiciet oculis; saepe supra feret quam fieri possit; significatio saepe erit maior quam oratio: saepe hilaritas, saepe vitae naturarumque imitatio. hoc in genere – nam quasi silvam vides – omnis eluceat oportet eloquentiae magnitudo.

encolerizar-se-á<sup>238</sup>, protestará por vezes<sup>239</sup>, pedirá ou suplicará<sup>240</sup>, apaziguará a audiência<sup>241</sup>, divagará um tanto sobre um tópico<sup>242</sup>, exprimirá desejos<sup>243</sup>, amaldiçoará<sup>244</sup> e tornar-se-á próximo dos seus ouvintes<sup>245</sup>,

(139) e perseguirá outras virtudes do estilo: a brevidade, se a causa o pedir; muitas vezes também por meio do discurso o assunto se apresenta diante dos olhos<sup>246</sup>, muitas vezes amplificará mais do que o possa fazer<sup>247</sup>, muitas vezes a linguagem será maior que o discurso<sup>248</sup>, haverá muitas vezes hilaridade e uma imitação da vida e das condutas<sup>249</sup>. Neste género – agora o vês como uma floresta – é preciso que se revele toda a intensidade da eloquência.

---

<sup>238</sup> *Indignatio.*

<sup>239</sup> *Obiurgatio.*

<sup>240</sup> *Deprecatio.*

<sup>241</sup> *Purgatio.*

<sup>242</sup> *Declinatio.*

<sup>243</sup> *Optatio.*

<sup>244</sup> *Exsecratio.*

<sup>245</sup> Conciliação.

<sup>246</sup> Personificação.

<sup>247</sup> Hipérbole.

<sup>248</sup> Ênfase.

<sup>249</sup> *Descriptio morum ac uitae imitatio.*

XLI. (140) Sed haec nisi collocata et quasi structa et nexa verbis ad eam laudem quam volumus aspirare non possunt. de quo cum mihi deinceps viderem esse dicendum, etsi movebant iam me illa quae supra dixeram, tamen iis quae secuntur perturbabar magis. pccurrebat enim posse reperiri non invidos solum, quibus referta sunt omnia, sed fautores etiam laudum mearum, qui non censerent eius viri esse, de cuius meritis senatus tanta iudicia fecisset comprobante populo Romano quanta de nullo, de artificio dicendi litteris tam multa mandare. quibus si nihil aliud responderem nisi me M. Bruto negare roganti noluisse, iusta esset excusatio, cum et amicissimo et praestantissimo viro, et recta et honesta petenti satis facere voluissem.

XLI. (140) Mas estas figuras, excepto se colocadas e como que construídas e ligadas pelas palavras, não podem aspirar a esta glória que buscamos. Quando considero aquilo de que em seguida devo falar, embora me perturbassem já coisas, das quais antes falei<sup>250</sup>, contudo, perturbaram-me mais aquelas que se seguem. Ocorreu-me não só poder encontrar malevolentes, dos quais tudo está cheio, mas também admiradores do meu sucesso que não pensam ser próprio deste homem, sobre cujos méritos o Senado fez tantos elogios, como não fez de mais nenhuns, com a aprovação do Povo Romano<sup>251</sup>, escrever tantas coisas sobre a arte da Retórica. Se eu nada respondesse a nenhuma destas a não ser que não queria deixar de aceder ao pedido de M. Bruto, a justificação seria justa, visto que eu quereria satisfazer conveniente e dignamente o pedido de um amigo muito caro e um homem muito distinto.

---

<sup>250</sup> Cf. 33, 36, 52 e 75.

<sup>251</sup> Alusão ao título de *pater patriae*, que foi atribuído a Cícero após a descoberta da Conspiração de Catilina, em 65 a.C.

(141) sed si profiterer - quod utinam possem! – me studiosis dicendi praecepta et quasi vias quae ad eloquentiam ferrent traditurum, quis tandem id iustus rerum existimator reprehenderet? nam quis umquam dubitavit quin in re publica nostra primas eloquentia tenuerit semper urbanis pacatisque rebus, secundas iuris scientia, cum in altera gratiae gloriae praesidii plurimum esset, in altera persecutionum cautionumque praeceptio, quae quidem ipsa auxilium ab eloquentia saepe peteret, ea vero repugnante vix suas regiones finisque defenderet?

(142) cur igitur ius civile docere semper pulchrum fuit hominumque clarissimorum discipulis floruerunt domus: ad dicendum si quis acuat aut adiuvet in eo iuventutem, vituperetur? nam si vitiosum est dicere ornate, pellatur omnino e civitate eloquentia; sin ea non modo eos ornat penes quos est, sed etiam iuvat universam rem publicam, cur aut discere turpe est quod scire honestum est, aut quod nosse pulcherrimum est id non gloriosum est docere?



(141) Mas se se proclamasse – oxalá o pudesse! – que vou transmitir aos interessados os preceitos oratórios e como que as vias que levam à eloquência, que justo crítico censuraria tal coisa? De facto, alguém alguma vez duvidará que, estando a vida social em paz, a eloquência teve sempre o primeiro lugar na nossa República<sup>252</sup> e a ciência do Direito o segundo lugar, visto que numa<sup>253</sup> há muito reconhecimento, glória e poder e na outra<sup>254</sup> há o ensino das instâncias e das cauções<sup>255</sup>. Esta pede frequentemente o auxílio da eloquência e aquela, recalcitrante, com dificuldade consegue defender a sua área de influência e território.

(142) Por que razão foi sempre honroso ensinar Direito Civil e em casa de jurisconsultos distintos floresciam os discípulos<sup>256</sup>, mas se alguém desperta a juventude para a oratória e a ajuda nisso é severamente criticado<sup>257</sup>? Na verdade, se é errado falar com elegância, que a eloquência seja totalmente expulsa da cidade; no entanto, se ela adorna não só aqueles entre os quais está, mas também agrada a toda a República, por que razão é vergonhoso aprender aquilo que é bom saber ou por que não é glorioso ensinar aquilo que é excelente conhecer?

---

<sup>252</sup> Por oposição aos períodos de Guerra Civil. Cf. *De or.*, I, 8, 30.

<sup>253</sup> Na eloquência.

<sup>254</sup> Na ciência do Direito.

<sup>255</sup> A *praescriptio* é a parte acessória das formas processuais que consiste em submeter à apreciação do juiz um determinado ponto do litígio com o intuito de beneficiar uma ou outra das partes envolvidas. A *cautio* é a garantia ou o compromisso estabelecido com outra pessoa.

<sup>256</sup> De facto, aprendia-se Direito apenas através da observação das consultas dadas pelos jurisconsultos aos seus clientes. O ensino formal do Direito tem apenas início no século II d.C.

<sup>257</sup> Escola dos retores latinos.

XLII. (143) 'At alterum factitatum est, alterum novum.' Fateor, sed utriusque rei causa est. alteros enim respondentes audire sat erat, ut ii qui docerent nullum sibi ad eam rem tempus ipsi seponerent, sed eodem tempore et discentibus satisfacerent et consulentibus; alteri, cum domesticum tempus in cognoscendis componendisque causis, forense in agendis, relicum in sese ipsis reficiendis omne consumerent, quem habebant instituendi aut docendi locum? atque haud scio an plerique nostrorum oratorum ingenio plus valuerint quam doctrina; itaque illi dicere melius quam praecipere, nos contra fortasse possumus.

(144) 'At dignitatem docere non habet.' certe, si quasi in ludo; sed si monendo, si cohortando, si percontando, si communicando, si interdum etiam una legendo, audiendo, nescio cur non docendo etiam aliquid aliquando <si> possis meliores facere, cur nolis. an quibus verbis sacrorum alienatio fiat docere honestum est, ut est, quibus ipsa sacra retineri defendique possint non honestum est?

XLII. (143) “Mas uma coisa é costumeira, a outra é nova”. Reconheço, mas há uma razão para ambos os factos. Era suficiente ouvir os jurisconsultos a darem as suas respostas, de modo que aqueles que ensinam não reservam eles próprios para isso um tempo, mas, simultaneamente, satisfazem os que aprendem e os clientes<sup>258</sup>. No caso dos outros oradores, o tempo doméstico consomem-no todo no estudo e preparação de causas, o tempo no foro é dedicado ao pleito e o resto do dia a repousar – que ocasião tinham para instruir ou ensinar? E não sei se a maior parte dos nossos oradores não será mais forte em talento do que em conhecimento sistemático, de tal modo que eles podem falar melhor do que ensinar – nós talvez possamos o contrário.

(144) “Não há dignidade no ensino”. Certamente, se o fizeres como na escola, mas se no pensamento, na exortação, um pouco na interrogação, na conversa e, por vezes, ao mesmo tempo, na leitura e na audição, podes tornar aqueles que te ouvem melhores, não sei porque não o fazes. Acaso é honesto ensinar com que palavras se faz a alienação das coisas sagradas<sup>259</sup>, mas já não é honesto que elas se possam conservar e defender pelo mesmo meio?

---

<sup>258</sup> *Brut.*, LXXXIX, 306.

<sup>259</sup> A *sacrorum alienatio* era o acto de renunciar às obrigações de observar os rituais dos *sacra gentilia* quando se era adoptado por uma outra *gens*. Como os *sacra* faziam parte dos direitos dos cidadãos romanos, a expressão *sacra defendere* significa defender um cidadão de uma acusação que envolve a perda desses direitos. Cf. *De Legibus*, II, 47.

(145) ‘at ius profitentur etiam qui nesciunt, eloquentiam autem illi ipsi qui consecuti sunt tamen ea se valere dissimulant.’ propterea quod prudentia hominibus grata est, lingua suspecta. num igitur aut latere eloquentia potest aut id quod dissimulat effugit aut est periculum, ne quis putet in magna arte et gloriosa turpe esse docere alios id quod ipsi fuerit honestissimum discere?

(146) ac fortasse ceteri tectiores; ego semper me didicisse prae me tuli. quid enim? possem, cum et afuissem domo adulescens et horum studiorum causa maria transissem et doctissimis hominibus referta domus esset et aliquae fortasse inessent in sermone nostro doctrinarum notae, cumque vulgo scripta nostra legerentur, dissimulare me didicisse? quid erat cur *ruberem*, nisi quod parum fortasse profeceram?

(145) “Mas mesmo os ignorantes da lei se declaram jurisconsultos enquanto aqueles que atingiram a eloquência todavia escondem o seu valor<sup>260</sup>”. Por causa disto, a sabedoria é grata aos homens; a língua, suspeita. Acaso pode a eloquência esconder-se ou aquilo que dissimula escapa ou existe o perigo de alguém pensar que nesta grande e gloriosa arte<sup>261</sup> é vergonhoso ensinar a outros aquilo que foi para si muito honroso aprender?

(146) Outros serão talvez mais cautelosos, eu sempre admiti ter-me dedicado aos estudos. E então? Poderia dissimular que estudei, se saí de casa ainda jovem<sup>262</sup> e atravessei os mares por causa destes estudos<sup>263</sup>, se a minha casa estava repleta de homens doutíssimos e nas minhas conversas são claros os conhecimentos da arte oratória, se os meus escritos são lidos por toda a gente? De que havia de me envergonhar a não ser de ter feito pouco progresso?

---

<sup>260</sup> No *De Oratore*, Crasso defende que não se deve dar a entender que se conhece a arte de bem falar.

<sup>261</sup> Na eloquência.

<sup>262</sup> Entre 79 e 77 a.C., pelo que Cícero teria, na altura, vinte e sete anos.

<sup>263</sup> Referência à viagem de estudo que empreendera, em 79 a.C., e durante a qual visitara Atenas e várias cidades da Ásia Menor.

XLIII. Quod cum ita sit, tamen ea quae supra dicta sunt plus in disputando quam ea de quibus dicendum est dignitatis habuerunt. (147) de verbis enim componendis et de syllabis prope modum dinumerandis et dimetiendis loquemur; quae etiamsi sunt, sicuti mihi videntur, necessaria, tamen fiunt magnificentius quam docentur. est id omnino verum, at proprie in hoc dicitur. nam omnium magnarum artium sicut arborum altitudo nos delectat, radices stirpesque non item; sed esse illa sine his non potest. me autem sive pervulgatissimus ille versus, qui vetat

‘artem pudere proloqui quam factites’,

dissimulare non sinit qui delecter, sive tuum studium a me hoc volumen expressit, tamen iis quos aliquid reprehensuros suspicabar respondendum fuit.

XLIII. Assim sendo, contudo, aqueles tópicos que acima foram descritos têm mais dignidade no debate do que aqueles de que agora devo falar<sup>264</sup>.

(147) Falarei da colocação das palavras e como que do cálculo e da medida das sílabas<sup>265</sup>. Embora estas regras sejam necessárias como me parece, contudo parece-me também que é mais elevado usá-las do que ensiná-las. Isto diz-se em geral, mas neste caso é especialmente verdadeiro. Isto é verdade para todas as artes importantes: agrada-nos a altura das árvores, mas não as raízes nem os troncos e, no entanto, uma coisa não pode existir sem a outra. Quanto a mim aquele verso banalíssimo que diz “é vergonhoso declarar a arte que praticas”<sup>266</sup>, não me permite esconder o que me deleita ou foi o teu desejo que extraiu de mim este volume, não obstante, considereei que algo devia ser respondido àqueles que, penso, irão censurar algumas coisas.

---

<sup>264</sup> Cf. 140.

<sup>265</sup> Cf. 149 - 220.

<sup>266</sup> Citação de um verso de um autor desconhecido.

(148) quodsi ea quae dixi non ita essent, quis tamen se tam durum agrestemque praeberet, qui hanc mihi non daret veniam, ut cum meae forenses artes et actiones publicae concidissent, non me aut desidia, quod facere non possum, aut maestitiae, cui resisto, potius quam litteris dederem? quae quidem me antea in iudicia atque in curiam deducebant, nunc oblectant domi, nec vero talibus modo rebus qualis hic liber continet, sed multo etiam gravioribus et maioribus; quae si erunt perfectae, profecto maximis rebus forensibus nostris et externis inclusae et domesticae litterae respondebunt. sed ad institutam disputationem revertamur.



(148) Pois se os factos que referi assim não fossem, quem se mostraria tão duro e grosseiro que não me concedesse esta permissão de me dedicar às letras, agora que as minhas artes forenses e discursos públicos soçobraram<sup>267</sup> e não à indolência, coisa que não posso fazer, nem à tristeza<sup>268</sup>, coisa a que resisto. As letras que até agora me acompanhavam nos tribunais e na assembleia, agora divertem-me em casa e não apenas com as questões que este livro contém, mas com questões muito mais sérias e elevadas, as quais se forem levadas a bom termo, elevarão a minha obra privada à altura das minhas actividades forenses<sup>269</sup>. Mas voltemos à questão em análise<sup>270</sup>.

---

<sup>267</sup> A ditadura de César teria tornado impossível a livre eloquência.

<sup>268</sup> A tristeza resultante dos acontecimentos políticos.

<sup>269</sup> Os dois anos seguintes à composição do *Orator* foram de intensa actividade filosófica, tendo Cícero publicado os tratados *Hortensius* (45 a.C.), *Consolatio* (45 a.C.), *Academica* (45 a.C.), *De finibus bonorum et malorum* (45 a.C.), *Tusculanae Disputationes* (45 a.C.), *De natura deorum* (45 a.C.), *De divinatione* (44 a.C.), *De fato* (44 a.C.), *Cato Maior De senectute* (44 a.C.), *Laelius De amicitia* (44 a.C.) e *De officiis* (44 a.C.).

<sup>270</sup> Cf. 140.

XLIV. (149) Collocabuntur igitur verba aut ut inter se quam aptissime cohaereant extrema cum primis eaque sint quam suavissimis vocibus, aut ut forma ipsa concinnitasque verborum conficiat orbem suum, aut ut comprehensio numerose et apte cadat. atque illud primum videamus quale sit – quod vel maxime desiderat diligentiam -, ut fiat quasi structura quaedam nec tamen fiat operose, nam esset cum infinitus tum puerilis labor; quod apud Lucilium scite exagitat in Albucio Scaevola:

‘quam lepide lexis compostae ut tesserulae omnes

arte pavimento atque emblemate vermiculato!’

XLIV. (149) As palavras são dispostas na frase de maneira que as sílabas finais se liguem estritamente às sílabas iniciais<sup>271</sup>, que as palavras tenham sons agradáveis, que aquela forma e harmonia das palavras produza um período<sup>272</sup>, com que a frase caia de um modo ritmado e adequado<sup>273</sup>. Vejamos qual seja o primeiro objectivo: ele impõe um grande cuidado, para que exista como que uma estrutura e, todavia, isto não se faça com grande rigor, pois o labor seria não só infinito como pueril. Esta característica Lucílio<sup>274</sup> faz, com requinte, Cévola<sup>275</sup> censurar em Albúcio<sup>276</sup>: “quão graciosamente as palavras são dispostas, como as pedras artisticamente num pavimento, com uma incrustação vermiculada”<sup>277</sup>.

---

<sup>271</sup> Cf. 149 - 164.

<sup>272</sup> Cf. 164 - 167.

<sup>273</sup> Cf. 168 - 236.

<sup>274</sup> Gaio Lucílio (180 - 102 a.C.), o mais antigo poeta satírico latino cujos textos nos chegaram, ainda que em estado fragmentário.

<sup>275</sup> Quinto Múcio Cévola Águre (m. 88 a.C.), cônsul em 117 a.C. Foi uma das grandes autoridades em Direito Romano.

<sup>276</sup> Tito Albúcio, pretor ca. 105 a.C., famoso orador romano. Foi satirizado por Lucílio por revelar uma excessiva influência grega na sua eloquência.

<sup>277</sup> Fragmento de Lucílio. Cf. *De or.*, III, 43, 171; *Brut.*, LXXIX, 274.

(150) nolo haec tam minuta constructio appareat; sed tamen stilus exercitatus efficiet facile formulam componendi. nam ut in legendo oculus sic animus in dicendo prospiciet quid sequatur, ne extremorum verborum cum insequentibus primis concursus aut hiulcas voces efficiat aut asperas. quamvis enim suaves gravesque sententiae tamen, si inconditis verbis efferuntur, offendent aures, quarum est iudicium superbissimum. quod quidem Latina lingua sic observat, nemo ut tam rusticus sit quin vocalis nolit coniungere.

(151) in quo quidam etiam Theopompum reprehendunt, quod eas litteras tanto opere fugerit, etsi idem magister eius Isocrates fecerat. at non Thucydides, ne ille quidem <h>aud paulo maior scriptor Plato, nec solum in iis sermonibus qui dialogi dicuntur, ubi etiam de industria id faciendum fuit, sed in populari oratione, qua mos est Athenis laudari in contione eos qui sint in proeliis interfecti; quae sic probata est, ut eam quotannis, ut scis, illo die recitari necesse sit. in ea est crebra ista vocum concursio, quam magna ex parte ut vitiosam fugit Demosthenes.

(150) Não quero que esta construção tão minuciosa apareça, mas uma pena excitada encontrará facilmente uma fórmula de compor<sup>278</sup>. Na verdade, como os olhos estão atentos ao que se segue na leitura, assim o espírito no discurso, para que o encontro das sílabas finais com as iniciais não produza sons duros ou ásperos. De facto, os pensamentos agradáveis e importantes, se são expressos por palavras descuidadas, ofendem os ouvidos, cujo juízo é muito orgulhoso. Com efeito, a língua latina observa isto de tal forma que ninguém é tão ignorante que não queira unir as vogais<sup>279</sup>.

(151) Nisto alguns repreendem até Teopompo<sup>280</sup>, porque fugiu com tanto empenho dessas vogais, ainda que o mesmo tenha feito o seu mestre, Isócrates<sup>281</sup> – mas não Tucídides, nem aquele escritor um pouco maior, Platão, não só nos seus discursos que são chamados diálogos, onde isto foi feito voluntariamente<sup>282</sup>, mas no discurso público que é costume pronunciar em Atenas numa assembleia para louvar os que foram massacrados nas batalhas<sup>283</sup>. Esse discurso foi tão apreciado que, como sabes, todos os anos é necessário recitá-lo naquele dia. Nesse discurso é frequente aquele choque de vogais que, em grande parte, Demóstenes evitava como defeituoso.

---

<sup>278</sup> Cf. *Brut.*, XXV, 96; *De or.*, I, 33, 150.

<sup>279</sup> Mediante a contracção ou a elisão.

<sup>280</sup> Teopompo (ca. 378 - 323 a.C.) foi um historiador e retor grego, cujas obras têm como característica fundamental a exploração da dimensão psicológica das personagens. Entre elas destacam-se as *Histórias Helénicas*, uma continuação do relato histórico de Tucídides, em doze livros, e as *Filípicas*, em cinquenta livros.

<sup>281</sup> Isócrates e os seus pupilos, dos quais o historiador Teopompo é um dos mais famosos, evitavam escrupulosamente a justaposição de uma vogal final com uma vogal inicial.

<sup>282</sup> Evitar o hiato era um artificialismo que seria pouco natural no estilo coloquial de um diálogo.

<sup>283</sup> Referência à oração fúnebre, contida no diálogo *Menexenus* de Platão, em louvor dos Atenienses caídos na Batalha de Corinto. Em nenhum outro lugar se encontra atestado o costume de a ler anualmente em Atenas.

XLV. (152) Sed Graeci viderint; nobis ne si cupiamus quidem distrahere voces conceditur. indicant orationes illae ipsae horridulae Catonis, indicant omnes poetae praeter eos qui ut versum facerent saepe hiabant, ut Naevius:

‘vos, qui accolitis Histrum fluvium atque algidam’

et ibidem:

‘quam numquam vobis Grai atque barbari’.

At Ennius semel: ‘Scipio invicte’, et quidem nos:

‘hoc motu radiantis etesiae in vada ponti’.

XLV. (152) Mas aos Gregos o que lhes pareça melhor; a nós, nem mesmo se o desejarmos, não é permitido separar as vogais, isto denunciam aqueles discursos grosseiros<sup>284</sup> de Catão<sup>285</sup> e mostram os poetas, excepto aqueles que, ao fazerem um verso, muitas vezes permitem o hiato, como Névio<sup>286</sup>: “uos qui accolitis Histrum fluuium atque algidam”; e na mesma passagem: “quam nunquam uocis Grai atque barbari<sup>287</sup>”. Mas Ênio usa-o uma única vez: “Scipio inuicte<sup>288</sup>” e até mesmo nós: “hoc motu radiantis etesiae in uada ponti<sup>289</sup>”.

---

<sup>284</sup> *Brut.*, XVII, 68.

<sup>285</sup> Marco Pórcio Catão (234 - 149 a.C.), cônsul em 195 a.C., com Lúcio Valério Flaco (m. 180 a.C.). Também conhecido como Catão, o Velho ou Catão, o Censor. É considerado o primeiro escritor de prosa latina e foi o primeiro autor de uma história de Roma em latim. A sua obra mais memorável é o *De Agri Cultura*, que nos chegou completo, mas aqui Cícero refere-se aos cerca de cento e cinquenta discursos de Catão que ainda circulavam na sua época e que hoje sobrevivem em apenas alguns fragmentos, nos quais o Censor proclamava a sua repulsa à decadência da moral romana e se vingava verbalmente dos seus adversários políticos.

<sup>286</sup> Gneu Névio (ca. 275 - 201 a.C.), poeta e dramaturgo, é considerado o fundador da épica latina. Da sua obra dramática conhecemos dois títulos: *Romulus*, que tratava da história dos gémeos Rômulo e Remo, os fundadores míticos de Roma e *Clastidium*, a narração da batalha de Clastidium (222 a.C.), que permitiu a conquista da Gália Cisalpina. Terá escrito também seis tragédias baseadas na mitologia grega: *Aesiona*, *Danae*, *Equos Troianus*, *Iphigenia*, *Hector Proficiscens* e *Lycurgus*. Como comediógrafo foi um digno sucessor de Plauto e da sua produção conhecemos vinte e oito títulos e alguns fragmentos, num total de cento e vinte e cinco versos, entre os quais *Tarentilla*, *Colax*, *Gymnasticus*, *Dolus* e *Corollaria*. A sua obra mais conhecida é, contudo, o poema épico, em versos saturninos, *Bellum Poenicum*, uma narração da Primeira Guerra Pública (264 - 241 a.C.), a qual seria composta de cerca de seis mil versos dos quais nos restam apenas sessenta.

<sup>287</sup> “Vós que habitais as margens do Histro e da região fria, na qual por vós nunca se se viram Gregos ou bárbaros” (frag. 61 e 62).

<sup>288</sup> Fragmento dos *Annales*: “Cipião invencível”.

<sup>289</sup> “Os ventos etésios iluminados por este movimento na passagem marítima”. O exemplo que Cícero apresenta é retirado da sua tradução dos  $\Phi \alpha \iota \nu \acute{o} \mu \epsilon \nu \alpha$ , do poeta grego Arato de Solos (ca. 310 - 250 a.C.).

(153) hoc idem nostri saepius non tulissent, quod Graeci laudare etiam solent. sed quid ego vocales? sine vocalibus saepe brevitatis causa contrahebant, ut ita dicerent: 'multi' modis, in vas' argenteis, palmi' crinibus, tecti' fractis'. quid vero licentius quam quod hominum etiam nomina contrahebant, quo essent aptiora? nam ut 'duellum' bellum et 'duis' bis, sic Duellium cum qui Poenos classe devicit Bellium nominaverunt, cum superiores appellati essent semper Duellii. quin etiam verba saepe contrahuntur non usus causa sed aurium: quo modo enim vester Axilla Ala factus est nisi fuga litterae vastioris? quam litteram etiam e 'maxillis' et 'taxillis' et 'paxillo' et 'vexillo' consuetudo elegans Latini sermonis evellit.



(153) Os nossos poetas não teriam permitido isto muitas vezes, isto que os Gregos estão acostumados a louvar, mas porquê confinar isto às vogais? As consoantes eram muitas vezes omitidas, sem vogais, por causa da brevidade, de modo que dizem: “multi’ modis”<sup>290</sup>, “in uas’ argenteis”<sup>291</sup>, “palm’ et crinibus”<sup>292</sup>, “tecti’ fractis”<sup>293</sup>. Que maior liberdade haverá do que o facto de contraírem os nomes dos homens, para que se tornem mais adequados? Como “duellum” por “bellum”, “duis” por “bis”, assim eles chamaram “Bellius” àquele “Duellis” que submeteu os Cartaginenses no mar<sup>294</sup>, apesar de os seus antepassados sempre terem sido chamados “Duelli”. Da mesma forma, as palavras são contraídas muitas vezes não por conveniência do uso, mas do ouvido. Por que razão o vosso antepassado Axila foi chamado Aala<sup>295</sup>, a não ser para fugir das letras ásperas<sup>296</sup>? Essa letra que um costume elegante na língua latina afastou de “maxillis”, “taxilli”, “vexillo” e “pauxillo”<sup>297</sup>.

---

<sup>290</sup> Em vez de *multis modis*: “de muitos modos”.

<sup>291</sup> Em vez de *uas is argenteis*: “vasos de prata”.

<sup>292</sup> Em vez de *palmis et crinibus*: “nas mãos e cabelos”.

<sup>293</sup> Em vez de *tectis fractis*: “telhados partidos”.

<sup>294</sup> Referência a Gaio Duílio, cônsul em 260 a.C. e ditador em 231 a.C. Foi um dos grandes heróis romanos da Primeira Guerra Púnica (264 - 241 a.C.).

<sup>295</sup> Gaio Servílio Estruto Aala (século V a.C.), considerado por muitos escritores antigos um herói por ter assassinado com uma adaga que trazia escondida na sua axila, em 439 a.C., Espúrio Mélio, um rico aristocrata que pretendia tornar-se rei de Roma. Apesar de mencionado como um exemplo de heroísmo romano por autores posteriores, na altura, este foi tratado como um caso de homicídio e Aala foi processado, tendo-se exilado para escapar à punição. Uma representação de Aala aparece numa moeda de Bruto, sendo possível que este alegasse ser descendente de Lúcio Júnio Bruto, assassino do último rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo (535 - 496 a.C.) e o primeiro cônsul romano, pelo lado paterno e de Aala pelo materno, o que faria dele um descendente de dois tiranidas.

<sup>296</sup> Cícero justifica a alteração do nome de Axila para Aala por questões fonéticas.

<sup>297</sup> Respectivamente “queixo”, “dado”, “estandarte” e “muito pouco”.

(154) lubenter etiam copulando verba iungebant, ut ‘sodes’ pro ‘si audes’, ‘sis’ pro ‘si vis’. Iam in uno ‘capsis’ tria verba sunt. ‘Ain’ pro ‘aisne’, ‘nequire’ pro ‘non quire’, ‘malle’ pro ‘magis velle’, ‘nolle’ pro ‘non velle’, ‘dein’ etiam saepe et ‘exin’ pro ‘deinde’ et pro ‘exinde’ dicimus. quid, illud non olet unde sit, quod dicitur ‘cum illis’, ‘cum’ autem ‘nobis’ non dicitur, sed ‘nobiscum’? quia si ita diceretur, obscaenius concurrerent litterae, ut etiam modo, nisi ‘autem’ interposuissem, concurrissent. ex eo est ‘mecum’ et ‘tecum’, non ‘cum me’ et ‘cum te’, ut esset simile illis ‘vobiscum’ atque ‘nobiscum’.

(154) Juntavam as palavras com agrado, unindo-as: “sodes” por “si audes”<sup>298</sup>, “sis” por “si uis”<sup>299</sup>, num único “capsis”<sup>300</sup> estão três palavras. Dizemos “ain” em vez de “aisne”<sup>301</sup>, “nequire” em vez de “non quire”<sup>302</sup>, “malle” em vez de “magis uelle”<sup>303</sup>, “nolle” em vez de “non uelle”<sup>304</sup> e, frequentemente, “dein” e “exin” em vez de “deinde”<sup>305</sup> e “exinde”<sup>306</sup>. Por que razão – aquilo não denuncia a sua origem - se diz “cum illis”<sup>307</sup>, mas não “cum nobis” em vez de “nobiscum”<sup>308</sup>? Porque se assim se dissesse as letras produziriam um resultado mais grosseiro como teria acontecido nesta frase se eu não tivesse interposto um “autem”<sup>309</sup> entre elas. Daqui vem “mecum”<sup>310</sup> e “tecum”<sup>311</sup>, mas não “cum me” e “cum te” para que se pareça semelhante a “uobiscum”<sup>312</sup> e “nobiscum”.

---

<sup>298</sup> “Se te apraz, peço-te, por favor, com tua licença”.

<sup>299</sup> “Se te apraz, peço-te”.

<sup>300</sup> Ou seja, *cape si uis*, “recebe, se te apraz”.

<sup>301</sup> “É verdade?”

<sup>302</sup> “Não poder, não ser capaz de”.

<sup>303</sup> “Preferir”.

<sup>304</sup> “Não querer”.

<sup>305</sup> “Em seguida, depois”.

<sup>306</sup> “Em seguida, depois”.

<sup>307</sup> “Com eles”.

<sup>308</sup> “Connosco”.

<sup>309</sup> “Mas, ora, também”.

<sup>310</sup> “Comigo”.

<sup>311</sup> “Contigo”.

<sup>312</sup> “Convosco”.

XLVI. (155) atque etiam a quibusdam sero iam emendatur antiquitas, qui haec reprehendunt. nam pro ‘deum atque hominum fidem’ ‘deorum’ aiunt. ita credo hoc illi nesciebant; an dabat hanc licentiam consuetudo? itaque idem poeta qui inusitatus contraxerat:

‘patris mei meum factum pudet’

pro ‘meorum factorum’ et

‘texitur, exitium examen rapit’

pro ‘exitiorum’, non dicit ‘liberum’, ut plerique loquimur, cum ‘cupidos liberum’ aut ‘in liberum loco’ dicimus, sed ut isti volunt:

‘neque tuum umquam in gremium extollas liberorum ex te genus’.

et idem: ‘namque Aesculapi liberorum’. at ille alter in Chryse non solum:

‘cives, antiqui amici maiorum meum’

quod erat usitatum, sed durius etiam:

‘consilium socii, augurium atque extum interpretes’;

idemque pergit:

‘postquam prodigium horriferum, portentum pavos’ –

XLII. (155) E a antiguidade é corrigida até já muito tarde por alguns que criticam estas coisas<sup>313</sup>. Agora, em vez de “deum atque hominum fidem”<sup>314</sup> dizem “deorum”. Creio que aqueles<sup>315</sup> não conheciam isto ou será que o uso não permitia esta liberdade? E, deste modo, o mesmo poeta<sup>316</sup> que contraiu de forma inusitada: “patris mei meum factum pudet”<sup>317</sup> em vez de “meorum factorum” e também “textitur, exitium, examen rapit”<sup>318</sup> em vez de “exitiorum”, não diz “liberum” como muitos dizemos em “cupidos liberum”<sup>319</sup> e “in liberum loco”<sup>320</sup>, mas sim como aqueles<sup>321</sup> querem: “neque tum umquam in gremium extollas liberorum ex te genus”<sup>322</sup> e também “namque Aesculapi liberorum”<sup>323</sup>. Mas aquele outro<sup>324</sup>, no Crises, não só diz: “ciuis, antiqui amici maiorum meum”<sup>325</sup>; o que era costume, mas ainda mais duro também diz: “consilium socii, augurium atque extum interpretes”<sup>326</sup> – e continua – “postquam prodigium horriferum,

---

<sup>313</sup> Este capítulo reporta-se à controvérsia entre os anomalistas, que encontram retiram do uso quotidiano as regras para a correcção da linguagem e os analogistas, entre os quais César, que defendiam a remoção das irregularidades da língua através, por exemplo da unificação das desinências e da introdução de regras gramaticais.

<sup>314</sup> “Confiança nos deuses e nos homens” (Terêncio, *Hecyra*, 2.1).

<sup>315</sup> Os antigos.

<sup>316</sup> Énio.

<sup>317</sup> “O meu acto envergonha o meu pai” (Énio, *Alexander*, 59 v).

<sup>318</sup> “Tecida, arrebatada a multidão da ruína” (Énio, *Alexander*, 66 v).

<sup>319</sup> “Desejosos de descendência”.

<sup>320</sup> “Em lugar de descendência”.

<sup>321</sup> Os defensores da analogia.

<sup>322</sup> “E tu não elevarás no teu colo a descendência nascida de ti” (Énio, *Phoenix*, 299 v).

<sup>323</sup> “Dos filhos de Esculápio” (Énio, *Alexander*, 165 v).

<sup>324</sup> Pacúvio.

<sup>325</sup> “Cidadãos, velhos amigos dos meus antepassados” (Pacúvio, 80). Note-se a troca de *meorum* pela forma *meum*.

<sup>326</sup> “Confidentes de projectos, intérpretes de augúrios e vísceras” (Pacúvio, 81). Note-se a troca de *consiliorum*, *auguriorum* e *extorum* por *consilium*, *augurium* e *extum*.

quae non sane sunt in omnibus neutris usitata. nec enim dixerim tam lubenter ‘armum iudicium’, etsi est apud eundem:

‘nihilne ad te de iudicio armum accidit?’

portentum pauos”<sup>327</sup> – as quais não são de modo algum usuais em todos os neutros. Pois não diria tão livremente “armum iudicium”<sup>328</sup> embora se encontre naquele mesmo poeta: “nihilne ad te de iudicio armum accidit?”<sup>329</sup>.

---

<sup>327</sup> “Depois do terror de horríveis prodígios e portentos”: Pacúvio, 82. Note-se a troca de *portentorum* por *portentum*.

<sup>328</sup> “Do juízo das armas” (Énio, *Thyestes*).

<sup>329</sup> “Nada te chegou sobre o juízo das armas?” (Pacúvio, 34 r).

(156) quam centuriam, ut censoriae tabulae locuntur, fabrum et procum audeo dicere, non fabrorum aut procorum; planeque duorum virorum iudicium aut trium virorum capitalium aut decem virorum <st>litibus iudicandis dico nunquam. et quid dixit Accius?

‘video sepulcra duo duorum corporum’

idemque ‘mulier una duum virum’. quid verum sit intellego, sed alias ita loquor ut concessum est, ut hoc vel ‘pro deum’ dico vel ‘pro deorum’, alias ut necesse est, cum ‘trium virum’, non ‘virorum’, et ‘sestertium’ ‘nummum’, non ‘sestertiorum’ ‘nummorum’, quod in his consuetudo varia non est.



(156) Ouso dizer “centuriam fabrum et procum”<sup>330</sup>, como dizem os registos dos censos<sup>331</sup> e não “fabrorum et procorum”. E certamente não digo nunca “duorum uirorum iudicium”<sup>332</sup> ou “trium uirorum capitalium”<sup>333</sup> ou “decem uirorum <st>litibus iudicandis”<sup>334</sup>. Mas o que diz Ácio? “Video sepulcra dua duorum corporum” e também “mulier una duum uirum”<sup>335</sup>. Sei o que é correcto<sup>336</sup>, mas, algumas vezes, falo de forma diferente do que me é permitido dizer, como quando digo “pro deum” ou “pro deorum”<sup>337</sup>. Outras vezes, quando é necessário, digo “trium uirum”, não “uirorum”<sup>338</sup> e “sestertium” “nummum” e não “sestertiorum” “nummorum”<sup>339</sup> porque, nestes casos, o costume não tem variação.

---

<sup>330</sup> “Divisão de operários e mestres”.

<sup>331</sup> Referência ao censo instituído por Sêrvio Túlio (m 539 a.C.), o sexto rei de Roma (578 - 539 a.C.).

<sup>332</sup> “Juízo de dois homens”. Cícero diz *diumuirum* em vez de *duorum uirorum*.

<sup>333</sup> “De três homens eminentes”. Cícero diz *triumuirum* em vez de *trium uirorum*.

<sup>334</sup> “Nos debates judiciais de dez homens”. Cícero *decemuirum* em vez de *decem uirorum*.

<sup>335</sup> Fragmentos de uma tragédia de Ácio (frag. 635): “Vejo os sepulcros de dois cadáveres” e “esposa única de dois homens”.

<sup>336</sup> As regras da analogia.

<sup>337</sup> “A favor dos deuses”.

<sup>338</sup> “De três homens”.

<sup>339</sup> Respectivamente “de sestércios” e “de moedas”.

XLVII. (157) Quid quod sic loqui, ‘nosse, iudicasse’ vetant, ‘novisse’ iubent et ‘iudicavisse’? quasi vero nesciamus in hoc genere et plenum verbum recte dici et imminutum usitate. Itaque utrunque Terentius:

‘eho tu, cognatum tuom non noras?’

post idem : ‘Stilponem inquam noveras’. Sie<n>t plenum est, sint imminutum; licet utare utroque. ergo ibidem:

‘quam cara sint quae post carendo intellegunt,

quamque attinendi magni dominatus sient.’

nec vero reprehenderim ‘scripsere alii rem’ et ‘scripserunt’ esse verius sentio, sed consuetudini auribus indulgenti lubenter obsequor. ‘idem campus habet’ inquit Ennius; et in templis ‘idem probavit’, at ‘isdem’ erat verius, nec tamen ‘eisdem’ ut opimius. male sonabat ‘isdem’: impetratum est a consuetudine ut peccare suavitatis causa liceret.

XLVII. (157) Assim, que dizer quanto ao facto de proibirem dizer “nosse, iudicasse” e mandam que se diga “nouisse” e “iudicasse”?<sup>340</sup> Como se ignorássemos que se diz, neste caso, correctamente a palavra completa e habitualmente usássemos a palavra reduzida? Terêncio<sup>341</sup> usa ambas de igual forma: “eho, tu, cognatum tuum non noras?”<sup>342</sup> – e, em seguida – “Stilponem, inquam, noueras”<sup>343</sup>.

“Sient” é a forma completa, “sint”<sup>344</sup>, a abreviada: é lícito usar ambas. Também no mesmo autor<sup>345</sup>. “quam cara sint, quae post carendo intellegunt, / quamque attinendi magni dominatus sient”<sup>346</sup>.

Não criticarei “scripsere alii rem”<sup>347</sup>, ainda que sinta ser “scripserunt” a forma mais correcta e de boa vontade me submeto ao costume que agrada ao ouvido.

Énio disse: “idem campus habet”<sup>348</sup>. E nos templos encontramos “idem probauit”<sup>349</sup>. Mas “isdem” seria mais correcto, mas não “eisdem” porque seria

---

<sup>340</sup> Respectivamente “ter aprendido, ter conhecido” e “ter julgado”.

<sup>341</sup> Públio Terêncio Afro (ca. 195 - ca. 159 a.C.) foi um dramaturgo e poeta romano, autor de pelo menos seis comédias: *Andria*, *Hecyra*, *Hesautontimorumenos*, *Eunuchus*, *Phormio* e *Adelphoe*.

<sup>342</sup> “Eh, tu, não conhecias o teu parente?” (Terêncio, *Phormio*, 384).

<sup>343</sup> “Conhecias, pergunto, Estílpon” (Terêncio, *Phormio*, 390).

<sup>344</sup> “Sejam”.

<sup>345</sup> Trata-se de um erro. O autor deste passo é desconhecido.

<sup>346</sup> “Quão preciosas são essas coisas que se percebem depois de privado o seu senhor e quão importantes são aquelas que ele deve reter”.

<sup>347</sup> “Outros escreveram isto” (Énio, *Annales*, 213 - 214 v).

<sup>348</sup> “Tem o mesmo campo” (Énio, *Annales*, 477 v).

<sup>349</sup> “Examinei isto”.

Et ‘pomeridianas’ quadrigas quam ‘postmeridianas’ lubentius dixerim et ‘mehercule’ quam ‘mehercules’. ‘non scire’ quidem barbarum iam videtur, ‘nescire’ dulcius. Ipsum ‘meridiem’ cur non ‘medidiem’? credo, quod erat insuavius.

demasiado amplo. “Isdem” soava mal e conseguiu-se que se permitisse pelo costume errar por causa da suavidade<sup>350</sup>.

Direi com mais agrado “pomeridianas quadrigas” do que “postmeridianas”<sup>351</sup> e “mehercule” do que “mehercules”<sup>352</sup>. “Non scire” parece já algo bárbaro, “nescire”<sup>353</sup> mais agradável. Porquê “meridiem” e não “medidiem”<sup>354</sup>? Porque, creio, seria mais desagradável.

---

<sup>350</sup> O resultado desta formulação é obscuro, dada a brevidade da explicação oferecida. Cícero pretenderá dizer que a forma original da palavra seria *isdem* e que foi alterada para *idem* por respeito às regras de eufonia.

<sup>351</sup> “Após o meio-dia”.

<sup>352</sup> “Por Hércules!”. Trata-se de uma forma de juramento utilizada sobretudo por homens e que significa “seguramente”, “certamente”, “sem dúvida”.

<sup>353</sup> “Não saber”, “ignorar”.

<sup>354</sup> “Meio- dia”.

(158) ⊥una⊥ praepositio est af, quae nunc tantum in accepti tabulis manet ac ne his quidem omnium, in reliquo sermone mutata est: nam ‘amovit’ dicimus et ‘abegit’ et ‘abstulit’, ut iam nescias ‘a’ ne verum sit an ‘ab’ an ‘abs’. quid, si etiam ‘a<b>fugit’ turpe visum est et ‘a<b>fer’ noluerunt, <’aufugit’ et> ‘aufer’ maluerunt? quae praepositio praeter haec duo verba nullo alio in verbo reperietur.

(158) Existe uma preposição “af”, que agora se reserva apenas para o uso nos registos e mesmo assim não em todos e que na fala comum foi transformada. Dizemos “amouit”<sup>355</sup>, “abegit”<sup>356</sup>, “abstulit”<sup>357</sup>, de forma que poderás não saber se a forma correcta é “a”, “ab” ou “abs”, porque, se parece vergonhoso “abfugit” e “aufer”, e não querem “abfer”, antes preferem “aufugit”<sup>358</sup> e “aufer”<sup>359</sup>? Esta preposição não se encontra em mais nenhuma palavra além destas duas.

---

<sup>355</sup> “Arredou”.

<sup>356</sup> “Afastou”.

<sup>357</sup> “Levou”.

<sup>358</sup> “Fugiu”.

<sup>359</sup> “Leva”.

‘noti’ erant et ‘navi’ et ‘nari’, quibus cum ‘in’ praeponi oporteret, dulcius visum est ‘ignotos ignavos ignaros’ dicere, quam ut veritas postulabat. ‘ex usu’ dicunt et ‘e re publica’, quod in altero vocalis excipiebat, in altero esset asperitas nisi litteram sustulisses, ut ‘exegit, edixit’. ‘refecit, rettulit, reddidit’: adiuncti verbi prima littera praepositionem commutavit, ut ‘subegit, summovit, sustulit’.



Temos “noti”<sup>360</sup>, “nau”<sup>361</sup> e “nari”<sup>362</sup>, em relação às quais, quando foi preciso acrescentar “in”, parece mais agradável dizer, “ignotos”<sup>363</sup>, “ignavos”<sup>364</sup>, “ignaros”<sup>365</sup> do que aquilo que pedia a verdade<sup>366</sup>. Dizem “ex usu”<sup>367</sup> e “e re publica”<sup>368</sup> porque, no primeiro caso, a preposição se segue a uma vogal e, no segundo, haveria uma aspereza, a não ser que a letra<sup>369</sup> fosse omitida, como em “exegit”<sup>370</sup>, “edixit”<sup>371</sup>, nas palavras “refecti”<sup>372</sup>, “retullit”<sup>373</sup>, “redidit”<sup>374</sup>; a primeira letra da palavra altera a preposição, como em “subegit”<sup>375</sup>, “summotauit”<sup>376</sup>, “sustulit”<sup>377</sup>.

---

<sup>360</sup> “Conhecidos”.

<sup>361</sup> “Zelosos”.

<sup>362</sup> “Conhecedores”.

<sup>363</sup> “Desconhecidos”.

<sup>364</sup> “Descuidados”.

<sup>365</sup> “Desconhecedores”.

<sup>366</sup> Trata-se de um erro de Cícero, pois a forma original das palavras incluía a letra *g*: *gnoti*, *gnau*, *gnari*.

<sup>367</sup> “Do uso”.

<sup>368</sup> “No interesse geral”.

<sup>369</sup> A letra *x*.

<sup>370</sup> “Expulsa, afasta”.

<sup>371</sup> “Proclamou, anunciou”.

<sup>372</sup> “Restabelecidos, refeitos”.

<sup>373</sup> “Importou, interessou”.

<sup>374</sup> “Devolveu”.

<sup>375</sup> “Conduziu”.

<sup>376</sup> “Afastou”.

<sup>377</sup> “Suportou”.

XLVIII. (159) Quid in verbis iunctis quam scite ‘insipientem’ non ‘insapientem’, ‘iniquum’ non ‘inaequum’, ‘tricipitem’ non ‘tricapitem’, ‘concisum’ non ‘concaesum’. ex quo quidam ‘pertisum’ etiam volunt, quod eadem consuetudo non probavit. quid vero hoc elegantius, quod non fit natura, sed quodam instituto: ‘indoctus’ dicimus brevi prima littera, ‘insatius’ producta, ‘inhumanus’ brevi, ‘infelix’ longa; et, ne multis, quibus in verbis eae primae litterae sunt quae in ‘sapiente’ atque ‘felice’, producte dicitur <’in’> in ceteris omnibus breviter; itemque ‘conposuit, consuevit’, ‘concrepuit, confecit’. Consule veritatem: reprehendet; refer ad auris: probabunt. quaere cur: ita se dicent iuvare. voluptati autem aurium morigerari debet oratio.

XLVIII. (159) Em relação às palavras compostas dizem bem “insipientem” e não “insapientem”<sup>378</sup>, “iniquum” e não “inaequum”<sup>379</sup>, “tricipitem” e não “tricapitem”<sup>380</sup>, “concisum” e não “concaesum”<sup>381</sup>. Por analogia com isto, alguns querem dizer “pertisum”<sup>382</sup>, coisa que aquele costume não aprovou. Que haverá de mais elegante que a natureza não faça, mas o costume? Dizemos “indoctus”<sup>383</sup>, com a primeira letra abreviada, “insanus”<sup>384</sup>, com a primeira letra longa, “inhumanus”<sup>385</sup>, com a primeira letra breve, “infelix”<sup>386</sup>, com a primeira letra longa. Naquelas palavras em que as primeiras letras são as de “sapiente”<sup>387</sup> e “felice”<sup>388</sup>, para ser breve, diz-se “in”, alongando o *i* e nas outras, com brevidade. Da mesma forma, “conposuit”<sup>389</sup>, “consuevit”<sup>390</sup>, “concrepuit”<sup>391</sup>, “confecit”<sup>392</sup>. A regra censura e com razão, mas se considerarmos os ouvidos, eles aprovarão. Pergunta-lhes porquê. Dirão que lhes agrada e a linguagem deve deleitar os ouvidos.

---

<sup>378</sup> “Insensato”.

<sup>379</sup> “Injusto, iníquo”.

<sup>380</sup> “Tricípite”.

<sup>381</sup> “Conciso, curto, subtil”.

<sup>382</sup> Em vez de *pertaesum*: “enfadar-se”.

<sup>383</sup> “Ignorante”.

<sup>384</sup> “Insano, excessivo”.

<sup>385</sup> “Desumano”.

<sup>386</sup> “Infeliz”.

<sup>387</sup> “Sabiamente”.

<sup>388</sup> “Felizmente”.

<sup>389</sup> “Reuniu”.

<sup>390</sup> “Acostumou-se”.

<sup>391</sup> “Fazer ressoar”.

<sup>392</sup> “Completo, acabou”.

(160) quin ego ipse, cum scirem ita maiores locutos ut nusquam nisi in vocali aspiratione uterentur, loquebar sic ut ‘pulcros, Cetegos, triumph[h]os, Cartaginem’ dicerem; aliquando, idque sero, convicio aurium cum extorta mihi veritas esset, usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi. ‘Orcivios’ tamen et ‘Matones, Otones, Caepiones, sepulcra, coronas, lacrimas’ dicimus, quia per aurium iudicium licet. ‘Burum’ semper Ennius, nunquam ‘Pyrrhum’; ‘vi patefecerunt Bruges’, non ‘Phryges’. ipsius antiqui declarant libri. nec enim Graecam litteram adhibebant – nunc autem etiam duas – et cum ‘Phrygum’ et ‘Phrygibus’ dicendum esset, absurdum erat aut <e>t<i>am in barbaris casibus Graecam litteram adhibere aut recto casu solum Graece loqui; tamen et ‘Phryges’ et ‘Pyrrhum’ aurium causa dicimus.

(160) E até eu próprio, apesar de saber que os nossos antepassados nunca usaram a aspiração, excepto na vogal<sup>393</sup>, dizia: “pulcros, Cetegos, triumph<h>os, Cartaginem”<sup>394</sup>. Um dia, muito mais tarde, quando a censura dos ouvidos afastou de mim a verdade<sup>395</sup>, concedi ao povo o uso da linguagem e reservei para mim a ciência. Dizemos, porém, “Orciuios”, “Matones”, “Otones”, “Caepiones”, “sepulcra”, “corona”, “lacrimas”<sup>396</sup> porque isso é permitido pelo juízo dos ouvidos. Énio diz sempre “Burrum”<sup>397</sup>, mas nunca “Pyrrhum”<sup>398</sup>, “ui patefecerunt Bruges”<sup>399</sup> e não “Phryges”<sup>400</sup> mostram os seus antigos manuscritos, pois não haviam adoptado a letra grega – agora, pelo contrário, usamos as duas - e como deviam dizer “Phrygem” e “Phrygibus” era absurdo usar a letra grega<sup>401</sup> nas terminações estrangeiras ou falar em grego apenas no nominativo<sup>402</sup>. Todavia, dizemos “Phryges” e “Pyrrhum” por causa dos ouvidos<sup>403</sup>.

---

<sup>393</sup> Ou seja, antes de uma vogal inicial ou entre vogais, como em *humanus* e *nihil*.

<sup>394</sup> Em vez das mais usuais formas *pulchros* (“belos”), *Cethegos* (“Cetegos”), *triumphos* (“triumfos”) e *Carthaginem* (“Cartago”).

<sup>395</sup> A correcta pronúncia.

<sup>396</sup> Respectivamente “Orquívios”, “Matões”, “Otões”, “Cepiões”, “sepulcros”, “coroas” e “lágrimas”.

<sup>397</sup> “Burro”.

<sup>398</sup> “Pirro”.

<sup>399</sup> “Vi abrirem as portas da Frígia” (Énio, *Hectoris Lytra*, 176 v).

<sup>400</sup> Frígia.

<sup>401</sup> A letra grega υ (épsilon) começou por ser transliterada para latim como *u* e mais tarde como *y*. As consoantes aspiradas θ, φ, χ são inicialmente transliteradas para latim, respectivamente, como *p*, *t* e *c*.

<sup>402</sup> As formas gregas do genitivo e do dativo *Phrygon* e *Phryxi* seriam estranhas para os ouvidos romanos. Já os nominativos *Phryx* e *Phryges* são suficientemente parecidos com palavras romanas para serem adoptados sem qualquer alteração.

<sup>403</sup> A inconsistência é manifesta: *Phryges* é uma palavra puramente grega e *Pyrrum* usa a letra grega e uma terminação latina.

(161) quin etiam, quod iam subrusticum videtur, olim autem politius, eorumverborum, quorum eadem erant postremae duae litterae quae sunt in ‘optumus’, postremam litteram detrahebant, nisi vocalis insequeretur. ita non erat ea offensio in versibus quam nunc fugiunt poetae novi. sic enim loquebamur: ‘qui est omnibu' princeps’, non ‘omnibus princeps’, et ‘vita illa dignu' loquere’, non ‘dignus’. quodsi indocta consuetudo tam est artifex suavitatis, quid ab ipsa tandem arte et doctrina postulari putamus?

(162) haec dixi brevius, quam si haec de re una disputarem – est enim locus hic late patens de natura usuque verborum –, longius autem quam instituta ratio postulabat.

XLIX. Sed quia rerum verborumque iudicium in prudentia est, vocum autem et numerorum aures sunt iudices, et quod illa ad intellegentiam referuntur, haec ad voluptatem, in illis ratio invenit, in his sensus artem. aut enim neglegenda fuit nobis voluntas eorum quibus probari volebamus aut ars eius conciliandae reperienda.

(161) E, apesar de parecer agora rústico aquilo que outrora era considerado polido – que daquelas palavras que terminavam com as duas últimas letras que estão em “optumus”<sup>404</sup> se tirasse a última letra, excepto se se seguisse uma vogal– isto, a que agora fogem os poetas novos<sup>405</sup>, não era uma ofensa nos versos. Assim, dizíamos “qui est omnibu’ princeps” e não “omnibus princeps”<sup>406</sup> e “uita illa dignu’ locoque” e não “dignus”<sup>407</sup>. Pois se o costume, não ensinado, é um tal artífice da suavidade, que poderíamos nós então pedir à arte e ao ensino?

(162) Eu disse estas coisas mais brevemente do que faria se debatesse apenas este assunto – pois esta questão da natureza e do uso da linguagem é muito vasta – mas, mais longamente do que o plano estabelecido estipulava.

XLIX. Mas porque o juízo das ideias e das palavras está no intelecto e os ouvidos são os juízes dos sons e dos ritmos, então aquelas dependem da inteligência e estas do deleite; naquelas encontra a razão e nestas a sensibilidade. Nesse sentido, deveríamos ou negligenciar o desejo daqueles a quem pretendemos agradar ou descobrir a arte de juntar ambos.

---

<sup>404</sup> Ótimo.

<sup>405</sup> Os poetas neotéricos, partidários do movimento aticista.

<sup>406</sup> “Aquele que é o primeiro de todos” (Énio, *Annales*, 67 v).

<sup>407</sup> “Digno daquela vida e posição” (Lucílio, 150 m).

(163) duae sunt igitur res quae permulceant aures, sonus et numerus. de numero mox, nunc de sono quaerimus. verba, ut supra diximus, legenda sunt potissimum bene sonantia, sed ea non, ut poetae, exquisita ad sonum, sed sumpta de medio:

‘qua pontus Helles supera Tmolium ac Tauricos’:

locorum splendidis nominibus illuminatus est versus, sed proximus inquinatus insuavissima littera:

‘finis frugifera et efferta arva Asiae tenet’.

(164) quare bonitate potius nostrorum verborum utamur quam splendore Graecorum, nisi forte sic loqui paenitet:

‘qua tempestate Paris Helenam’ et quae secuntur.

immo vero ista sequamur asperitatemque fugiamus:

‘habeo ego istam perterricrepam’ itemque

‘versutiloquas malitias’.

Nec solum componentur verba ratione sed etiam finientur, quoniam id iudicium esse alterum aurium diximus. et finiuntur aut compositione ipsa et quasi sua sponte aut quodam genere verborum in quibus ipsis concinnitas inest; quae sive casus habent in exitu similis sive paribus paria redduntur sive opponuntur contraria, suapte natura numerosa sunt, etiam si nihil est factum de industria.



(163) Duas são as coisas que cativam os ouvidos: o som e o ritmo. Em breve falaremos do ritmo<sup>408</sup>, agora ocupamo-nos do som. Como dissemos acima<sup>409</sup>, devem ser escolhidas de preferência as palavras quem soam bem, mas elas não devem ser escolhidas em função do som, como fazem os poetas, mas sim retiradas da linguagem popular: “qua pontus Helles, supera Tmolium ac Tauricos”<sup>410</sup>. Este verso é embelezado pelos magníficos nomes de locais geográficos, mas o seguinte foi estragado por uma letra muito desagradável<sup>411</sup>: “finis frugifera et efferta arua Asiae tenet”<sup>412</sup>.

(164) Assim usamos com maior benevolência das nossas palavras em vez do esplendor das gregas, a não ser que talvez alguém se arrependa de ter dito: “quae tempestate Paris Helenam”<sup>413</sup> e as que se seguem. Mas, pelo contrário, sigamos aquelas e evitemos a aspereza destas: “habeo ego istam perterricrepam”<sup>414</sup> e também “uersutiloquas malitias”<sup>415</sup>. Não só serão compostas como também delimitadas as palavras pelo número<sup>416</sup>, visto que dizemos ser esse o outro juízo, além do dos ouvidos.

---

<sup>408</sup> Nos 174 e seguintes.

<sup>409</sup> Cf. 80 e 149.

<sup>410</sup> Fragmento de autor desconhecido: “através do Helesponto, domina o Tmolos e os Tauros”.

<sup>411</sup> A letra *f*.

<sup>412</sup> Fragmento de autor desconhecido: “possei o território fecundo e os campos férteis da Ásia”.

<sup>413</sup> “Nessa ocasião, Páris uniu-se a Helena”. A citação completa deste passo da tragédia *Iliona* de Pacúvio pode ser encontrada em *De or.*, III, 58, 219.

<sup>414</sup> “Eu ouço esse barulho” (Lucrécio, *De rerum natura*, VI, 129).

<sup>415</sup> “Habilidades artificiais”.

<sup>416</sup> Mantemos o sentido etimológico da palavra *numerus*.

(165) in huius concinnitatis consecratione Gorgiam fuisse principem accepimus; quo de genere illa nostra sunt in Miloniana: ‘est enim, iudices, haec non scripta, sed nata lex, quam non didicimus, accepimus legimus, verum ex natura ipsa arripuimus hausimus expressimus, ad quam non docti sed facti, non instituti sed imbuti sumus.’ haec enim talia sunt ut, quia referuntur eo quo debent referri, intellegamus non quaesitum esse numerum, sed secutum.

(166) quod fit item in referendis contrariis, ut illa sunt quibus non modo numerosa oratio sed etiam versus efficitur:

‘eam quam nihil accusas damnas’

(‘condemnas’ dixisset qui versum effugere vellet)

bene quam meritam esse autumas

male merere? id quod scis prodest nihil; id quod nescis obest?

versum efficit ipsa relatio contrariorum. idem esset in oratione numerosum: ‘quod scis nihil prodest; quod nescis multum obest’.

As frases são delimitadas ou pela própria composição das palavras – e, por assim dizer, espontaneamente pela sua própria natureza – ou pelo uso de uma certa classe de palavras nas quais existe harmonia. Estas se têm ou terminações de caso semelhantes ou se as partes são iguais ou se as ideias contrárias são opostas, então são rítmicas pela sua própria natureza, mesmo se nada for feito deliberadamente.

(165) Nesta busca de harmonia admitimos ter sido Górgias o primeiro. Deste género são aquelas nossas palavras na Defesa de Milão<sup>417</sup>: “se esta lei, juízes, não foi escrita mas é natural, se não a aprendemos, recebemos ou lemos, mas, na verdade, da própria natureza a agarrámos, arrancámos e arrebatámos. Em relação a isto não fomos ensinados, mas feitos, não fomos instruídos, mas imbuídos”<sup>418</sup>. A natureza destas é tal que, porque as palavras correspondem àquelas a que devem corresponder, o ritmo não foi, admitimos, estudado, mas o resultado das ideias.

(166) Isto também se faz no equilíbrio de contrários, como naquelas em que se produz não só um discurso rítmico, mas também um verso: “eam quam nihil accusas damnas” (“condemnas” diria quem quisesse evitar o verso) / bene quam multam esse autumas/ male merere? Id quod scis prodest / nihil, id quod nescis obest?”<sup>419</sup>. A própria justaposição de contrários constrói o verso. O mesmo ritmo aconteceria no discurso: “quod scis nihil prodest, quod nescis, multum obest.”<sup>420</sup>.

---

<sup>417</sup> O discurso conhecido como *Pro Milone* nunca chegou a ser proferido por Cícero. Trata-se de uma reelaboração literária do discurso, proferido em 52 a.C., em defesa de Tito Ânio Milão (95 - 48 a.C.), responsável pelo assassinato do tribuno da plebe, Públio Clódio Pulcro (93 - 52 a.C.).

<sup>418</sup> *Pro Milone*, IV, 10.

<sup>419</sup> Fragmento de autor desconhecido: “ela a quem tu nada censuras, condenas; ela que pretendes ter merecido, merece o mal? Aquilo que sabes não a beneficia, aquilo que não sabes está contra ela?”.

<sup>420</sup> “Aquilo que conheces, não adianta; aquilo que desconheces, prejudica muito”.

L. Semper haec, quae Graeci ἀντίθετα nominant, cum contrariis opponuntur contraria, numerum oratorium necessitate ipsa efficiunt etiam sine industria.

(167) hoc genere antiqui iam ante Isocraten delectabantur et maxime Gorgias, cuius in oratione plerumque efficit numerum ipsa concinnitas. nos etiam in hoc genere frequentes, ut illa sunt in quarto Accusationis: ‘conferre hanc pacem cum illo bello, huius praetoris adventum cum illius imperatoris victoria, huius cohortem impuram cum illius exercitu invicto, huius lubricos cum illius continentia: ab illo qui cepit conditas, ab hoc qui constitutas accepit captas dicetis Syracusas.’

(168) Ergo et hi numeri sint cogniti et genus illud tertium explicetur quale sit, numerosae et aptae orationis. quod qui non sentiunt, quas aures habeant aut quid in his hominis simile sit nescio. meae quidem et perfecto completoque verborum ambitu gaudent et curta sentiunt nec amant redundantia. quid dico meas? contiones saepe exclamare vidi, cum apte verba cecidissent. id enim expectant aures, ut verbis colligetur sententia. ‘non erat hoc apud antiquos.’ et quidem nihil aliud fere non erat: nam et verba eligebant et sententias gravis et suavis reperiebant, sed eas aut vinciebant aut explebant parum.

L. Estas frases, que os Gregos chamaram *ἀντίθετα*, uma vez que as ideias contrárias se opõem às suas contrárias, produzem necessariamente um ritmo na prosa mesmo que sem intenção.

(167) Neste estilo deleitavam-se os antigos mesmo antes do tempo de Isócrates e principalmente Górgias, cujo ritmo constrói a maior parte das vezes a harmonia no discurso. Também nós usámos frequentemente deste género, como aquelas palavras que estão no quarto livro das Acusações: “compara esta paz com aquela guerra, a chegada deste pretor com a vitória daquele general, esta coorte impura com aquele exército invencível, a luxúria daquele com a moderação deste; dirás que Siracusa foi fundada por aquele que a tomou, mas capturada por aquele que a governa”<sup>421</sup>.

(168) Seja então conhecida a natureza deste ritmo, explique-se qual seja aquele terceiro tópico<sup>422</sup> - os ritmos apropriados da prosa. Os que não são sensíveis a isto, não sei que ouvidos têm ou o que neles há de semelhante ao homem. O meu ouvido gosta de um período perfeito e completo, reconhece os imperfeitos e não aprecia o excesso. Por que digo “o meu ouvido”? Vi muitas vezes as assembleias clamar de admiração, pois as palavras soavam com habilidade. Os ouvidos esperam que a frase se ligue pelas palavras. “Não havia isto entre os antigos<sup>423</sup>” dizem<sup>424</sup>, mas não havia era outras coisas: seleccionavam as palavras, produziam frases dignas e agradáveis, mas pouco as ligavam ou guarneciam.

---

<sup>421</sup> Cf. Cícero, *In Verrem actio secunda*, 52, 115: Cícero compara a conduta de Marcelo, o conquistador de Siracusa e a de Verres, governador da província.

<sup>422</sup> Cf. 149.

<sup>423</sup> Dos antigos oradores latinos.

<sup>424</sup> Os defensores do aticismo.

(169) 'Hoc me ipsum delectat', inquiunt. quid, si antiquissima illa pictura paucorum colorum magis quam haec iam perfecta delectet, illa nobis sit credo repetenda, haec scilicet repudianda? nominibus veterum glorianur. habet autem ut in aetatibus auctoritatem senectus sic in exemplis antiquitas, quae quidem apud me ipsum valet plurimum. nec ego id quod deest antiquitati flagito potius quam laudo quod est, praesertim cum ea maiora iudicem quae sunt quam illa quae desunt. plus est enim in verbis et in sententiis boni, quibus illi excellunt, quam in conclusione sententiarum, quam non habent.

LI. Post inventa conclusio est, qua credo usuros veteres illos fuisse, si iam nota atque usurpata res esset; qua inventa omnis usos magnos oratores videmus.

(169) “Isto mesmo me deleita” dizem. Então, se os deleita mais aquela pintura muito antiga de poucas cores<sup>425</sup> do que esta já perfeita, devemos, creio sem alguma dúvida, voltar àquela e repudiar esta. Vangloriam-se com os nomes dos modelos antigos<sup>426</sup>: tal como a velhice confere autoridade aos anos, assim a antiguidade aos exemplos, que, na minha obra, valem muito: eu não suplico aquilo que falta à antiguidade, antes louvo aquilo que existe, sobretudo porque julgo maiores aquelas qualidades que existem do que aquelas que não existem. De facto, há mais nas palavras e nas ideias, em que eles se distinguem, do que no período bem cadenciado, que não têm.

LI. Foi descoberto depois o fim da frase, que, cremos, aqueles antigos escritores teriam usado se, naquele tempo, já fosse conhecida e utilizada. Vemos que, uma vez inventada, todos os grandes oradores a usaram<sup>427</sup>.

---

<sup>425</sup> De acordo com Plínio são quatro as cores da pintura antiga: amarelo, vermelho, preto e branco (Plínio, *Naturalis Historia*, 35, 50).

<sup>426</sup> Os aticistas fundamentavam as suas preferências estilísticas na autoridade dos seus modelos.

<sup>427</sup> Refere-se aos oradores gregos.

(170) sed habet nomen invidiam, cum in oratione iudiciali et forensi numerus Latine, Graece ῥυθμός inesse dicitur. Nimis enim insidiarum ad capiendas aures adhiberi videtur, si etiam in dicendo numeri ab oratore quaeruntur. hoc freti isti et ipsi infracta et amputata locuntur et eos vituperant qui apta et finita pronuntiant; si inanibus verbis levibusque sentiis, iure; sin[t] probae res, lecta verba, quid est cur claudere aut insistere orationem malint quam cum sententia pariter excurrere? hic enim invidiosus numerus nihil affert aliud nisi ut sit apte verbis comprehensa sententia. quod fit etiam ab antiquis, sed plerunque casu saepe natura, et quae valde laudantur apud illos, ea fere quia sunt conclusa laudantur.



(170) Mas diz-se que a palavra ritmo em latim, em grego *ῥυθμός*, é pejorativo quando se aplica ao discurso judicial e forense, pois mais parece um artil para cativar os ouvidos. Se na prosa os ritmos são procurados pelo orador, falam, confiantes nisto, de forma entrecortada e mutilada e censuram aqueles que declamam de forma adequada e delimitada. Teriam razão no caso de palavras vãs e ideias insignificantes, mas se o assunto tem mérito e as palavras são bem escolhidas, que razão há para preferirem que a frase se interrompa ou se conclua em vez de acompanhar a par e passo o pensamento? Este ritmo odioso nada faz, a não ser que a frase abrangida esteja bem ligada por palavras. Isto é feito geralmente pelos antigos oradores por acidente e muitas vezes pela natureza: aquelas coisas que entre eles são mais louvadas, são-no porque são ritmadas nos finais de frase.

(171) et apud Graecos quidem iam anni prope quadringenti sunt cum hoc probatur;  
nos nuper agnovimus. ergo Ennio licuit vetera contemnenti dicere:

‘versibus, quos olim Fauni vatesque caneant’,

mihi de antiquis eodem modo non licebit? praesertim cum dicturus non sim ‘ante hunc’, ut ille, nec quae secuntur: ‘nos ausi reserare’. legi enim audivique nonnullos, quorum propemodum absolute concluderetur oratio. quod qui non possunt, non est iis satis non contemni, laudari etiam volunt. ego autem illos ipsos laudo, idque merito, quorum se isti imitatores esse dicunt, etsi in iis aliquid desidero, hos vero minime, qui nihil illorum nisi vitium secuntur, cum a bonis absint longissime.

(171) Desde que isto foi considerado bom entre os Gregos passaram já perto de quatrocentos anos<sup>428</sup>, mas nós apenas o admitimos recentemente. Então Ênio pôde dizer, menosprezando os velhos autores: “com estes versos que outrora cantavam os Faunos e os vates”<sup>429</sup>, e a mim não me é permitido criticar desse modo os antigos? Especialmente porque não direi “ante hunc”<sup>430</sup>, como aquele, nem o que se segue “nos ausi reserari”<sup>431</sup>, pois li e ouvi alguns oradores<sup>432</sup>, cuja frase se conclui de forma quase perfeita. Àqueles que não o podem fazer, não lhes é suficiente não serem desprezados, mas até, querem ser louvados. Eu louvo – e isto pelo mérito – aqueles de quem eles dizem ser imitadores, ainda que neles deseje encontrar mais alguma coisa, mas de modo nenhum louvo aqueles que nada imitam dos antigos a não ser os erros, quando estão muito longe das qualidades.

---

<sup>428</sup> Desde o tempo de Trasímaco e Górgias.

<sup>429</sup> Ênio, *Annales*, 214.

<sup>430</sup> “Antes isto”

<sup>431</sup> “Nós, desejosos de ter começado”

<sup>432</sup> Nomeadamente António e Crasso.

(172) quodsi aures tam inhumanas tamque agrestes habent, ne doctissimorum quidem virorum eos movebit auctoritas? omitto Isocraten discipulosque eius Ephorum et Naucraten, quanquam orationis faciendae et ornandae auctores locupletissimi summi ipsi oratores esse debebant. sed quis omnium doctior, quis acutior, quis in rebus vel inveniendis vel iudicandis acrior Aristotele fuit? quis porro Isocrati est adversatus infensius? is igitur versum in oratione vetat esse, numerum iubet. eius auditor Theodectes – in primis, ut Aristoteles saepe significat, politus scriptor atque artifex – hoc idem et sentit et praecipit, Theophrastus vero iisdem de rebus etiam accuratius. quis ergo istos ferat, qui hos auctores non probent? nisi omnino haec esse ab iis praecepta nesciunt.

(172) Pois se têm ouvidos tão rudes e grosseiros, não os moverá a autoridade dos homens mais instruídos? Omito Isócrates e os seus discípulos, Éforo<sup>433</sup> e Náucrates<sup>434</sup>, autores de alguns discursos elaborados e ornamentados, que deviam ser eles próprios oradores de grande importância. Mas qual entre todos foi mais sabedor, mais hábil ou mais rigoroso em encontrar argumentos ou em avaliá-los do que Aristóteles? Quem foi o adversário mais hostil de Isócrates? Aquele<sup>435</sup> não permite que haja verso no discurso, mas sanciona o ritmo<sup>436</sup>. O seu pupilo Teodectes<sup>437</sup>, um escritor e artífice muito elegante – como Aristóteles frequentemente disse – também pensou e recomendou isto. Teofrasto era nestes assuntos ainda mais minucioso. Quem suportaria aqueles que não aceitam estas autoridades? A não ser que desconheçam por completo que estes preceitos foram ensinados por eles.

---

<sup>433</sup> Éforo (ca. 405 - 330 a.C.), historiador grego, escreveu uma *História Universal*, em vinte e nove livros, editada pelo seu filho Demófilo, que lhe adicionou um trigésimo livro.

<sup>434</sup> Náucrates (século IV a.C.), retor grego conhecido por ter sido discípulo de Isócrates e, por ganhar, em 352 a.C., a competição instituída pela rainha Artemísia da Cária para a melhor oração fúnebre em honra do marido.

<sup>435</sup> Aristóteles.

<sup>436</sup> *Rh.*, III, 8.

<sup>437</sup> Teodectes de Fasélis (ca. 380 - 340 a.C.) foi versado nos estudos de Retórica e cultivou também a poesia trágica. Escreveu perto de cinquenta tragédias, das quais restam alguns fragmentos, discursos e um tratado sobre Retórica.

(173) quod si ita est – nec vero aliter existimo – quid, ipsi suis sensibus non moventur? nihilne iis inane videtur, nihil inconditum, nihil curtum, nihil claudicans, nihil redundans? in versu quidem theatra tota exclamant, si fuit una syllaba aut brevior aut longior; nec vero multitudo pedes novit nec ullos numeros tenet nec illud quod offendit aut cur aut in quo offendit intellegit; et tamen omnium longitudinum et brevitatum in sonis sicut acutarum graviumque vocum iudicium ipsa natura in auribus nostris collocavit.

LII. (174) Visne igitur, Brute, totum hunc locum accuratius etiam explicemus quam illi ipsi qui et haec et alia nobis tradiderunt, an iis contenti esse quae ab illis dicta sunt possumus? sed quid quaero velisne, cum litteris tuis eruditissime scriptis te id vel maxime velle perspexerim? primum ergo origo, deinde causa, post natura, tum ad extremum usus ipse explicetur orationis aptae atque numerosae.

Nam qui Isocraten maxime mirantur, hoc in eius summis laudibus ferunt, quod verbis solutis numeros primum adiunxerit. cum enim videret oratores cum severitate audiri, poetas autem cum voluptate, tum dicitur numeros secutus, quibus etiam in oratione uteretur, cum iucunditatis causa tum ut varietas occurreret satietati.

(173) Com efeito, se assim é – nem acreditamos ser de outro modo – por que razão eles próprios não são impressionados nos seus sentidos? Ou será que nada lhes parece vazio, nada confuso, nada incompleto, nada claudicante, nada redundante? No verso, o teatro inteiro protesta, se uma sílaba for mais breve ou longa, e, na verdade, a multidão não conhece os pés, nem compreende os ritmos, nem percebe aquilo que a ofendeu, nem porquê, nem em quê a ofendeu<sup>438</sup>; e, contudo, a própria natureza colocou nos nossos ouvidos a capacidade de apreciar a extensão e a brevidade do som, assim como o tom alto e baixo.

LII. (174) Queres, Bruto, que expliquemos este assunto com maior cuidado do que aqueles mesmos<sup>439</sup> que nos transmitiram estas e outras regras ou podemos ficar satisfeitos com aquelas coisas que foram ditas por eles? Mas por que pergunto se queres, se, pelas tuas cartas escritas de forma muito erudita, vejo claramente o que queres? Será explicada, primeiro, a fonte, depois, a causa, em seguida, a natureza e, por fim, o próprio uso da prosa adequada e rítmica. Na verdade, aqueles que muito admiram Isócrates dizem nos seus grandes louvores isto: que foi o primeiro que acrescentou o ritmo à prosa, uma vez que, quando viu que os oradores eram ouvidos com severidade, mas os poetas com prazer, diz-se que então procurou ritmos, dos quais se pudesse servir na prosa, tanto por causa do deleite como para que a variedade se opusesse ao tédio.

---

<sup>438</sup> *Brut.*, VIII,34; *De Or.*, III, 196.

<sup>439</sup> Aristóteles e Teofrasto.

(175) quod ab his vere quadam ex parte, non totum dicitur. nam neminem in eo genere scientius versatum Isocrate confitendum est, sed princeps inveniendi fuit Thrasymachus, cuius omnia nimis etiam extant scripta numerose. nam, ut paulo ante dixi, paria paribus adiuncta et similiter definita itemque contrariis relata contraria, quae sua sponte, etiamsi id non agas, cadunt plerunque numerose, Gorgias primum invenit, sed iis est usus intemperatius. id autem est genus, ut ante dictum est, ex tribus partibus collocationis alterum.



(175) Isto que é dito por todos eles<sup>440</sup> é, em parte, verdadeiro, mas não na sua totalidade: na verdade, ninguém se revelou um conhecedor mais versado neste estilo do que Isócrates, mas o primeiro a inventá-lo foi Trasímaco, cujos escritos muito se distinguem pelo ritmo<sup>441</sup>. Agora, como há pouco disse<sup>442</sup>, as coisas semelhantes devem ser juntas às semelhantes e as definidas de modo semelhante, do mesmo modo que as coisas contrárias devem responder aos seus contrários, coisas que por si mesmas, ainda que não o façam, têm na sua maioria ritmo<sup>443</sup>. Isto foi Górgias<sup>444</sup> o primeiro a descobrir, mas usou disto de forma excessiva. Todavia, como antes se disse, esta questão é a outra das três partes da colocação das palavras.

---

<sup>440</sup> Aqueles que atribuem a Isócrates a invenção do ritmo.

<sup>441</sup> Cf. 39.

<sup>442</sup> Cf. 165.

<sup>443</sup> Cf. 38.

<sup>444</sup> Cf. 63.

(176) horum uterque Isocraten aetate praecurrit, ut eos ille moderatione, non inventione vicerit. est enim ut in transferendis faciendisque verbis tranquillior sic in ipsis numeris sedatior. Gorgias autem avidior est generis eius et his festivitibus – sic enim ipse censet—insolentius abutitur; quas Isocrates, cum tamen audivisset adulescens in Thessalia senem iam Gorgiam, moderatius temperavit. quin etiam se ipse tantum quantum aetate procedebat – prope enim centum confecit anos – relaxarat a nimia necessitate numerorum, quod declarat in eo libro quem ad Philippum Macedonem scripsit, cum iam admodum esset senex. in quo dicit sese minus iam servire numeris quam solitus esset. ita non modo superiores sed etiam se ipse correxerat.

(176) Destes um<sup>445</sup> e outro<sup>446</sup> precederam Isócrates no tempo<sup>447</sup>, ainda que este<sup>448</sup> os vença em moderação, mas não em invenção: tal como é mais moderado nas metáforas e na formação de palavras<sup>449</sup>, também é mais contido nos seus ritmos. Mas Górgias é mais ávido deste seu estilo e usa de forma mais excessiva – ele próprio assim aconselhava – destes ornamentos, que Isócrates usou mais moderadamente, apesar de ter ouvido, ainda jovem, na Tessália, o já idoso Górgias<sup>450</sup>. E até ele próprio à medida que avançava em idade – chegou perto dos cem anos – se libertou do excessivo rigor do ritmo, como declarava naquele livro que escreveu, quando já seria muito idoso, para Filipe da Macedónia, no qual disse servir menos o ritmo do que costumava<sup>451</sup>. Deste modo, corrigiu não só os seus antecessores como também a si próprio.

---

<sup>445</sup> Górgias.

<sup>446</sup> Trasímaco.

<sup>447</sup> Górgias seria cerca de quarenta anos mais velho que Trasímaco que, por sua vez, era vinte anos mais velho que Isócrates.

<sup>448</sup> Isócrates.

<sup>449</sup> Cf. 81.

<sup>450</sup> Isócrates foi discípulo de Górgias.

<sup>451</sup> Isócrates escreveu, em 346 a.C., com 90 anos, uma obra dedicada a Filipe II da Macedónia, na qual o apontava como o líder que guiaria os Gregos numa guerra vitoriosa contra os Persas. Cícero refere aqui o passo 27.

LIII. (177) Quoniam igitur habemus aptae orationis eos principes auctoresque quos diximus et origo inventa est, causa quaeratur. quae sic aperta est, ut mirer veteres non esse commotos, praesertim cum, ut fit, fortuito saepe aliquid concludere apteque dicerent. quod cum animos hominum auresque pepulisset, ut intellegi posset id quod casus effudisset cecidisse iucunde, notandum certe genus atque ipsi sibi imitandi fuerunt. aures ipsae enim vel animus aurium nuntio naturalem quandam in se continet vocum omnium mentionem.

(178) itaque et longiora et breviora iudicat et perfecta ac moderata semper expectat; mutila sentit quaedam et quasi decurtata, quibus tanquam debito fraudetur offenditur, productiora alia et quasi immoderatus excurrentia, quae magis etiam aspernantur aures, quod cum in plerisque tum in hoc genere nimium quod est offendet vehementius quam id quod videtur parum. ut igitur poetae versus inventus est terminatione aurium, observatione prudentium, sic in oratione animadversum est, multo illud quidem serius, sed eadem natura admonente, esse quosdam certos cursus conclusionesque verborum.

(179) Quoniam igitur causam quoque ostendimus, naturam nunc – id enim erat tertium – si placet explicemus; quae disputatio non huius instituti sermonis est, sed artis intimae. quaeri enim potest, qui sit orationis numerus et ubi sit positus et natus ex quo, et is unusne sit an duo an plures quaque ratione componatur et ad quam rem, et quando et quo loco et quemadmodum adhibitus aliquid voluptatis afferat.

LIII. (177) Visto que já temos estes inventores e autores do discurso adequado, que referimos e que a origem foi descoberta, agora indagaremos a causa. Esta é de tal modo óbvia que me admira que os antigos não se tenham deixado impressionar, sobretudo, quando, como acontece, falam muitas vezes acidentalmente de forma harmoniosa e adequada. Isto teria agitado de tal forma os espíritos e os ouvidos dos homens que poderia ter sido percebido que aquilo que o acaso proporcionava, soava agradavelmente, bem como o teor geral do processo e eles poderiam ter-se imitado a si mesmos. Os próprios ouvidos, ou melhor, a mente que recebe a mensagem dos ouvidos, contém em si uma certa medida natural de todos os sons.

(178) Desse modo, distingue os longos e os breves e espera-os sempre perfeitos e bem proporcionados, percebe que algumas frases foram mutiladas, como que encurtadas, é ofendido por elas tal como se fosse defraudada na sua função. Outras muito estendidas, que se espraíam quase sem limite repugnam aos ouvidos, pois como em muitas coisas, também neste género o que é excessivo ofende mais do que aquilo que parece pouco. Tal como o verso do poeta é criado pela apreciação dos ouvidos e pela observação dos homens prudentes, também no discurso se nota que isto foi observado muito mais tarde é certo, mas pelas mesmas recomendações da natureza existem períodos definidos e cadências rítmicas.

(179) Visto que também apresentámos a causa, agora se te agradar, explicaremos a natureza – o que era a nossa terceira questão<sup>452</sup>. Esta discussão não está nos planos deste discurso, mas nos domínios secretos da arte. Pode perguntar-se qual é o ritmo da prosa, onde é usado e de onde nasceu; se é um, dois ou mais; com que princípios se compõe; para que fim; quando, onde e qual a forma de o aplicar para provocar deleite.

---

<sup>452</sup> Cf. 174.

(180) sed ut in plerisque rebus sic in hac duplex est considerandi via, quarum altera est longior, brevior altera, eadem etiam planior.

LIV. Est autem longioris prima illa quaestio, sitne omnino ulla numerosa oratio; quibusdam enim non videtur, quia nihil insit in ea certi ut in versibus, et quod ipsi qui affirmant esse eos numeros rationem cur sint non queant reddere. deinde, si sit numerus in oratione, qualis sit aut quales et e poeticisne numeris an ex alio genere quodam; et, si e poeticis, quis eorum sit aut qui, namque aliis unus modo aliis plures aliis omnes idem videntur. deinde, quicunque sunt sive unus sive plures, communesne sint omni generi orationis – quoniam aliud genus est narrandi, aliud persuadendi, aliud docendi – an dispare numeri cuique orationis generi accommodentur; si communes, qui sint; si dispare, quid intersit et cur non aequè in oratione atque in versu numerus appareat.

(181) deinde, quod dicitur in oratione numerosum, id utrum numero solum efficiatur an etiam vel compositione quadam vel genere verborum; an sit suum cuiusque, ut numerus intervallis, compositio vocibus, genus ipsum verborum quasi quaedam forma et lumen orationis appareat, sitque omnium fons compositio ex eaque et numerus efficiatur et ea quae dicuntur orationis quasi formae et lumina, quae, ut dixi, Graeci vocant σχήματα.

(180) Mas, tal como na maioria dos casos, também neste devem ser consideradas duas vias, das quais uma é mais longa e a outra mais breve e, ao mesmo tempo, mais fácil.

LIV. Aquela primeira indagação, a do caminho mais longo, é a de saber se existe uma prosa rítmica. A alguns parece que não porque na prosa não se encontra nada definido como acontece na poesia e porque aqueles próprios que afirmam haver ritmos não são capazes de dar conta da razão da sua existência. Depois, pergunta-se se existe ritmo na prosa, qual ou quais são e se os ritmos da poesia ou de algum outro género; se são os da poesia, qual ou quais deles, pois alguns pensam ser só um, outros, muitos e outros ainda, todos; em seguida, se, quaisquer que sejam, um ou muitos, são comuns a todos os géneros de discurso – uma vez que há um género de narrar, um género de persuadir e um género de expor - ou se diferentes ritmos são adaptados a cada género de discurso: se comuns, quais são; se diferentes, qual a diferença e por que razão o ritmo não é tão evidente na prosa como na poesia.

(181) Depois indaga-se se este efeito rítmico se produz na prosa apenas pelo ritmo ou também por uma certa composição harmoniosa e pela natureza das palavras ou se cada um tem o seu campo específico, de forma que o ritmo se revela pelas pausas, pela composição, pelos sons, pela própria natureza das palavras como uma certa beleza e ornamento do estilo; se a origem de todos é a composição e a partir desta se produz ritmo e também aquilo que se diz como que a beleza e o ornamento do estilo, que, como antes se disse, os Gregos chamam *σχήματα* <sup>453</sup>.

---

<sup>453</sup> Cf. 183.

(182) at non est unum nec idem, quod voce iucundum est et quod moderatione absolutum et quod inluminatum genere verborum; quanquam id quidem finitimum est numero, quia per se plerunque perfectum est. compositio autem ab utroque differt, quae tota servit gravitati vocum aut suavitati. haec igitur fere sunt, in quibus rei natura quaerenda sit.

LV. (183) Esse ergo in oratione numerum quendam non est difficile cognoscere. iudicat enim sensus; in quo est iniquum quod accidit non agnoscere, si cur id accadat reperire nequeamus. neque enim ipse versus ratione est cognitus, sed natura atque sensu, quem dimensa ratio docuit quid accideret. ita notatio naturae et animadversio peperit artem. sed in versibus res est apertior, quanquam etiam a modis quibusdam cantu remoto soluta esse videtur oratio, maximeque id in optimo quoque eorum poetarum qui λυρικοί a Graecis nominantur; quos cum cantu spoliaveris, nuda paene remanet oratio.



(182) Todavia, não é o único nem o mesmo aquilo que é agradável no som e aquilo que é regulado pelo ritmo e aquilo que é ornado pela forma de expressão, embora esta última, seja semelhante ao ritmo, porque ele em si é geralmente perfeito. A composição difere de ambos porque serve, na sua totalidade, a dignidade e a suavidade dos sons<sup>454</sup>. Estas são geralmente as questões em que se deve procurar a natureza do ritmo.

LV. (183) Que há na prosa um certo ritmo não é difícil de perceber: os próprios sentidos dão-se conta disso. Nisto é injusto não reconhecer aquilo que acontece, se não conseguirmos perceber por que razão isso acontece. Nem o verso, com efeito, é reconhecido pela razão, mas pela natureza e pelos sentidos, em relação ao qual a razão calculada mostrou o que aconteceu. Deste modo, o estudo e a observação da natureza fizeram nascer a arte: na poesia, o ritmo é mais visível, mas em alguns metros, afastada a melodia, o discurso parece ser desprovido de ritmo, sobretudo, no caso daqueles poetas que são chamados *λυρικοί* pelos Gregos, pois se os privares da música, o seu texto fica quase despido.

---

<sup>454</sup> Cf. 202 e 219 e seguintes.

(184) quorum similia sunt quaedam etiam apud nostros, velut illa in Thyeste:

‘quemnam te esse dicam qui tarda in senectute’

et quae secuntur; quae, nisi cum tibicen accessit, orationis sunt solutae simillima. at comicorum senarii propter similitudinem sermonis sic saepe sunt abiecti ut nonnunquam vix in eis numerus et versus intellegi possit. quo est ad inveniendum difficilior in oratione numerus quam in versibus.

(185) omnino duo sunt quae condiant orationem, verborum numerorumque iucunditas. in verbis inest quasi materia quaedam, in numero autem expolitio. sed, ut ceteris in rebus, necessitatis inventa antiquiora sunt quam voluptatis.

(186) itaque et Herodotus et eadem superiorque aetas numero caruit nisi quando temere ac fortuito, et scriptores perveteres de numero nihil omnino, de oratione praecepta multa nobis reliquerunt. nam quod et facilius est et magis necessarium, id semper ante cognoscitur.

(184) Semelhantes a estes são alguns entre os nossos, como aqueles versos no *Thyestes*: “quemnam te esse dicam qui tarda in senectutem”<sup>455</sup> e os que se seguem. Estes, a não ser que os acompanhe o tocador de flauta, são semelhantes à prosa livre. Porém, tal como os senários das comédias são muitas vezes pobres dada a sua semelhança com a linguagem falada, assim também algumas vezes com dificuldade se pode distinguir neles o ritmo e o verso. Por isso, é mais difícil descobrir o ritmo adequado para a invenção na prosa rítmica do que na poesia<sup>456</sup>.

(185) São sobretudo duas as características que, adoçadas pelas palavras e pelos ritmos, suavizam o discurso. Nas palavras reside uma certa matéria, no ritmo, por outro lado, um embelezamento, mas, como noutros assuntos, as descobertas da necessidade são mais antigas do que as do prazer.

(186) Assim, Heródoto e outros autores da sua época e de épocas anteriores não usam os ritmos excepto os acidentais e não intencionais e os primeiros teóricos deixaram-nos muitos preceitos sobre o discurso<sup>457</sup>, mas nenhum sobre o ritmo, visto que aquilo que é mais fácil e necessário é sempre conhecido primeiro.

---

<sup>455</sup> “Direi que tu és aquele a quem pesa a velhice” (Énio, *Thyestes*, frag. 348).

<sup>456</sup> Assim é, porque na poesia existem regras que não existem na prosa. Cf. 198.

<sup>457</sup> Todavia, não antes de Isócrates.

LVI. Ita translata aut facta aut coniuncta verba facile sunt cognita, quia sumebantur e consuetudine cotidianoque sermone; numerus autem non modo depromebatur neque habebat aliquam necessitudinem aut cognationem cum oratione. itaque serius aliquando notatus et cognitus quasi quandam palaestram et extrema liniamenta orationi attulit.

(187) quodsi et angusta quaedam atque concisa et alia est dilatata et diffusa oratio, necesse est id non litterarum accidere natura, sed intervallorum longorum et brevium varietate; quibus implicata atque permixta oratio quoniam tum stabilis est tum volubilis, necesse est eiusmodi naturam numeri contineri. nam circumitus ille, quem saepe iam diximus, incitator numero ipso fertur et labitur, quoad perveniat ad finem et insistat. Perspicuum est igitur numeris astrictam orationem esse debere, carere versibus.

(188) sed hi numeri poeticine sint an ex alio genere quodam, deinceps est videndum. nullus est igitur numerus extra poeticos, propterea quod definita sunt genera numerorum. nam omnis talis est ut unus sit e tribus; pes enim, qui adhibetur ad numeros, partitur in tria, ut necesse sit partem pedis aut aequalem esse alteri parti aut altero tanto aut sesqui esse maiorem. ita fit aequalis dactylus, duplex iambus, sesqui<plex> paeon; qui pedes in orationem non cadere qui possunt? quibus ordine locatis quod efficitur, numerosum sit necesse est.

LVI. Desta forma, as metáforas<sup>458</sup>, os neologismos e as palavras compostas<sup>459</sup> são facilmente compreendidas, porque são tomadas do costume e da linguagem do quotidiano, mas o ritmo não só não foi tirado como não tinha nenhuma necessidade nem relação de parentesco com a prosa. Assim, foi assinalado e compreendido mais tarde e trouxe como que a elegância e os contornos à prosa.

(187) Pois se uma passagem é pequena e concisa e outra difusa e fluída é necessário que isto provenha não da natureza das letras, mas da variedade de intervalos longos e breves e, visto que a prosa entrelaçada e misturada com eles tanto é firme como volúvel, é necessário que a natureza dependa desse modo do ritmo. Na verdade, o período, que muitas vezes já descrevemos, flui mais enérgico pelo próprio ritmo, até que chega ao seu fim e se detém. É evidente, pois, que a prosa deve ser submetida aos ritmos, apesar de carecer de versos<sup>460</sup>.

(188) Mas se estes são os ritmos da poesia ou de algum outro género é o que havemos de examinar<sup>461</sup>. Nenhum ritmo há senão o poético, porque os tipos de ritmo são limitados. Com efeito, todos são de tal natureza que são um de três, pois o pé que acolhe os ritmos é dividido em três tipos, uma vez que é necessário que a parte do pé seja igual à outra parte, ser duas vezes maior ou uma vez e meia maior. Assim, o dátilo faz-se igual, o jambo, duplo e o péan, uma vez e meia<sup>462</sup>. Que pés não podem ocorrer no discurso? Porque dispostos numa ordem, é forçoso que estes pés produzam ritmo.

---

<sup>458</sup> Cf. 80.

<sup>459</sup> Cf. 68.

<sup>460</sup> Cf. 172 e 220.

<sup>461</sup> Cf. 180.

<sup>462</sup> O ritmo antigo depende da duração das sílabas, sendo uma combinação entre breves e longas.

(189) sed quaeritur quo numero aut quibus potissimum sit utendum. incidere vero omnis in orationem etiam ex hoc intellegi potest, quod versus saepe in oratione per imprudentiam dicimus. est id vehementer vitiosum, sed non attendimus neque exaudimus nosmet ipsos. senarios vero et Hipponacteos effugere vix possumus; magnam enim partem ex iambis nostra constat oratio. sed tamen eos versus facile agnoscit auditor, sunt enim usitatissimi; inculcamus autem per imprudentiam saepe etiam minus usitados, sed tamen versus – vitiosum genus et longa animi provisione fugiendum.

(190) elegit ex multis Isocratis libris triginta fortasse versus Hieronymus Peripateticus in primis nobilis, plerosque senarios sed etiam anapaesta; quo quid potest esse turpius? etsi in legendo fecit malitiose: prima enim syllaba dempta ex primo verbo sententiae postremum ad verbum primam rursus syllabam adiunxit insequentis sententiae. ita factus est anapaestus is qui Aristophaneus nominatur; quod ne accidat observari nec potest nec necesse est. sed tamen hic corrector in eo ipso loco quo reprehendit, ut a me animadversum est studiose inquirente in eum, immittit imprudens ipse senarium! sit igitur hoc cognitum, in solutis etiam verbis inesse numeros eosdemque esse oratorios qui sint poetici.

(189) Mas pergunta-se principalmente de que ritmo ou ritmos se pode fazer uso<sup>463</sup>.

Todos podem ocorrer na prosa como pode ser compreendido a partir disto: porque frequentemente, por descuido, introduzimos versos no discurso. Isto é muito defeituoso, mas não nos observamos ou ouvimos a nós mesmos. Dificilmente podemos evitar os senários e os hiponácteos<sup>464</sup>, uma vez que o nosso discurso consiste, em grande parte, em jambos. Contudo, o ouvinte reconhece facilmente esses versos, pois são utilizadíssimos, mas juntamos muitas vezes, por imprudência, versos menos frequentes, mas versos ainda assim – uma prática viciosa que deve ser evitada pelo espírito com precaução demorada.

(190) Jerónimo Peripatético<sup>465</sup>, ilustre entre todos, retirou das obras de Isócrates talvez uns trinta versos, a maior parte senários, mas também anapestos. Que pode ser mais vergonhoso que isto? Mas, nesta leitura, ele agiu com má fé pois, suprimida a primeira sílaba da primeira palavra na frase, ligou à última palavra a primeira sílaba da frase seguinte. Assim é feito aquele anapesto que se chama aristofânico<sup>466</sup> que não se pode nem é preciso evitar que aconteça. Mas, todavia, este crítico imprudente insere, nesta mesma passagem onde faz a censura, um senário, como foi observado por mim num estudo diligente e cuidadoso. Deve ser admitido, portanto, o seguinte: os ritmos existem mesmo na prosa e esses ritmos oratórios são os mesmos que os poéticos.

---

<sup>463</sup> Cf. 191.

<sup>464</sup> Versos usados por Hipónax de Éfeso, poeta do século VI a.C.

<sup>465</sup> Jerónimo de Rodes (ca. 290 - ca. 230 a.C.) foi um filósofo peripatético e eclético que viveu em Atenas, sob a protecção de Antígono II Gónatas (ca. 319 - 239 a.C.). Conhecem-se das suas obras vários títulos e fragmentos, frequentemente citados por Cícero, segundo o qual, para Jerónimo, o único bem era a ausência da dor. Hostil à Retórica, foi um crítico implacável de Isócrates.

<sup>466</sup> De Aristófanes.

LVII. (191) Sequitur ergo ut qui maxime cadant in orationem aptam numeri videndum sit. sunt enim qui iambicum putent, quod sit orationis simillimus; qua de causa fieri, ut is potissimum propter similitudinem veritatis adhibeatur in fabulis, quod ille dactylicus numerus <h>exametrorum magniloquentiae sit accommodatior. Ephorus autem, levis ipse orator sed profectus ex optima disciplina, paeana sequitur aut dactylum, fugit autem spondeum et trochaeum. quod enim paean habebat tris brevis, dactylus autem duas, brevitate et celeritate syllabarum labi putat verba proclivius, contraque accidere in spondeo et trochaeo: quod alter e longis constaret, alter e brevibus fieret, <fieri> alteram nimis incitatum, alteram nimis tardam orationem, neutram temperatam.

(192) sed et illi priores errant et Ephorus in culpa est. nam et qui paeana praetereunt non vident mollissimum a sese numerum eundemque amplissimum praeteriri. quod longe Aristoteli videtur secus, qui iudicat heroum numerum grandiore quam desideret soluta oratio, iambum autem nimis e vulgari esse sermone. ita neque humilem et abiectam orationem nec nimis altam et exaggeratam probat, plenam tamen eam vult esse gravitatis, ut eos qui audient ad maiorem admirationem possit traducere.



LVII. (191) Segue-se a questão de saber que ritmos parecem dever ocorrer numa prosa bem construída. Alguns pensam que é o jambo, porque é muito semelhante à fala, motivo pelo qual se usa especialmente no teatro por ser parecido com a realidade, enquanto aquele dáctilo dos hexâmetros é mais apropriado à grandiloquência. Por outro lado, Éforo, orador simples, mas desenvolvido a partir de uma excelente escola<sup>467</sup>, não resiste ao péan e ao dáctilo, mas foge do espondeu e do troqueu. Visto que o péan tem três sílabas breves e o dáctilo duas, considera ele que, por causa da brevidade e da agilidade das sílabas, as palavras deslizam mais facilmente e que o contrário acontece no espondeu e no troqueu<sup>468</sup>, já que um é composto por sílabas longas e o outro se faz de sílabas breves, pelo que este é muito rápido e aquele muito demorado e nenhum dos dois suficientemente comedido.

(192) Mas não só aqueles primeiros<sup>469</sup> estão enganados, mas também Éforo está errado, pois aqueles que não usam o péan não vêem que evitam o ritmo mais delicado e mais distinto. Isto era visto de maneira muito diferente por Aristóteles<sup>470</sup> que julgava ser o ritmo heróico<sup>471</sup> mais grandioso do que precisaria a prosa e o jambo muito próximo da linguagem vulgar. Assim, não aprova nem um discurso simples e humilde, nem muito elevado e sublime, mas deseja, no entanto, um que seja pleno de gravidade, para que possa causar uma grande admiração naqueles que ouvem.

---

<sup>467</sup> A escola de Isócrates.

<sup>468</sup> O espondeu é composto exclusivamente por sílabas longas e o troqueu de sílabas breves, enquanto que o péan e o dáctilo são compostos de sílabas longas e breves.

<sup>469</sup> Aqueles que preferem o jambo (cf. 191).

<sup>470</sup> Cf. *Rh.*, III, 8.

<sup>471</sup> O hexâmetro.

(193) trochaicum autem, qui est eodem spatio quo choreus, cordacem appellat, quia contractio et brevis dignitatem non habeat. ita paeana probat eoque ait uti omnes, sed ipsos non sentire cum utantur. esse autem tertium ac medium inter illos, et ita factos eos pedes esse, ut in eis singulis modus insit aut sesquipleus aut duplex aut par. itaque illi de quibus ante dixi tantummodo commoditatis habuerunt rationem, nullam dignitatis.

(194) iambus enim et dactylus in versum cadunt maxime; itaque ut versum fugimus in oratione, sic hi sunt evitandi continuati pedes; aliud enim quiddam est oratio nec quicquam inimicius quam illa versibus; paeon autem minime est aptus ad versum, quo libentius eum recepit oratio. Ephorus vero ne spondeum quidem, quem fugit, intellegit esse aequalem dactylo, quem probat. syllabis enim metiendos pedes, non intervallis existimat; quod idem facit in trochaeo, qui temporibus et intervallis est par iambo, sed eo vitios[i]us in oratione, si ponatur extremus, quod verba melius in syllabas longiores cadant. atque haec, quae sunt apud Aristotelem, eadem a Theophrasto Theodecteque de paeane dicuntur.

(193) Por outro lado, chama o troqueu, que ocupa o mesmo espaço que o coreu, licencioso porque a sua contracção e brevidade não têm dignidade<sup>472</sup>. Assim, aprecia o péan que diz que todos usam, ainda que não percebiam que o usam; e diz também existir uma terceira medida entre eles e que estes pés são feitos de maneira que cada medida seja ou uma vez e meia, ou dupla ou igual. Desta forma, aqueles autores, dos quais antes falei<sup>473</sup>, somente tinham no espírito a questão da conveniência e não a da dignidade.

(194) Pois se o jambo e o dáctilo ocorrem sobretudo na poesia, assim como fugimos do verso na prosa, assim deve ser evitado usar estes pés sucessivamente, pois a prosa é diferente da poesia e nada é mais inimigo dos versos que ela. O péan é muito menos adequado ao verso e, por isso, a prosa recebe-o mais alegremente. Éforo, contudo, não entendia ser o espondeu, do qual fugia, equivalente ao dáctilo que aprovava<sup>474</sup>, uma vez que pensava que os pés devem ser medidos em sílabas e não em tempos; o mesmo faz ele no troqueu, que é igual ao jambo em tempos e pausas<sup>475</sup>, mas é mais vicioso na prosa se colocado no fim da frase, visto que as palavras terminam melhor nas sílabas mais longas. E estas coisas sobre o péan, que se encontram em Aristóteles, são ditas igualmente por Teofrasto e Teodectes.

---

<sup>472</sup> Cícero comete aqui dois erros. O primeiro consiste em usar a palavra troqueu no sentido de tríbraco, enquanto Aristóteles no referido passo fala do verdadeiro troqueu. Um segundo erro está na utilização da palavra *cordax*, que designa uma dança licenciosa, enquanto aquilo que Aristóteles disse é o troqueu era, em certo sentido, como o *cordax*, ou seja, como um ritmo tropeçante, inclinado para a vulgaridade.

<sup>473</sup> Cf. 191.

<sup>474</sup> O espondeu e o dáctilo são metricamente equivalentes, mas o efeito rítmico de uma sucessão de espondeus é muito diferente do de uma sucessão de dáctilos.

<sup>475</sup> Ou seja, a duração do pé.

(195) ego autem sentio omnis in oratione esse quasi permixtos et confusos pedes. nec enim effugere possemus animadversionem, si semper iisdem uteremur, quia nec numerosa esse, ut poema, neque extra numerum, ut sermo vulgi est, debet oratio. alterum nimis est vinctum, ut de industria factum appareat, alterum nimis dissolutum, ut pervagatum ac vulgare videatur; ut ab altero non delectere, alterum oderis. (196) sit igitur, ut supra dixi, permixta et temperata numeris nec dissoluta nec tota numerosa, paeane maxime, quoniam optimus auctor ita censet, sed reliquis etiam numeris, quos ille praeterit, temperata.

LVIII. Quos autem numeros cum quibus tanquam purpuram misceri oporteat, nunc dicendum est, atque etiam quibus orationis generibus sint quique accommodatissimi. iambus enim frequentissimus est in iis quae demisso atque humili sermone dicuntur,

(195) Eu reconheço existir na prosa todo o tipo de pés como que misturados e confusos. Nem podemos escapar da censura se sempre nos servirmos dos mesmos porque a prosa não deve ser nem rítmica como a poesia, nem desprovida de ritmo como a linguagem do vulgo – uma é de tal forma contida que parece feita artificialmente e a outra é de tal forma negligente que parece banal e vulgar, a ponto de não gostares de uma e odiares a outra.

(196) Seja então a prosa como antes disse<sup>476</sup>: misturada e temperada pelos ritmos, nem completamente livre, nem completamente ritmada. O péan será a medida principal, pois aquele excelente autor assim o diz, mas combinado com aqueles ritmos abandonados que ele próprio preteriu.

LVIII. Agora deve ser dito como devem ser, tal como a púrpura<sup>477</sup>, misturados os ritmos uns com os outros e também aqueles que são mais adequados a cada estilo de discurso. O jambo é mais frequente naquelas frases que são ditas no discurso baixo e humilde,

---

<sup>476</sup> Cf. 195.

<sup>477</sup> A cor púrpura era obtida através da mistura de tintas de moluscos.

(197) paean autem in amplioribus, in utroque dactylus. Ita<que> in varia et perpetua oratione hi sunt inter se miscendi et temperandi. sic minime animadvertetur delectationis aucupium et quadrandae orationis industria; quae latebit eo magis, si et verborum et sententiarum ponderibus utemur. nam qui audiunt haec duo animadvertunt et iucunda sibi censerent, verba dico et sententias, eaque dum animis attentis admirantes excipiunt, fugit eos et praetervolat numerus; qui tamen si abesset, illa ipsa delectarent minus.

(198) nec vero is cursus est numerorum – orationis dico, nam est longe aliter in versibus – nihil ut fiat extra modum; nam id quidem esset poema; sed omnis nec claudicans nec quasi fluctuans sed aequabiliter constanterque ingrediens numerosa habetur oratio. atque id in dicendo numerosum putatur, non quod totum constat e numeris, sed quod ad numeros proxime accedit; quo etiam difficilius est oratione uti quam versibus, quod in illis certa quaedam et definita lex est, quam sequi sit necesse, in dicendo autem nihil est propositum, nisi ut ne immoderata aut angusta aut dissoluta aut <dif>fluens sit oratio. itaque non sunt in ea tanquam tibicini<i> percussionum modi, sed universa comprehensio et species orationis clausa et terminata est, quod voluptate aurium iudicatur.

(197) o péan no mais elevado e o dáctilo em ambos. Assim, no discurso variegado e longo, estes ritmos devem ser misturados e moderados entre si. Desta forma, com menos esforço se cumpre a preocupação de agradar e de dar à frase a forma perfeita<sup>478</sup>, o que melhor se esconderá se usarmos a linguagem e o pensamento com autoridade. Na verdade, aqueles que ouvem observam estas duas coisas – digo as palavras e as ideais – e, para si, as consideram agradáveis e, admirados, enquanto as acolhem com espíritos atentos, o ritmo escapa-lhes e passa despercebido, ritmo que, se estivesse ausente, então aquelas palavras e ideias agradariam menos.

(198) Mas esta sucessão de ritmos – na prosa, digo, pois é muito diferente na poesia – não é tal que nada faça fora da medida, pois isso seria, então, um poema, mas toda a prosa, que não vacile e não hesite, mas avance uniforme e constantemente é considerada rítmica. E, ao falar em público, é considerado rítmico não quando é composto inteiramente por formas métricas, mas quando chega muito perto dos ritmos. Por isso, é muito mais difícil ser usado na prosa do que na poesia<sup>479</sup>: porque nesta existe uma lei certa e delimitada, que é necessário seguir; e, pelo contrário, na prosa oratória, nada é planeado, a não ser que a linguagem não seja desprovida de ritmo, abrupta, negligente ou excessiva. Assim, não estão nela as medidas dos ritmos como as da flauta<sup>480</sup>, mas toda a forma e natureza da frase é enformada e concluída de um modo que só é compreendido pelo prazer do ouvido.

---

<sup>478</sup> A figura parece ter sido tirada da alvenaria e significa cortar as pedras de forma a encaixarem umas nas outras.

<sup>479</sup> Embora Cícero tenha descartado anteriormente o uso do jambo (180), admite-o agora em certas ocasiões.

<sup>480</sup> O flautista que acompanha a declamação de poesia marcava o ritmo com o pé.

LIX. (199) Solet autem quaeri totone in ambitu verborum numeri tenendi sint an in primis partibus atque in extremis; plerique enim censent cadere tantum numero oportere terminarique sententiam. est autem, ut id maxime deceat, non ut solum; ponendus est enim ille ambitus, non abiciendus. quare cum aures extremum semper expectent in eoque adquiescant, id vacare numero non oportet, sed ad hunc exitum iam a principio ferri debet verborum illa comprehensio et tota a capite ita fluere, ut ad extremum veniens ipsa consistat.

(200) id autem bona disciplina exercitatis, qui et multa scripserint et quaecunque etiam sine scripto dicerent similia scriptorum effecerint, non erit difficillimum. ante enim circumscribitur mente sententia confestimque verba concurrunt, quae mens eadem, qua nihil est celerius, statim dimittit, ut suo quodque loco respondeant; quorum discriptus ordo alias alia terminatione concluditur. atque omnia illa et prima et media verba spectare debent ad ultimum.

(201) interdum enim cursus est in oratione incitator, interdum moderata ingressio, ut iam a principio videndum sit quemadmodum velis venire ad extremum. nec in numeris magis quam in reliquis ornamentis orationis, eadem cum faciamus quae poetae, effugimus tamen in oratione poematis similitudinem. est enim in utroque et materia et tractatio: materia in verbis, tractatio in collocatione verborum.



LIX. (199) Convém perguntar se os ritmos devem ser usados em todo o período ou apenas nas primeiras ou nas últimas partes desse período. Com efeito, muitos consideram que é necessário apenas que a frase termine ritmicamente. É certo que isto convém muito, mas não unicamente, pois o fim deve ser antecipado e não atirado. Portanto, como os ouvidos esperam sempre o fim, onde repousam, não convém que ele seja desprovido de ritmo; mas o período deve mover-se já desde o princípio para este fim e correr desde o início de tal maneira que, avançando, como que se imobilize por si mesmo.

(200) Isto não será muito difícil para os que se exercitarem numa boa escola, que escreveram muitas coisas e todas as que disseram sem as terem escrito executaram de forma semelhante à dos escritores, pois, primeiro, a frase será delimitada pelo espírito e, logo depois, as palavras afluirão, palavras que a mente, mais rápida do que qualquer outra coisa, envia cada uma para que responda no seu devido lugar; e a ordem delas assim delimitada termina cada uma com uma figura rítmica. E todas aquelas palavras, quer as primeiras, quer as do meio, devem ter em vista o final.

(201) Com efeito, no discurso ora o andamento é mais agitado, ora a progressão é moderada para que desde o início se perceba de que modo queres chegar ao fim, não mais nos ritmos do que nos restantes ornamentos do discurso, embora façamos as mesmas coisas que os poetas, na prosa fugimos da semelhança com a poesia. Existe em ambos os géneros o assunto e o uso: o assunto nas palavras e o uso na colocação das palavras.

LX. Ternae autem sunt utriusque partes; verborum: translatum, novum, priscum – nam de propriis nihil hoc loco dicimus –, collocationis autem eae quas diximus: compositio, concinnitas, numerus.

(202) sed in utroque frequentiores sunt et liberiores poetae; nam et transferunt verba cum crebrius tum etiam audacius et priscis libentius utuntur et liberius novis. quod idem fit in numeris, in quibus quasi necessitati parere coguntur. sed tamen haec nec nimis esse diversa eque <n>ullo modo coniuncta intellegi licet. ita fit ut non item in oratione ut in versu numerus extet idque quod numerosum in oratione dicitur non semper numero fiat, sed nonnunquam aut concinnitate aut constructione verborum.

LX. Três são as suas partes. Das palavras: as metáforas, os neologismos e os arcaísmos – neste lugar, nada diremos sobre o sentido próprio das palavras. Da sua colocação são estas coisas que já referimos<sup>481</sup>: a eufonia, a simetria e o ritmo.

(202) Mas de ambas usam mais e mais livremente os poetas: usam as metáforas não só com maior frequência, como também com maior audácia; servem-se dos arcaísmos com maior prazer e dos neologismos com maior liberalidade. E isto mesmo se faz com os ritmos, nos quais quase são obrigados a ceder à necessidade. Contudo, pode compreender-se que estas nem são muito diferentes, nem estão de modo algum ligadas. Assim acontece que o ritmo não se salienta na prosa como na poesia e que aquilo que na prosa se chama ritmo nem sempre é produzido pelo ritmo, mas algumas vezes pela simetria ou pela construção das palavras<sup>482</sup>.

---

<sup>481</sup> Cf. 149 e 164.

<sup>482</sup> Cf. 164 e ss.

(203) Ita, si numerus orationis quaeritur qui sit, omnis est, sed alius alio melior atque aptior; si locus, in omni parte verborum; si unde ortus sit, ex aurium voluptate; si componendorum ratio, dicetur alio loco, quia pertinet ad usum, quae pars quarta et extrema nobis in dividendo fuit; si ad quam rem adhibeatur, ad delectationem; si quando, semper; si quo loco, in tota continuatione verborum; si quae res efficiat voluptatem, eadem quae in versibus, quorum modum notat ars, sed aures ipsae tacito eum sensu[m] sine arte definiunt.

LXI. (204) Satis multa de natura. sequitur usus, de quo est accuratius disputandum. In quo quaesitum est in totone circuitu illo orationis, quem Graeci περίοδος, nos tum ambitum tum circuitum tum comprehensionem aut continuationem aut circumscriptionem dicimus, an in principiis solum an in extremis an in utraque parte numerus tenendus sit; deinde, cum aliud videatur esse numerus aliud numerosum, quid intersit.

(203) Deste modo, se se perguntar qual seja o ritmo da prosa, são todos, mas uns são melhores e mais adequados que os outros; se se perguntar o seu lugar, em todas as partes da frase; se se perguntar onde nasce, do prazer dos ouvidos; se se perguntar o método de composição, será dito em outro lugar<sup>483</sup> porque aqui se fala do uso e esta foi a última e quarta questão para nós<sup>484</sup>, quando fizemos a divisão dos assuntos atrás; se se perguntar a que fim se aplica, ao deleite; se se perguntar quando, sempre; se se perguntar em que lugar, em todo o período; se se perguntar o que produz deleite, o mesmo que nos versos, dos quais a arte estabelece a medida, ainda que sem a teoria os próprios ouvidos definem os seus limites com uma intuição tácita<sup>485</sup>.

LXI. (204) São suficientes as muitas coisas que se disseram sobre a natureza. Segue-se o uso, o qual se deve tratar com mais cuidado. Neste assunto, deve ser questionado<sup>486</sup> se o ritmo deve ser usado em toda a forma delimitada de expressão – que os Gregos chamam *περίοδος* e nós *ambitus*, *circuitus*, *comprehensio*, *continuatio* ou *circumscriptio* – ou se apenas no princípio, no fim ou em ambas as partes. Depois, deve ser questionado como uma coisa parece ser o ritmo e outra a harmonia e que distinção há entre si.

---

<sup>483</sup> Cf. 210 e ss. e 231.

<sup>484</sup> Cf. 174.

<sup>485</sup> Cf. 179.

<sup>486</sup> Cf. 199.

(205) tum autem in omnibusne numeris aequaliter particulas deceat incidere an facere alias breviores alias longiores, idque quando aut cur; quibusque partibus, pluribusne an singulis, imparibus an aequalibus, et quando aut istis aut illis sit utendum; quaeque inter se aptissime collocentur et quo modo, an omnino nulla sit in eo genere distinctio; quodque ad rem maxime pertinet, qua ratione numerosa fiat oratio.

(206) explicandum etiam est, unde orta sit forma verborum dicendumque quantos circuitus facere deceat deque eorum particulis et tanquam incisionibus disserendum est quaerendumque utrum una species et longitudo sit earum an plures et, si plures, quo loco aut quando quoque genere uti oporteat. postremo totius generis utilitas explicanda est, quae quidem patet latius; non ad unam enim rem aliquam, sed ad pluris accommodatur.

(207) Ac licet non ad singulas res respondentem de universo genere sic dicere ut etiam singulis satis responsum esse videatur. remotis igitur reliquis generibus unum selegimus hoc quod in causis foroque versatur, de quo diceremus. ergo in aliis, id est in historia et in eo quod appellamus ἐπιδεικτικόν, placet omnia dici Isocrateo Theopompeoque more illa circumscriptione ambituque, ut tanquam in orbe inclusa currat oratio, quoad insistat in singulis perfectis absolutisque sententiis.

(205) Em terceiro lugar, deve ser questionado se convém em todos os ritmos dividir o período em partes iguais ou fazer umas mais breves e outras mais longas e isto quando e porquê. Destas partes deve ser questionado quais devem ser usadas para se obter um efeito rítmico – várias ou apenas uma, as desiguais ou as iguais e quando se deve usar estas ou aquelas –; que ritmos se combinam entre si mais habilmente e de que modo; ou, se nenhuma distinção há neste género. E o que mais importa neste assunto: por que motivo um discurso se torna rítmico.

(206) Deve também ser explicado de onde nasce a forma das palavras e dos discursos e quantos períodos convém fazer e sobre que partículas e incisos deles se deve falar. Deve perguntar-se se deles há uma única espécie ou extensão ou muitas e, se houver muitas, em que lugar e quando e de que tipo devem ser usadas. Por fim, deve ser explicada a utilidade de todos estes estilos, utilidade que se revela mais abundante, pois não se adapta apenas a um único assunto, mas a muitos.

(207) É possível, não respondendo a cada questão particular, falar sobre todo o assunto de tal forma que se pareça dar uma resposta suficiente a cada uma. Dos obsoletos e abandonados tipos de discurso apenas escolhemos aquele que se encontra nos tribunais e nas assembleias sobre o qual falaremos. Em todos os outros, ou seja: na História e naquele que chamamos *ἐπιδεικτικόν*, agrada-nos que tudo seja dito à maneira de Isócrates e Teopompo, com uma frase delimitada, para que a linguagem corra como se enclausurada num círculo até que se detenha numa expressão completa e perfeita<sup>487</sup>.

---

<sup>487</sup> Um exemplo é o exórdio do *Pro Archia*.

(208) itaque posteaquam est nata haec vel circumscriptio vel comprehensio vel continuatio vel ambitus, si ita licet dicere, nemo qui aliquo esset in numero, scripsit orationem generis eius, quod esset ad delectationem comparatum remotumque a iudiciis forensique certamine, quin redigeret omnis fere in quadrum numerumque sententias. nam cum is est auditor qui non vereatur ne compositae orationis insidiis sua fides attemptetur, gratiam quoque habet oratori voluptati aurium servienti.

LXII. (209) Genus autem hoc orationis neque totum assumendum est ad causas forensis neque omnino repudiandum. si enim semper utare, cum satietatem affert tum quale sit etiam ab imperitis agnoscitur; detrahit praeterea actionis dolorem, aufert humanum sensum actoris, tollit funditus veritatem et fidem.

Sed quoniam adhibenda nonnunquam est, primum videndum est quo loco, deinde quam diu retinenda sit, tum quot modis commutanda.



(208) Desta forma, depois que nasceu este *circumscriptio*, *comprehensio*, *continuatio* ou *ambitus*, se assim se pode dizer, ninguém, que mereça estar entre aqueles autores, escreveu um discurso daquele tipo que fosse destinado ao deleite e afastado das contendas judiciais e da vida pública sem que redigisse quase todas as suas frases no molde do ritmo. Na verdade, quando o ouvinte não teme que se atente contra a sua boa-fé com as seduções de um discurso composto, ele tem igualmente apreço pelo orador servidor do prazer dos ouvidos.

LXII. (209) Mas este estilo de prosa não deve ser completamente associado às causas forenses nem totalmente repudiado por elas: se se usar constantemente, não só produz enfado, como também é reconhecido em que consiste até pelos inexperientes. Além disso, retira a angústia da acção, afasta o sentido humano do orador e destrói, desde os alicerces, a verdade e a rectidão. Mas porque deve ser aplicado algumas vezes, primeiro deve ser considerado em que lugar, depois por quanto tempo deve ser mantido e, por fim, de que modo deve ser variado.

(210) adhibenda est igitur numerosa oratio, si aut laudandum est aliquid ornatius, ut nos in Accusationis secundo de Siciliae laude diximus aut in senatu de consulatu meo, aut exponenda narrativo quae plus dignitatis desiderat quam doloris, ut in quarto Accusationis de Hennensi Cerere, de Segestana Diana, de Syracusarum situ diximus. saepe etiam in amplificanda re concessu omnium funditur numerose et volubiliter oratio. id nos fortasse non perfecimus, conati quidem saepissime sumus; quod plurimis locis perorationes nostrae voluisse nos atque animo contendisse declarant. id autem tum valet, cum is qui audit ab oratore iam obsessus est ac tenetur : non enim id agit ut insidietur et observet, sed iam favet processumque volt dicendique vim admirans non anquirat quid <re>prehendat.

(211) Haec autem forma retinenda non diu est, nec dico in peroratione, quam lipse includit, sed in orationis reliquis partibus. nam cum sis iis locis usus, quibus ostendi licere[t], transferenda tota dictio est ad illa quae nescio cur, cum Graeci κόμματα et κῶλα nomenclant, nos non recte ‘incisa’ et ‘membra’ dicamus. neque enim esse possunt rebus ignotis nota nomina, sed cum verba aut suavitatis aut inopiae causa transferre soleamus, in omnibus hoc fit artibus ut, cum id appellandum sit quod propter rerum ignorance ipsarum nullum habuerit ante nomen, necessitas cogat aut novum facere verbum aut a simili mutuari.

(210) O estilo rítmico deve ser usado quando algo deve ser louvado com mais ornamentos, tal como nós, no segundo das Acusações<sup>488</sup>, dissemos o louvor da Sicília ou, perante o Senado, sobre o meu consulado<sup>489</sup> ou ao apresentar uma narrativa que exija mais dignidade do que emoção como, no quarto das Acusações<sup>490</sup>, dissemos sobre a Ceres de Ena, a Diana Segestana e o sítio dos Siracusanos. Muitas vezes, ao amplificar o assunto, com a anuência de todos, o discurso derrama-se com ritmo e fluência. Talvez nós não o tenhamos alcançado, mas esforçamo-nos muitas vezes, coisa que as nossas perorações mostram em muitos passos, que nós quisemos e procurámos fazer com ânimo. Isto é válido quanto aquele que ouve está subjugado e cercado pelo orador. Não se trata de se conquistar ou observá-lo, mas já os favorece e quer o seu êxito e, admirando a força do discurso, não procura algo que possa censurar. (211) Este estilo não deve ser mantido por muito tempo<sup>491</sup>, não digo na peroração, a qual ele próprio engloba, mas nas restantes partes do discurso. Na verdade, como sabes, tendo usado destes tópicos sobre os quais convinha falar<sup>492</sup>, o discurso inteiro deve ser alterado para aquelas que os Gregos chamam *κόμματα* e *κῶλα* e nós chamamos, não sei porquê, incorrectamente, *incisa* e *membra*, pois os nomes não podem ser conhecidos se as coisas que representam são desconhecidas, mas costumamos adoptar as palavras pela sua suavidade ou por causa da pobreza da linguagem. Isto acontece em todas as artes porque, quando algo que não tem nome por causa da ignorância das coisas e deve ser nomeado, a necessidade coage a produzir uma nova palavra ou pedir de empréstimo uma semelhante.

---

<sup>488</sup> Cf. *In Verrem actio secunda*, 2.2.

<sup>489</sup> O discurso *De Consulatu* não sobreviveu.

<sup>490</sup> *In Verrem actio secunda* 4, 106 - 108, 72 - 79 e 117 - 119.

<sup>491</sup> Cf. 209.

<sup>492</sup> Cf. 210.

LXIII. (212) Quo autem pacto deceat incise membratimve dici iam videbimus; nunc quot modis mutantur comprehensiones conclusionesque dicendum est. fluit omnino numerus a primo tum incitatus brevitate pedum tum proceritate tardius. cursum contentiones magis requirunt, expositiones rerum tarditatem. insistit autem ambitus modis pluribus, e quibus unum est secuta Asia maxime, qui dichoreus vocatur, cum duo extremi chorei sunt, id est e singulis longis et brevibus. explanandum est enim, quod ab aliis eidem pedes aliis vocabulis nominantur.

(213) dichoreus non est ille quidem sua sponte vitiosus in clausulis, sed in orationis numero nihil est tam vitiosum quam si semper est idem. cadit autem per se ille ipse praeclare, quo etiam satietas formidanda est magis. me stante C. Carbo C. f. tr. pl. in contione dixit his verbis: ‘O Marce Druse, patrem appello’ – haec quidem duo binis pedibus incisim; dein membratim: ‘tu dicere solebas sacram esse rem publicam’ – haec item membra ternis;

LXIII. (212) De que modo convém ser dito em *incisa* e *membra*<sup>493</sup> já veremos<sup>494</sup>. Agora deve explicar-se por quantos modos se variam os períodos e as cláusulas<sup>495</sup>. Em geral, o ritmo corre desde o início da frase: às vezes mais agitado pela brevidade dos pés, às vezes mais vagaroso pela sua extensão. As disputas procuram preferencialmente um ritmo mais veloz, as exposições um ritmo mais lento<sup>496</sup>. O período termina de muitas maneiras: delas uma, que se chama dicoreu porque os dois últimos pés são coreus, ou seja, com um pé longo e outro breve, é muito aceite na Ásia. Deve ser explicado porque estes pés são chamados por uns, um nome e por outros, outro<sup>497</sup>.

(213) Certamente o dicoreu não é ele próprio por si mesmo imperfeito nas cláusulas, mas no ritmo da prosa nada é tão defeituoso quanto manter sempre o mesmo ritmo. Ele mesmo por si cai notavelmente, por isso mesmo se deve recluir a monotonia. Estando eu na assembleia quando disse G. Carbão<sup>498</sup>, filho de Gaio, tribuno da plebe, estas palavras: “O M. Druse, patrem appello<sup>499</sup>” – estes dois *incisa*, cada um com dois pés – e depois os *membra*: “tu dicere solebas sacram esse rem publicam<sup>500</sup>” – estes *membra* de três pés.<sup>501</sup>

---

<sup>493</sup> Cf. 209.

<sup>494</sup> Cf. 221 e seguintes.

<sup>495</sup> Cf. 209.

<sup>496</sup> O objectivo é, nas discussões, comover e, nas exposições, provar.

<sup>497</sup> São dados exemplos nos parágrafos seguintes.

<sup>498</sup> Gaio Papírio Carbão Arvina foi tribuno da plebe em 90 ou 89 a.C. e pretor em 85 a.C.

<sup>499</sup> “Ó Marco Druso, chamo o pai”.

<sup>500</sup> “Tu costumavas dizer que a República é sagrada”.

<sup>501</sup> Trata-se de uma aplicação da lei dos membros crescentes, segundo a qual a frase vai crescendo à medida que vai avançando.

(214) post ambitus: ‘quicumque eam violavissent, ab omnibus esse ei poenas persolutas’ – dichoreus (nihil enim ad rem, extrema illa longa sit an brevis), deinde: ‘patris dictum sapiens temeritas filii comprobavit’ – hoc dichoreo tantus clamor contionis excitatus est, ut admirabile esset. quaero nonne id numerus effecerit. verborum ordinem immuta, fac sic: ‘comprobavit filii temeritas’: iam nihil erit, etsi ‘temeritas’ ex tribus brevibus et longa est, quem Aristoteles ut optimum probat (a quo dissentio).

(215) ‘at eadem verba, eadem sententia.’ animo istuc satis est, auribus non satis. sed id crebrius fieri non oportet: primum enim numerus agnoscitur, deinde satiat, postea cognita facilitate contemnitur.

(214) E depois o período “quicunque eam uiolauissent, ab omnibus esse ei poenas persolutas<sup>502</sup>” – um dicoreu (pois nenhuma diferença faz que a última sílaba seja longa ou breve) e em seguida: “patris dictum sapiens temeritas filii comprobauit<sup>503</sup>” – tanto clamor da assembleia foi gerado por este dicoreu, que foi admirável. Pergunto que ritmo porventura provocou esta reacção. Mudada a ordem das palavras fica assim: “comprobauit filii temeritas” – já nada existe, ainda que “temeritas” seja composta de três breves e uma longa, o pé que Aristóteles considerava o melhor<sup>504</sup> (em relação a isso sou de opinião diferente).

(215) “As mesmas palavras, as mesmas ideias”: isto é suficiente para o espírito, mas não para os ouvidos. Porém, este final não deve ser feito frequentemente pois, em primeiro lugar, conhece-se o ritmo, depois ele entedia e, por fim, conhecida a sua facilidade, despreza-se.

---

<sup>502</sup> “Quem quer que a ofendesse, por todos seriam cumpridos os castigos dele”.

<sup>503</sup> “O sábio dito do pai provou a temeridade do filho”.

<sup>504</sup> *Rh.*, III, 8

LXIV. Sed sunt clausulae plures, quae numerose et iucunde cadant. nam et creticus, qui est e longa et brevi et longa, et eius aequalis paeon, qui spatio par est, syllaba longior, quam commodissime putatur in solutam orationem illigari, cum sit duplex; nam aut e longa est et tribus brevibus (qui numerus in primo viget, iacet in extremo) aut <e> totidem brevibus et longa; in quem optime cadere censeret veteres, ego non plane reiicio, sed alios antepono.

(216) ne spondeus quidem funditus est repudiandus, etsi, quod est e longis duabus, hebetior videtur et tardior; habet tamen stabilem quendam et non expertem dignitatis gradum, in incisionibus vero multo magis et in membris; paucitatem enim pedum gravitate sua et tarditate compensat. sed hos cum in clausulis pedes nomino, non loquor de uno pede extremo: adiungo, quod minimum sit, proximum superiorem, saepe etiam tertium.

(217) ne iambus quidem, qui est e brevi et longa, aut par choreo qui habet tris brevis <trochaeus> (sed spatio par, non syllabis) aut etiam dactylus, qui est e longa et duabus brevibus, si est proximus a postremo, parum volubiliter pervenit ad extremum, si est extremus choreus aut spondeus; nunquam enim interest uter sit eorum in pede extremo. sed iidem hi tres pedes male concludunt, si quis eorum in extremo locatus est, nisi cum pro cretico postremus est dactylus. nihil enim interest, dactylus sit extremus an creticus, quia postrema syllaba brevis an longa sit ne in versu quidem refert.



LXIV. Mas são muitas as cláusulas que soam com harmonia e graça. De facto, não só o pé crético, que é composto de longa, breve e longa, mas também o seu igual, o péan – que é igual em tempo, mas é maior em uma sílaba e que se pensa ser mais conveniente inserir numa prosa, pois é duplo: na verdade, ou é composto de uma longa e três breves (ritmo que, no início, tem vigor e, no fim, esmorece) ou de três breves e uma longa<sup>505</sup>, no qual pensam os antigos<sup>506</sup> haver uma melhor cadência – eu não o rejeito completamente, mas prefiro outros.

(216) Mas nem mesmo o espondeu deve ser completamente repudiado, ainda que, como consiste em duas longas, pareça mais pesado e vagaroso<sup>507</sup>. Contudo, não está privado de uma certa estabilidade e um certo grau de dignidade, especialmente nos *incisa* e *membra*, pois compensa a escassez de pés com a sua gravidade e lentidão. Mas menciono aqueles pés como são usados nas cláusulas, não falo sobre o último pé, incluo pelo menos aquele que está próximo do último e também muitas vezes um terceiro.

(217) Nem o jambo que é composto de breve e longa ou o equivalente do coreu, o troqueu, que tem três breves (semelhante no tempo, mas não nas sílabas) ou mesmo o dáctilo, que é composto de uma longa e duas breves, se está próximo do fim, alcança o final da frase com pouca fluência se o último pé é um coreu ou espondeu, pois nunca interessa qual deles esteja no pé final mas estes três pés concluem mal uma frase: se um deles se situa no fim, excepto quando o final é um dáctilo em vez de um crético, pois não importa que o último pé seja um dáctilo ou um crético, porque no verso não importa se a última sílaba é breve ou longa.

---

<sup>505</sup> *Rh.*, III, 8.

<sup>506</sup> Nomeadamente Aristóteles, já que Isócrates e os restantes oradores gregos empregam o péan, mas não o buscam activamente.

<sup>507</sup> E, contudo, Cícero não nos diz claramente em que lugar da frase deve ser utilizado o espondeu. Cf. 224.

(218) quare etiam paeana qui dixit aptiorem, in quo esset longa postrema, vidit parum, quoniam nihil ad rem est, postrema quam longa sit. Iam paeana[a], quod pluris habeat syllabas quam tris, numerus a quibusdam, non pes habetur. est quidem, ut inter omnis constat antiquos, Aristotelem Theophrastum Theodectem Ephorum, unus aptissimus orationi vel orienti vel mediae; putant illi etiam cadenti, quo loco mihi videtur aptior creticus. Doch[i]mius autem, e quinque syllabis, brevi duabus longis brevi longa, ut est hoc ‘amicos tenes’, quovis loco aptus est, dum semel ponatur; iteratus aut continuatus numerum apertum et nimis insignem facit.

(218) Por esta razão aquele que disse que o péan, no qual a última sílaba é longa, é mais apto viu pouco, uma vez que não importa que a última sílaba seja longa. Para alguns, o péan é considerado um ritmo e não um pé porque tem mais de três sílabas. De facto, como se defende entre os antigos – Aristóteles, Teofrasto, Teodectes, Éforo – é o pé mais apto para o princípio ou para o meio da frase. Aqueles também pensam que é o melhor para o fim da frase, lugar para o qual me parece mais adequado o crético. O dócmio, composto de cinco sílabas, uma breve, duas longas, uma breve e uma longa, como por exemplo “amicos tenes”<sup>508</sup>, é apto não importa para que lugar, desde que seja usado uma única vez: repetido ou usado continuamente faz um ritmo excessivamente perceptível e marcado.

---

<sup>508</sup> “Amigos simples”.

LXV. (219) His igitur tot commutationibus tamque variis si utemur, nec deprehendetur manifesto quid a nobis de industria fiat et occurratur satietati.

Et quia non <numero solum> numerosa oratio sed et compositione fit et genere, quod ante dictum est, concinnitatis (compositione potest intellegi, cum ita structa verba sunt, ut numerus non quaesitus sed ipse secutus esse videatur, ut apud Crassum: ‘nam ubi lubido dominatur, innocentiae leve praesidium est’; ordo enim verborum efficit numerum sine ulla aperta oratoris industria); itaque si quae veteres illi, Herodotum dico et Thucydidem totamque eam aetatem, apte numeroque dixerunt, ea si<c> non numero quaesito, sed verborum collocatione ceciderunt.

(220) formae vero quaedam sunt orationis, in quibus ea concinnitas est ut sequatur numerus necessario. nam cum aut par pari refertur aut contrarium contrario opponitur aut quae similiter cadunt verba verbis comparantur, quidquid ita concluditur, plerunque sic <fit> ut numero cadat (quo de genere cum exemplis supra diximus), ut haec quoque copia facultatem afferat non semper eodem modo desinendi. nec tamen haec ita sunt arta et astricta ut ea, cum velimus, laxare nequeamus. multum interest utrum numerosa sit, id est similis numerorum, an plane e numeris constet oratio: alterum si fit, intolerabile vitium est, alterum nisi fit, dissipata et inculta et <dif>fluens est oratio.

LXV. (219) Se nos servirmos de tantas e tão diferentes variações, não se percebe o que é feito por nós propositada e intencionalmente e evita-se a monotonia. E ainda que a prosa rítmica não se faça apenas pelo ritmo, mas também pela disposição das palavras e por um tipo, como antes foi dito<sup>509</sup>, de harmonia. Pode ser compreendido por disposição das palavras quando as palavras são colocadas de tal forma que o ritmo não parece ser planeado, mas uma consequência natural, como em Crasso: “nam ubi lubido dominatur, innocentiae leue preaesidium est<sup>510</sup>” – a ordem das palavras produz um ritmo sem nenhum grande esforço do orador. De tal modo que se aqueles antigos, digo Heródoto, Tucídides e toda essa geração, disseram alguma coisa com adequação e ritmo, isto se deveu certamente não a um ritmo propositado, mas à disposição das palavras.

(220) Além disso, há algumas figuras de estilo, nas quais existe tal harmonia que surge necessariamente o ritmo, pois quando o igual corresponde ao seu igual ou o contrário se opõe ao seu contrário ou as palavras são comparadas com aquelas que terminam da mesma forma ou o que quer que se conclua dessa forma, geralmente têm uma cadência rítmica (sobre isto falámos acima com exemplos<sup>511</sup>), de forma que esta abundância produz também uma capacidade de não terminar uma frase sempre do mesmo modo. Contudo, estas regras não são de tal modo rígidas e vinculativas que não as possamos afrouxar quando quisermos. Muito interessa se a prosa é rítmica, ou seja, se é semelhante aos ritmos ou se se compõe inteiramente de ritmos: se for este o caso, é um defeito insuportável, se não for o outro, o estilo é desordenado, inculto e vago.

---

<sup>509</sup> Cf. 149, 164 - 165, 175, 181 e 202.

<sup>510</sup> “Onde domina a paixão, a inocência está perdida”: esta passagem é retirada do discurso que Crasso pronunciou, em 106 a.C., a favor da lei Servília que atribuía ao Senado a competência para julgar os casos de conjuras.

<sup>511</sup> Cf. 164 - 166 e 175.

LXVI. (221) Sed quoniam non modo non frequenter verum etiam raro in veris causis aut forensibus circumscripse numeroque dicendum est, sequi videtur, ut videamus quae sint illa quae supra dixi incisa, quae membra. haec enim in veris causis maximam partem orationis obtinent. constat enim ille ambitus et plena comprehensio e quattuor fere partibus, quae membra dicimus, ut et aures impleat et ne<q>ue brevior sit quam satis sit neque longior. quanquam utrumque nonnunquam vel potius saepe accidit, ut aut citius insistendum sit aut longius procedendum, ne brevitatis defrudasse aures videatur neve longitudo obtudisse. sed habeo mediocritatis rationem; nec enim loquor de versu et est liberior aliquanto oratio.

(222) e quattuor igitur quasi <h>exametrorum instar versuum quod sit constat fere plena comprehensio. his igitur singulis versibus quasi nodi apparent continuationis, quos in ambitu coniungimus. sin membratim volumus dicere, insistimus atque, cum opus est, ab isto cursu invidioso facile nos et saepe diiungimus. sed nihil tam debet esse numerosum quam hoc quod minime apparet et valet plurimum. ex hoc genere illud est Crassi: ‘missos faciant patronos; ipsi prodeant’: nisi intervallo dixisset ‘ipsi prodeant’, sensisset profecto se fudisse senarium. omnino melius caderet ‘prodeant ipsi’, sed de genere nunc disputo.

LXVI. (221) Mas, porque na prática forense e na vida privada não se deve falar frequentemente em frases periódicas e rítmicas<sup>512</sup>, mas raramente, assim parece seguir-se que examinemos quais são os *incisa* e os *membra*, que acima descrevi<sup>513</sup>, pois estes formam a maior parte do discurso na prática forense. O período e a frase completa compõem-se de aproximadamente quatro partes, que chamamos *membra*, para que sacie os ouvidos e não seja mais breve ou mais longo do que o suficiente. Todavia, acontece algumas vezes, ou melhor frequentemente, que se deve deter mais cedo ou prosseguir mais longe para que não pareça que a brevidade não pareça defraudar os ouvidos nem estes serem fatigados pelo longo período. Mas considero a média, pois não falo sobre a poesia e a prosa é bastante mais livre.

(222) A frase completa compõe-se de cerca de quatro *membra*, quase como se fossem hexâmetros<sup>514</sup>. Em cada uma dessas linhas aparecem como que nós de ligação que nós juntamos num período<sup>515</sup>. Se, pelo contrário, quisermos falar por *membra*, detemo-nos e, quando necessário, fácil e frequentemente nos desviamos deste caminho odioso, mas nada deve ser tão rítmico quanto este que é pouco notório mas tem muita eficácia. Deste tipo existe um exemplo em Crasso: “missos faciant patronos, ipsi prodeant”<sup>516</sup>. Se não tivesse feito um intervalo entre “ipsi prodeant”, pensaria, sem dúvida, ter feito um senário. Certamente, soaria muito melhor muito melhor “prodeant ipsi”, mas agora trato da questão em geral.

---

<sup>512</sup> Cf. 38.

<sup>513</sup> Cf. 211.

<sup>514</sup> Os hexâmetros dactílicos contêm entre doze e dezassete sílabas.

<sup>515</sup> Esta passagem é obscura e, segundo alguns comentadores provavelmente corrupta. A comparação parece ser feita com imagem de quatro ramos de flores atados de forma a formarem um grande ramalhete.

<sup>516</sup> “Deixem que abandonem os seus patronos, deixem que apareçam em pessoa”: a passagem pertence a um discurso de Crasso hoje perdido.

(223) ‘cur clandestinis consiliis nos oppugnant? cur de perfugis nostris copias comparant contra nos?’ prima sunt illa duo, quae κόμματα Graeci vocant, nos incisa dicimus; deinde tertium – κῶλον illi, nos membrum; sequitur non longa – ex duobus enim versibus, id est membris, perfecta est – comprehensio et in spondeos cadit. et Crassus quidem sic plerunque dicebat, idque ipse genus dicendi maxime probo.

LXVII. Sed quae incisim aut membratim efferuntur, ea vel aptissime cadere debent, ut est apud me: ‘domus tibi deerat? at habebas. pecunia superabat? at egebas.’

(224) haec incise dicta sunt quattuor, at membratim quae sequuntur duo: ‘incurristi amens in columnas, in alienos insanus insanisti.’ deinde omnia tanquam crepidine quadam comprehensione longiore sustinentur: “depressam, caecam, iacentem domum pluris quam te et quam fortunas tuas aestimasti” – dichoreo finitur. at spondeis proximum illud. nam in his, quibus ut pu[n]giunculis uti oportet, brevitates faciet ipsa liberiores pedes: saepe enim singulis utendum est, plerunque binis, et utri[u]sque addi pedis pars potest, non fere ternis amplius.



(223) “Cur clandestinis consiliis nos oppugnant? Cur de profugis nostris copias comparant contra nos?”<sup>517</sup>. Àqueles dois primeiros, que os Gregos chamam *κόμματα*, nós chamamos *incisa* e o terceiro, eles chamam *κῶλον*, nós, *membrum*, segue-se um período completo, mas não longo, que consiste em dois versos, ou seja, *membra*, que têm uma cadência em espondeu. Crasso geralmente falava desta forma e eu aprovo muito este estilo de discurso.

LXVII. Mas aqueles que se constroem em *incisa* e *membra*, esses devem ter uma cadência muito mais adequada, como no meu: “domus tibi deerat? At habebas. Pecunia superabat? At egebas.”<sup>518</sup>.

(224) Estes quatro são ditos como *incisa*, mas o que se segue são dois *membra*: “incurristi amens in columnas, in alienos insanus insanisti”<sup>519</sup>. Depois todo o passo é constituído como se se baseasse num longo período como uma barreira: “depressam, caecam, iacentem domum pluris quam te et quam fortunas tuas aestimasti”<sup>520</sup>. Conclui-se com um dicoreu, mas a frase anterior com espondeus, pois nestes, que se devem usar como pequenos punhais, a própria brevidade faz os pés mais livres: muitas vezes deve ser usado um, frequentemente dois, a um e outro pode ser acrescentada a parte de um pé, dificilmente mais do que três.

---

<sup>517</sup> “Porque nos atacam com planos secretos? Porque recrutam desertores das nossas fileiras para usar contra nós?”.

<sup>518</sup> Citação da Defesa de Escauro, sobrevivente em estado fragmentário: “Falta-te uma casa? Mas tiveste uma. Sobrava dinheiro? Mas precisavas dele.”

<sup>519</sup> “Louco, investiste contra as colunas; delirante, avançaste em desvario contra estranhos”.

<sup>520</sup> “Julgavas mais valiosa uma casa em ruínas, escura e prostrada do que tu próprio ou a tua fortuna”.

(225) incisim autem et membratim tractata oratio in veris causis plurimum valet, maxumeque iis locis, cum aut arguas aut refellas, ut nos[tra] in Cornelianā secunda: ‘o callidos homines, o rem excogitatam, o ingenia metuenda!’ – membratim adhuc; deinde caesim: ‘diximus’, rursus membratim: ‘testis dare volumus’; extrema sequitur comprehensio, sed ex duobus membris, qua non potest esse brevior: ‘quem, quaeso, nostrum fefellit ita vos esse facturos?’

(226) nec ullum genus est dicendi aut melius aut fortius <quam> binis aut ternis ferire verbis, nonnunquam singulis, paulo alias pluribus, inter quae variis clausulis interponit se raro numerosa comprehensio; quam perverse fugiens <H>egesias, dum ille quoque imitari Lysiam volt alterum paene Demosthenem, saltat incidens partículas; et is quidem non minus sententiis peccat quam verbis, ut non quaerat quem appellet ineptum qui illum cognoverit. sed ego illa Crassi et nostra posui, ut qui vellet auribus ipsis quid numerosum etiam in minimis particulis orationis esset iudicaret.

Et quoniam plura de numerosa oratione diximus quam quisquam ante nos, nunc de eius generis utilitate dicemus.

(225) O discurso formado de *incisa* e *membra* vale muito na prática forense, sobretudo naqueles casos, em que proves ou refutes, como na nossa segunda Defesa de Cornélio<sup>521</sup>: “o callidos homines, o rem excogitatum, o ingenia metuenda!”<sup>522</sup> – até agora em *membra*; depois um *incisum* “diximus”<sup>523</sup>; e, novamente, um *membrum* “testis dare uolumus”<sup>524</sup>. Segue-se o último período, composto por dois *membra*, no qual não se pode ser mais breve: “quem, quaeso, nostrum fefellit ita uos esse facturos?”<sup>525</sup>.

(226) Nenhum estilo de discurso é melhor ou mais forte do que atacar com duas ou três palavras, às vezes com uma e outras vezes com mais, entre as quais se insere raramente o período rítmico com várias cadências. Hegésias<sup>526</sup>, evitando isto perversamente, ao querer imitar Lísias<sup>527</sup>, que é quase um outro Demóstenes, salta cortando fragmentos. Além disso, ele erra não menos em pensamentos do que em palavras, de modo que aquele que o conhece não procura mais alguém a quem chamar desajeitado. Mas eu citei aqueles exemplos de Crasso e os nossos, para que aquele que o quiser julgue com os seus próprios ouvidos o que é rítmico mesmo nas pequenas partes do discurso. E visto que dissemos mais coisas sobre a prosa rítmica do que qualquer outro antes de nós<sup>528</sup>, agora falaremos sobre a utilidade desse estilo.

---

<sup>521</sup> *In Cornelianiana Secunda*, 103 e 108.

<sup>522</sup> “Ó homens perspicazes, ó ingenuidade, ó engenho perigoso!”.

<sup>523</sup> “Dissemos”.

<sup>524</sup> “Queremos dar um testemunho”.

<sup>525</sup> “Quem dos nossos, pergunto-me, falhou ao saber que irias agir assim?”.

<sup>526</sup> Hegésias de Magnésia (século III a.C.), retor e historiador grego, biógrafo de Alexandre, o Grande. É apontado por Estrabão (XIV, 648) como o fundador do estilo asiático de composição.

<sup>527</sup> A ironia é aqui dirigida aos aticistas que, desprezando o estilo asiático, elegiam Lísias como o seu modelo.

<sup>528</sup> Não só entre os Romanos, pois também os Gregos, nos seus tratados, ignoraram esta questão.

LXVIII. (227) Nihil enim est aliud, Brute, quod quidem tu minime omnium ignoras, pulchre et oratorie dicere nisi optimis sententiis verbisque lectissimis dicere. et nec sententia ulla est, quae fructum oratori ferat, nisi apte exposita atque absolute, nec verborum lumen apparet nisi diligenter collocatorum; et horum utrunque numerus illustrat, numerus autem – saepe enim hoc testandum est – non modo non poetice vinctus verum etiam fugiens *illud* eique omnium dissimillimus. non quin idem sint numeri non modo oratorum et poetarum, verum omnino loquentium, denique etiam sonantium omnium quae metiri auribus possumus; sed ordo pedum facit ut id quod pronuntiatur aut orationis aut poematis simile videatur.

LXVIII. (227) Na verdade, proferir um discurso com beleza e à maneira dos oradores não é outra coisa, Bruto – e isto tu de modo algum ignoras -, a não ser falar com os melhores pensamentos e palavras escolhidas. Além disso, nem há nenhum pensamento que traga benefício ao orador, a não ser que seja exposta de forma adequada e perfeita, nem a luz das palavras se revela, com exceção das cuidadosamente colocadas. O ritmo abrilhanta ambos, o ritmo, todavia – isto deve ser muitas vezes repetido<sup>529</sup> –, não só não deve ser agrilhado pela poesia, como também, fugindo disso, não deve ser totalmente diferente. Não que os ritmos da prosa e da poesia não sejam os mesmos<sup>530</sup> – e, de maneira geral, de todo o discurso e, em suma, todos aqueles sons que podemos medir com os ouvidos –, mas a ordem dos pés faz que aquilo que é pronunciado pareça semelhante à prosa ou à poesia.

---

<sup>529</sup> Cf. 187, 195, 198, 201 e 202.

<sup>530</sup> Cf. 188.

(228) hanc igitur sive compositionem sive perfectionem sive numerum vocari placet, [et] adhibere necesse est, si ornate velis dicere, non solum, quod ait Aristoteles et Theophrastus, ne infinite feratur ut flumen oratio, quae non aut spiritu pronuntiantis aut interductu librari, sed numero coacta debet insistere, verum etiam quod multo maiorem habent apta vim quam soluta. ut enim athletas nec multo secus gladiatores videmus nihil nec vitando facere caute nec petendo vehementer, in quo non motus hic habeat palaestram quandam, ut quicquid in his rebus fiat utiliter ad pugnam idem ad aspectum etiam sit venustum, sic orator nec plagam gravem facit, nisi petitio fuit apta, nec satis tecte declinat impetum, nisi etiam in cedendo quid deceat intellegit.

(229) itaque, qualis eorum motus quos ἀπαλαίστρους Graeci vocant, talis horum mihi videtur oratio, qui non claudunt numeris sententias, tantumque abest ut – quod ii qui hoc aut magistrorum inopia aut ingenii tarditate aut laboris fuga non sunt assecuti solent dicere—enervetur oratio compositione verborum, ut aliter in ea nec impetus ullus nec vis esse possit.

(228) Então, isto, quer agrade chamar-lhe composição, perfeição ou ritmo, deve ser usado se quiseses falar com elegância não só para, como disseram Aristóteles<sup>531</sup> e Teofrasto, que a frase não avance sem limite como um rio, não porque falta o fôlego ao que fala ou por uma marca de pontuação feita pelo copista, mas deve parar por força do ritmo, porque o período é muito mais poderoso do que as frases livres, pois, tal como vemos os atletas e, de maneira não muito diferente, os gladiadores nada fazer, nem para se defender com precaução nem para atacar com vigor, em que o movimento não tenha alguma elegância, de forma que o que quer que nos seus assuntos se faça com proveito para o combate, também seja bonito de ver, assim também o orador não causa um dano grave, a não ser que o ataque seja adequado, nem evita com segredo suficiente a investida, a não ser que saiba o que fica bem ao defender-se.

(229) Deste modo, o discurso daqueles que não formam as frases com uma cadência rítmica lembra-me o movimento daqueles que os Gregos chamam *ἀπαλαίστρους*. E tanto se afasta (coisa que aqueles costumam dizer que, por falta de mestres, lentidão de engenho ou fuga ao trabalho não são bem-sucedidos) que o discurso enfraquece pela disposição das palavras porque de outra maneira não pode haver força e vigor.

---

<sup>531</sup> Cf. *Rh.*, III, 8.

LXIX. Sed magnam exercitationem res flagitat, ne quid eorum qui genus hoc secuti non tenuerunt simile faciamus, ne aut verba traiciamus aperte, quo melius aut cadat aut volvatur oratio.

(230) quod se L. Caelius Antipater in prooemio Belli Punici nisi necessario facturum negat; o virum simplicem, qui nos nihil celet, sapientem qui serviendum necessitati putet! sed hic omnino rudis, nobis autem in scribendo atque in dicendo necessitatis excusatio non probatur; nihil est enim necesse et, si quid esset, id necesse tamen non erat confiteri. et hic quidem, qui hanc a L. Aelio, ad quem scripsit, cui se purgat, veniam petit, et utitur ea traiectione verborum et nihilo tamen aptius explet concluditque sententias. apud alios autem et Asiaticos maxime numero servientes inculcata reperias inania quaedam verba quasi complementa numerorum. sunt etiam qui illo vitio, quod ab Hegesia maxime fluxit, infringendis concidendisque numeris in quoddam genus abiectum inciderunt  $\perp$ siculorum $\perp$  simillimum.



LXIX. Mas isto exige muita prática para que não façamos o mesmo erro deles que, depois de tentarem, não dominaram este estilo: as palavras não são transpostas de forma ostensiva só para que o discurso termine ou flua com uma melhor cadência.

(230) L. Célio Antípatro<sup>532</sup> diz, no prefácio da Guerra Púnica, que não irá fazer tal coisa, senão quando for inevitável. Ó homem simples que nada nos escondeu! Sabedor, porque pensou servir a necessidade! Mas ele é completamente ignorante! Para nós não se trata da desculpa da necessidade: na escrita ou no discurso falado, nada é necessário e, se fosse, não seria, contudo, necessário confessá-lo. E este que pediu esse perdão a L. Élio<sup>533</sup>, a quem dedicou a sua obra e a quem se desculpa, não só transpôs palavras, como nem por isso adorna ou conclui as frases de forma mais elegante. Entre os outros oradores e, sobretudo, os Asiáticos, que são obedientes ao ritmo, encontra-se inseridas algumas palavras supérfluas, como que complementos do ritmo<sup>534</sup>. Alguns caem também naquele vício que flui desde Hegésias e, cortando e partindo os ritmos, caem num estilo inferior e semelhante a versinhos.

---

<sup>532</sup> Lúcio Célio Antípatro, retor e jurisconsulto romano do século II a.C. Escreveu, por volta do ano 120 a.C., uma história da Segunda Guerra Púnica (218 - 202 a.C.), em sete livros, dos quais sobrevivem alguns fragmentos.

<sup>533</sup> Lúcio Élio Preconino (154 - 74 a.C.) terá sido, em termos cronológicos, o primeiro gramático latino.

<sup>534</sup> Cf. 40.

(231) tertium est in quo fuerunt fratres illi Asiaticorum rhetorum principes Hierocles et Menecles minime mea sententia contemnendi ; etsi enim a forma veritatis et ab Atticorum regula absunt, tamen hoc vitium compensant vel facultate vel copia. sed apud eos varietas non erat, quod omnia fere concludebantur uno modo. quae vitia qui fugerit, ut neque verbum ita traiciat ut id de industria factum intellegatur, neque inferciens verba quasi rimas expleat nec minutos numeros sequens concidat delumbetque sententias, nec sine ulla commutatione in eodem semper versetur genere numerorum, is omnia fere vitia vitaverit. nam de laudibus multa diximus, quibus sunt <⚡>alia perspicue vitia contraria.

(231) O terceiro erro é aquele em que incorrem aqueles primeiros retores Asiáticos, os irmãos Hiérocles e Ménecles<sup>535</sup>, que, na minha opinião, não devem ser desprezados, ainda que estejam afastados da forma da verdade e da regra dos Áticos<sup>536</sup>, contudo, compensam este erro com talento e riqueza de estilo<sup>537</sup>. Porém, neles não há variedade, pois todas as suas frases são geralmente concluídas do mesmo modo. Aquele orador que evite estes erros de tal forma que não transponha as palavras para que se perceba que o faz voluntariamente, não acrescente palavras como se preenchesse brechas, não corte e enfraqueça as frases, ao procurar ritmos diminutos, e não use sempre o mesmo tipo de ritmos sem nenhuma variação, evitará quase todos estes erros. Já dissemos muitas coisas sobre as virtudes às quais tais vícios são muito claramente contrários.

---

<sup>535</sup> Hiérocles e Ménecles de Alabanda, na Cária, viveram entre o final do século II e no início do século I a.C. Parecem ter tido uma predileção pelas características do estilo asiático referidas neste capítulo.

<sup>536</sup> Porque os Asiáticos se consagram ao género epidíctico em vez de tratarem de causas reais.

<sup>537</sup> Brut., XCV, 325.

LXX. (232) Quantum autem sit apte dicere, experiri licet, si aut compositi oratoris bene structam collocationem dissolvas permutatione verborum; corrumpatur enim tota res, ut et haec nostra in Cornelianam et deinceps omnia: ‘neque me divitiae movent, quibus omnis Africanos et Laelios multi venalicii mercatoresque superarunt’; immuta paululum, ut sit ‘multi superarunt mercatores venaliciiique’: perierit tota res. et quae secuntur: ‘neque vestis aut caelatum aurum et argentum, quo nostros veteres Marcellos Maximosque multi eunuchi e Syria Aegyptoque vicerunt’; verba permuta sic ut sit ‘vicerunt eunuchi e Syria Aegyptoque’. adde tertium: ‘neque vero ornamenta ista villarum, quibus L. Paul<l>um et L. Mummius, qui rebus his urbem Italiamque omnem referserunt, ab aliquo video perfacile Deliaci aut Syro potuisse superari’; fac ita: ‘potuisse superari ab aliquo Syro aut Deliaci’.

LXX. (232) Quão importante é falar de forma adequada pode ser demonstrado se dissolveres a bem ordenada estrutura do orador de estilo cuidado com uma troca de palavras – toda a forma seria corrompida como nesta nossa Defesa de Cornélio<sup>538</sup> e depois as outras: “neque me diuitiae mouent, quibus omnis Africanos et Laelios multi uernalicii mercatoresque superarunt”<sup>539</sup>. Muda-a apenas um pouco para que seja “multi superarunt mercatores uernalicii” e toda a passagem se estraga e também as que se seguem “neque uestis aut caelalum aurum et argentum, quo nostros ueteres Marcellos Maximosque multi eunuchi e Syria Aegyptoque uicerunt”<sup>540</sup> mudadas as palavras para que sejam “uicerunt eunuchi e Syria Aegyptoque”. Acrescenta um terceiro exemplo: “neque uero ornamenta ista uillarum, quibus L. Paullum et L. Mummium, qui rebus his urbem Italiamque omnem refecerunt, ab aliquo uideo perfacile Deliaci aut Syro potuisse superari”<sup>541</sup>; faz assim “potuisse superari ab aliquo Syro aut Deliaci”.

---

<sup>538</sup> Cf. 225.

<sup>539</sup> “Eu não sou movido pela sua riqueza, a qual muitos mercadores e mercadores de escravos ultrapassaram todos os Africanos e Lélcio”.

<sup>540</sup> “Nem as vestes, nem o ouro cinzelado nem a prata, nos quais os nossos antigos heróis, Marcelos e Máximos, foram ultrapassados por muitos eunucos da Síria e do Egipto”.

<sup>541</sup> “Nem aqueles ornamentos das tuas propriedades, nos quais Lúcio Paulo e Lúcio Múmio, que encheram Roma e toda a Itália com tesouros, podiam ser facilmente ultrapassados por qualquer negociante de escravos de Delos ou da Síria”.

(233) videsne ut ordine verborum paululum commutato, isdem tamen verbis stante sententia, ad nihilum omnia recidant, cum sint ex aptis dissoluta? aut si alicuius inconditi arripias dissipatam aliquam sententiam eamque ordine verborum paululum commutato in quadrum redigas, efficiatur aptum illud, quod fuerit antea diffluens ac solutum. age sume de Gracchi apud censores illud: ‘abesse non potest quin eiusdem hominis sit probos improbare, qui improbos probet’; quanto aptius, si ita dixisset: ‘quin eiusdem hominis sit qui improbos probet probos improbare’.

(234) Hoc modo dicere nemo unquam noluit nemoque potuit quin dixerit; qui autem aliter dixerunt, hoc assequi non potuerunt. ita facti sunt repente Attici; quasi vero Trallianus fuerit Demosthenes! cuius non tam vibrarent fulmina illa, nisi numeris contorta ferrentur.

(233) Vês como, quando se muda ligeiramente a ordem das palavras, embora as palavras e os pensamentos se mantenham, toda a frase colapsa, visto que se afasta do que é adequado? E se tomares uma frase desordenada de algum orador descuidado, uma vez alterada levemente a ordem das palavras para que conduzas a frase a essa forma ideal, aquilo que antes fora indefinido e vago torna-se elegante. Observa este exemplo de Graco<sup>542</sup> perante os Censores<sup>543</sup>: “abesse non potest quin eiusdem hominis sit probos improbare, qui improbos probet”<sup>544</sup>. Seria tão mais elegante se assim dissesse: “quin eiusdem hominis sit qui improbos probet probos improbare”.

(234) Ninguém alguma vez recusou falar deste modo e ninguém que o pudesse recusou fazê-lo, mas aqueles que falaram de outro modo não puderam consegui-lo. Assim, tornaram-se repentinamente áticos, como se Demóstenes fosse Traliano<sup>545</sup>. Os seus famosos raios não teriam vibrado tanto, se os ritmos não os tivessem tornado impetuosos.

---

<sup>542</sup> Gaio Semprônio Graco (154 - 121 a.C.), eleito tribuno da plebe em 123 e 122 a.C., tentou reformular as propostas do seu irmão, Tibério Semprônio Graco (ca. 169 - 133 a.C.), alargando o seu alcance. A crise por elas causada no seio da classe política romana levaram à sua morte às mãos dos senadores romanos, em 121 a.C.

<sup>543</sup> Magistrados responsáveis por realizar o censo, garantir a moralidade pública e supervisionar certos aspectos das finanças governamentais.

<sup>544</sup> “É certo que o homem que aprova a vontade perversa, desaprova o bom”. O fragmento é retirado de um discurso, pronunciado em 124 a.C., no qual Graco defendia o seu regresso da província para o qual fora nomeado sem ter sido oficialmente autorizado pelo Senado para o fazer.

<sup>545</sup> Um habitante de Trales, cidade da Cária, pátria dos oradores asiáticos Dionísides e Damas.

LXXI. Sed si quem magis delectant soluta, sequatur ea sane, modo sic ut, si quis Phidiae clipeum dissolverit, collocationis universam speciem sustulerit, non singulorum operum venustatem; ut in Thucydide orbem modo orationis desidero, ornamenta comparent.

(235) isti autem cum dissolvunt orationem in qua nec res nec verbum ullum est nisi abiectum, non clipeum, sed, ut in proverbio est (etsi humiliter dictum est tamen simile est), scopas, ut ita dicam, mihi videntur dissolvere. atque ut plane genus hoc quod ego laudo contempsisse videantur, aut scribant aliquid vel Isocrateo more vel quo Aeschines aut Demosthenes utitur: tum illos existimabo non desperatione reformidavisse genus hoc, sed iudicio refugisse; aut reperiam ipse eadem condicione qui uti velit, ut aut dicat aut scribat utra voles lingua eo genere quo illi volunt; facilius est enim apta dissolvere quam dissipata conectere.



LXXI. Mas, se as frases livres agradam muito a alguém, que as use razoavelmente. É com se alguém desmontasse o escudo de Fídias<sup>546</sup>: destruiria a beleza da composição mas não a das peças singulares. Assim também eu sinto falta em Tucídides apenas da estrutura periódica, mas os ornamentos estão lá.

(235) Quando estes Áticos fragmentam o discurso, no qual nem há assunto nem palavra alguma que não seja humilde, parecem-me destruir não um escudo, mas, como diz o provérbio (este é um dito mais humilde, mas, contudo, a situação é semelhante), parecem-me que desconjuntam, se assim o posso dizer, uma vassoura. Visto que eles parecem desprezar completamente o estilo, que louvo, que escrevam segundo o estilo de Isócrates ou daquele que usaram Ésquines e Demóstenes: então, julgarei que eles não evitaram este estilo por desespero, mas que se afastaram dele por princípio e descobrirei, eu próprio, alguém que se queira servir desta preparação para falar ou escrever, em qualquer língua que queiras, no estilo que eles querem, pois é mais fácil dissolver a frase bem-ordenada do que compôr a desordenada.

---

<sup>546</sup> O escudo da estátua de Atenas *Partenos*, da autoria de Fídias.

(236) res se autem sic habet, ut brevissime dicam quod sentio: composite et apte sine sententiis dicere insania est, sententiose autem sine verborum et ordine et modo infantia, sed eius modi tamen infantia, ut ea qui utantur non stulti homines haberi possint, etiam plerunque prudentes. quo qui est contentus utatur; eloquens vero, qui non approbationes solum sed admirationes, clamores, plausus, si liceat, movere debet, omnibus oportet ita rebus excellat, ut ei turpe sit quicquam aut spectari aut audiri libentius.

(237) Habes meum de oratore, Brute, iudicium. quod aut sequere, si probaveris, aut tuo stabis, si aliud quoddam est tuum. in quo neque pugnabo tecum neque hoc meum, de quo tantopere hoc libro asseveravi, umquam affirmabo esse verius quam tuum. potest enim non solum aliud mihi ac tibi, sed mihi met ipsi aliud alias videri. nec in hac modo re, quae ad volgi adsensum spectet et ad aurium voluptatem, quae duo sunt ad iudicandum levissima, sed ne in maximis quidem rebus quicquam adhuc inveni firmitus, quod tenerem aut quo iudicium meum derigerem, quam id quodcunque mihi quam simillimum veri videretur, cum ipsum illud verum tamen in occulto lateret.

(238) tu autem velim, si tibi ea quae disputata sunt minus probabuntur, ut aut maius opus institutum putes quam effici potuerit, aut dum tibi roganti voluerim obsequi, verecundia negandi scribendi me impudentiam suscepisse.

(236) Para dizer com brevidade o que penso, o que se passa é o seguinte: falar com um ritmo harmonioso e adequado sem ideias é uma loucura e falar com ideias sem uma ordem de palavras e ritmo é uma infantilidade, mas, todavia, essa infantilidade é tal que aqueles que a usam podem ser considerados não estultos mas geralmente sábios. Aquele que usa isto dá-se por satisfeito. Mas o orador eloquente, que deve provocar não só a aprovação, mas também a admiração, o clamor e o aplauso, se puder, deve salientar-se de tal forma em todas as coisas que para ele seja vergonhoso que qualquer outra coisa seja esperada ou ouvida com mais agrado.

(237) Tens, Bruto, a minha opinião sobre o orador. Segue-a se a aprovares ou conforma-te com a tua, se alguma outra for a tua: nisto não lutarei contigo, nem este meu juízo, sobre o qual me bati com tanto esforço neste livro, afirmarei algum dia ser mais verdadeiro que o teu: não só pode parecer uma coisa a mim e outra a ti, como pode parecer-me a mim uma ou outra coisa em tempos diferentes. Não só neste assunto, que aspira à aprovação do vulgo e ao prazer dos ouvidos, que são ambos de pouco peso para a formulação de um veredicto, mas, nos assuntos mais importantes, não encontrei ainda nada mais seguro que eu possa agarrar ou com que forme a minha opinião do que aquele que a mim mais parece semelhante à verdade, embora o que é verdadeiro se esconda na obscuridade.

(238) Queria que tu, se não aprovas as ideias que debati, consideres que uma obra maior do que é possível ser feito foi empreendida e que, ao querer ir ao encontro da tua vontade, a ti que o rogavas, o meu pudor em negar fez-me assumir a imprudência de escrever.



## Bibliografia

### A. Edições de referência de autores da Antiguidade

#### ARISTÓTELES

*Rhetorica*, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, 2ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. ISBN 972-27-2377-9.

#### CÍCERO

*Ad Familiares*, 6, 18. Disponível em <http://perseus.uchicago.edu/perseus/cgi/citequery3.pl?dbname=PerseusLatinTexts&getid=1&query=Cic.%20Fam.%206.18>.

*Brutus*, introdução, tradução e notas de José Sílvio Moreira Fernandes, Lisboa, 1987, Tese de mestrado em Literaturas Clássicas.

*De oratore*, tradução de E. Sutton, London: William Heinemann Ltd, 1967.

#### *Orator*

- edição de Rolf Westman, Leipzig: BSB Teubner Verlagsgesellschaft, 1980;

- edição Francesco Galli, Milano: Carlo Signorelli Editore, 1973;

- edição e tradução de H. Hubbell, London: William Heinemann Ltd, 1971;

- edição de A. Wilkins, Oxford: E Typographeo Clarendoniano, 1970;

- edição e tradução de Albert Yon, Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1964;

- edição e tradução de Henri Bornecque, Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1921.

*Partitiones Oratoriae*, estudo e tradução de Nídia Emanuel Magalhães Pinheiro, Porto, 2010, Tese de mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Literaturas Clássicas.

## PLATÃO

*Gorgias*, introdução, tradução e notas de Manuel Oliveira Pulquério, Lisboa: Edições 70, 1991. ISBN 972-44-0864-7.

*Phaedrus*, introdução, tradução e notas de José Ribeiro Ferreira, Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN 978-972-44-1595-6.

*Respublica*, introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. ISBN 978-972-31-0509-8

## B. Monografias

ALBRECHT, Michael von, *Cicero's style: a synopsis*, Leiden: Brill, 2003. ISBN 90 04 12961 8.

ALBRECHT, Michael von, *A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius: with special regard to its influence on world literature*, Leiden: Brill, 1997. ISBN 90 04 10712 6.

BARILLI, Renato, *Retórica*, Lisboa: Presença, 1983.

BICKEL, Ernst, *Historia de la Literatura Latina*, Madrid: Gredos, 2009. ISBN 978-84-249-0196-7.

CERUTTI, Steven, *Cicero's accretive style: rhetorical strategies in the Exordia of the judicial speeches*, Lanham: University Press of America, 1996. ISBN 0-7618-0438-2.

CITRONI, Mario, *Literatura de Roma Antiga*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. ISBN 972-31-1148-9.

CONLEY, Thomas, *Rhetoric in the European Tradition*, Chicago: The University of Chicago Press, 1994. ISBN 978-0-226-11489-7.

CONNOLLY, Joy, *The state of speech: rhetoric and political thought in ancient Rome*, Princeton : Princeton University Press, 2007. ISBN 978-0-691-12364-6.

CONTE, Gian, *Latin literature : a history*, Baltimore : John Hopkins University Press, 1994. ISBN 0-8018-4638-2.

DESMOULIEZ, André, *Cicéron et son goût : essai sur une définition d'une esthétique romaine à la fin de la République*, Bruxelles : Latomus, 1976.

DUARTE, Rui, *Comentários ao tratado sobre os Estados de causa de Hermógenes de Tarso por autor anónimo*, Aveiro, 2006, Tese de doutoramento em Literatura. Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/4846>.

FANTHAM, Elaine, *The Roman world of Cicero's De Oratore*, Oxford: Oxford University Press, 2004. ISBN 0-19-926315-9.

FANTHAM, Elaine, *Roman literary culture: from Cicero to Apuleius*, Baltimore: John Hopkins University Press, 1996.

FOX, Matthew, *Cicero's philosophy of history*, New York: Oxford University Press, 2009. ISBN 978-0-19-921192-0.

GWYNN, Aubrey, *Roman education from Cicero to Quintilian*, New York: Teachers College Press, 1966.

HAURY, Auguste, *L'ironie et l'humour chez Cicéron*, Leiden : Brill, 1955.



JESUS, Carlos, *O Ritmo na Prosa*, Campinas, 2014, Tese de doutoramento em Linguística. Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270899/1/Jesus\\_CarlosRenatoR.de\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270899/1/Jesus_CarlosRenatoR.de_D.pdf).

KENNEDY, George, *The art of rhetoric in the Roman world : 300 B.C.-A.D. 300*, Princeton: Princeton University Press, 1972. ISBN 0-691-03505-9.

LAUSBERG, Heinrich, *Manual de Retórica Literaria: Fundamentos de una Ciencia de la Literatura*, Madrid: Gredos, 1993. ISBN 972-31-0119-X.

LOURENÇO, João Daniel, *Cícero*, Mem Martins: Inquérito, 1999. ISBN 972-670-342-5.

MAROUZEAU, J., *Traité de Stylistique Latine*, Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1970.

MITCHELL, Thomas, *Cicero: the Ascending Years*, New Haven: Yale University Press, 1979. ISBN 0-300-02277-8.

MURPHY, James, *Sinopsis histórica de la retórica clásica*, Madrid: Gredos, 1983. ISBN 84-249-1299-3.

NIEDERMANN, Max, *Précis de Phonétique Historique du Latin*, Paris: Klincksieck, 1997.

PEREIRA, Belmiro Fernandes, *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012. ISBN 978-972-27-1971-1.

RAMBAUD, Michel, *Cicéron et l'Histoire Romaine*, Paris : Société d'Édition Les Belles Lettres, 1953.

STEEL, Catherine, *Reading Cicero*, London: Duckworth, 2005. ISBN 0-7156-3279-5.

TAYLOR, David, *Cicero and Rome*, Bristol: Bristol Classical Press, 2001. ISBN 1-85399-506-1.

VICENTE, María Dolores, *Retórica clásica y oralidad*, Málaga: Universidad de Málaga, 2005. ISBN 84-95073-41-2.

WARD, John, *Ciceronian rhetoric in treatises, scholion and commentary*, Turnhout: Brepols, 1995.

### C. Publicações Periódicas

COREA, Andrés (2002), “Lenguaje, belleza y verdad en Cicerón y San Agustín: las encrucijadas de la persuasión”, *Teología y Vida*, Santiago, 2012, vol. 43. 2 - 3, pp. 187 - 195. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0049-34492002000200008](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492002000200008).

COREA, Andrés, “Orator perfectus: la réplica de San Agustín al rétor ideal de Cicerón”, *Teología y Vida*, Santiago, 2007, vol. 48. 2 - 3, pp. 144 - 147. Disponível em [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0049-34492007000200003](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492007000200003).

HENDRICKSON, G.L., “The Origin and Meaning of the Ancient Characters of Style”, *The American Journal of Philology*, Baltimore, 1905, v.ol. 26, 3, pp. 249 - 290. Disponível em: <https://www.jstor.org/journal/amerjphil>.

PERNOT, Laurent, “Aristóteles e os seus Precursores. Para uma Arquologia do Discurso Deliberativo”, *Letras Clássicas*, 2000, nº4, pp. 63 - 76. Disponível em: [www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/download/73780/77446](http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/download/73780/77446).

YON, Albert, “ Sur la composition de *l'Orator* de Cicéron”, *Bulletin de l'Association Guillaume Budé : Lettres d'humanité*, 1958, vol. 17, 4, 70 - 84.

#### D. Actas e Capítulos de livros

ATWILL, Janet, “Aristotle (384-322 BCE)”, *Classical rhetorics and rhetoricians: critical studies and sources*. Ed. Michelle Ballif and Michael G. Moran, Westport, Connecticut : Praeger, 2005, pp. 51 - 64. ISBN 0-313-32178-7.

BIELER, Ludwig, “De los Gracos a la Muerte de Cicéron”, *Historia de la literatura romana*, Madrid : Gredos, 1968, pp. 104 - 175.

BISHOP, Caroline, “Roman Plato or Roman Demosthenes? The Bifurcation of Cicero in Ancient Scholarship”, *Brill's companion to the reception of Cicero*. Ed. William H. F. Altman, Leiden: Brill, 2015, pp. 283 - 306. ISBN 978-90-04-23526-7.

BLAIR, Hugh, “Eloquence, or Public Speaking”, *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*, Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2005, pp. 264 - 275.

CASPAR, Timothy, “Oratory and Philosophy in Cicero’s Rhetorical Books”, *110th Annual Meeting of the American Political Science Association*, Washington D.C., 2014. 28-31 Agosto.

Disponível em [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2516778](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2516778).

CORBEILL, Anthony, “Rhetorical Education on Cicero’s Youth”, *Brill’s Companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Leiden: Brill, 2015, pp. 23 - 48. ISBN 978-0-521-72980-2.

DELLANEVA, JoAnn, “Following their own Genius: Debates on Ciceronianism in 16<sup>th</sup> Century Italy”, *Brill's companion to the reception of Cicero*. Ed. William H. F. Altman, Leiden: Brill, 2015, pp. 357 - 375. ISBN 978-90-04-23526-7.

DUNGAN, John, “Cicero’s Rhetorical Theory”, *The Cambridge companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 25 - 40. ISBN 978-0-521-72980-2.

ENOS, Richard Leo, “Marcus Tullius Cicero (106-43 BCE)”, *Classical rhetorics and rhetoricians: critical studies and sources*. Ed. Michelle Ballif and Michael G. Moran, Westport, Connecticut: Praeger, 2005, pp. 101 - 110. ISBN 0-313-32178-7.

GONZALEZ, Antonio Alberte, “Escritos Retóricos”, *Historia de la literatura latina*. Carmen Codoñer, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, pp. 365 - 388. ISBN 978-84-7800-399-0.

GONZALEZ, Antonio Alberte, *Ciceron ante la retorica : la auctoritas platonica en los criterios retoricos de Ciceron*, Valladolid: Universidad de Valladolid, 1987, pp 15 - 23. ISBN84-7762-017-2.

GRAF, Fritz, *Gestures and conventions: the gestures of Roman actors and orators*, *A Cultural History Of Gesture*. Ed. Jan Bremmer e H Roodenburg, Groningen, 1991. Disponível em <http://www.rug.nl/research/portal/files/3346043/BremmerH2.pdf>.

GRANT, Michael, “Cicero”, *Roman literature*, Middlesex: Penguin Books, 1958, pp. 37 - 80.

GUÉRIN, Charles, “Philosophical Decorum and the Literarization of Rhetoric in Cicero’s Orator”. *Literary and Philosophical Rhetoric in the Greek, Roman, Syriac and Arabic World*, Ed. Frédérique Woerther, 2009, pp. 119 - 139. ISBN 978-3-487-139990-6. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01092819>.

GUÉRIN, Charles, “Orator 128: Cicéron et la Catégorie rhétorique de l’ethikon”, *Les Norms du Style*. Ed. P. Chiron & Lévy, Louvain : Éditions Peeters, 2010, pp. 143 - 164. Disponível em : [https://www.researchgate.net/profile/Charles\\_Guerin/publication/269709809\\_Orator\\_128\\_Cicéron\\_et\\_la\\_categorie\\_stylistique\\_de\\_l%27ethikon/links/54ca93580cf2c70ce5226fdf.pdf?origin=publication\\_list](https://www.researchgate.net/profile/Charles_Guerin/publication/269709809_Orator_128_Cicéron_et_la_categorie_stylistique_de_l%27ethikon/links/54ca93580cf2c70ce5226fdf.pdf?origin=publication_list).

KENNEDY, George (2015), “Cicero’s Oratorical and Rhetorical Legacy”, *Brill’s Companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Leiden: Brill, 2015, pp. 481 - 501. ISBN 978-0-521-72980-2.

MAY, James, “Cicero: His Life and Career”, *Brill’s Companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Leiden: Brill, 2015, pp. 1 - 21. ISBN 978-0-521-72980-2.

MAY, James, “Ciceronian Oratory in Context”, *Brill’s Companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Leiden: Brill, 2015, pp. 47 - 70. ISBN 978-0-521-72980-2.

MAY, James, “Cicero as Rhetorician”, *A companion to Roman rhetoric*, Ed. William Dominik and Jon Hall, Malden: Blackwell, 2007, pp. 250 - 263. ISBN 978-1-4051-2091-3.

MICHEL, Alain (1991), “Cicéron et le classicisme“, *L' autorité de Cicéron de l'Antiquité au XVIIIe siècle : actes de la Table ronde*, Reims, 1991, 11 de Dezembro, org. Jean-Pierre Néraudau, pp. 17 - 28.

MICHEL, Alain, “ La théorie de la rhétorique chez Cicéron : éloquence et philosophie”, *Éloquence et Rhétorique chez Cicéron : sept exposés suivis de discussions*. Ed. Wilfried Stroh: Genève: Fondation Hardt, 1982, pp. 109 - 147.

NARDUCCI, Emanuele, “Orator and the Definition of the Ideal Orator”, *Brill's Companion to Cicero*. Ed. Catherine Steel, Leiden: Brill, 2015, pp. 427 - 443. ISBN 978-0-521-72980-2.

PACHECO, Gustavo, “Retórica e nova retórica: a tradição grega e a teoria da argumentação de Chaim Perelman”, 2006. Disponível em <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25334-25336-1-PB.pdf>.

PARDO, Antonio, “Retórica y filosofía en tres modelos clásicos: Gorgias, Aristóteles, Cicéron”, *A Retórica Greco-Latina e a sua Perenidade: actas do Congresso*, Coimbra, 1997. Março 11-14, Ed. José Ribeiro Ferreira, Coimbra, pp. 283 - 304.

PERNOT, Laurent, “Gorgias”, *Rhetoric in antiquity*, Washington D.C.: Catholic University Press, 2005, pp. 15 - 21.

POULAKOS, John, “Gorgias (ca. 480s-380s BCE)”, *Classical rhetorics and rhetoricians: critical studies and sources*. Ed. Michelle Ballif, and Michael G. Moran, Westport, Connecticut: Praeger, 2005, pp. 168 - 177. ISBN 0-313-32178-7.

SCHOFIELD, Malcom, "Cicero's Style", Ed. Catherine Steel, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 41 - 42. ISBN 978-0-521-72980-2.

TAYLOR-BRIGGS, Ruth, "Reading between the lines: the textual history and manuscript transmission of Cicero's rhetorical works", *The Rhetoric of Cicero in its Medieval and Renaissance Commentary Tradition*. Ed. Virginia Cox, Leiden: Brill, 2006, pp. 77 - 108. ISBN 90-04-13177-9.

TOO, Yun Lee, "Plato (429/7-347 BCE)", *Classical rhetorics and rhetoricians: critical studies and sources*. Ed. Michelle Ballif, and Michael G. Moran, Westport, Connecticut: Praeger, 2005, pp. 268 - 347. ISBN 0-313-32178-7.

WARD, John, "What the Middle Ages Missed of Cicero, and Why", *Brill's companion to the reception of Cicero*. Ed. William H. F. Altman, Leiden: Brill, 2015, pp. 307 - 326. ISBN 978-90-04-23526-7.

WINTERBOTTOM, Michael, "Cicero and the Middle Style", *Studies in Latin literature and its tradition: in honour of C.O. Brink*. Ed. J. Diggle, J.B. Hall, and H.D. Jocelyn, Cambridge: Cambridge Philological Society, 1989, pp. 125 - 132. ISBN 0-906014-14-X.

WISSE, Jacob, "The Intellectual Background of Cicero's Rhetorical Works" *Brill's Companion to Cicero*. Ed. William H. F. Altman, Leiden: Brill, 2015, pp. 331 - 374. ISBN 978-90-04-23526-7.



## Índice

Declaração de Compromisso Anti-Plágio	iii
Dedicatória	v
Agradecimentos	vii
Observações Preliminares	ix
Lista de Abreviaturas	xi
Resumo	xiii
Abstract	xiv
Parte I - Introdução Geral	1
1. O Advento da Retórica na Grécia e em Roma	3
2. Cícero e o seu Contributo para a Teoria da Retórica	10
Parte II – Comentário	19
1. Caracterização Geral do <i>Orator</i>	21
2. O Orador Ideal	29
3. Os Três Géneros de Discurso, os Deveres do Orador e os Três Estilos de Discurso	35
4. As Partes do Discurso	41

5. Aticismo e asianismo	50
6. Anomalia e Analogia	54
7. Dificuldades Terminológicas e Cunhagem de Novos Termos	59
 Parte III – Tradução	 65
 Bibliografia	 333